

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

KRISTEN CALLIHAN

MAKE
it
SWEET



bookworms



cafe

MAKE *it* SWEET

KRISTEN CALLIHAN



Para aqueles que precisam de um pouco mais de conforto e cuidado.

TABELA DE CONTEÚDOS

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Epílogo

Bookworm's Cafe avisa:

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);
- não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- não faça montagens do livro com trechos em português;
- não poste capturas de tela do livro em português.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Pedimos gentilmente que **avalie este livro nas redes sociais**, como o Goodreads ou o Skoob. Faça resenhas e se gostar, dê uma nota positiva! Precisamos ajudar os autores como podemos, para que eles possam continuar com este trabalho que amamos e apreciamos.



PRÓLOGO

Lucian

Eu tinha cinco anos quando disse aos meus pais que queria voar. Meus pais, eu aprendi mais tarde, fariam qualquer coisa dentro do possível para me deixar feliz. Eles levaram meu pedido a sério e organizaram uma pequena viagem de avião para nós.

— Bom — meu pai me perguntou enquanto estávamos sentados no banco de trás daquele avião barulhento. — Como se sente voando?

Foi legal e tudo mais, mas eu estava apenas sentado lá. O avião estava voando, não eu. Surpresos, eles esqueceram essa minha ideia de voar. Mas eu não. Eu ansiava por voar. No fundo do meu ser, eu precisava disso, embora não pudesse dizer exatamente por quê. O problema era que eu não sabia como atingir esse objetivo.

Dois anos depois, por um desejo, meu pai me matriculou nas aulas de hockey. Eu calcei um par de patins e aprendi. Fiquei mais forte, melhor e mais rápido.

Foi aí que eu descobri. Não era no ar que eu seria capaz de voar. Mas sim no gelo.

Gelo.

Amava o gelo. Para mim, o gelo era como um amante: cruel, frio, bonito, brutal, essencial. Eu o conhecia intimamente – seu cheiro fresco, seu frio implacável, os vários sons que ele fazia, o suporte suave que ele fornecia enquanto eu traçava e deslizava sobre seu corpo.

Eu o amei desde o primeiro deslize. Ele me libertou, me deu um propósito.

Quando estava no gelo, eu voava. Não como naquele voo flutuante e desconectado, mas com a velocidade rápida e certa que não torna você de carne e osso, mas em outra coisa: um deus.

Eu amava voar sobre o gelo, tanto que poderia ter seguido um caminho diferente, me tornado um patinador de velocidade, talvez. E às

vezes, nos dias de folga, eu ia lá e fazia exatamente isso – patinava cada vez mais rápido pelo gelo.

Mas simplesmente patinar não era o desafio que eu precisava. O hóquei era isso.

Deus, eu amava hóquei. Cada maldita coisa sobre. A batida do meu taco contra o gelo, a ressonância da conexão dele com o disco. O jogo falava comigo, sussurrando em meu ouvido mesmo quando eu estava dormindo – meu corpo zumbia, como se eu ainda estivesse no gelo.

Eu observava as técnicas, os passes. Eu os fiz acontecer, eu os instiguei. Se patinar era voar, o bom hóquei era uma dança. Tive cinco parceiros de dança. Quando nós todos trabalhávamos em equipe? Era a droga de uma poesia. Uma verdadeira beleza.

Não havia nada como deslizar o disco no gelo, abrir caminho entre os adversários e, então, com um pequeno movimento, mandar o disco direto para o gol. Eu ficava excitado. Toda. Vez.

O hóquei definia quem eu era. Central. Capitão. Duas vezes vencedor da Stanley Cup – a primeira vez como um dos capitães mais jovens de uma equipe a ter seu nome gravado naquela grande e bela monstruosidade de troféu. Vencedor do Calder, o Art Ross... Eu poderia continuar.

O objetivo da minha vida era o hockey.

E a vida era muito boa. Minha equipe era uma máquina bem lubrificada, sem nenhum prego ou parafuso que nos atrapalhasse. Estávamos nos playoffs, fazendo outra caminhada rumo ao troféu. A vitória era nossa.

Os caras sabiam disso. Havia algo no ar – um estalo de eletricidade que faz cócegas na pele, penetra nas juntas e as estremecem. Nós já nos sentíamos assim antes. E nós vencemos.

Brommy parecia alegre enquanto vestíamos nossos equipamentos. Sua grande mão afunda em minha cabeça e bagunça meu cabelo vigorosamente.

— Tem uma bela folha de alface crescendo aí, Ozzy. Você precisa de alguém para resolver isso?

No começo, todos me chamavam de Ozzy em referência ao meu sobrenome, Osmond. Em seguida, foi encurtado para Oz – como em *O Maravilhoso Mágico de Oz*. Eu peguei o disco e a mágica aconteceu.

Eu ignorei as luzes brancas que piscavam diante dos meus olhos e a forma como o tratamento áspero de Brommy em relação ao meu cabelo fez a sala girar – momentaneamente - e bati em sua cabeça em resposta.

— Nem todos nós estilizamos nossa cabeleira, Cachinhos Dourados. Mas assim, você precisa de toda ajuda de beleza necessária.

Alguns caras suspiram divertidamente. Brommy sorri largamente, exibindo seus dentes e a falta de seu incisivo lateral direito. Se eu tivesse um dente arrancado, teria feito a cirurgia e consertado essa merda. Mas Brommy gostava de exibi-lo. O enorme jogador da linha ofensiva achava que isso o deixava mais intimidante.

Ele também gostava de dizer às mulheres que pegava os biscoitos entre o espaço do dente faltando. O trocadilho o fazia rir todas as vezes. As mulheres se apaixonavam pela sua postura boba, então eu não iria discutir seus métodos.

— Não podemos ser todos bonitos como você, capitão.

Ele pegou a medalha de São Sebastião que usava no pescoço, beijou-a duas vezes e enfiou-a de volta sob o uniforme. Eu não poderia julgá-lo pelo ritual; eu mesmo cuidava dos meus tacos. Qualquer outra pessoa poderia fazer isso e... bem, eu não estava disposto a deixar ninguém fazer isso. Ou tocar neles antes de um jogo. Não era uma opção.

— Por favor. Linz é o mais bonito. — Era por isso que o chamávamos de feio. Vai entender.

— Linz não tem uma garota linda que promete amá-lo para sempre. — Brommy me alfineta com um sorriso.

Eu não pude me controlar.

— Isto é verdade.

Cassandra, minha noiva, era maravilhosa. Ela adorava hóquei e tínhamos os mesmos gostos em tudo. Nunca brigamos. Estar com ela era fácil. Ela cuida de tudo para que eu não precisasse me preocupar com nada além de jogar. Era as suas palavras. Mas eu apreciava isso.

Eu não tinha planejado me casar. Mas Cassandra exigia tão pouca atenção que, quando perguntou se íamos tornar isso oficial, pensei: por que não? Não era como se eu fosse encontrar alguém mais tranquilo. Cassandra era a cereja no topo do sundae perfeito que era minha vida.

Os caras trocaram mais insultos. Cuidei dos tacos com Jorgen, ouvi o hino pré-jogo “Under Pressure” de Mário e me mantive fora do caminho de nosso goleiro, Hap. Você mexe com ele antes de um jogo e poderia muito bem ter cavado sua própria cova.

Mentalmente, eu estava pronto. Fisicamente, minhas habilidades foram aprimoradas com perfeição. Mas por trás de tudo isso havia um novo sussurro, o mais simples indício de som que eu não queria ouvir. Eu estava ignorando aquela voz irritante desde minha última concussão. Parecia muito com o meu médico. Eu odiava aquele cara.

Eu sabia que não devia odiar as pessoas que só queriam me ajudar. Mas eu odiava. Porque que diabos ele sabia? Eu conhecia meu corpo melhor do que ninguém. Minha vida era perfeita. Nada, nem ninguém, iria mudar isso.

Então eu empurrei aquela vozinha traiçoeira de volta para as sombras, onde ela pertencia.

Sempre fui bom em afastar coisas que não importavam. *Concentre-se no prêmio. Concentre-se no jogo. É isso. Mantenha a mente limpa e o corpo forte.*

Eu mantive esse foco quando o jogo começou. Eu o mantive em cada jogada.

Até que eu estava no ataque e o disco ficou preso nas laterais do ringue, e eu ouvi aquela voz novamente. Pela primeira vez na minha vida, senti um medo verdadeiro. Isso me iluminou. A hiperconsciência arrepiou minha pele. Uma centelha de tempo. Quase dois segundos entre a vida como eu a conhecia e o desastre.

Ouvi dizer que as coisas ficam mais lentas nos seus piores momentos. Mas para mim não foi.

Um segundo, eu lutei pelo disco, meu ombro se esgueirando pela lateral para me proteger. Em seguida? O primeiro golpe me fez girar. O segundo golpe, um defensor vindo a toda velocidade – uma parede de músculos de 1,80 de altura e 100 quilos – bateu em mim.

Minha cabeça bateu no vidro. Uma bomba explodiu na minha cabeça. E aquele sussurro? Foi um grito direto, dizendo apenas uma coisa:

Fim de jogo.

Luzes apagadas.

Emma

A vida era boa. Eu estava autorizada a dizer isso? Às vezes eu não tinha certeza se deveria. Como reconhecer que eu estava feliz e tudo o que sempre quis estava lentamente se encaixando, soava mais como uma maldição. Mas dane-se; a vida *era* boa.

Depois de anos lutando para ter sucesso como atriz – Deus, aquele papel desesperador que consegui no comercial como a garota com diarreia; tente mencioná-lo em uma conversa durante um encontro casual e vê no que vai dar – eu finalmente consegui o papel principal em uma série de sucesso na TV. *Dark Castle*. Os fãs eram loucos por essa série. E com esse papel veio a fama instantânea.

Carinhosamente me lembrei da primeira reunião do elenco. A maioria de nós éramos carne nova no pedaço, tão ansiosos e animados por estarem lá. Nossa diretora, Jess, olhou em volta, seus olhos sérios, mas também exibindo um vislumbre de, bem, eu não queria chamar de *orgulho*, porque ela não nos conhecia de lugar nenhum até aquele momento, mas *uma recepção calorosa*, talvez, e ela nos avisou.

— Aproveitem o tempo antes de a série ir ao ar, e usem isso para saírem. Façam todas as coisas que vocês gostam. Porque depois que o mundo ver esse show, suas vidas não serão as mesmas. A privacidade será uma coisa do passado. Cada vez que vocês aparecerem em público, alguém vai notar.

Meu coadjuvante, Macon Saint, bufou com isso.

— Que bom que sou um eremita.

O homem era totalmente lindo de uma forma bárbara – o que provavelmente foi a razão pela qual ele foi escalado como o Rei Guerreiro, Arasmus – mas a frieza remota em seus olhos me fez acreditar nele.

Então ele se apaixonou. E o grande rabugento Macon Saint havia se transformado. Ele sorria para todos e ria frequentemente, como se simplesmente não pudesse conter sua felicidade. Era cativante e irritante.

Irritante porque eu não tinha ideia de como era esse tipo de relacionamento arrebatador que faz você se sentir “estou feliz da vida e é o meu parceiro que faz com que eu me sinta assim, e isso é incrível”. Eu queria saber. Acredite em mim, eu queria. Mas até agora, isso nunca chegou até mim.

Jess estava certa: nossas vidas mudaram dramaticamente. A privacidade era fugaz, algo que consegui com um pouco de planejamento prévio e um pouco de sorte. Eu ainda podia sair de vez em quando, mas não havia garantia de que ficaria sozinha ou alguém não tiraria minha foto.

Por outro lado, eu era adorada pelas fãs, e crianças fofas sempre pediam por uma foto comigo, o que era um pouco estranho dado o conteúdo de *Dark Castle*, mas eu presumia que eles gostavam mais de todo o aspecto da Princesa Anya do que o sexo e as decapitações.

O que não era fofo eram os esquisitos que gostavam de estar muito perto enquanto tiravam uma selfie. Eu aprendi a posicionar primeiro minhas mãos nos ombros, e de maneira efetiva, posicionar o fã longe o suficiente para evitar toques “não intencionais”.

Minha vida mudou de outras maneiras. Conheci Greg, um jogador de futebol super gostoso e gente boa que por acaso também me adora – palavras dele. Greg me apoiou, não se incomodou e nem se queixou da minha exaustiva agenda de trabalho. Sua agenda era tão ruim quanto a minha, com ele na estrada com bastante frequência durante a temporada. Mas nós fizemos funcionar.

No final do meu terceiro ano em *Dark Castle*, eu me sentia satisfeita e confortável em meu papel. A princesa Anya era incrivelmente popular. As pessoas sempre perguntavam a Saint ou a mim quando seu personagem, Arasmus, e Anya se casariam. Esperávamos dar a eles a resposta durante o final da temporada. As chances pareciam boas. Eles chegaram à cidadela e ele, finalmente, a pediu em casamento.

Tudo que precisava acontecer era Anya aceitar e o casamento ser realizado. Uma coisa enervante sobre trabalhar em *Dark Castle* era o fato de que os produtores e escritores esconderam tanto a pré-estreia quanto os episódios finais de seus atores por uma necessidade ultra

paranóica de sigilo, apesar do fato de que todos nós tínhamos assinado contratos de sigilo.

— Você está pronta para isso? — Saint me perguntou enquanto nos acomodamos ao redor da mesa com roteiros em mãos.

— Como sempre, garoto apaixonado.

Ele resmungou de bom humor. Apesar da natureza rude de Saint, eu realmente gostei de trabalhar com ele. Ele nunca foi egoísta e nunca tentou dominar uma cena. Todos os meus coadjuvantes eram ótimos. O trabalho foi desafiador, mas todos nós crescemos com isso e nos demos bem como uma família. Bem, uma família que fez o possível para se destruir na tela.

Quando todos estavam prontos, começamos a ler nossas partes. Só quando nos aproximamos do fim é que o sangue começou a sumir do meu rosto e meus dedos ficaram gelados. Porque estava ficando cada vez mais claro que Anya estava prestes a morrer.

Fiquei sentada ali, entorpecida dizendo minhas falas, muito ciente dos olhares de pena de meus colegas de cena, deixando o roteiro chegar ao momento final em que Anya teve sua cabeça cortada com um machado por seu maior inimigo.

Mas a ficha, de que eu não voltaria para a próxima temporada, só caiu quando eu me encontrei sozinha em meu trailer. Eu estava sem emprego. Meu lugar feliz não era mais feliz. Meu papel dos sonhos se foi.

Com o coração partido e lutando para manter o medo do desconhecido sob controle, fui para casa. Eu mantive temporariamente um apartamento alugado na pequena cidade islandesa onde filmamos. Greg estava comigo desde que sua temporada havia terminado, e o campo de treinamento ainda não havia começado.

Eu ansiava por um longo banho na minúscula banheira do apartamento e, em seguida, um momento de aconchego com Greg, que me deixaria chorar em seu ombro e me diria que tudo ia ficar bem.

Só que não era para ser assim. Eu estava tão perdida em minha própria tristeza que os ruídos de dentro do apartamento não foram registrados de verdade até que eu estivesse praticamente em cima deles. E por *eles*, eu quis dizer Greg e a jovem garçonete que nos serviu o jantar duas noites atrás.

Foi uma coisa estranha, realmente, ver a bunda nua do meu namorado afundando entre coxas abertas. Era assim que ele parecia quando estava em cima de mim? Porque eu tinha que dizer que ele parecia um pouco ridículo, como um coelho desequilibrado. Por outro lado, eu nunca gostei desse método particular dele; eu raramente tinha orgasmos naquela posição. Sua parceira, no entanto, não parecia ter esse problema. Ou ela estava fingindo ou adorou. Mas seus gemidos entusiasmados de prazer foram interrompidos quando ela me avistou, e toda a cor sumiu de seu rosto.

Infelizmente, levou um pouco mais de tempo para Greg perceber que ela congelou embaixo dele; Greg sempre foi um amante meio egoísta. Quando finalmente percebeu, estava tão calmo como sempre, observando-me por cima do ombro suado sem fazer nenhum movimento para sair de cima da mulher.

O silêncio caiu como um martelo. Ou talvez um machado. Por que não? Um machado podia cortar mais uma coisa hoje. Greg engoliu em seco duas vezes, seu olhar disparando sobre mim, como se ele não pudesse acreditar que eu estava lá. Em minha própria casa.

Sua voz estava um pouco trêmula quando ele finalmente falou.

— Você chegou cedo.

Tantas coisas a dizer. Gritar, talvez? Chorar? Mas eu estava entorpecida. Completamente entorpecida. Então eu disse a única coisa que podia.

— Engraçado, acho que cheguei bem a tempo.

E assim, a vida cuidadosamente construída de que tanto me orgulhava se desfez em pó.

CAPÍTULO UM

Lucian

Uma verdade que aprendi na vida: o cuidado atencioso de uma mulher que amava você era o melhor refúgio quando sua alma estava quebrada. Claro, eu não pensei que a mulher para quem eu correria seria minha avó. Sim, ela me amava. E sim, sua casa, em Rosemont, era um excelente refúgio. Mas a triste realidade era que não havia mais nada para mim em nenhum outro lugar. Minha noiva se foi, minha carreira se foi e eu estava quebrado.

O que significava que eu estava em Rosemont. E, aparentemente, à mercê de minha avó. Não existia privacidade quando você morava com ela. *Intrometida* não era seu nome do meio, mas deveria ser.

Sua voz divertida e musical conseguiu se sobressair entre os sons das minhas marteladas.

— Eles têm uma nova invenção maravilhosa chamada *furadeira*, Titou. Foi o que me disseram.

Suprimindo um suspiro, abaixei meu martelo e me virei para encontrá-la parada na base da minha escada, as mãos nos quadris largos, um sorriso afetuoso, mas ligeiramente reprovador em seus finos lábios vermelhos.

— Eu gosto do meu martelo.

Um brilho iluminou seus olhos verde-vidro.

— Um homem não deve gostar tanto de sua ferramenta a ponto de se fechar para o resto do mundo.

Eu juro por Deus. Esta era a minha vida agora – tendo que cerrar os dentes devido as piadas sexuais contadas por minha avó impenitente.

— Você precisa de algo, Mamie?

Não conseguindo me provocar, ela suspirou, e seus ombros caem. Ela estava vestindo um de seus caftãs de seda, e quando seu corpo se posicionou em claro descontentamento, ela parecia uma pequena cabeça presa no topo de uma cortina laranja e azul esvoaçante.

Eu segurei um sorriso; caso contrário, ela descobriria por que eu estava rindo e ficaria irritada pelo resto do dia.

— Você se lembra de Cynthia Maron?

— Não posso afirmar nada.

— Ela é uma amiga muito querida para mim. Você a conheceu uma vez, quando tinha cinco anos.

Era típico de Mamie, sempre ser uma pessoa sociável, lembrar dos pequenos detalhes de todos que conhecia. Não me incomodei em apontar que nem todo mundo tinha esse mesmo talento.

— Tudo bem.

Eu também não sabia aonde ela queria chegar com isso, mas sabia que ela chegaria lá eventualmente.

— Cynthia tem uma neta. Emma. — Mamie resmungou baixinho.

— Pobre moça, tem passado por um período difícil ultimamente e está precisando relaxar.

— Ela está vindo para cá, não está? — Esta não era minha casa. Mamie poderia convidar quem ela quisesse. Mas, droga, eu vim aqui para ficar longe de tudo. Isso incluía os convidados.

— Mas é claro — Mamie bufou. — Do que mais eu estaria falando? Seria estúpido da minha parte reclamar.

Rosemont sempre foi um paraíso para quem precisava. A enorme propriedade no estilo renascentista espanhol, integrada com várias casas de hóspedes, ficava perto do começo das montanhas de Santa Ynez em Montecito. Banhados pela luz dourada do sol da Califórnia, os extensos jardins, perfumados com a fragrância inebriante de rosas e limões frescos, davam para o Oceano Pacífico. Estar em Rosemont era estar rodeado de graça e beleza. Para mim, sempre foi um refúgio. Um lugar para se curar. Com o passar dos anos, outras pessoas, convidadas por Mamie, encontraram a mesma cura.

— Foi só uma pergunta — Murmurei, instantaneamente me sentindo como o garoto zangado de quatorze anos que fui quando vim morar aqui pela primeira vez.

Ela resmunga aborrecida, mas gesticula com as mãos como se colocasse minhas grosserias para escanteio.

— Ela está chegando hoje. Achei que poderíamos servir o café da tarde por volta das quatro horas.

Instantaneamente, eu soube para onde isso estava indo. Mas eu me fiz de bobo. Em parte porque o pavor percorreu minhas costas e em parte porque irritaria minha avó. Ah, os jogos que jogamos. A percepção de que era o único tipo de jogo que eu *poderia* jogar afundou meu humor mais rápido do que uma pedra despencando em um poço escuro e frio.

— Tudo bem. — Eu desci da escada — Quer que eu pare de trabalhar enquanto você faz sua festa?

Uma sequência de palavrões abafados em francês se seguiu antes que uma beliscada forte na minha lateral quase me fizesse gritar.

Os olhos de Mamie se estreitaram em fendas verde-gelo.

— Oh, você tem me testado ultimamente, Titou.

Eu sabia que sim. O arrependimento engrossou na minha garganta. Eu não era uma pessoa fácil de aturar. Mamie era a única que ainda me aguentava. Eu sabia de tudo isso. O problema é que eu não sabia como mudar isso. Minha vida inteira *tinha ido para o espaço*. Na maioria dos dias, tudo que eu podia fazer era não gritar e me enfurecer até minha voz falhar.

Não falar, a menos que seja absolutamente necessário, parecia a melhor e mais segura solução.

Não pude nem pedir desculpas à minha avó. Estava preso lá, um carço do tamanho de uma bunda grande no centro do meu peito.

Ela suspirou novamente. Ela olhou para mim com aqueles olhos verdes frios que eram do tom exato dos meus. As pessoas costumavam dizer que olhar para eles era como olhar para um espelho – eles eram tão reflexivos. Esses olhos podiam cortar uma pessoa em pedaços com um olhar. O ditado não estava exatamente errado; eu me senti atacado agora mesmo.

Seus dedos frios e cheios de nós acariciaram minha bochecha por um breve momento, e eu lutei contra a vontade de recuar. Eu não gosto de pessoas me tocando, não agora. De forma alguma.

Sua mão recuou e ela visivelmente recomposta.

— Pois bem. Espero que você se junte a nós.

— Não.

Sobancelhas, perfeitamente delineadas, se levantaram.

— Não?

Eu me senti com dois anos de idade. E tão petulante quanto. Esfregando a mão no rosto, tentei novamente.

— Eu vou acabar, acidentalmente, insultando sua convidada ou fazendo algo que acabe te envergonhando.

Isso não era mentira. Eu perdi toda a minha habilidade em ser charmoso; fugiu de mim e nunca mais voltou. Alguns dias eu me questionava sobre isso, sobre como eu havia mudado tanto, tão rapidamente que não me sentia mais bem na minha própria pele.

— Acredito que nossa convidada será capaz de lidar com você. — disse Mamie secamente.

Não caia nessa.

— E por que acha isso?

Eu caí nessa. Droga.

Seu sorriso era nada menos que presunçoso e vitorioso.

— Ela é Emma Maron. Você a conhece, né?

Emma Maron. O nome dançou em meu cérebro dolorosamente danificado. Eu conhecia esse nome. Mas como? Emma... uma imagem de olhos grandes como de uma corça da cor de tinta azul índigo e uma boca carnuda e bem definida encheu minha mente. Rosto oval rodeado por cabelos brancos com mechas azul-elétrico.

A constatação me atingiu como um golpe certo. Princesa Anya. Emma Maron era uma das estrelas de *Dark Castle*. A delicadamente bela, mas brutalmente feroz Princesa Anya, que liderou exércitos ao lado de seu amante, Arasmus, o Rei Guerreiro. Ok, eu era um fã. Da série. Que havia pelo menos quatro enredos principais acontecendo na trama. Mesmo assim, não pude acreditar que demorei tanto para descobrir o nome dela. Então, de novo, meu cérebro tinha me deixado na mão.

— Você convidou uma atriz para vir aqui?

— Disseram que pessoas famosas preferem lambar suas feridas em um ambiente privado. — disse Mamie.

Um ponto para Mamie.

— Por que ela precisa lambe suas feridas? — Eu me senti compelido a perguntar. — Ela é uma das estrelas do programa de TV a cabo mais popular em exibição.

— Não mais, a pobrezinha. Aparentemente, ela foi cortada. Algum mago malvado cortou a sua cabeça com um machado no final da temporada.

— Não brinca? — Francamente, fiquei chocado. Anya era incrivelmente popular. O final da temporada ainda não tinha ido ao ar, mas eu estava supondo que haveria um alvoroço sobre isso.

— Olha os modos, Titou.

— Desculpas, Mamie. — A mulher tinha uma boca mais suja do que a minha quando ficava irritada, mas ela ainda era minha avó.

— Hum. — Ela me olhou por um segundo. — Falei demais. Essa pequena informação é estritamente confidencial. Ela pode ter problemas se a notícia se espalhar.

— Para quem eu contaria? — Fiz um gesto em direção ao terreno da propriedade, desprovido de gente, que atualmente abrangia minha vida social.

— Sim, verdade. E agora você vê porque este é o lugar perfeito para ela. Temos total privacidade aqui.

— Se ela precisa de privacidade, então é um motivo a mais para eu ficar fora do caminho dela.

A última coisa que eu saberia fazer era interagir com atrizes bonitas e loiras.

— Pish. — Ela acenou com a mão.

— Mamie — comecei, já cansado. O tempo todo, muito cansado. — A resposta é não. Eu não estou socializando. Vou ficar longe de vocês e parar de martelar enquanto vocês estiverem tomando o café, certo?

Nós nos encaramos. Uma abelha passou zumbindo, vibrando em meu ouvido. Eu não vacilei. O que quer que Mamie tenha visto em minha expressão a fez ceder com um leve aceno de cabeça.

— Muito bem. Vou recebê-la sozinha. Embora não saiba o que dizer para entreter uma jovem.

Minha avó era a pessoa mais colorida e animada que já conheci. E isso dizia algo, dada a minha profissão. A dor atingiu meu coração. Minha *antiga* profissão.

Inclinei-me e dei um beijo na bochecha de Mamie.

— Tenho certeza que você vai pensar em algo.

Ela cantarolou – um som longo e prolongado que dizia que eu tinha afirmado o óbvio – então me lançou um de seus olhares suplicantes.

— Vamos precisar de guloseimas para acompanhar o café...

Mamie sabia como usar suas melhores armas e era extremamente transparente sobre isso. Meus lábios se contraíram.

— Eu cuidarei disso.

Coloquei meu pé de volta no degrau da escada, quando ela fez seu ataque final.

— Ah, e você deve pegar Emma no aeroporto.

E aí estava. Eu sabia, sem dúvida, que minha avó intrometida era casamenteira. Nós dois sabíamos. A diferença é que Mamie realmente achava que tinha uma boa chance de sucesso. Como ela estava errada. Ela poderia encontrar a mulher mais perfeita do mundo, e isso não importaria. Não mais.

— Mamie...

— O voo dela chega às dez...

— Não.

— Portanto, você precisará sair em breve.

— Mamie...

Fogo verde brilhou em seus olhos.

— Não teste minha paciência, Lucian. Já prometi a Emma que alguém iria buscá-la. Você irá.

Quando minha avó falava assim, você ouvia. Sem exceções.

— Tudo bem, Mamie. Eu irei.

Eu com certeza não perdi o brilho de satisfação em seus olhos.

— Bom. Ela está em Oxnard.

— Oxnard — quase gritei — Por que diabos ela não voou para Santa Bárbara?

Ela me deu outro de seu encolher de ombros galês.

— Há uma espécie de greve sindical e a companhia aérea desviou voos.

— Ótimo. — Oxnard estava a uma hora de distância, e isso se o trânsito funcionasse. O que nunca acontecia.

— Você é um herói, *mon ange*.

Sim. Certo. Um herói.

Eu não disse uma palavra, simplesmente guardei minhas ferramentas. *Deixe-a pensar que venceu*. Eu pegaria a princesa Emma no aeroporto. Eu seria tão educado quanto fosse capaz, e então ficaria bem longe. E minha avó teria apenas que conviver com a decepção.

Emma

Notei o cara na esteira de bagagens imediatamente. Principalmente porque ele era lindo. Com um quê de arrogância. Havia diferentes tipos de lindos. O garoto impecavelmente bonito e perfeito, o tipo que nos fazia querer tirar uma foto para pendurar na parede e ficar admirando.

E então havia a beleza do tipo áspera e bruta que exala energia sexual e fazia os joelhos enfraquecerem e o seu interior vibrar, com um toque de arrogância. Esse cara tinha arrogância de sobra.

Arrogância nas passadas confiantes e despreocupadas que ele dava em minha direção. Eu o observei se aproximando, incapaz de fingir que não o notei. Como eu não poderia? Ele tinha pelo menos um metro e noventa de altura, ombros largos, quadris estreitos, abdômen plano e coxas grossas. O cabelo escuro, que contrastava com a pele em tom de oliva, caía de forma bagunçada sobre sua testa.

Ele ainda estava muito longe para eu discernir a cor de seus olhos, a não ser que eles eram pálidos e me encarava por baixo de sobrelanceiras escuras.

Ai meu Deus.

Outra onda de atração passou por mim, tão forte que quase pressionei minha mão contra minha barriga para me segurar. Mas eu percebi bem a tempo e consegui me controlar. Porque não importava quão gostoso que o cara fosse, por mais sexy que fosse a arrogância, qualquer ocasião em que alguém se aproximasse de mim nos dias de hoje era motivo de cautela. Desde o momento em que decidi me formar em teatro, estive correndo atrás de fama, precisando de precaução e poder para conseguir os papéis que eu desejava. Agora que já havia alcançado, me via lutando com suas restrições; não podia mais sair sozinha sem arriscar encontros desagradáveis com a imprensa ou um fã

que não entendia os limites pessoais. Nas primeiras vezes que aconteceu, fiquei apavorada. Agora, eu estava simplesmente protegida.

Por um momento vacilante, lamentei a falta daquela proteção que eu tinha para viajar desde que *Dark Castle* se tornou um sucesso, mas era tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito disso. Eu estava sozinha e ele definitivamente estava vindo em minha direção.

Talvez ele precisasse de instruções ou algo assim. Nesse caso, ele estaria sem sorte. Como os outros mil passageiros, eu não deveria estar aqui. Meu voo da Islândia para São Francisco deveria pousar no aeroporto de Santa Bárbara. Fomos deslocados para Oxnard, e o lugar era um verdadeiro zoológico.

Por causa da mudança na chegada, disseram-me que meu motorista iria me buscar, mas poderia chegar um pouco atrasado. Então, eu fiquei perto de uma fileira de cadeiras e mantive meus olhos abertos para alguém em um uniforme carregando uma placa com **MARIA** escrito nela. Maria era o meu codinome quando eu viajava. Não era muito criativo, mas funcionou.

Por trás da segurança dos meus óculos brancos estilo Jackie O., observei o Sr. Arrogância se aproximar.

Ele não tentou me bajular com um sorriso ou mesmo uma expressão agradável. Na verdade, ele parecia um pouco irritado, aquelas sobrelhas severamente retas franzidas juntas, sua boca firme apertada nos cantos. Isso não diminuiu o efeito de sua gostosura. Em nada, droga.

Por alguma razão, eu corria sérios riscos de começar a rir como uma adolescente apaixonada conforme ele se aproximava de mim, parando longe o suficiente para ser educado, mas perto o suficiente para que eu pudesse ver os seus detalhes.

Seu cabelo não era preto, mas de um castanho escuro e rico. Traços contundentes fortemente esculpido da maneira que um antigo mestre escultor admiraria. No meio da ponte alta de seu nariz havia uma protuberância, como se seu nariz tivesse sido quebrado em algum momento. Não havia um traço de suavidade naquele rosto, exceto por sua boca, que era generosa e poderia ser luxuosa se ele parasse de pressioná-la em uma linha severa.

Os verdadeiros obstáculos, no entanto, eram seus olhos. Oh inferno, seus olhos. Eu fiquei boquiaberta. Eu não pude evitar; eles eram impressionantes. Profundamente definidos sob os cortes raivosos de suas sobancelhas e emoldurados por cílios longos e grossos, seus olhos eram de um verde gelado assustador.

Quando se tratava de minha aparência, eu demorei a evoluir. No colégio, por causa dos meus olhos grandes demais e rosto fino, os meninos me chamavam de *rato* ou *coelho*. Eu odiava isso e me sentia desconfortável com os homens por muito tempo. Mas o tempo e a atuação mudaram tudo.

Eu estava perto de homens lindos e charmosos o tempo todo. Eles andavam de mãos dadas com a profissão. Beleza era simplesmente outra mercadoria. Mesmo assim, eu observava os homens com estranheza e desajuste no início. Mas eu nunca me senti com os joelhos fracos com apenas um olhar. Nenhum deles jamais me deixou sem sentido como este homem fez com seus olhos carrancudos.

Eu nem tinha certeza se a minha repentina falta de ar era atração ou nervos em frangalhos; não era todo dia que um cara incrivelmente lindo e arrogante aparecia e dava a impressão de que preferia estar em qualquer outro lugar do mundo. Francamente, não tinha ideia do que ele estava falando. Fiquei tentada a olhar por cima do ombro e me certificar de que não havia uma equipe de câmeras filmando isso para colocar em algum programa nacional do tipo vamos-foder-com-as-celebridades.

Havia algo estranhamente familiar sobre ele, como se eu já o tivesse visto muitas vezes antes. Mas isso não poderia estar certo. Eu me lembraria de um cara com essa aparência. Eu teria feito uma anotação em meu diário mental e sublinhado duas vezes.

E então ficou muito pior. Porque ele falou. E com misericórdia, o homem tinha uma voz. Eu senti aquela voz no fundo da minha alma.

— Você é Emma Maron.

Eu deixei aquele timbre de voz me atingir por toda parte, me deliciando no puro prazer de ouvi-lo, antes que o que ele disse fosse realmente registrado. Ele sabia quem eu era.

Um fã.

Decepção ajustada. Os fãs estavam definitivamente fora do potencial de namoro. Seria muito estranho e... por que diabos eu estava pensando em namorar? Eu não estava aqui para encontrar alguém. Eu estava aqui para uma fuga relaxante, para ler alguns livros, talvez dormir o dia todo, lamber minhas feridas em particular. E tudo o que esse homem fez foi fazer uma pergunta.

Uma que ele estava esperando que eu respondesse. Aparentemente, com pouca paciência, visto que ele estava me olhando de soslaio como se eu fosse um problema infeliz de se resolver. O que não fazia sentido, ele veio até mim.

Ele ajustou sua postura, os músculos longos e grossos das coxas movendo-se sob os jeans bem gastos. Eu ignorei uma onda de calor e me concentrei. Talvez o cara estivesse envergonhado. Tinha que ser isso.

Eu dei a ele meu sorriso público. Educado. Amigável, mas não muito amigável.

— Sim, eu sou a Emma.

Seu aceno foi superficial e ele começou a pegar o telefone.

— Eu...

Oh inferno. Ele queria uma foto. Acontecia o tempo todo agora e, geralmente, ficava feliz em obedecer. Exceto que eu tinha acabado de sair de um voo de treze horas e estava cansada e pegajosa. Até meu cabelo doía. Porém o mais importante, era que isso atrairia atenção. Atenção que eu não conseguiria controlar sozinha se as pessoas me cercassem. Tendo vivido esse tipo de experiência uma vez antes, eu estava com medo de que isso acontecesse novamente.

— Receio que não poso para selfies fora dos eventos — interrompi antes que seu pedido pudesse tornar as coisas mais estranhas. — Mas fico feliz em assinar algo se você tiver uma caneta?

Minhas palavras o congelaram, sua mão ainda no ato de puxar o telefone do bolso da calça jeans. Mas então ele piscou, o fantasma de um sorriso divertido assombrando o canto de seus lábios bem formados.

— Você acha que eu quero um autógrafo?

Pontadas afiadas de horror absoluto explodiram ao longo da minha pele.

— Eu... ah... — *Merda.* — Não?

— Não. — Ele puxou o telefone e o ligou. — Estou aqui para te buscar. Para Amalie Osmond. — Sem esconder aquele minúsculo sorriso presunçoso, ele me entregou o telefone.

— Só queria mostrar o e-mail de confirmação.

Oh, Deus, por favor, deixe o chão me engolir e me levar embora.

— Eu estou... Eu sinto muito. Eu assumi...

— Eu compreendo.

Eu poderia ter imaginado o brilho de diversão naqueles olhos verdes; o resto de suas feições fortes permaneceu como granito. O que serviu para me perturbar ainda mais.

— É apenas... quando as pessoas se aproximam de mim hoje em dia, geralmente é com o propósito de um autógrafo ou foto.

— Entendo. — Os cantos de seus lábios se contraíram. Uma vez. — Acontece.

Eu poderia dizer com segurança que essa cena em particular nunca aconteceu. Pela primeira vez em anos, me senti como a criança desajeitada e tímida que fui por tanto tempo e que lutei tanto para superar. Eu tinha uma escolha aqui. Poderia sucumbir ao constrangimento e recuar ou ser sem vergonha e brincar um pouco. Eu segurei e forcei o que esperava ser um sorriso alegre.

— Você não tem ideia.

Estranhamente, ele grunhiu, como se lutasse para não comentar. Uma pausa estranha pulsou entre nós, então um pensamento me ocorreu e me endireitei.

— Espere. Você não usou o nome certo.

Suas sobrancelhas se ergueram de uma forma imperiosa que eu tinha certeza de que já havia funcionado para que ele conseguisse o que queria várias vezes antes. Hoje não, Sr.Arrogante. Devolvi o olhar na mesma intensidade.

Sua sobrancelha baixou um pouco, e sua boca definitivamente se contraiu.

— Então... você não é Emma Maron?

Te peguei.

Meu olhar se estreitou.

— Há um codinome específico que meus motoristas usam ao me buscar.

Claramente, ele não gostava de ser chamado de *meu motorista*. Mas de que outra forma eu deveria chamar? Tecnicamente, ele era meu motorista. Ou talvez não.

— É um procedimento de segurança simples.

A dureza em torno de seus olhos suavizou.

— Você tem razão. A segurança é importante. — Seu olhar se voltou para dentro enquanto ele coçava a nuca, obviamente perturbado. — Merda... Não me lembro de nenhum... ah! Certo. — Olhos verdes invernais me fixaram com um olhar triunfante.

— Maria.

O alívio me inundou. Eu não queria que esse cara fosse um perseguidor ou assassino em potencial ou algo assim. A verdade é que eu não queria ter que me preocupar com nenhuma dessas coisas. Sim, eu adorei atuar e adorei ter chegado tão longe, mas havia momentos – como a cada momento em que estava no mundo real – que eu não queria nada mais do que trocar essa pele e ser simplesmente a minha versão antiga, que ninguém conhecia ou notava.

Agora que ele tinha minha aprovação, ele voltou sua atenção para o carrossel de bagagem, a carranca tomando conta de seu rosto

— Você tem malas?

— Vou supor que foi uma pergunta retórica.

Ele ergueu uma sobrancelha, aquela expressão inexpressiva que não vacilava.

Difícil de impressionar.

— Ok... — Eu exalei. — Hum, sinto muito, mas qual é o seu nome?

O Sr. Casca Dura piscou, como se tivesse se chocado por esquecer de me dizer seu nome.

— É... Lucian.

— Você tem certeza sobre isso? — Ok, eu não pude evitar. Ele estava tão sério; vê-lo sem sua armadura me fez sentir uma pequena e estranha emoção.

As sobrancelhas escuras de Lucian se juntaram.

— Você acha que eu não sei qual é o meu nome?

— Você hesitou.

Lucian grunhiu, colocando suas grandes mãos em seus estreitos quadris.

— E eu não sei... você não se parece com um Lucian.

— Sério.

Foi divertido provocá-lo. Ele caiu nessa tão facilmente.

— Lucian usa linho branco e mocassins. Oferece a você um mint julep antes de lhe vender um chifforobe antigo.

— Ele parece uma piada. Diga-me – qual deveria ser meu nome, então?

— Você está mais para um Brick. O ex-astro-atleta ranzinza com um grande chip no ombro que se esconde do mundo e bebe para afastar sua dor.

Ele piscou novamente, sacudindo a cabeça apenas um pouco, como se eu tivesse acertado um tiro certo.

Então, novamente, talvez eu tenha imaginado isso, porque ele apenas me deu outro olhar suave, e aquela adorável voz de creme quente saiu com o mesmo sotaque insolente.

— Por mais que eu quisesse ouvir mais sobre esse revival de ***Gata em Teto de Zinco Quente*** que você planejou, Maggie, as malas estão saindo.

As chamuscas cobriram minhas bochechas. Deus, ele tinha pegado a referência. Quando nervosa, tendia a voltar a imaginar o mundo como uma peça ou filme. Fazia um tempo desde que eu assisti a versão cinematográfica de *Gata em Teto de Zinco Quente*, mas na verdade, Lucian tinha aquela coisa rabugenta e tão quente igual Paul Newman no filme. Como uma garota podia ser culpada por estar impressionada?

— Certo. — Suprimindo um suspiro, eu me dirigi para a esteira das bagagens, e ele caminhou ao meu lado, seu andar facilmente acompanhando a minha passada mais rápida. Claramente, eu não iria me distanciar dele, então eu diminuí o ritmo, meus saltos batendo no piso brilhante.

— Quais são as suas?

— Oh, eu posso pegar... — Seu olhar fixo fez minhas palavras sumirem com um suspiro. — As Fendi de alumínio com alças vermelhas.

Sem dizer uma palavra, Lucian – e realmente, ele era muito grande e rude para ser um Lucian – se virou e começou a puxar minhas malas para fora da esteira. Quando ele colocou a última delas no chão, ele me lançou outro olhar.

— Essas são *todas as* suas malas? — disse ele, como se eu tivesse trazido um enxoval. Havia apenas quatro.

— A menos que eu esteja sofrendo de amnésia repentina, sim, são todas elas.

— Hum.

Dois grunhidos e um *hmm*. Adorável.

— Gosto de estar preparada — senti-me tentada a dizer.

Ele me lançou um olhar malicioso.

— Mas não tinha uma caneta à mão.

— Uma caneta?

— Para aquele autógrafo que eu queria.

Argh.

— Se você pedir um autógrafo, Brick, você que deveria estar preparado.

— Vou manter isso em mente.

Bem, esta seria uma viagem divertida.

CAPÍTULO DOIS

Lucian

Pensei que Emma Maron seria mais bonita pessoalmente, mais poderosa. Embora seu cabelo agora fosse um dourado mel ao invés de branco e azul, eu a reconheci imediatamente e senti uma atração quente me puxar. Um ano atrás, eu estaria usando meu charme desde o primeiro olá, já planejando como tê-la na minha cama. Eu teria ficado muito satisfeito com Mamie por a ter colocado no meu caminho. Bem, eu teria feito tudo isso se não estivesse noivo naquela época. O fato de eu ter esquecido que estava noivo era desconcertante.

Esta mulher era uma distração ambulante. Não me dou bem com distrações ultimamente. Especialmente aquelas com sorrisos de açúcar e a confiança de uma atiradora de primeira classe – Deus sabia que seus golpes verbais tinham uma pontaria perfeita. Essa combinação não deveria ser sexy. Mas era.

Senti um tremor percorrer meu corpo quando abri a porta do passageiro da minha caminhonete e esperei que ela entrasse. Por um breve segundo, ela parou e olhou para mim com aqueles grandes olhos azuis escuros, como se ela estivesse esperando que eu pegasse sua mão e a ajudasse a subir na caminhonete. E os tremores em mim se tornaram um aperto que fez todo o meu corpo travar.

Eu não queria tocá-la. Parecia perigoso. Como um garoto desajeitado, eu temia o contato físico com essa mulher, como se isso pudesse mexer tanto comigo que eu vomitasse mais respostas idiotas em direção a sua boca esperta.

Mas então ela apenas me lançou um sorriso rápido de tirar o fôlego e entrou com uma facilidade surpreendente. Fechei a porta com

um suspiro de alívio. Mas ele durou pouco. A viagem de volta durou mais de uma hora. Uma hora preso em um espaço ao lado da princesa bárbara favorita do mundo.

Não que ela demonstrasse ter força para machucar uma joaninha. Claro, em *Dark Castle* ela possuía magia e podia derreter os rostos das pobres almas infelizes. Ficção ou não, fazia um homem agir com cautela.

Estralando uma cãibra do pescoço, entrei na caminhonete. E fui atingido por seu cheiro. Cinco segundos no maldito veículo, e a coisa toda foi tomada pela fragrância dela, doce e rica, de peras escaldadas em creme inglês. *Não, não pense em creme de pasteleiro. Ou lambendo.*

Minha reação a ela foi irritante como o inferno. Por um ano eu não senti um vislumbre de necessidade ou atração sexual. Não tinha nem sentido falta disso – o que também era motivo de preocupação. Mas eu estava resignado com o meu estado apático. Tão eficaz quanto colocar um plugue em uma tomada, Emma Maron havia despertado o meu desejo sexual. E eu não gostei disso.

— Então, a que distância fica a casa? — ela perguntou enquanto eu ligava o caminhão.

Muito longe. Uma eternidade.

— Cerca de uma hora.

Não deixei de notar a pequena ruga de preocupação que apareceu em sua testa. Mas com a mesma rapidez a fez sumir e recostou-se. Fizemos todo o caminho para fora do aeroporto antes que ela quebrasse o silêncio.

— Isto vai ser divertido.

O sarcasmo seco me fez ter um impulso desconhecido de abrir um sorriso. Eu o engoli.

— Ah, definitivamente.

— Que palavra você usou antes? — Sua boca macia se curvou em um sorriso malicioso. — Uma *piada*, foi?

— Uma piada e um grito. — Eu disse impassível, fazendo-a rir. Jesus, sua risada. Rouca e fácil. Uma risada de quarto. Eu me mexi na cadeira e me concentrei na estrada.

Mas não pude evitar de olhar em sua direção. Erro.

Deus, ela era maravilhosa. Simples e perfeitamente bonita. Desde as maçãs arredondadas de suas bochechas até o contorno delicado de sua mandíbula, ela tinha o tipo de rosto que os escultores eternizaram em mármore e o resto de nós contemplaria nos séculos seguintes.

Claro que ela era linda. Ela era uma atriz. Feita para ser idolatrada na tela. Emma Maron, também conhecida como Princesa Anya, futura rainha e conquistadora em *Dark Castle*. Os caras e eu costumávamos assistir ao show enquanto viajávamos entre os jogos. Anya era a favorita. Principalmente desde que...

Eu tinha visto seus seios. Isso me acertou como um disco no capacete e meus ouvidos começaram a zumbir. Eu tinha visto aqueles montes perfeitos e macios com pontas rosadas que apontavam para cima, desafiando a gravidade e implorando para serem chupados. Eu a observei apoiada em suas mãos e joelhos, seios empinados saltando quando Arasmus bateu nela por trás.

Eu realmente corei. Eu. O cara que teve dezenas de mulheres se atirando nele todas as noites desde o ensino médio. Eu fiz sexo tantas vezes e de tantas maneiras que se tornou um borrão. Nada me envergonha ou me incomoda. No entanto, comecei a esquentar através do tecido da blusa, minhas bochechas queimando. Depois de quase um ano desinteressado em todas as coisas sexuais, meu pau decidiu se fazer presente e começar a subir. Agora, depois de todo esse tempo. Agora, quando eu estava preso em uma maldita caminhonete a menos de um metro de uma mulher, eu finalmente fiquei de pau duro. Adorável.

Eu me sentia um maldito libertino.

— Pelo menos é uma bela viagem. — Ela disse, quebrando os pensamentos quentes sobre seios macios com mamilos de algodão doce.

— Hmm. — Foi tudo que fui capaz de dizer.

Mas ela estava certa. Estaríamos contornando a costa por um tempo e, embora algumas pessoas aqui parassem de prestar atenção ao Pacífico, eu duvidava que Emma Maron o fizesse. O que era bom. Ela se concentrava na paisagem e eu me concentrava em dirigir. Ao invés de ficar olhando ela. Não que ela facilitasse. Ela não interpretou meu silêncio como uma dica.

— Sem ofensa...

— O que significa que você está prestes a me ofender. — Interrompi secamente.

— Mas você não parece com o “tipo motorista”. — Ela terminou em um tom divertido.

— Eu pensei que era o ex-atleta carrancudo que gostava de beber para afastar sua dor. — Embora eu só estivesse a relembrando da sua observação anterior, alguma coisa discreta e desconfortável torceu em meu intestino; ela atingiu muito perto da ferida. Eu não me afoguei em álcool. Mas e o resto?

Seu bufar suave me distraiu.

— Bem, eu dificilmente imagino o bonzão do Brick se oferecendo para pegar alguém no aeroporto. Especialmente se for uma hora de distância.

Ela me pegou. Minhas mãos apertaram o volante com um pouco mais de força.

— Amalie é minha avó.

— Ah. — Havia um mundo de compreensão naquela única sílaba. Ela olhou pela janela antes de falar. — Eu nunca a conheci.

— E ainda assim você está aqui para visitá-la?

Seu sorriso se inclinou ironicamente.

— Estranho, certo?

— Eu não vou julgar.

Ela bufou com isso, mas foi sem rancor. Eu lancei um olhar em sua direção, e nossos olhares se prenderam. Compartilhamos um pequeno sorriso, como se disséssemos que éramos ambos cheios de merda. Mas então ela deu de ombros.

— Eu estava passando por um momento difícil e liguei para minha avó. Ela me contou sobre esta propriedade maravilhosa chamada Rosemont e a amiga absolutamente encantadora dela que a possuía. — Emma me lançou um olhar tímido antes de prosseguir. — Ela disse que era o lugar perfeito para se esconder e se reconectar comigo mesma.

Com isso, ela encolheu os ombros, como se estivesse preparando para o meu desprezo. Ela não teria isso de mim. O fato de ela ter se tornado frágil ao possível julgamento de um estranho enviou uma onda

de proteção inesperada através de mim, e eu dei a ela algo sobre mim em troca.

— Meus pais morreram em um acidente de carro quando eu tinha quatorze anos. — Eu recusei suas palavras imediatas de simpatia. — Amalie se tornou avó e mãe para mim. Seu segundo marido, Frank, acabara de comprar Rosemont. Então foi lá que vivemos durante o ano letivo. É um bom lugar para...

Curar. Lamentar.

Segurei o volante e tirei um momento para afastar as memórias de ser aquele garoto perdido e zangado. Mas não adiantou. Elas vieram de qualquer maneira.

— Eu não iria tão longe a ponto de dizer que é algum tipo de lugar mágico... — *Claro, é por isso que você correu para lá assim que foi possível.* — Mas é lindo e privado. E Amalie definitivamente cuidará de você.

Esse pensamento em particular me deixou feliz e desconfortável. Emma deveria ter alguém cuidando dela. Mas por que tinha que ser aqui, de onde eu não poderia fugir? Ainda sim, eu falei mais com essa mulher em alguns minutos do que com qualquer pessoa em meses.

Felizmente, Emma apenas balançou a cabeça e olhou pensativamente pela janela para a cadeia de montanhas que passava.

— Tenho ajudado ela a consertar a propriedade. — Me senti compelido a dizer, embora não tivesse ideia do motivo. Ela não precisava saber. E ainda assim minha boca não fechava. — Principalmente as casas de hóspedes. Elas têm sucumbido devido a falta de reparo ao longo dos anos. A sua foi reformada, no entanto.

Cale a boca, Oz, seu bobão.

— Eu nunca duvidei disso. — ela murmurou.

Um silêncio confortável cai sobre nós. Por cerca de dez segundos.

— Então você é um empreiteiro?

Parte de mim queria rir. Parte de mim queria uivar para o vazio. Isso era o que eu me tornei. Um homem que costumava ter fãs que o admiravam, multidões deles saindo depois de um jogo na esperança de conseguir um autógrafo. Um homem que o mundo do hóquei esperava dar ao seu time outra vitória na Copa Stanley. Agora sou nada mais do

que um cara trabalhando para sua avó e sendo o chofer de uma atriz famosa que não tinha a menor ideia de quem ele era.

Não que eu esperasse que ela fosse uma grande fã de hóquei. Mas não houve nem mesmo um vislumbre de reconhecimento. Eu fiz campanhas internacionais para uma marca de bebidas energéticas, uma empresa de relógios, carros esportivos e barras de proteína. Inferno, ela provavelmente morava em Los Angeles pelo menos uma parte do ano. Um outdoor de quinze metros de altura me mostrava segurando meu taco enquanto eu usava nada mais do que cuecas boxer vermelhas apertadas e um sorriso enfeitava Sunset e Los Feliz.

Pensei naquele outdoor estúpido, cujas cópias estavam espelhadas ao redor do mundo, lembrei como os caras costumavam comentar sobre Lucky Luc exibindo seu saco de joias, e me encolhi em meu assento.

Talvez tenha sido melhor que ela não me reconhecesse. Talvez seja por isso que quando ela me perguntou meu nome, eu disse Lucian. Além de meus pais, ninguém me chamava de Lucian. Sempre fui chamado de Oz ou Luc.

Ao meu lado, a intrometida Emma fez um som, o mais ínfimo de “Alô? Terra chamando Lucian”, me lembrando que eu não tinha respondido a ela. Eu era um empreiteiro?

— Algo parecido.

Eu liguei o rádio. A verdade é que eu não tinha absolutamente nenhum desejo que ela me reconhecesse. Isso levaria a perguntas e à verdade inevitável de que eu não poderia mais fazer a única coisa que mais amava na vida.

Com o estômago parecendo chumbo, dirigi em um silêncio sombrio. E pela primeira vez, Emma não insistiu em um bate-papo educado. O Pacífico se abriu diante de nós em uma extensão azul sem fim. A luz do sol cintilou na água, lançando reflexos de ouro que brilhavam e tremeluziam. Peguei meus óculos de sol e os coloquei enquanto Emma fazia ooh e aah.

— Eu moro em LA na maior parte do ano — ela disse com um leve sorriso. — Mas eu nunca me acostumei a ver o oceano.

Eu já pensei o mesmo. A picape serpenteava ao longo da estrada, onde montanhas empoeiradas de marrom e verde pareciam pés de

dinossauros antigos pisando no mar. Pelo menos foi o que eu disse uma vez quando criança para Mamie. A memória ajudou a aliviar os franzir na parte de trás do meu pescoço e na minha testa.

Respirando firmemente dei a ela um rápido “É lindo” e continuei dirigindo. Apesar da dor de cabeça crescente, eu não podia negar a beleza que era Emma Maron. A costa da Califórnia era inspiradora e te tornava humilde. O oceano batia e espumava contra os penhascos de granito e girava em redemoinhos ao redor de pequenas porções da praia.

Como Emma, eu voltei para a Califórnia para deixar a terra curar a minha alma maltratada. Para encontrar paz. Mas eu não senti isso. A paz escapou. A dor na minha cabeça aumentou, cavando com os dedos que tocaram a parte de trás dos meus olhos. E com a dor veio a náusea, espessa e gordurosa. Inferno e merda. Faz semanas que não sou atingido por uma enxaqueca. Porque agora?

Mas eu sabia. O médico me disse que eu poderia sentir dores de cabeça sob estresse repentino. Era ela. Sem nem mesmo tentar, ela me puxou para fora do meu casulo agradável e seguro de dormência, e eu não queria ser acordado.

Eu abri a janela, me recusando a ceder. Ao meu lado, Emma cantava levemente junto com Fiona Apple. Eu duvidava que ela estivesse ciente que estava fazendo isso, mas não me importei. Sua voz era doce e suave. Uma boa distração.

O sol estava cada vez mais alto, o brilho se intensificando. Minha dor de cabeça aumentou com isso. Um fino suor brotou da minha pele; a luz refletiu no oceano e a estrada se fundiu em um grande borrão cintilante.

Uma enxaqueca não tinha me atingido enquanto dirigia antes. A humilhação guerreando com o bom senso. A estrada não era um lugar para eu fraquejar em nome do orgulho masculino. Eu tinha que parar. Eu tinha que dizer a ela que não estava apto para dirigir. Soltei um suspiro lento, preparando-me para confessar a Emma.

Mas ela falou primeiro.

— Você se importa se pararmos naquele mirante ali? É tão lindo, e eu quero tirar uma foto para minha conta do Instagram.

Eu não ia reclamar e dei a ela um aceno curto que fez meu cérebro fraco se revirar na onda de dor que invadiu meu crânio. Pontos brilhantes explodiram em resposta. Eu cerrei meus dentes e tentei respirar através dele.

Toda a situação me irritou; eu já patinei com músculos dilacerados, com os lábios rachados, com o nariz arrebitado. Segurei meu taco com os dedos quebrados amarrados com fita adesiva por um quarto da temporada. Mas eu não sabia lidar com isso. Essa única coisa me derrubou.

Depois de virar para o mirante semicircular de terra e cascalho, parei a caminhonete o mais rápido possível e praticamente corri para fora. Emma não percebeu, saltando sobre os pés leves e quase correndo para a borda.

O mar aqui tinha uma cor aquamarine onde a espuma das ondas encontrava a costa. Um pouco mais abaixo na costa, os surfistas balançavam em suas pranchas, esperando uma boa onda. Emma inclinou a cabeça para trás e respirou fundo o ar com cheiro de maresia. A luz do sol tocou os fios dourados de seu cabelo e deixou sua pele da cor de um brioche perfeito. Por um segundo, esqueci tudo sobre minha cabeça latejante. Eu esqueci até como respirar, porra.

Ela estava deslumbrante. Ela devia estar sentindo frio no vestido branco de verão que estava usando; o ar estava fresco e úmido com o vento. Mas ela não demonstrou. Em vez disso, ela abriu os braços, como se abraçasse o mundo, e a luz do sol tornou o algodão branco de sua saia em um tecido translúcido, revelando as linhas de seu pequeno corpo em uma silhueta.

Eu não tinha que perceber essas coisas, especialmente as dela. No entanto, eu não conseguia me ajudar; Emma Maron era impossível de ignorar. Não apenas por sua beleza, mas pela maneira como absorvia a alegria, como se simplesmente respirar fosse uma dádiva. Talvez fosse, mas eu não sentia isso no momento.

Com uma praguejar silencioso, olhei para a água e segui seu exemplo, respirando fundo e desejando diminuir a enxaqueca. Mas isso me deu um grande “vai se foder” e a dor surgiu com tanta força que engasguei.

— Isso é glorioso, não é? — Emma disse.

— Sim.

— Passei meses filmando na Islândia, que tem paisagens absolutamente deslumbrantes. — Emma tagarelava acima da minha dor infernal. — Algumas delas são totalmente assustadoras, como uma paisagem lunar, mas ainda estou impressionada com o Pacífico. Me dá vontade de cair de joelhos e agradecer ou algo assim.

Eu queria cair de joelhos também. Mas não para nenhum deus do oceano. Talvez para os deuses da dor, se eu implorasse por um momento, eles me deixariam em paz.

Eu não notei ela se aproximando até que ela estava ao meu lado. Mesmo assim ela era, principalmente, um borrão de cores e de pele calorosamente perfumada. Mas eu a ouvi claramente.

— Escute, Lucian, eu queria te perguntar... — Ela parou, soltando uma meia risada como se estivesse lutando para encontrar as palavras certas. — Isso é meio constrangedor...

Hoje em dia sou um especialista em constrangimento, querida.

Minha visão clareou o suficiente para encontrá-la sorrindo fracamente e torcendo as mãos – Deus, por favor, não a deixe me reconhecer agora.

— É que estou me sentindo um pouco enjoada... Eu fico assim depois de voos longos e de ter que andar de carro logo depois.

Ela tinha que estar brincando comigo. Ela tinha que saber que eu estava morrendo rápido, e essa era a solução dela. Afiando meu olhar, eu a examinei com um olhar crítico. Ela estava com o rosto um pouco verde, sua garganta trabalhando, como se ela não pudesse engolir corretamente.

— Você está doente? — foi minha resposta inteligente.

Ela ficou mais verde, um leve suor brotando de sua pele lisa.

— É estúpido...

— Não é estúpido. Acontece.

As linhas de seu adorável rosto ficaram tensas.

— Eu pensei que parar poderia ajudar, mas... — Ela forçou seu olhar para o meu. — Você se importaria muito se eu dirigisse por um tempo?

Seus dedos finos se apertaram. Deus, éramos um par.

Considerando que eu não estava apto para dirigir, e ela estava oferecendo...

— Ok, — eu consegui dizer. — Claro, se é isso que você precisa.

Sua expressão agradecida fez coisas engraçadas no centro do meu peito.

— Muito obrigada.

— As chaves estão na ignição. — eu disse a ela com um aceno de cabeça fraco, então me dirigi para o banco do passageiro.

— Ótimo. Só um segundo. — Ela caminhou em direção a outra picate estacionada na beira do mirante. Um homem idoso estava sentado em uma cadeira de jardim surrada ao lado da mesa, vendendo garrafas de água geladas.

Emma comprou algumas, carregando-as nos seus braços e voltou para mim. Eu poderia ter imaginado a animação em seus passos, porque ela encontrou meu olhar, e foi como se uma onda de náuseas a invadissem. Mas ela enfrentou com uma respiração profunda e trêmula e então me entregou as garrafas geladas.

— Acho que isso me ajuda também. Sirva-se se estiver com sede.

Água *iria* ajudar. Bastante. Eu olhei para as garrafas geladas no meu colo e depois para a mulher andando na frente da caminhonete. Ela tinha feito isso por mim? Não sei dizer. O que era irritante. Desanimador.

Confuso, abri uma garrafa para ela e outra para mim, então coloquei o resto das garrafas no grande compartimento de armazenamento que havia entre os bancos. Emma deslizou para o assento do motorista e prontamente começou a ajustar tudo a seu gosto.

Foi estranho que eu achasse isso sexy também? Provavelmente. Mas eu estava exausto demais para me importar. Inclinando meu assento apenas o suficiente para liberar um pouco de pressão na parte inferior das minhas costas, peguei minha garrafa e dei um longo gole. E quase chorei de alívio quando a água fria desceu pela minha garganta.

— Você sabe as coordenadas? — Eu perguntei a ela, embora ela obviamente soubesse para qual direção estamos indo, e eu poderia dizer a ela a onde e quando virar.

Seu tom de resposta afirmou isso, mas ela apenas disse:

— Estamos indo para Montecito, certo?

— Isso.

Emma entrou na estrada com calma. Assim que estávamos a caminho, ela abriu um pouco as janelas para deixar entrar a brisa, depois ligou o ar condicionado. Com um rápido olhar na minha direção, ela explicou:

— Também ajuda com náuseas, sabe

Sim, eu sabia.

Eu grunhi e, sob a proteção dos meus óculos de sol, fechei os olhos. Bebi minha água e deixei o ar fresco me aliviar. Emma cantarolou baixinho uma melodia e levou um minuto para descobrir que era “Maria” de *The Sound of Music*.

Por algum motivo, isso me deu vontade de rir. Não por ela ou pela música, mas porque se parecia tão ela. Em vez disso, bebi mais água, enquanto ela dirigia com facilidade.

— Você é uma boa motorista. — me peguei dizendo.

Um pequeno sorriso brincou em seus lábios.

— Você duvidou de mim?

— Não disse isso. Achei que você tinha que ser pelo menos competente já que pediu para dirigir.

— Eu poderia estar te iludindo — ela respondeu docemente. — Cheia de mim, mas perigosamente incompetente.

— Conheceu muitas pessoas assim, não é?

Os cantos de seus olhos enrugam.

— Algumas.

— Hum.

Ela passou por um carro mais lento.

— A verdade é que eu amo dirigir. Especialmente em rotas turísticas. Quando estava na Islândia, eu e meus colegas alugamos carros esportivos em nosso dia de folga e dirigimos juntos pelo interior.

— Ela parecia perdida em pensamentos, uma expressão melancólica em seu rosto.

— A Princesa Anya tornou aquela série o que ela é.

Seu choque de surpresa foi visível e rápido.

Merda.

Então ela se virou na minha direção com um sorriso largo.

— Você assiste *Dark Castle*?

Merda duas vezes.

— É uma boa série. Eu assisti... — Na estrada entre os jogos. — Às vezes.

O olhar presunçoso ficava bem em Emma Maron. Embora eu estivesse começando a achar que todos os olhares de Emma eram bons.

— Então você gostava de Anya, hein?

Anya. Não dela. Anya era uma personagem de uma série. Uma personagem que eu tinha visto nua e – porra. Duas, três vezes puta merda.

Eu puxei minha perna um pouco mais para cima para esconder meu pau duro. Mas eu não conseguia parar de imaginar seus seios nus. Droga. Eu era um absoluto terror em ser libertino.

— Gostava mais dela com a cabeça intacta. — eu murmurei, ganhando uma risada alegre de Emma.

— Sim, eu também. — Ela disse isso com um sorriso, mas logo desapareceu, e eu sabia que tinha atingido um ponto fraco — Suponho que Amalie contou a você.

— Eu jurei segredo. Não que eu tenha alguém para quem pudesse contar.

Isso pareceu acalmá-la. Mas então seus ombros magros caíram.

— Será lançado eventualmente. Em um final espetacular de temporada.

O episódio final foi ao ar em seis meses.

— Você sabia? Que você estava, ah...

— Sendo cortada. — ela balançou as sobrancelhas.

Uma risada me deixou.

— Sim, isso.

O show era famoso por esconder reviravoltas na trama não apenas de seus fãs, mas também de seus atores.

— Não — ela disse sobriamente — Não até eu ler o roteiro durante a leitura coletiva.

Eu conhecia aquela voz, a dor amarga misturada com confusão, como se ela estivesse se perguntando: essa tempestade de merda que aconteceu comigo realmente aconteceu? Eu sabia muito bem.

Eles a mataram sem avisar. Na frente de seus colegas.

— Isso é uma merda, Em.

Ela ficou em silêncio por um momento antes de responder.

— Com certeza é, Lucian.

CAPÍTULO TRÊS

Emma

Depois de meses na Islândia, dirigir na Califórnia era como entrar em outro mundo. Sol, mar, montanhas. Muitos litorais tinham as mesmas características. Mas, embora eu vivesse na Califórnia apenas parte do ano, havia algo que me fazia sentir em casa na qualidade da luz aqui, dourada e quente; o fluxo interminável de carros; os surfistas balançando como rolhas na água antes de pegarem uma onda.

Olhei para a água e um nó subiu na minha garganta. Estar aqui me lembrou do que me esperava em LA, e com todos os meus medos e dúvidas. Se eu não encontrasse outro papel logo, estava ferrada. O problema era que não podíamos contar aos diretores de elenco que Anya estava morta. Não até o episódio final ir ao ar. O me deixava numa situação difícil, precisando fingir que estava tudo bem. Então, aqui estava eu, supostamente fazendo uma pausa após um rigoroso cronograma de filmagens. Tudo parte do plano, de acordo com Dan, meu agente, e Carrie, minha gerente. Deixe o mundo pensar que a minha vida continuava normal.

Claro que era mentira. Ser despedida de *Dark Castle* tinha feito rachaduras em meu mundo frágil. Eu tive que acreditar em Dan e Carrie quando eles me disseram para não me preocupar, que ofertas para novos trabalhos iriam chover. Só que ao contrário de alguns dos meus colegas de elenco, eu não tinha recebido nenhuma oferta de trabalho no período de férias do programa. Eu já tinha começado a me preocupar em ser jogada de escanteio.

A morte de uma carreira em Hollywood vinha rápida como o machado que decapitou Anya. Se corresse o boato de que ninguém me

queria, ninguém se arriscaria a me oferecer nada. Era como se uma horrível profecia já estivesse concretizada.

Com as mãos frias e úmidas no volante, voltei minha atenção para o percurso e ao homem afundado no assento ao meu lado. Os óculos modelo aviador que ele usava cobriam seus olhos, mas a ascensão e queda constantes de seu peito largo deixavam claro que ele tinha adormecido. Eu roubei outro olhar e sorri um pouco. Mesmo dormindo, sua boca generosa estava comprimida e curvada nos cantos, como se ele não quisesse ceder à paz.

Meu sorriso sumiu. Teimosia à parte, havia algo de partir o coração sobre ele ser incapaz de relaxar totalmente durante o sono. Ele estava com dor? Foi isso? Eu queria estender a mão, alisar a linha forte de sua mandíbula, agora sombreada com a barba por fazer. Mas ele não era meu, e eu estaria agindo como uma esquisitona.

Então eu dirigi. Logo, estávamos nos afastando da encosta que nos deixava próximos à água. A rodovia tornou-se repleta de desvios, parques industriais e shoppings. Eu sabia que íamos para Montecito mas não sabia a localização exata. Quando nos aproximamos de uma saída, desliguei e parei em um restaurante fast-food.

Lucian se mexeu. Ficou claro pela maneira como ele se sacudiu e depois se endireitou, que não percebeu que havia cochilado. Eu reprimi um sorriso, sabendo que ele provavelmente estava chateado com isso. O pobre homem tinha mais do que sua cota de orgulho. Claramente mais cedo, ele estava sofrendo de uma enxaqueca.

Eu conhecia os sinais – a maneira como ele tentou proteger os olhos da luz, a necessidade de ar e a palidez de sua pele bronzeada. Ele estava sofrendo mas não foi capaz de admitir. Eu não deixei de notar que ele suspeitou do meu enjoo repentino no carro – e por um bom motivo – mas eu era uma excelente atriz. E se a minha atuação o fizesse descansar e me permitisse nos levar com segurança ao nosso destino, então que fosse. Não que eu achasse que ele fosse arriscar, mas ele vinha lutando e obviamente odiava confessar que não conseguia dirigir.

Então, problema resolvido.

Agora, entretanto, ele olhou para o estacionamento em confusão.

— Algum problema? Você está com fome?

O fato dele ter se preocupado, imediatamente, com o meu conforto foi fofo. Eu estacionei a caminhonete no estacionamento. Era um bom veículo, bem cuidado e limpo. Visto que ele estava reformando a propriedade de Amalie, eu sabia que ele não dirigia para se exibir, mas para utilidade.

— Está tudo bem. Pensei que já que estamos perto de Montecito, eu vou deixar você dirigir o resto do caminho.

A outra coisa que eu sabia instintivamente? Ele não gostaria que sua avó nos visse chegando comigo ao volante. Uma verdade que se estendeu entre nós como um caramelo pegajoso, puxando e agarrando. Fiquei nervosa e, quando estava nervosa, falava demais.

— Isso é se você estiver sentindo... — Merda. — Ah, quero dizer, se estiver tudo bem para você.

O motor tiquetaqueando enquanto ele olhava para mim, obviamente ouvindo meu deslize.

Lucian fez uma careta, mas a escondeu esfregando a sua mão grande no rosto. O ruído de sua barba por fazer soou no silêncio.

— Eu dirijo.

Mas nenhum de nós se moveu. Continuamos a nos encarar e então, como em um acordo silencioso, nos viramos para abrir nossas respectivas portas e sair da caminhonete. Eu andei pela frente da caminhonete, apenas para parar quando encontrei Lucian no meio do caminho.

Ele era alto o suficiente e teve que abaixar o queixo para encontrar meu olhar. Deus, mas ele era um homem grande e bonito. Olhos verdes invernais me encararam com tanta intensidade que minha pele ficou vermelha de calor. Eu não conseguia me mover ou pensar sob aquele olhar.

— Você estava realmente enjoada?

Essa voz doce me obrigava a dizer a verdade. Eu tive que lutar contra isso e contra aqueles olhos malditos. Pisquei para ele, toda doce e inocente.

— Lucian, você está me acusando de mentir?

— Sim.

Pois bem.

Sua expressão dura não mudou, mas algo brilhou em seu olhar gelado que me disse que ele não estava com raiva, mas queria saber a verdade. Dois podem jogar assim.

— Diga-me, Brick. Você teria admitido que tinha enxaqueca se eu perguntasse?

Lábios firmes se contraíram; o brilho tornou-se divertido.

— Eventualmente.

— Hum.

Suas sobrancelhas escuras se ergueram com isso.

— Hum? Essa é a sua resposta?

Dei de ombros.

— Por que não? Você a usa com bastante frequência.

Os cantos contraídos de sua boca ameaçaram florescer em um *meio* sorriso. Mas ele o controlou ao mesmo tempo.

— Só para nos entendermos.

—Acho que conseguimos. — Isso não deveria ter me enchido de bolhas de expectativa. Mas aconteceu. Com um aceno de cabeça profissional, me movi para passar por ele, mas ele me parou no caminho se abaixando.

Embora seus lábios não tocamam minha orelha, eu os senti como um golpe quente na minha pele. Eu quase estremeci quando sua voz retumbou em um sussurro sombrio.

— Obrigado, Emma, por me salvar do meu orgulho masculino.

Eu não poderia ter escondido meu sorriso de resposta mesmo se tivesse tentado; pairou sobre mim como o sol, me esquentando desde as minhas bochechas até a ponta dos meus dedos do pé formigando.

— De nada, Lucian.

Ele grunhiu – ah, como eu amei a maneira como esse homem grunhiu – e então tomou o assento do motorista.

Não falamos enquanto ele saía do estacionamento, mas ele ligou o rádio novamente e parecia relaxado ao volante. Jurei que senti um toque de baunilha emanando dele. Não a doçura de uma vela perfumada, mas uma nota floral com fundo da verdadeira baunilha. Eu não conseguia imaginar um cara como Lucian borrifando água de colônia, mas era tão atraente que fiquei tentada a me inclinar e cheirar ele.

Isso iria cair como um balão de chumbo. O homem já era cauteloso o suficiente sem eu enfiar o nariz em seu colarinho.

— Estamos perto? — Eu perguntei para me distrair.

— Sim. — Ele me lançou um olhar de soslaio. — Peço desculpas por adormecer.

— Tenho enxaquecas de vez em quando. O sono é a melhor coisa para isso.

— Hum.

— Você vai me fazer sorrir toda vez que falar hum, você sabe né; Oh, mas ele chegou tão perto de um sorriso naquele momento.

— Porque isso seria ruim?

Ele sabia que estava flertando? Eu sabia que estava?

Não foi inteligente, de qualquer maneira. Eu ficaria aqui apenas por um tempo, e dormir com o neto da melhor amiga da vovó Cynthia não era apenas idiota – era pedir para se machucar. Eu não me sentia bem com o casual. E de alguma forma eu sabia que Lucian não era do tipo que se apegava. Mais provavelmente, terminaria com ele me evitando e eu me sentindo uma idiota.

Perdida em pensamentos, quase perdi quando saímos da rodovia, entrando em uma estrada extremamente estreita que serpenteava pelo interior. De repente, fiquei feliz por não estar dirigindo neste trecho da viagem. Não nos serviria de nada se nos perdêssemos enquanto Lucian dormia. Tive alguns vislumbres do oceano azul cintilante por entre as árvores. Aqui e ali havia telhados de casas enormes escondidas atrás de portões. Um Éden exuberante e ensolarado.

Lucian parou em frente a um par de portões de ferro forjado ligados a uma extensão interminável de paredes de estuque branco cobertas de glicínias e buganvílias. Um arco de ferro forjado cruzava os portões, e o nome Rosemont, feito em letras douradas, enfeitava o meio.

— Bem-vinda a Rosemont. — disse Lucian sem alarde.

Sob a sombra das oliveiras nós dirigimos até a propriedade. Estávamos indo devagar o suficiente para que eu abaixasse a janela e deixasse entrar o ar fresco.

— Deus, eu juro que sinto cheiro de limão. — eu disse, respirando fundo.

— Você está certa. A propriedade tem muitas árvores cítricas diferentes.

— Limões me lembram de felicidade.

— Felicidade. — Lucian repetiu, como se estivesse perplexo.

— Não sei como explicar. — Eu dei de ombros com uma pequena risada. — Sinto o cheiro de limão e me sinto feliz. Esperançosa.

Ele grunhiu.

A estrada se abriu em uma entrada de automóveis circular. A casa principal repousava graciosamente. Parte villa italiana, parte fazenda e toda a Califórnia. Trepadeiras de rosas vermelhas e rosas ondulavam sobre estuque creme e se enrolavam em grades de ferro forjado.

— É absolutamente impressionante. — eu disse, boquiaberta.

— Sim, ela é. — Pela primeira vez havia suavidade na voz de Lucian, mas ele não olhou para a casa. Ele estacionou, e olhou para o telefone. Sua boca apertou enquanto ele lia. — Mamie teve que fazer uma tarefa, mas ela estará de volta em cerca de uma hora.

— Mamie?

— Amalie. Eu a chamo de Mamie. Meu termo para *avó*.

— Isso é tão fofo.

— Você está tentando me irritar, não está?

— É tão fácil. Pelo menos me faça ralar um pouco mais.

O olhar de Lucian se prendeu no meu e minha respiração ficou presa, o calor fervendo em minha barriga enquanto eu pensava em todas as maneiras que ele poderia fazer exatamente isso. Talvez ele pensasse o mesmo, porque aqueles olhos verdes invernais não eram nem um pouco frios. Mas então ele piscou, e qualquer indício de provocação sensual o deixou.

Sem outra palavra, ele saiu e começou a descarregar minhas malas. Eu o segui, mas ele rejeitou qualquer tentativa de ajudá-lo. Honestamente, foi um pouco impressionante a maneira como ele manuseava quatro grandes malas sem nenhum esforço aparente.

— Você está no Cyrano. — disse ele, pegando um caminho sinuoso no jardim, repleto de palmeiras, limoeiros e trepadeiras de buganvílias.

— Como em Cyrano de Bergerac?

— É esse mesmo. Mamie gosta de dar às casas de visitas nomes notáveis da literatura francesa. O Dumas está quase pronto. Então,

estou trabalhando no Baudelaire.

— Cyrano é um dos meus personagens favoritos.

— Só se estende ao nome. A decoração não é inspirada nele. — Ele parou em um bangalô que parecia uma miniatura da casa grande. — Não espere estátuas de homens narigudos ou algo assim.

— Agora estou muito desapontada.

— Você vai sobreviver. — Lucian me levou para dentro. Eu amei as portas em arco, paredes de estuque branco como nuvem e vigas de madeira escura. Um conjunto de portas francesas altas deixava entrar a luz dourada da Califórnia.

— O quarto está lá. — Ele apontou para uma porta ao lado da aconchegante sala de estar. — O banheiro é privativo. Você encontrará toalhas e lençóis limpos lá. A cozinha está totalmente equipada. E... o que mais? — Lucian coçou a nuca enquanto examinava o pequeno bangalô com um olhar crítico — Oh, há uma lista dos números da Amalie e da casa principal na mesa de jantar.

— É adorável, Lucian. Obrigada.

Ele grunhiu. Como esperado. Eu lutei contra um sorriso. O homem praticamente vibrou com a necessidade de recuar. Suspeitei que ficar preso com uma estranha por mais de uma hora e sofrer de enxaqueca o havia levado ao seu limite.

Eu coloco minha bolsa em uma poltrona bonita em estilo espanhol.

— O jet lag está me afetando. Acho que vou tirar uma soneca.

— Eu vou sair da sua frente. Ligue para a casa se precisar de alguma coisa. Sal vai te ajudar se Mamie não responder.

Não me incomodei em perguntar quem era Sal. Lucian já estava recuando para fora da casa como se ela estivesse pegando fogo. Eu queria sorrir.

— Vejo você mais tarde, Lucian.

Ele piscou, os longos cílios se emaranhado nas longas mechas de seu cabelo cor de mogno.

— Tenha uma boa soneca, Emma.

Com isso, ele se foi. E a casa parecia estranhamente vazia.

Depois de me servir de um copo de limonada que encontrei na geladeira, fui para o quarto e rastejei para a cama grande para ligar

para minha amiga Tate.

— Você chegou em segurança? — ela perguntou sem preâmbulos. Eu chorei várias vezes ao telefone para ela ser protetora e preocupada comigo.

— Sim. O voo foi bom. A propriedade é linda. Vou dar uma olhada em volta daqui a pouco. A viagem de carro até aqui foi... interessante. — Assim que disse as palavras, quis retirá-las. Eu não queria falar sobre Lucian, mas a presença dele estava em mim, tão fresca como se ele realmente tivesse passado suas mãos sobre meu corpo, e eu não pude conter isso.

Como temido, a voz de Tate se animou.

— Interessante como?

Eu poderia mentir ou omitir, mas eu já tinha aberto a minha boca grande e falado sobre ele.

— Onde começar? Achei que meu motorista fosse um fã tentando me pedir uma selfie. — Entre suas gargalhadas, contei a ela o resto, fazendo uma careta com a memória. — Na verdade, ele é neto de Amalie.

— Ele é gostoso, não é?

— Eu nunca disse isso.

— Que é como eu sei que ele é gostoso.

Franzindo o nariz, tomei um gole de limonada. Era surpreendentemente boa e fresca.

— Ok, ele é. Mas ele está completamente fora...

— Eu não o culpo, Srta. Sem Fotos.

— Você não pode me ver, mas estou lhe dando um dedo do meio

— Estou brincando. Ei, isso acontece. Você entra no modo de autoproteção e todos são vistos como uma ameaça em potencial. — Tate também era atriz e estrelou um seriado de TV a cabo muito popular e de longa duração. Seu tom tornou-se provocador. — Embora eu nunca tivesse trombado com um cara gostoso, de quem estaria por perto durante todas as minhas férias.

— Deus. Eu me sinto uma idiota. Ele estava claramente dividido entre querer rir de mim e sair correndo do aeroporto.

— Encare isso como um desafio. Depois de mostrar a ele o seu verdadeiro eu, ele será incapaz de resistir.

Eu já fui eu mesma. E certamente não queria desafiar Lucian – ou qualquer homem.

— Realmente, não importa — eu disse com leveza forçada. — Os homens não estão na minha lista de tarefas para as férias.

— Os homens devem estar sempre na lista de tarefas, Ems. No mínimo, eles deveriam estar te agradando, especialmente nas férias.

— Não tenho interesse em começar algo. Ainda estou me recuperando de Greg. — Apenas dizer seu nome fez minhas entranhas apertarem desconfortavelmente. Depois que eu o peguei, ele estava no próximo avião para casa em LA. Levei um mês para acertar as coisas na Islândia. E então eu não tinha para onde ir, porque Greg e eu dividíamos uma casa em Los Angeles, e como diabos eu voltaria enquanto ele estivesse lá.

Eu precisava encontrar um novo lugar para morar. Eu precisava colocar minha vida em ordem. O desejo de apenas me esconder e ficar aqui não era nada parecido comigo. Normalmente eu enfrentava a vida, determinada a seguir as regras e reivindicar-lá. Mas desde o momento em que minha avó me contou sobre Rosemont, agarrei a ideia como uma tábua de salvação, algo dentro de mim insistindo que era onde eu precisava estar. Talvez tenha sido uma tolice. Mas eu estava aqui agora, e embora minhas interações com o rude e gostoso Lucian Osmond me deixassem nervosa e esperando por nosso próximo choque, eu me sentia bem.

— Greg era um babaca de merda — disse Tate, voltando para a conversa. — Mas não descarte todos os homens por causa disso.

— Você me conhece melhor que isso. — Eu fiz uma careta e puxei meu vestido de verão. — Não é isso. É... esse cara — por razões que eu não queria analisar, eu não conseguia verbalizar o nome de Lucian ainda — quase grita *cai fora*. Eu nunca conheci alguém com tantas paredes ao seu redor. — E ainda assim, ele havia flertado. Eu não tinha imaginado isso. Ele flertou, mas não gostou disso. — E não há como escapar dele aqui. Você pode imaginar o constrangimento no dia seguinte? Não, obrigada. Vou sentar e desfrutar da minha solidão.

— Solidão é uma merda, Em.

Eu reprimi um sorriso.

— Falando como uma extrovertida.

— Diz a introvertida.

Nós duas rimos.

— Bem, então — disse ela. — Faça o que for preciso para se sentir melhor e depois volte para casa. Eu sinto sua falta.

— Saudades de você também.

Desliguei com um sorriso triste. Eu sentia falta de Tate. Mas eu não queria voltar para casa. A verdade era que eu não tinha casa agora. Era perturbador, e eu me aconcheguei na cama, envolvendo meus braços em torno daquela dor vazia que se instalou em meu peito.

Acontece que eu precisava de uma soneca. Com as janelas abertas para deixar entrar a doce brisa com cheiro de glicínia, e enquanto me enrolava em uma cama macia com cobertores de seda, eu dormia sem me mexer ou me virar, sem me importar. Foi glorioso. Acordei me sentindo descansada e atenta.

Depois de tomar um longo banho quente e tendo um tempo para secar o cabelo, voltei para a sala de estar e encontrei um envelope que foi colocado na caixa de correio.

Era um convite para um café com bolos às quatro. Em papel vitela creme com escrita de caligrafia real. Uma vibrante borboleta em tons de arco-íris, com bordas douradas em relevo, enfeitava o canto inferior da nota, bem ao lado da assinatura rabiscada com um floreio: **AMALIE**.

Era um mundo tão maravilhoso e antigo. Prendi o bilhete no pequeno quadro de cortiça pendurado na porta dos fundos da minha cozinha e me preparei. E então hesitei. Eu deveria chegar cedo? Bem na hora? Nunca tarde – isso seria rude.

Vinte para as quatro, decidi parar de enrolar e ir. Lá fora, o ar estava fresco, mas não frio. Segui o caminho sinuoso feito de ardósia com bordas de musgo até a casa grande. O convite havia me instruído a ir em direção ao terraço norte, onde quer que fosse. Quando o caminho fez uma curva, eu o segui em direção a um portão que tinha sido deixado aberto.

A cada passo à frente, a vibração de antecipação na minha barriga crescia em tamanho e força. Isso me irritou. Conhecia novas pessoas todos os dias. Como atriz, fui empurrada para situações sociais constantes. Mas eu sabia que não era por isso que meu corpo estava

apertado e quente ou porque meu coração batia um pouco mais rápido. Era ele. Eu queria vê-lo novamente e me perguntei se o faria.

O fato de Lucian dos grunhidos e *hmms* ter me afetado em menos de duas horas era mais do que enervante. Foi totalmente alarmante. Especialmente porque eu sabia que ele faria o seu melhor para me ignorar como uma praga. Estava escrito em cada linha de seu corpo grande, bonito e tenso.

— Então supere isso. Você é uma atriz. Apenas vá com calma. — eu murmurei baixinho.

— Falando sozinha? — disse uma voz desconhecida atrás de mim. — Você vai se encaixar perfeitamente.

O choque de descobrir que não estava sozinha fez meu coração disparar em minha garganta. Eu me virei para encontrar um homem hispânico alto com um incrível topete como o do Elvis sorrindo para mim. Não havia malícia na expressão. Ele parecia feliz e divertido.

— Olá. — Ele estendeu a mão perfeitamente cuidada. Longas unhas vermelhas cintilavam à luz do sol. — Eu sou Salvador. Todo mundo me chama de Sal.

Peguei sua mão e apertei.

— Olá, Sal. Eu sou Emma.

— Oh, eu sei quem você é. — Ele sorriu abertamente. Eu me vi desejando seu batom carmesim. — Eu coloquei o convite na sua caixa de correio.

— Certo. Lucian disse que eu deveria entrar em contato com você se precisasse de alguma coisa. — Mencionar seu nome trouxe uma ansiedade efervescente que precisava ser reduzida a pó. Então, novamente, não seria melhor saber se ele morava na propriedade ou apenas trabalhava aqui e ia para casa... Deus, ele era casado? Envolvido com alguém? Ele flertou, mas muitos idiotas que estavam em um relacionamento faziam isso. Não, eu não pensaria no idiota do Greg. Ainda assim, havia muito que eu não sabia sobre Lucian. E seria mentira se eu não quisesse.

Mordi o fundo do lábio, tentando descobrir como fazer as perguntas que ardiam em mim sem parecer totalmente intrumetida.

— Você... ah... Eu ia perguntar... — Sobre Lucian, o que não era da minha conta. Envergonhada por minha curiosidade, preenchi o espaço

em branco com a primeira coisa que me veio à mente. — Qual é essa cor de batom fantástica que você está usando?

Com uma piscadela, ele me cutucou.

— Fita de veludo. Muito difícil de conseguir. No entanto, tenho um tubo extra, se você estiver interessada.

— Você está falando sério?

Ele acenou com a cabeça e estendeu o braço para gesticular em direção ao portão aberto.

— É claro. Somos vizinhos por enquanto.

Quando entrei, Sal enganchou meu cotovelo no dele e me levou junto.

— Eu moro na casa grande com Amalie. Sou o assistente e estilista dela.

Sal falava dela com uma espécie de respeito e profundo carinho, e eu senti como se devesse saber quem era Amalie, além de ser amiga da vovó Cynthia. As únicas pessoas que eu conhecia que tinham estilistas eram famosas ou estavam envolvidas com alguém famoso. Olhei para as calças pretas feitas sob medida de Sal e a camisa Versace de seda dourada, que eu sabia que custava mais do que o aluguel mensal da maioria das pessoas. Seu estilo era um encontro de Miami e Nashville, mas funcionava nele.

— Amalie está querendo conhecê-la há algum tempo. — Sal continuou.

— Eu admito que não sei muito sobre ela. — Passamos por uma fonte com a estátua de um homem nu segurando um tridente. — A vovó disse que ela era adorável e tinha um lugar perfeito para relaxar um pouco.

— Sua avó estava certa em ambos os casos. — Sal me guiou através do pórtico central em forma de arco e para um pátio com outra fonte no centro. Esta era de Afrodite erguendo-se das ondas.

Sal me levou por um caminho lateral em direção a um amplo gramado. Aqui, a casa principal abriu suas asas em duas seções extensas. Eu olhei ao redor, tendo vislumbres do interior através de vários conjuntos de portas francesas.

Diante da casa ficava a piscina, rodeada por jardins formais bem aparados. Do outro lado do gramado, um caminho separado começava

ao pé de um enorme eucalipto e subia pela encosta, onde havia outro bangalô.

— É realmente uma propriedade. — eu deixei escapar.

— Rosemont é única — disse Sal. — É maravilhosa, não é?

Nós dois olhamos para o oceano de um azul profundo tocado por pontinhos de luz dourada do sol lá embaixo. Então Sal exalou um suspiro feliz e gesticulou para uma mesa colocada sob um grande pórtico que ocupava toda a extensão da casa. A mesa redonda e quatro cadeiras pareciam ter sido arrancadas de um casamento da sociedade – toalha de mesa rosa cintilante, um conjunto completo de porcelana antiga na cor verde grama, copos de cristal, buquês baixos de peônias rechonchudas cor de rosa. Havia até um candelabro de cristal.

— Uau.

— Gostamos de um pouco de drama nas nossas festas. — disse Sal.

— Isto é uma festa? — Não, eu não vou procurar por *ele*.

— Querida, toda refeição deve ser uma festa – você não acha?

— Sim, Sal, eu acho.

— Sente-se. Amalie queria cumprimentá-la, mas recebeu um telefonema da França. — Sal me deu um sorriso torto. — Parentes. Não podemos ignorá-los.

— Está tudo bem. — Meu Deus, havia uma delicada borboleta de cristal em cada prato. Entre as asas de uma das borboletas estava um pequeno cartão com meu nome rabiscado nele. Quem era esta mulher?

O resto das borboletas não tinha nomes, então me sentei. Havia três outros abertos. E não, eu ainda não iria me perguntar sobre *ele*.

Isso mesmo, Em. Deixe isso para lá.

Assim que me sentei, Sal se preocupou comigo.

— Você quer algo para beber? Vinho branco? Champanhe? Soda club?

— Obrigada, mas vou esperar Amalie.

— Vou dizer a ela que você está aqui. — Em uma onda de seda dourada, Sal deslizou de volta para a casa principal.

Eu era agora uma bola de nervos em frangalhos. Por anos, eu lutei para ter sucesso no mundo da atuação, suportando um monte de merda que ainda arrepiava a minha pele, apesar de eu ter me afastado de coisas

que simplesmente não conseguia fazer. Muitas vezes eu refletia sobre a minha vida e parecia irreal, feita de vidro ou açúcar refinado.

Meus dedos se contraíram nas dobras da minha saia enquanto o medo e o nervosismo giravam dentro de mim. Eu não queria pensar em fracasso. Ou perda. Mas era difícil, sentada aqui neste trecho selvagem e solitário da terra, não sentir que talvez este fosse o último suspiro da minha vida encantada.

— Ah, aí está você! — exclamou uma voz rouca, mas muito feminina.

Uma mulher morena escultural que poderia ter entre cinquenta e setenta anos de idade caminhou em minha direção com um largo sorriso em seus lábios vividamente rosados. Vestida com um terninho de seda rosa chiclete e chinelos de strass prata, o que deveria parecer ridículo, mas de alguma forma saiu como retrô chique, ela estava incrivelmente bonita. E seus olhos eram da mesma cor dos de Lucian. Mas enquanto os dele eram principalmente frios e distantes, os dela brilhavam com astúcia e humor irônico.

Gostei dela instantaneamente.

— Olá.

Levantei-me para cumprimentá-la e ela me envolveu em um abraço caloroso e uma nuvem de Chanel N ° 5 antes de me beijar em cada bochecha.

— É tão bom conhecê-la, minha querida. — Ela deu um passo para trás, segurando meus pulsos, e me examinou com olhos brilhantes. — Você se parece com sua avó.

— Foi o que me disseram. Obrigada, Sra. Osmond, por me deixar ficar aqui.

— Me chame de Amalie. E você é muito bem-vinda. — Ela gesticulou para nossos assentos e então se sentou. — Na verdade, você também está me fazendo um favor. Esta casa precisa de uma lufada de ar fresco. Sal e eu estávamos ficando muito entediados.

Nenhuma menção a Lucian. Mas eu não iria – não poderia – perguntar. Esta era sua avó. E algo me disse que se eu mostrasse o menor interesse em seu paradeiro, ela usaria isso de alguma forma, ou para me alertar sobre ele ou para dar uma de casamenteira.

— Este lugar é absolutamente lindo. — Eu disse a ela.

— Não é? — Ela olhou em volta com um suspiro feliz. — Pertencia ao meu segundo marido, Frank. Investidor de risco. O que significava muito dinheiro, mas muito estresse. O pobre coração desistiu dele três anos atrás.

— Eu sinto muito.

— Eu também. Ele era um bom homem. Não o amor da minha vida, mas um bom companheiro.

Tentei pensar em me casar com alguém apenas por companhia e fiquei horrorizada ao perceber que estava morando com um homem que eu tolerava como pessoa, mas cuja aparência era o que mais me atraía. Pelo menos Amalie se conformara com alguém de quem gostava. Eu me deixei levar por um rosto bonito e um contexto igualmente famoso. Eu tinha me tornado *essa* pessoa. E eu não gostei disso.

Nunca mais. Eu não iria me apaixonar por um homem só porque admirava a maneira como sua bunda preenchia seu jeans. Tinha que haver mais. Uma conexão além do físico. O que definitivamente significava não cobiçar um par de olhos verde-jade sob sobrancelhas severas.

Amalie olhou para o extenso terreno.

— É realmente terreno demais para uma mulher. Ridículo, na verdade. Mas há algo em Rosemont que penetra nos ossos e acalma o coração. Além disso, há muito espaço para convidados. — Ela riu do óbvio eufemismo e eu sorri.

— Então, minha querida — Ela colocou sua mão fria em cima da minha — você pode ficar o tempo que quiser. Permita-se curar.

A gentileza enviou uma onda inesperada de emoção sobre mim, e me vi piscando rapidamente.

— Você não deveria me tentar assim. E se eu nunca for embora? — Porque naquele momento, eu queria ficar para sempre.

Esconder-me como uma criança.

Ela sorriu, um sorriso largo e conhecedor.

— Algo me diz que você nunca fica para baixo por muito tempo.

Antes que eu pudesse responder, Sal saiu de casa, trazendo um carrinho de comida carregado com bandejas prateadas e serviço de café. Eu me levantei para ajudá-lo e ele tentou me enxotar.

— Estou bem.

— Sim, mas deixe-me ajudar assim mesmo. — Eu disse.

Ele sorriu para Amalie.

— Você já não a ama, Ama?

Os olhos de Amalie, tão irritantemente parecidos com os de Lucian, brilharam.

— Sim, eu acredito que sim.

O calor subiu para minhas bochechas. Não me saía bem com elogios, o que era lamentável, visto que as pessoas adoravam bajular atrizes famosas. Não que Amalie e Sal estivessem bajulando. Eles genuinamente pareciam satisfeitos em conhecer o meu verdadeiro eu. Mas as inseguranças eram difíceis de se livrar.

— Eu poderia acabar sendo uma harpia estridente. — Senti-me compelida a dizer.

Amalie riu.

— Meu Deus, mas espero que você mostre um pouco de temperamento de vez em quando. Suspeito que você possa precisar disso em breve.

Com isso, ela pegou um telefone com uma capinha forrada de strass brilhante e digitou uma mensagem antes de colocá-lo de volta no bolso.

— Agora então, onde estávamos?

Amalie parecia muito satisfeita consigo mesma. Eu não tive que me perguntar o por que; alguns momentos depois, seu neto mal-humorado dobrou a esquina com uma expressão aflita, como se tivesse sido chamado para uma emergência. Quando viu sua avó sentada com um sorriso agradável, seus passos diminuíram, e aqueles olhos verdes de inverno se estreitaram em aborrecimento. E eu sabia que ele tinha sido enganado de alguma forma.

Mas ele não girou nos calcanhares e saiu. Ele visivelmente se preparou e avançou, o brilho em seus olhos prometendo vingança.

CAPÍTULO QUATRO

Lucian

Eu sabia. Eu realmente sabia. Quando Mamie mandou uma mensagem dizendo que precisava de mim e que eu me apressasse, e eu corri para atendê-la, largando o projeto que estava fazendo e indo em seu socorro. Eu sabia que era hora de ela tomar um café da tarde com Emma. Mas tudo que eu conseguia pensar era o que aconteceria se Emma tivesse se machucado, tropeçado ou – porra – caído da encosta da colina.

Ridículo. Eu era um otário.

Tudo ficou claro quando eu praticamente corri para o terraço e encontrei minha avó, Sal e Emma sentados em óbvia segurança e contentamento. Emma olhou para mim e depois para longe, como se estivesse envergonhada. Ela provavelmente estava – por mim. Porque estava claro para todos lá que minha avó astuta havia me enganado.

Esse era o problema; eu poderia deixar isso claro, voltar atrás e sair, mas isso enviaria uma mensagem para Emma de que eu não queria estar perto dela. E eu simplesmente não conseguia fazer isso. Eu poderia tentar evitá-la, mas não poderia ser rude.

Foi extremamente doloroso me aproximar da mesa. A mulher, de alguma forma, acionou um botão em meu corpo, fazendo-me consciente de cada centímetro dela. Ela respirou e eu percebi, droga.

— Mamie — eu disse para minha avó astuta. — Você mandou uma mensagem.

Ela estava sem arrependimento.

— Ah, sim. É hora do café. Sente-se.

Meus dentes de trás se encontraram com um clique, as juntas da minha mandíbula doendo enquanto eu reprimi meu aborrecimento e

sentei no lugar vazio em frente a Emma; Mamie foi esperta o suficiente para não me colocar ao lado dela, onde eu poderia fingir que ela não estava lá, mas bem onde eu poderia vê-la. E eu queria pra caralho.

Por sua vez, o olhar de Emma disparou ao redor, como se avaliasse a cena e descobrindo como agir de acordo. Eu não a culpei; era sempre estranho ser arrastado para os esquemas intrometidos de outra pessoa.

Minha avó era má. Sempre soube disso. Inferno, costumava me divertir quando ela usava esses poderes malignos para os outros, provavelmente por isso que eu estava sofrendo agora, durante a hora do café dos inferno. Carma. Era uma merda.

Eu olhei para o caminho que me levaria para longe daqui. Não há muitas chances de fugir agora.

Mamie voltou seus olhos de águia para mim.

— Titou, sua xícara.

Suprimindo um suspiro, entreguei a ela a frágil xícara de café de porcelana que era pequena demais para minha mão e se quebraria com um movimento errado.

Olhos azuis escuros pousaram em mim, sobrancelhas douradas e arqueadas erguendo-se delicadamente.

— Titou? Esse é o seu apelido? Você não se parece com um Titou.

Sal riu, engasgando com a boca cheia de café, e Emma – droga, até o nome dela era fofo – fez uma careta, como se tivesse lhe ocorrido que talvez tivesse sido rude.

Mamie soltou uma risada amável e gentil.

— De uma forma indireta, significa *garotinho*.

Os olhos de Emma se arregalaram quando seu olhar foi para o meu corpo. Uma chama acendeu em meu peito. Eu ignorei. Mas não pude ignorar a leve rouquidão em sua voz.

— *Garotinho?*

Inferno.

Mamie sorriu com indulgência.

— Bem, ele era pequeno na época.

— Deve ter sido quando ele tinha dois anos, — disse Sal em voz baixa.

Eu olhei para ele e ele piscou para mim antes de mandar um beijo.

— Dois? — Mamie balançou a cabeça antes de beber um gole de café. — *Non*. Meu Titou foi pequeno por um bom tempo. Isso até que ele começou a jogar — Ela se interrompeu tão rapidamente que quase engasgou, sua pele frágil ficando pálida.

Dentro de mim, tudo se fechava e rolava. Eu estava quase acostumado com a sensação, acontecia com tanta frequência agora. *Quase* não tornava remotamente melhor.

Uma pequena ruga apareceu entre as sobrancelhas de Emma, quando ela percebeu que algo estava errado.

Mas Mamie se recuperou rapidamente e deu um sorriso largo e tenso.

— Brincar, correr e assim por diante dando a ele um apetite para crescer. E por falar em apetites, vamos comer. Emma, querida, você deve simplesmente experimentar um destes.

Mamie gostava de uma grande variedade de doces, então havia macarons¹ variados, um prato de biscoitos amanteigados meio mergulhados em ganache agridoce, bolos de laranja e cardamomo cristalizados e, meu favorito, um brest de paris com creme de pralinê² e framboesas.

Emma hesitou, olhando para várias bandejas espalhadas sobre a mesa. Seus olhos vidrados, lábios rosados se separando em uma exalação suave. Desejo e luxúria reunidos em um só. Dessa forma, eu estava excitado.

Jesus. Será que esse café acabaria?

— Oh, eu não... — Emma parou, claramente, em guerra com o desejo por doces. Eu entendi. Durante a temporada e nos treinos, éramos monitorados sobre o que colocávamos em nossos corpos. A boa forma era tudo, e os treinadores tinham ideias específicas sobre como alcançá-la. Eu não tinha ilusões: Hollywood tinha um padrão de merda e exigente, especialmente para as mulheres.

Mamie colocou a mão no pulso fino de Emma.

— Eu era modelo; você sabia disso?

— Sério? — Emma balançou a cabeça ligeiramente. — Não estou surpresa. Você é linda.

Mamie sempre foi e não era nem um pouco humilde a respeito, mas era boa em representar o papel.

— Como você é gentil.

— Apenas afirmando um fato.

De uma mulher deslumbrante para outra, eu suponho.

— Isso foi nos anos 60 e 70 — Mamie escolheu um bolo de cardamomo e o colocou com cuidado no centro do seu prato como se fosse arte. — Todo mundo tinha que ser magro como um graveto. Esperava-se que um vivesse de água e cigarros — disse Mamie com certa aspereza, mas também havia uma nota de provocação.

O exagero fazia parte de seu vocabulário. Isso desconcertava algumas pessoas porque nunca sabiam quando ela estava falando sério. Essas pessoas nunca receberam um segundo convite.

Emma, no entanto, sorriu.

— Ainda não experimentei a dieta do cigarro. Não tenho certeza se meus pulmões aguentariam.

— Certamente que não. Mantenha-os rosados e saudáveis, querida.

— Vou tentar.

Eu não queria pensar em nada rosa ou saudável em Emma. Com um grunhido, peguei um macaron de cereja com baunilha. Emma percebeu – parecia que ela estava tão ciente de mim quanto eu dela – e então desviou o olhar rapidamente. Como eu, ela estava tentando ignorar o problema. De alguma forma, isso só piorou as coisas.

— Mas o que é a vida sem comida? — Mamie continuou com um encolher de ombros. — Não é uma que eu queira viver. Então... — Ela bateu com a mão na mesa. — Isto é o que você faz. Escolha um para experimentar e saboreie. Coma devagar, deixando os sabores tocarem na sua língua. E amanhã? — Seu encolher de ombros foi despreocupado. — Se você acha que realmente deve fazer algo, faça uma corrida longa até o topo da colina. Ou talvez simplesmente se imagine correndo e continue com o seu dia, que é o que eu faria.

Emma riu. E todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Jesus, a risada dela me afetava toda vez que eu a ouvia. Uma risada de quarto. O tipo que você esperava ouvir depois de uma boa e longa manhã de foda

preguiçosa, quando tudo estava lânguido e quente, e você ria pela simples diversão.

Eu engoli um bocado de macaron, e quase ficou preso. Eu não sabia porquê essa analogia em particular me veio à mente; certamente nunca tive manhãs assim. Nunca relaxei o suficiente com ninguém para chegar lá.

Mas a imagem permaneceu. Eu a vi à luz do sol, os cabelos dourados espalhados sobre o meu travesseiro amarrotado, seus lábios inchados e macios. Esfregando uma mão no meu rosto, tentei me recompor. Eu *não* estava fazendo isso. O olhar de Sal colidiu com o meu, e ele parecia a cerca de dois segundos de rir pra caramba. Sim. Ele sabia exatamente o quanto eu fui afetado.

— Imagine só, hein? — Emma disse, ainda sorrindo.

Eu sabia que ela estava falando sobre exercícios, mas o meu novo desejo sexual ouviu de forma diferente e continuou nos imaginando na cama. *Inferno*.

Mamie encolheu os ombros novamente.

— Tal como acontece com a vida, a comida é feita para ser apreciada. Nunca vá à guerra com ela, pois raramente vencemos.

O sorriso de Emma tinha o brilho do sol.

Eu me virei e foquei em Mamie. Ela estava encorajando Emma a escolher um doce. Pela primeira vez em, bem, sempre, um emaranhado de nervos cercou meu intestino. Eu tive pessoas comendo minha comida por anos. Eu não me importava de uma forma ou de outra o que eles pensavam disso. Cozinhar e assar eram hobbies que eu fazia para mim – mais ninguém. E, no entanto, aqui estava eu, querendo impressionar essa mulher com o que havia feito.

Emma mordeu o interior da bochecha, puxando uma pequena covinha. Ela poderia muito bem ser uma criança com aquela expressão animada.

— Hmm. Não sei. Todos eles parecem tão bons. — Ela desviou o olhar das guloseimas e olhou para o resto de nós. — O que você sugere?

Sal sugeriu os biscoitos. Mamie começou a oferecer bolo.

— O brest. — Saiu da minha boca em um comando rosnado.

Merda.

Os olhos de Emma se arregalaram.

— Desculpe? Seios³?

Sal deu uma risadinha.

Movendo-me na cadeira, lutei contra a vontade de me levantar e fugir.

Não pense, em hipótese alguma, em seus seios nus, idiota.

Sim, tarde demais.

— O Paris-Brest. — Com um movimento de cabeça, acenei em direção ao bolo em forma de roda. — É uma sobremesa com o nome em homenagem a uma corrida de bicicleta na virada do século XIX.

— Ah. — Ela corou. Isso foi fofo. — Certo. O *brest*.

— É o mais delicioso — disse Mamie, fazendo um excelente trabalho em esconder sua diversão. — Um pastel de pâte à choux⁴ – você sabe, como aqueles que têm no éclair⁵. Recheado com creme de praliné e coberto com framboesas frescas.

— Oh sim, por favor.

Antes que Mamie pudesse pegar a faca de servir, eu a servi. Eu não consegui me controlar. Se Emma fosse comer algo que eu criei, eu iria servi-la.

Mesmo que vê-la comer acabasse me matando.

Ela agarrou as laterais da mesa, como se tentasse se conter para não pegar o prato prematuramente. Garota gananciosa.

Meu pau aprovou. Demais.

Com a maior calma que pude, servi uma fatia, adicionando algumas framboesas, e depois servi Sal para que eu tivesse algo para fazer com minhas mãos. Elas pareciam muito grandes e pesadas do jeito que eram, tornando-se desajeitadas por um deslize de uma mulher de um metro e setenta e cinco.

Todos os meus esforços para ignorar Emma eram uma farsa. No segundo em que ela levantou a colher, eu respirei fundo, observando seus lábios rosados se separarem, e tive um vislumbre de sua língua. O doce de chantilly escorregou em sua boca e ela gemeu.

O som enroscando em torno do meu pau, espalmou minhas bolas com as mãos quentes. Eu quase gemi também. Eu conhecia o gosto em sua boca, o quão suave era aquele creme em sua língua. Esse era o meu

creme. Eu preparei ele. Minhas mãos lhe deram esse prazer, ela sabendo disso ou não. Seus gemidos eram por minha causa.

A pressa tomou conta de mim, e eu estava um pouco tonto.

Ela deslizou outra colherada na boca. Devagar. Saboreando. Suas pálpebras baixaram. Os cílios vibraram enquanto ela suspirava.

Doce santo inferno.

O silêncio caiu sobre a mesa e Emma parou, olhando em volta, constrangida. Ela lambeu uma migalha de bolo dourado do canto da boca – ela definitivamente iria me matar.

— Desculpa. É muito bom.

A satisfação tomou conta de mim, tão limpa e fria quanto gelo fresco. Eu queria tirar aquela colher da mão dela e alimentá-la eu mesmo. Fazê-la gemer de novo e de novo. Merda.

Grunhindo, me servi de uma fatia de bolo de cardamomo. Se eu comesse um pedaço de brest agora, provavelmente gozaria nas minhas calças.

— Onde você comprou isso? — Emma perguntou a Mamie.

— Oh, eu não comprei isso — disse Mamie. — Eles são caseiros.

— Sério? — Emma colocou uma framboesa na boca. — Você é uma confeitadeira maravilhosa.

Lancei a Mamie um rápido olhar de advertência, então ela apenas tomou um gole de café e cantarolou vagamente. Sim, eu fui um covarde por não querer que Emma soubesse que ela estava comendo minha comida. Mas era isso; eu me tornei... tímido sobre isso.

Sal nos observou o tempo todo, obviamente achando meu desconforto muito engraçado. Mas, em vez de me empurrar para baixo do ônibus, ele me jogou uma tábua de salvação – provavelmente porque morava em Rosemont e não queria ter que dormir com um olho aberto.

— Mamie é multitalentosa. — Ele largou a xícara de café vazia e pegou uma taça de champanhe. — Foi ela quem me ensinou a costurar.

— Isso é verdade — disse Mamie. — Ele era um garotinho fofo que costumava entrar no meu closet para brincar com meus vestidos enquanto seu pai estava aqui para trabalhar.

— Papi é o gerente de negócios de Amalie. — explicou Sal.

— Um dia — disse Mamie — Salvador rasgou sem querer um Halston.

— Ugh, — lamentou Sal, cobrindo o rosto com as mãos. — Era um vestido de noite vintage em lamé dourado.

Eu não tinha ideia do que era isso, mas adivinhei pela expressão de compaixão dolorosa que Emma fez.

Mamie riu com ternura.

— Ele ficou tão chateado com isso que eu o ensinei como consertar o rasgo.

— Eu nunca mais repeti o erro — Sal sorriu. — Ela me deu o Halston no meu aniversário de dezesseis anos.

Emma apoiou o queixo na mão.

— E você usou?

— Infelizmente, eu não era corajoso o suficiente para usá-lo. No momento em que eu estava pronto, eu não consegui passar aquela maldita coisa pelas minhas coxas. Ainda está pendurado no meu armário, no entanto. Você terá que arrancá-lo das minhas mãos frias e mortas.

Emma riu novamente. E enfiei outro macaron na boca. Eu provavelmente sairia da mesa com uma dor de cabeça causada pela comida, mas era me distrair comendo doces ou encarar Emma como uma idiota com olhos esbugalhados.

— Fiquei feliz por ter alguém com quem compartilhar meu amor pela moda — disse Mamie. — Infelizmente, meu Titou não estava interessado.

— Como você saberia, Mamie? — Peguei outro macaron. — Você nunca perguntou.

— Bem, agora posso. — Ela deu um tapa no meu braço de brincadeira.

O canto da minha boca se curvou.

— Tarde demais. Estou ofendido e não estou mais interessado.

— Menino petulante. — Mamie riu antes de torcer o nariz para mim.

Emma nos observou com olhos penetrantes.

— Vocês dois são muito próximos — ela disse quando nossos olhares se encontraram.

— Mesmo antes de meus pais falecerem, éramos próximos.

Se Mamie ficou surpresa por eu ter contado a Emma sobre meus pais, ela não demonstrou, mas me lançou um olhar carinhoso com os olhos nublados de afeto. Eu poderia ter amolecido com aquele olhar. Mas então me lembrei do que ela tinha feito. Eu lancei um olhar de soslaio para Mamie.

— Ela costumava ler histórias para eu dormir quando eu era pequeno.

Mamie ficou muito interessada nos anéis de pedras em seus dedos. Ela honestamente pensou que eu esqueceria seu pequeno plano para me trazer aqui?

Voltei minha atenção para Emma.

— Meu favorito era *O pastor mentiroso e o lobo*.

Os lábios de Emma se contraíram, uma luz entrando em seus olhos, e eu me encontrei retribuindo isso como se aquela leveza se derramasse em meu peito, expandindo a caverna oca. Eu lutei contra um sorriso, lutei muito, porque tudo que eu queria fazer era abrir um largo sorriso e rir com ela.

— Me assustou muito — eu disse suavemente. — Nunca enganei outra pobre alma de novo.

— Oh, está bem — Mamie retrucou com humor. — Considere-me castigada. Agora, cale a boca e coma seu bolo. Como um bom menino, hein?

Uma risada escapou de mim antes que eu pudesse controlá-la. Mas foi bom. Me senti melhor quando vi Emma, seus lábios se separando como se estivessem maravilhados, os olhos azuis brilhando. E então ela sorriu para mim, como se ela tivesse ganhado o dia por simplesmente me ver rindo.

O sorriso me atingiu, bem no meio, e por um segundo, eu não sabia como respirar. A única outra vez que me senti assim foi enquanto voava sobre o gelo, ziguezagueando pelos defensores e, com um leve movimento de pulso, mandando o disco para o gol.

A tristeza e a perda caíram sobre mim, frias e sombrias. Aquilo tirou o meu riso e me peguei cambaleando, sacudindo os pratos na minha pressa. O sangue correu em meus ouvidos; minha garganta estava dolorida e apertada. Minha voz soou distante quando murmurei uma desculpa esfarrapada.

— Com licença. Eu preciso ir trabalhar.

E então eu dei o fora de lá, sabendo que todos estavam olhando, sabendo que eu fiz papel de bobo. Eu simplesmente não conseguia encontrar forças para me importar no momento. Uma coisa era certa; eu precisava ficar longe de Emma Maron.

Mamie me encontrou uma hora depois. Não foi difícil me encontrar; eu estava na cozinha. Com o hóquei fora da minha vida, a cozinha se tornou meu refúgio, a única área que ainda parecia familiar e pura. Aqui, eu estava no controle total. Aqui, eu ainda era rei.

Não tirei os olhos da tarefa de fresar um limão Meyer. Havia uma certa satisfação em aniquilar frutas.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, aproximando-se da longa bancada de mármore. Visto que o pai de Mamie, meu bisavô, havia me treinado, ela sabia exatamente o quanto cozinhar significa para mim e o quanto eu precisava voltar a fazer isso. No dia em que cheguei em Rosemont, espancado e derrotado, ela praticamente me empurrou para a cozinha e me disse para trabalhar. Eu cozinhava para ela e Sal desde então.

— Tarte au citron⁶.

Mamie olhou para as doze pequenas formas de torta que eu havia preparado.

— Pequenas tortinhas. Delicioso.

Eu grunhi. Eu faria as tortas e, em seguida, começaria a fazer a massa planejada para passar a noite na geladeira. Eu estava fazendo experiências com pãezinhos de café da manhã, e o método parecia funcionar bem. Então, novamente, a massa era uma amante inconstante. O que funcionou um dia pode não funcionar no outro.

Mesmo assim, preferia trabalhar com massa agora. Descontar um pouco dessa... energia nela. Mas as tortas... bem, elas tinham que ser feitas.

— Peço desculpas por sair tão abruptamente. — Doeu dizer, mas algumas coisas sempre fariam.

Mamie resmungou levemente e sem censura.

— Compreendo. Embora talvez nossa convidada não possa.

Nossa convidada. Meu intestino sacudiu desconfortavelmente. Eu tinha um metro e noventa de altura e 100 quilos de ossos e músculos. Os homens temiam me enfrentar. E ainda assim eu fugi de uma mulher de um metro e setenta e cinco – que eu poderia levantar com um braço – como se minha bunda estivesse pegando fogo.

O que ela deve pensar de mim? Peguei outro limão, cortei no meio e amassei na peneira com a mão limpa. O cheiro cítrico brilhante e fresco invadiram meus sentidos. Ela gostava do cheiro de limão. Disse que eles a lembravam de felicidade.

A cozinha estava quente com o calor dos fornos, onde eu assava baguetes. No fogão, o jantar desta noite fervia lentamente, liberando o odor da mistura de vegetais assados no vinho e tomilho. Normalmente, eu encontrava prazer nessas coisas, mas não hoje.

— Você acha que eu deveria me desculpar com ela, é isso? — Eu gritei.

Mamie me encarou por um longo momento, depois suspirou.

— Só se você quiser. Desculpas falsas não valem nada.

— Eu farei isso — eu disse, me concentrando em meus limões. — Mas eu não quero.

Ela riu e colocou sua mão fria no meu braço.

— Ah, Titou, sua franqueza é uma coisa linda. Nunca mude.

— Hum.

— Deixe isso por enquanto. Talvez mais tarde...

— Mamie — Pousei o limão e virei em sua direção. — Você precisa parar com essa coisa de casamenteira.

— Casamenteira?

Eu dei a ela um longo olhar.

— Quero dizer. Não estou pronto para um relacionamento.

A ideia de me abrir para qualquer um, muito menos alguém que pudesse ter meu coração e, portanto, esmagá-lo, revirou meu estômago.

O fato é que eu me mantive longe das mulheres desde que Cassandra me deu um pé na bunda menos de um mês depois de eu ter parado de jogar. Ela deixou bem claro que minha posição no gelo era o que ela valorizava. Mais uma vez, eu estive em um lugar tão sombrio na hora – eu também tinha que assumir um pouco de culpa; não era mais fácil conviver comigo. Eu estava amargo quando ela foi embora, mas

não senti falta dela, o que foi bastante revelador. Eu me tornei *essa* pessoa, desejando superficialmente alguém pelo quão fácil eles tornaram minha vida, não por quem eles eram por dentro.

— Quem falou em relacionamento? — Mamie respondeu, como se não fosse exatamente o que ela estava planejando. — Eu só acho que você precisa de companhias da sua idade.

— Sal tem a minha idade — eu apontei apenas para irritá-la.

— E se você realmente passasse algum tempo com ele, talvez eu não me preocupasse tanto.

— Passamos bastante tempo juntos. Ele me diz o que quer comer e eu digo a ele para não deixar os sapatos na piscina. — A quantidade de vezes que eu tropecei em seus tamancos roxos de merda... Eu era capaz de atirar um na cabeça dele se acontecesse de novo.

— Oh, sim, uma conversa altamente profunda ali mesmo, — Ela zombou, depois esfregou o balcão, como se tentasse limpá-lo; meu espaço de trabalho era *imaculado*. — Emma é diferente.

Sem brincadeiras.

— Talvez você possa se relacionar com ela.

— Relacionar-me com ela?

— Sim, se relacionar — Mamie bufou. — Ela também se perdeu um pouco.

— Mamie... — Esfreguei meu rosto com a mão cansada. — Eu não me perdi um *pouco*. Eu estou... — Destruído. Minha garganta se fechou e peguei uma caixa de ovos e uma tigela. — Não sou o homem que costumava ser. Ele apenas... se foi. E o que está em seu lugar não é nada o que uma mulher com um pouco de bom senso desejaria.

O ovo bateu na lateral da tigela e eu o abri com cuidado, me concentrando em separar as claras da gema profundamente dourada.

— Dores de cabeça, frustração, raiva, apatia. Tento controlar essas coisas, mas elas estão lá do mesmo jeito. Não a empurre na minha direção. Ela merece mais do que qualquer coisa que eu possa oferecer, Mamie.

Não vi minha avó se mexer, mas de repente seus braços frágeis envolveram minha cintura e ela me abraçou por trás, apoiando a cabeça nas minhas costas.

— Titou. Mon ange⁷.

Fechei os olhos, me sentindo terrivelmente perto de chorar. Eu *não* chorava. Nem mesmo quando me disseram que eu tinha que parar com o hóquei. Mas eu tinha que fazê-la entender.

— Perdi tudo o que significava algo para mim.

Mamie me deu um aperto surpreendentemente forte e feroz.

— Você está *aqui*. Vivo. — Ela recuou e me olhou com olhos raivosos. — Pode não parecer nada agora. Mas você está vivo. E isso é tudo que importa.

Esse foi o problema. Eu poderia ter continuado no esporte que amava de todo o coração. E arriscar morrer. Eu escolhi a vida, mas não me sentia vivo. O acampamento de treinamento começou há poucas semanas. A consciência disso parecia como um buraco negro em meu peito.

Eu soltei um suspiro e quebrei outro ovo.

— Estou aqui, — concordei. — E isso tem que ser o suficiente por agora.

Ela cantarolou, o som desconfortavelmente semelhante aos meus próprios ruídos evasivos.

— Não vou mais forçá-lo, Titou. Apenas tenha em mente que há uma jovem aqui que está sozinha e insegura sobre a vida.

Como se eu pudesse esquecer.

CAPÍTULO CINCO

Emma

Depois da partida abrupta de Lucian – considereei isso depois que ele se levantou e fugiu da mesa – eu passei o resto do tempo tendo uma conversa estranha com Amalie e Sal.

Nenhum deles deu desculpas pelo comportamento de Lucian, e eu não esperava que o fizessem. Obviamente, havia algo pessoal acontecendo com ele. Não era minha função consertar isso ou ele. Mas isso não me impediu de querer conhecê-lo. O que era perturbador.

Dei uma longa caminhada pelas trilhas que serpenteiam pelos jardins de frente para o mar. Quando terminei, o sol estava se pondo em uma bola de fogo líquida atrás de um mar azul escuro. Eu assisti ele se pôr, os braços em volta de mim para me aquecer, então voltei para minha casa.

Eu disse a Amalie que planejava ficar em casa para jantar e, quando voltei, encontrei uma caçarola no meu fogão acompanhada de uma garrafa de vinho tinto e uma baguete crocante. A caçarola acabou sendo um coq au vin⁸ incrivelmente boa que eu saboreei na frente do fogo enquanto mergulhava pedaços de pão no molho rico e escuro e saboreava um cabernet delicioso.

Uma coisa era certa. Eu ia ser mimada com comida aqui. Quase perdi a caixinha branca na minha geladeira, apenas notei quando fui guardar minhas sobras. Curiosa, tirei a caixa e desamarrei a fita vermelha que a mantinha fechada.

Dentro havia uma torta amarelo-dourada, seu creme tão liso e brilhante que brilhava à luz da cozinha como um pequeno sol. Um

minúsculo coração de chantilly estava no centro da torta com uma única folha de alecrim espetada no delicado centro.

Encantada, peguei a torta e a servi em um prato. Era quase bonita demais para comer, e minha dieta certamente não precisava de mais doces, mas me lembrei do delicioso sabor de caramelo das guloseimas da tarde e não pude resistir.

O creme se partiu de maneira limpa em minha colher, a crosta esfarelando um pouco. Fechando meus olhos, empurrei a colher pelos meus lábios e gemi. A doce torta de limão, brilhante como o amanhecer, combinada com creme delicado e uma crosta rica em manteiga. Perfeitamente equilibrado, ela se desfez sobre minha língua como um beijo, jogado ao longo dos lados em uma provocação evasiva, me levando a dar outra mordida.

Pairando sobre a bancada, eu comi aquela torta de olhos fechados, mordida após mordida deliciosa. Deixando isso preencher meus sentidos.

Não era normal ficar emocionada com uma sobremesa, mas me peguei chorando. Tinha um gosto estranho de esperança, aquela torta. Como se tudo estivesse bem se coisas assim existissem no mundo.

Alguém colocou toda a sua habilidade e cuidado em algo que não era para durar, mas para ser apreciado no momento. Em troca, também me senti cuidada.

Minha colher atingiu o prato vazio e abri os olhos com um gemido. Recusei-me a lamber o prato. Entretanto, cedi e passei meu dedo nele para pegar um último pedaço de creme. Chupando meu dedo, coloquei o prato na pia, em seguida agarrei o suéter grosso que deixei na cadeira.

Eu precisava de ar depois de um tratamento como aquele. Ainda emocionada, mas também contente, saí para a varanda que projetava para fora do meu quarto. De onde eu estava era possível ver claramente a piscina logo abaixo.

Com as luzes acesas, a piscina brilhou como uma profunda turquesa na escuridão. Rajadas de vapor saindo da água deixaram claro que a piscina estava aquecida, e pensei brevemente em descer para nadar. Mas eu estava muito cheia para me mover.

A vista era encantadora. Lanternas marcavam os caminhos sinuosos pelos jardins. Édith Piaf⁹ saiu à deriva, triste e agridoce, numa noite amena. Descansando meus braços na grade da varanda, ouvi “La Vie en Rose” e quase senti como se eu estivesse em um filme clássico. Eu podia ver o roteiro agora:

EXT. ANTIGA PROPRIEDADE DA CALIFÓRNIA – NOITE

Mulher jovem olha melancolicamente para a noite. Um suéter está pendurado em seus ombros, afastando o frio.

Eu estava tão envolvida na fantasia que quase perdi o movimento nas sombras à beira da piscina. Um homem entrou na área iluminada pela luz e olhou para a água. Vestido com jeans e uma camisa de mangas compridas de alguma cor escura, ele estava de costas para mim. Mas reconheci sua altura e a largura daqueles ombros fortes instantaneamente. Lucian.

Ele colocou uma caixa de ferramentas na escada da piscina e tirou uma chave de fenda para apertar os parafusos ao redor da base. Feito isso, ele colocou a caixa de ferramentas de lado e se levantou para esticar os músculos antes de abaixar os braços.

Enquanto eu o encarava, *ele* encarava a água, como se ela pudesse lhe dar uma resposta. Para quê, eu não tinha ideia, mas um fio de preocupação percorreu minhas costas. Porque ele parecia perdido. Posso estar totalmente errada sobre isso, mas fazia parte da minha arte estudar a linguagem corporal. Sua derrota era evidente.

Deixando minha postura ereta, me perguntei se deveria chamá-lo. Mas o que eu iria dizer? Eu não fazia ideia. *Eu deveria dá-lo privacidade.* Eu estava prestes a fazer exatamente isso.

Então ele se moveu.

Todos os pensamentos voaram da minha mente quando ele puxou a camisa por cima da cabeça, revelando o elegante movimento de suas costas, os músculos rígidos ondulando sob a pele lisa. Braços, esculpidos como os de um deus, se abaixaram e....

— Oh, Jesus Cristo — murmurei com fervor.

Ele tirou a calça jeans e mostrou uma bunda que era, francamente, espetacular. Aquelas esferas firmes flexionaram quando ele chutou o jeans para longe com uma perna longa.

Vire-se. Dê o fora daqui.

Eu não deveria olhar. Eu apreciava a minha privacidade e estava olhando descaradamente Lucian ficar nu. Ele merecia sua privacidade também. Mas eu não conseguia piscar. Eu não conseguia me mover. Ele era... glorioso. Meus dedos agarraram o corrimão, segurando firme.

A luz da piscina deu à sua pele um tom esverdeado sobrenatural. Ele alongou os ombros... *bom...* e então mergulhou. A água ondulou para fora do seu rastro. Na verdade, eu estremeci de luxúria enquanto o acompanhava ao longo da piscina, uma flecha de carne pálida disparando através do brilho turquesa.

Silenciosamente, ele emergiu do outro lado da piscina, e em seguida, habilmente se virou para voltar. Forma perfeita. Braços longos e fortes. Golpes limpos e constantes.

Édith Piaf continuou cantando enquanto Lucian estabelecia um ritmo constante, mas brutal. Ele foi até lá, volta após volta. Fiquei bastante tonta com pensamentos rudes sobre sua resistência. A noite estava fria, mas meu corpo estava quente. Deus, aquela água parecia tão boa. Eu praticamente podia senti-la correndo pela minha pele febril.

Meu coração batia forte contra minhas costelas no mesmo ritmo das batidas de seus braços cortando a água com um chuff, chuff, chuff. Eu não pisquei. Eu me enganava pensando que tinha que continuar cuidando dele. Verificar se ele estava bem.

A mais tênue das desculpas. Mas havia algo sobre a maneira como ele atacava a água, a maneira como seu corpo se movia, que não podia ser ignorado.

“Non, Je Ne Regrette Rien” começou a tocar quando ele finalmente parou, descansando os braços na extremidade mais próxima da piscina. Ele flutuou lá por alguns segundos, talvez recuperando o fôlego. Água pingou de seu cabelo em seu rosto.

Eu deveria ir. Eu preciso ir.

Em um momento.

A música cresceu durante a noite, orgulhosa, esperançosa, agrídoce.

Eu senti tudo ao meu redor. Tudo ao seu redor. E, naquele momento, sofri por Lucian. Eu não sabia por que ele estava machucado

ou o que levou a isso. Mas eu queria colocar meus braços em volta daqueles ombros largos e os segurar.

Então ele plantou suas grandes mãos na lateral da piscina e, com um empurrão sem esforço, se lançou para cima e para fora da água.

— Doce misericórdia... — Meus joelhos ficaram fracos e agarrei-me ao corrimão para não cair. *Oh, Édith, também não me arrependo de nada.*

Seu corpo era uma escultura de Bernini que ganhou vida – Tritão olhando para meros mortais. A água arrastando sobre as ondulações dos músculos, escorrendo por depressões e sulcos cortados, indo direto para...

Seu pau. Mesmo de longe, era impressionante. Longo e grosso, com uma cabeça larga e bolas rechonchudas. Meus lábios se separaram, o calor ruborizou minhas bochechas e meus mamilos endureceram.

Lucian passou as mãos pelo cabelo molhado, afastando o amontoado brilhante e escuro de seu rosto limpo e forte. Não é bonito ou belo como modelo. Ele era muito brusco para isso, todas as linhas duras e agressivas. Mas lindo do mesmo jeito.

E desolador. Minhas partes felizes esfriaram. Sua expressão era totalmente sombria. Fria como gelo. Eu poderia ser poética sobre sua aparência a noite toda, mas isso não mudaria o fato de que este homem era um estranho. Um que estava distante e fechado como uma parede congelada. Eu cresci com homens que usavam essa expressão. Eu fugi daqueles homens. E hoje, ele praticamente fugiu de mim. Eu precisava me lembrar disso e manter distância.

Lentamente, recuei. Lá embaixo, Lucian se moveu, seja para recolher suas roupas ou nadar novamente, eu não sabia. Eu não olhei. Eu não deveria ter olhado para começar, não deveria ter me deixado envolver na fantasia dele.

CAPÍTULO SEIS

Emma

Minha pequena casa tinha uma cozinha, mas eu estava começando a me perguntar se algum dia precisaria usá-la. Acordei de um sono surpreendentemente tranquilo, visto que foi assombrado por imagens de um certo homem nu nadando intermináveis voltas, para encontrar o sol brilhando e meu ânimo elevado. Quando alguém bateu na porta, me envolvi em um robe e a atendi para encontrar Sal carregando uma grande cesta de piquenique de vime.

— Café da manhã! — ele anunciou com alegria.

— Você não precisava fazer isso. — eu disse, pegando a cesta dele.

— Menina, não diga, em hipótese alguma, não à cozinha da casa.

— Ele balançou as sobrancelhas. — Confie em mim; você sairá perdendo.

Dado o delicioso aroma de pão fresco flutuando pela tampa, não duvidei de sua palavra.

— Você gostaria de compartilhar alguns? Posso fazer café.

— Certo. Mas tem café na cesta. A casa não aprova café passado no coador.

— Uau. — Não admira que pesasse uma tonelada.

Eu o deixei entrar e, juntos, esvaziamos a cesta, colocando tudo no balcão da cozinha. Junto com café francês e creme fresco, havia um pote de iogurte grego de mel, um prato com frutas brilhosas – melão amarelo, melão europeu e cerejas – um pequeno pote de geleia de morango e pãezinhos com aroma adocicado.

— *Pain aux raisins*¹⁰ — Sal me informou. — O favorito de Amalie.

— Eles têm um cheiro delicioso. — Eu me aproximei um pouco, baixando a minha voz. — Não diga a ela, mas eu odeio uvas passas. Então você pode ficar com eles.

— Oh, não vou contar nada a Amalie — Sal prometeu solenemente. — Mas a casa tem uma maneira de descobrir do que você gosta.

— Você diz isso como se a casa fosse a sua própria entidade.

— Quando se trata da cozinha, pode muito bem ser.

Eu ri e comecei a colocar nossas guloseimas na bandeja de prata fornecida.

— Ela tem um chef temperamental?

— Muito temperamental. Mas você não precisa se preocupar com ele. Se acontecer de seus caminhos se cruzarem, tenho certeza de que ele será um grande gatinho perto de você.

— Não, obrigada. Eu lido com egos suficientes na minha profissão.

Sal claramente lutou contra um sorriso, mas ele apenas pegou a bandeja e eu peguei a jarra de café de prata e as bonitas xícaras de porcelana.

Levamos nosso café da manhã para o terraço e o colocamos na mesinha do café. Parte de mim queria evitar este local com sua vista perfeita da piscina, mas isso era ser covarde. Além disso, ele não estava lá agora. Tentei não ficar desapontada. Ou culpada.

— Então... — Sal deu uma mordida no melão. — Quais são seus planos para hoje?

— Fazer absolutamente nada.

— Bom plano.

Provei o iogurte e quase gemi. Jesus, tudo aqui era espetacular. Rico e cremoso, com apenas um toque de mel, derreteu na minha língua e despertou minhas papilas gustativas. Um gole de café com notas de chocolate e caramelo me fez suspirar de apreciação.

— Pensando bem, definitivamente preciso fazer algum exercício, ou logo não caberei em minhas roupas.

— Culpe o novo chef de Amalie. Eu ganhei 4,5 kg só este mês. — Ele deu um tapinha no que parecia ser uma pequena barriguinha escondida sob uma blusa de seda esvoaçante com um padrão azul e roxo vívido.

— Isso é um Pucci? — Eu perguntei, então retomei a devorar meu iogurte.

— Você conhece a sua moda.

— Alice, uma das figurinistas, falava sem parar sobre moda. — Meu bom humor se esvaiu como uma brisa quando percebi que não tinha ideia de quando a veria novamente.

Sal deve ter notado, porque ele me olhou com olhos bondosos.

— Você sente falta do show quando a temporada chega ao fim, não é?

Ele não sabia que eu nunca voltaria. Eu queria contar a ele, mas não pude. Isso não significa que eu não poderia admitir algumas coisas.

— Sim. A cada temporada, nunca acho que será difícil... — Meus olhos embaçaram e pisquei ferozmente. — É realmente ridículo. A vida de um ator está mudando de papel para papel. Fazemos nosso trabalho, vamos para casa... mas todos nós temos uma química tão boa que eu... realmente sentirei falta deles quando a temporada acabar.

— Só porque todas as coisas boas devem chegar ao fim, não significa que não podemos lamentá-las.

— Você tem razão. — Deus sabia que eu estava de luto.

— Além disso, você estará de volta ao set no próximo ano — Sal colocou uma colher de frutas no meu prato. — Aqui, experimente os melões. Eles são fabulosos.

Os melões eram, de fato, fabulosos.

Depois que Sal saiu, insistindo em levar os pratos e a cesta de volta para a cozinha principal para mim, me enrolei na poltrona funda perto da lareira vazia e tentei ler. Mas minha mente continuou vagando, distraída por pensamentos de coxas grossas e abdômen firme.

Eu não sabia o que diabos estava acontecendo comigo. Eu já tinha visto homens nus antes. Inferno, Saint tinha o corpo de um deus, e fizemos inúmeras cenas juntos seminus sem eu nem piscar. Ele era apenas uma bela paisagem, no que me dizia respeito. Greg, o idiota, também tinha um corpo espetacular, que eu apreciava muito bem – bem, antes de descobrir que era habitado por um idiota traidor.

Mas essa memória quente e pulsante de Lucian nu me perturbou profundamente. Eu queria tocá-lo. Eu queria correr minha língua até o vale puro entre seu abdômen para coletar aquelas gotas de água,

colocar minha boca em seu mamilo tenso e sacudi-lo, fazê-lo gemer e estremecer.

— Oh, pelo amor de Deus — exclamei, jogando meu Kindle de lado e me levantando. Ler era uma causa perdida. Eu precisava de ar.

Já que não conseguia tirar a imagem de Lucian da minha cabeça, eu iria exorcizá-la encarando a cena do crime; eu iria nadar. Talvez um mergulho em água fria pudesse lavar meu pecado de voyeurismo.

Decidindo ignorar os biquínis que eu trouxe, eu coloquei um maiô retrô conservador azul claro que eu poderia nadar sem me preocupar com nada subindo e escorregando. Eu estava bem ciente da hipocrisia de não querer exibir meu corpo para nenhum observador em potencial, quando era culpada de ficar boquiaberta na noite anterior. Mas eu não estava tentando chamar atenção. Eu queria nadar.

Claro que sim, Em. Continue dizendo a si mesma que é tudo o que você deseja.

Disse à minha voz interior para calar a boca e deslizei um vestido de verão amarelo pela minha cabeça. Espalhei o protetor solar e com um chapéu firmemente no lugar, peguei minha bolsa de praia e saí.

O terreno ao redor da casa principal estava vazio. Ao fundo, ouvi o som de um cortador de grama ou talvez um corta-arbustos, então havia pessoas por perto em algum lugar. Sal me disse que planejava passar o dia comprando tecidos em Santa Bárbara. Eu não tinha ideia do que Amalie estava tramando, mas não queria me meter com ela. Quanto a *ele*, disse que estava reformando as outras casas de hóspedes. Eu vi duas delas escondidas do outro lado da propriedade, muito mais remotas do que a minha. Então, talvez ele estivesse lá.

Não importa. Eu também não estava aqui pelo Lucian. Mesmo assim, os nervos saltaram e socaram minha barriga quando me aproximei da piscina. Os saltos das minhas sandálias de tipo slingback estalaram ao longo da pavimentação de terracota. A piscina estava parada e de um azul profundo ao sol. E embora eu estivesse aqui para nadar, passei por ela, como se Lucian pudesse emergir de suas profundezas e me encarar. O que era ridículo, considerando que a água era cristalina – sem um homem gostoso à vista.

Na outra extremidade da piscina havia uma casa da piscina com colunas em estilo italiano que sustentava um terraço coberto de

glicínias. As portas francesas de vidro da casa da piscina estavam abertas. Não pude deixar de espiar. A adorável sala de estar era decorada em estilo country francês, com paredes azul esverdeado, tapetes de sisal, sofás de linho amarelo desbotado e lindas lâmpadas de alabastro com cortinas azuis pontilhadas aqui e lá.

Uma cozinha ficava de um lado, e atrás de um par de cortinas de damasco azuis abertas, uma cama de ferro branco estava dobrada na alcova do outro lado. Várias obras de arte estavam no chão, encostadas na parede. Uma caixa cheia de pequenos vasos e várias bugigangas decorativas estava ao lado delas.

Alguém ainda estava colocando coisas ou levando-as embora. Então eu notei o par de jeans desbotados caído em um monte no final da cama, botas de trabalho gastas jogadas ao lado deles.

O sangue correu para a ponta dos meus dedos e depois voltou para as minhas bochechas. Eu conhecia aqueles jeans.

Era o quarto dele. Merda, merda, *merda*.

Com o coração batendo forte, me virei para correr e quase acertei um peito largo. Duas pernas de merda. O calor queimava minhas bochechas enquanto eu fazia uma careta, desejando me afastar deste local. Mas não era para isso acontecer.

O profundo ruído mal-humorado de sua voz cortou o silêncio denso.

— Posso te ajudar com alguma coisa, Em?

Engolindo minha dignidade, inclinei meu queixo – porque ele era tão alto – e o encarei.

Um arrepio percorreu meu corpo com a frieza em seus olhos verde-claros. Ele me inspecionou, como se tivesse encontrado um rato em seu quarto.

Lambi meus lábios secos e tentei falar. As palavras escaparam em uma pergunta crepitante.

— Não?

Os olhos glaciais se estreitaram.

— Você não sabe? É algo que precisamos discutir? Sua propensão para responder a perguntas com um incerto *não*?

Droga. Este homem não ia me transformar em uma covarde. Eu levantei meu queixo, o que infelizmente empurrou meus seios para

fora, não que ele parecesse notar.

— Eu estava prestes a dar um mergulho.

Deus, isso parecia ridículo.

Sua sobranalha se ergueu, como se ele concordasse.

— A piscina fica por ali, Em.

Em. Gostei da maneira como ele disse meu nome; tanto sentimento em uma sílaba. Mas não do humor presunçoso em seus olhos.

— Eu estou ciente.

— E então? Você decidiu bisbilhotar aqui primeiro?

Se eu não estava da cor de um tomate agora, era por pouco. *Não importa. Atue.*

— Não, eu não decidi *bisbilhotar*. Eu vaguei ao redor da piscina, vi a porta aberta e...

— Bisbilhotou.

Eu rosnei. Pelo menos, soou como um pequeno rosnado. Lucian ficou surpreso, mas sua expressão passiva e nada impressionada permaneceu.

— Bisbilhotar insinua que eu estava mexendo nas suas coisas. Uma rápida olhada dentro de uma sala é mais parecida com a... — Minha voz sumiu enquanto eu lutava para encontrar a palavra certa.

Com um grunhido duvidoso, ele cruzou os braços musculosos na frente do peito e me deu um olhar que afirmava claramente que ele sabia que eu estava falando merda, mas gostou de me ver tentando me livrar disso.

Droga. Eu soltei um suspiro.

— Tudo bem. Peço desculpas por *bisbilhotar*. Não foi minha intenção. É apenas um quarto muito bonito. — *Muito bonito para você*, acrescentei silenciosamente.

Estranhamente, eu tinha quase certeza de que ele ouviu as críticas não expressas. Seus lábios se contraíram, chamando minha atenção. Eles estavam pálidos contra a barba por fazer escura de sua mandíbula e queixo. Pálidos e largos. Uma boca móvel, Tate teria chamado assim. O tipo de lábios que eram expressivos, beijáveis.

Exceto quando eles se apertaram. Com um choque, percebi que estava olhando.

— Você terminou?

Eu vacilei com a pergunta claramente colocada. Deus, eu tinha? Eu queria olhar para eles novamente. O que era horrível, considerando que ele estava irritado e mal-humorado e, obviamente, queria que eu fosse embora.

Faça tudo com calma.

— Com o quê?

Sim, muito bom, Em. Muito suave.

Ele suspirou, lento e longo, como se estivesse lidando com uma idiota. Admito, eu me senti um pouco como uma neste momento.

— Acabou de olhar ao redor? — Ele parecia agradável, como se em breve pudesse oferecer chá.

Droga, eu interpretei uma princesa durona. Aquela que nunca ficou perturbada. *Procure essa dignidade remota, Em.*

— Sim, terminei.

— Nenhum pedido por uma tour?

Oh, isso foi fofo.

— Não, obrigada. Já vi o suficiente.

Estranhamente, ele não se moveu. Eu teria que contorná-lo para sair. Não que eu fosse me sujeitar a essa humilhação. Eu levantei minhas sobrancelhas, deixando a pergunta surgir em meus olhos. Ele ia sair do meu caminho ou o quê?

Ele não fez isso. Ele olhou, duro, intransigente. Mas então seu olhar baixou, apenas uma fração de segundo, pelo meu corpo. Eu senti isso nos meus dedos dos pés. Como se irritado com o deslize, ele grunhiu e voltou a me encarar, mas parecia mais irritado consigo mesmo do que comigo.

Mesmo assim, eu não estava me sentindo muito caridosa no momento.

— E *você* já terminou?

— Terminei?

Eu sorri docemente.

— De me inspecionar.

Ele fez uma pausa, aqueles cílios absurdamente longos tocando sua bochecha quando ele piscou. Então foi como se uma luz se apagasse

em sua cabeça e um sorriso lento e fácil se espalhasse por seu rosto. Isso o transformou. De bruto taciturno a homem bonito.

O gelo derreteu de seu olhar, transformando aqueles olhos verdes em vidro marinho translúcido. Esse olhar me atraiu, impossível de desviar o olhar, embora uma pontada de advertência dançasse na minha espinha – porque havia algo naquele sorriso maligno a considerar.

Então ele falou com um sotaque profundo e carregado de doçura.

— Qual é o limite de tempo aceitável? Quanto tempo você ficou olhando ontem à noite?

Oh, não, não, não.

O sangue correu do meu rosto em picadas quentes de horror. Um som estrangulado escapou dos meus lábios.

Lucian se inclinou, perto o suficiente para que eu sentisse o cheiro de chocolate amargo e laranja doce. Por que ele tinha que cheirar a sobremesa? Ele parecia ainda melhor – como creme quente e mel.

— Você gostou do que viu? — A pergunta rasgou a minha pele, afundou em meus ossos, uma carícia suave que me desafiou a responder *sim*.

Antes que eu pudesse, ele continuou, aquela voz suave aguçada com cinismo.

— Ou você é uma constante bisbilhoteira?

Meus olhos abriram. Eu não tinha percebido que os tinha fechado. Ou que ele estava tão perto. Eu poderia estender a mão e tocá-lo se quisesse. Esfregar minhas palmas sobre o seu peito firme e plano... então registrei o que ele disse. O desdém, o sarcasmo.

Um ímpeto de pura raiva avançou. Porque outra coisa ficou perfeitamente clara.

— Você sabia que eu estava lá desde o início.

Ele não vacilou.

— Sim, eu sabia.

Eu não queria achar isso excitante ou quente. Mas eu fiz. Droga.

Mas eu era uma atriz. Eu poderia fingir.

— Bem, então eu acho que tenho que perguntar, você realmente esperava que eu desistisse de um show oferecido de graça? — Quando ele piscou surpreso, eu resmunguei em reprovação — Quem iria suspeitar que você era um exibicionista. Diga-me – o que te excita é

saber que eu estava assistindo? Ou será que qualquer um olhando resolve o problema?

Lucian soltou uma risada, como se não pudesse acreditar na minha audácia, mas meio que gostou. Suas pálpebras baixaram enquanto seu olhar deslizou de volta para minha boca. E tudo ficou nebuloso, o ar entre nós muito pesado. O estrondo de sua voz ondulou ao longo da minha pele, lambendo minhas coxas trêmulas.

— Você realmente quer que eu responda isso, Em? Sabendo que você pode não gostar da minha resposta?

Oh, que arrogância. Eu respirei fundo, pronta para repreendê-lo. Seus olhos brilharam com faíscas quentes, como se ele quisesse que eu lhe batesse, como se fosse a desculpa que ele precisava para fazer o mesmo.

Mas não foi violência que imaginei. Foi sexo. Frenético, suado, com raiva...

Uma voz alegre e divertida interrompeu meus pensamentos reveladores.

— Como é maravilhoso ver vocês dois se dando tão bem.

Como se tivessem sido eletrocutados por um cutucão, nós dois nos endireitamos e nos viramos como um só em direção à voz.

Parecendo a bruxa Endora¹¹ de cabelos escuros, Amalie estava parada na porta aberta com uma pequena curva de sorriso em seus lábios finos rosa choque.

— Pare de ofegar em cima da nossa convidada, Titou.

Quando ele rosnou baixo em sua garganta, ela sorriu mais amplamente.

— Meu Deus, mas você está agitado. Talvez vocês dois precisem se refrescar um pouco na piscina.

Com isso, ela deu meia volta e se afastou, nos deixando trocar mais um longo olhar inquieto antes que Lucian se afastasse. Assim que ele se foi, meus ombros cederam e soltei um suspiro. O homem era muito poderoso. E Amalie estava certa; eu definitivamente precisava de um longo mergulho para me acalmar.

CAPÍTULO SETE

Lucian

O que eles dizem sobre os planos mais bem elaborados? Eu estraguei meu plano de ficar longe de Emma e o enviei para o inferno. Pior, Mamie nos pegou... discutindo... e pensou que sabia algo que realmente não sabia. Ela seria implacável agora.

Juntei minha massa e a amassei, empurrando com o rolo que estava em minhas mãos, então juntando a massa fresca e saliente de volta com meus dedos, repetidamente. Era hipnótico. Necessário.

Na época em que o hóquei era minha vida, eu levava minhas frustrações para o gelo. Mesmo que fosse apenas para amarrar meus patins e sair por aí patinando. Eu poderia passar horas no gelo, apenas voando.

Incapaz de me ajudar, fechei os olhos e me lembrei. Quase podia sentir o ar gelado em meu rosto, o deslizar sutil de meus patins. Quase pude ouvir o barulho do meu taco no gelo, a sensação que senti ao bater no disco.

Meu peito apertou. Forte.

Porra.

Abrindo os olhos, voltei a amassar, pegando a massa para jogá-la com força no balcão. Eu tinha escolhido um bom pão de sanduíche de massa fermentada para fazer, sabendo que a massa exigiria amassar bastante para fazer o glúten funcionar.

Esta era minha terapia agora. Assar e, em menor medida, cozinhar. A precisão e concentração necessárias para criar algo verdadeiramente excepcional lotou meu cérebro e não deixou espaço para todos os outros pensamentos obscuros e distorcidos. Por um tempo, pelo menos.

Mas eu não conseguia tirar Emma Maron da minha cabeça. O que era um problema. Foi minha culpa continuar a me envolver com ela. Mas o que eu deveria fazer quando entrei em minha casa temporária e encontrei uma princesa fada olhando ao redor com grandes olhos azuis? Eu tinha que tirá-la do meu espaço. Achei que ela se assustaria facilmente e fugiria.

Em vez disso, ela pagou para ver e me deixou duro e dolorido por ela. Ela queria saber se importava quem me visse nu. Como se houvesse alguma dúvida.

Eu a avistei na pequena varanda no momento em que caminhei até a piscina. Foi um choque leve, mas não o suficiente para me impedir. Saber que ela estava assistindo tinha sido um pouco excitante, uma pequena emoção na minha vida de alguma forma sóbria. Eu até brinquei, saindo da piscina de uma maneira que eu sabia que a deixaria ver tudo. Não tinha me excitado, exatamente. Meu coração estava muito pesado com memórias antigas na noite passada. Mas tinha sido algo diferente, algo diferente da raiva fervente e da frustração que eu normalmente carregava.

Quando eu olhei para cima para descobrir que ela havia sumido, fiquei estranhamente desapontado. Tolo. Apesar de nossa discussão acalorada, eu não estava prestes a tentar nada com Emma. Eu só queria ficar sozinho.

Sim, eu era como Greta Garbo. Eu também era um mentiroso.

A verdade mal se cristalizou em minha cabeça quando Sal entrou, vestindo um cafetã de seda roxa e azul que era o mesmo que Amalie usava hoje.

— Você tem que parar de se vestir exatamente como Mamie — eu disse como forma de saudação. — Está fazendo minha cabeça ficar confusa.

Ele parou do outro lado do balcão.

— Não me diga que você tem problemas com homens que têm um gosto fabuloso para roupas.

— Por favor. Quem trouxe para você aquele vestido drapeado amarelo-banana caro que você precisava ter quando estávamos em Paris cinco anos atrás? Se era fabuloso, é discutível.

O olhar de desgosto de Sal quase me fez sorrir.

— Só você se referiria a um lindo vestido de alta-costura Tadashi Shoji como um *vestido drapeado amarelo-banana caro*. Sério, Luc, o desrespeito.

— Era drapeado e amarelo.

— Argh. — Sal suspirou dramaticamente e então me olhou. — Não estou *me* vestindo como Amalie.

— Sim você está. À risca, como diria Amalie. — Eu olhei para ele antes de voltar para minha massa. — Você até está usando o mesmo tom de batom que ela está usando hoje.

Sal olhou para si mesmo no reflexo de uma panela de cobre pendurada e então franziu a testa.

— Merda. Você tem razão. Estamos nos fundindo.

— Eu não posso lidar com duas Mamies agora. Uma é mais do que suficiente.

Sua risada foi autodepreciativa, porque nós dois conhecíamos o poder de Mamie; sem nem mesmo tentar, ela tinha um jeito de envolvê-lo em seu mundo.

— Tudo bem. Vou deixar o Pucci para Amalie. Mas não vou desistir da minha Dolce ou Chanel.

— Além de Chanel, eu não sei o que qualquer uma dessas coisas são.

— Mas você conhece Chanel.

— Todo mundo conhece, certo? — Não me incomodei em mencionar que Cassandra amava todas as coisas da Chanel – não o perfume particular de Amalie, graças a Deus – mas eu recebia contas suficientes para conhecer a casa de moda e temê-la. Cassandra gostava de fazer compras. Bastante.

Foi um alívio perceber que não sentia falta dela. Nem mesmo a ideia dela. Bati a massa no balcão com um baque satisfatório e depois olhei para Sal. Eu o conhecia pela metade da minha vida neste ponto, mas enquanto eu estava me tornando uma sombra de quem eu tinha sido, ele tinha se tornado ele mesmo.

Meus dedos se afundaram na massa lisa e saltitante.

— Você se conhece e se gosta exatamente do jeito que é, Sallie. Isso é uma coisa rara.

Assim que as palavras saíram, me senti exposto. Cru. Reprimindo uma careta, concentrei-me em minha tarefa. Mas eu senti sua pena silenciosa na minha pele. Invadiu meus pulmões como o odor azedo de leite queimado.

Mas quando olhei para cima, descobri que seus olhos estavam cheios de compreensão e uma afeição solene que me fez perceber que éramos mais como irmãos do que qualquer um de nós jamais havia reconhecido.

— Luc, já ocorreu a você que eu encontrei essa confiança, em parte, por sua causa?

Chocado, eu balancei minha cabeça rigidamente.

Sal sorriu fracamente.

— Significou muito para esse garoto queer que um grande jogador de hóquei o tenha aceitado sem questionar. Significou algo que você estava pronto para derrubar se alguém olhasse para mim da maneira errada.

Eu engoli em seco.

— Algumas pessoas são idiotas. Eu não poderia ficar parado e deixar um zé ninguém cagar em você.

— Eu sei. Esse é o meu ponto, Luc. Nenhum de nós vive no vácuo. Às vezes, temos que aceitar o apoio de outras pessoas.

Inferno.

Eu encarei o balcão, sem saber o que dizer.

O momento se estendeu, depois se dissipou de forma tão clara que era como se nada tivesse sido dito. Sal voltou a cantarolar e a me observar trabalhando na massa.

— Você precisa de alguma coisa? — Eu perguntei, sabendo que ele e Amalie eram um time quando se tratava do tópico Emma.

Provando que eu estava certo, Sal deu de ombros e ajustou as mangas de seu cafetã.

— Achei que você gostaria de saber como foi o café esta manhã.

O café da manhã que Sal tomou com Emma. Contra minha vontade, minha frequência cardíaca disparou.

— Eu não.

Sal deu a essa mentira o respeito que ela merecia.

— Sua garota não gostou das *pain aux raisins*.

— Ela não é minha... ela não gostou dos pães? — Isso não deveria ter me chateado. Gosto é subjetivo; as pessoas gostam de coisas diferentes. Mas... ela não gostou deles.

Sal pegou um biscoito de gouda e alecrim de uma bandeja que estava esfriando.

— Ela não gosta de uva passa. Mas ela devorou o iogurte com uma paixão que estava perto do orgasmo.

Meu abdômen ficou quente e tenso em resposta. De repente, fiquei ressentido com Sal por ser aquele que viu isso. A maldita culpa foi minha, eu o mandei embora com a cesta de café da manhã, em vez de entregá-la eu mesmo.

Concentrei-me na minha massa e na informação não orgástica que Sal me deu.

— Portanto, sem passas.

O que então? Croissant? *Pain aux chocolat? Chaussons aux pommes?*

— Ela adorou a fruta também — disse Sal, interrompendo meus pensamentos. Ele sorriu, mastigando o biscoito. — Embora você dificilmente possa levar o crédito por isso.

Observe-me, amigo.

Eu peguei aquela fruta, limpei e cortei na espessura certa. Era a minha fruta. Cada mordida que ela colocou em sua boca, cada gemido de prazer que ela deu, tinha sido por minha causa. E porra, isso me excitou tanto que minhas mãos tremeram.

Ela gostava de frutas. Eu tentaria *chaussons aux pommes*¹², então. Eu ficaria chocado se a mulher não gostasse de folhados de maçã.

— Planejando sua próxima forma de sedução culinária, certo? — Sal roubou outro biscoito.

— Pare de comer isso. Eles são para o almoço.

— Oh, e com o que vamos tê-los?

— Maçãs e peras fatiadas, mel de lavanda e queijos. Sopa de tomate... — Eu avistei o rosto presunçoso de Sal e o encarei. — Quer saber? Consiga seu próprio almoço.

— Alguém está mal-humorado.

— Hum.

— Talvez você devesse dar um mergulho.

— Talvez você devesse ir...

— Calma, calma, garotão. — Sal agarrou uma pêra desta vez. — Nós dois sabemos que você está rabugento porque está com tesão.

— É como se você nem desse valor à sua vida.

— Amalie mataria você se você machucasse um fio de cabelo da minha linda cabeça, então acho que estou seguro.

— Não conte com isso.

Sal revirou os olhos, nem um pouco intimidado.

— Desista. Você é todo maria mole por dentro, Oz. Ninguém que cozinha do jeito que você cozinha poderia possuir outra coisa senão um doce coração.

Com um grunhido de desgosto, bati na massa no balcão e contei silenciosamente até dez. Este lugar era para ser um refúgio do estresse. Até agora, eu tinha uma avó tentando me casar, uma atriz me levando ao exibicionismo e um estilista de moda me dando nos nervos.

Sal jogou a pêra de uma mão para a outra como se fosse uma bola.

— Por que você está negando que a quer?

Peguei a pêra no ar e coloquei no balcão.

— Você me vê negando?

Isso o pegou. Ele fez uma pausa, perplexo.

— Bem, inferno. Então qual é o problema?

Tantas coisas.

— Essa mulher é o tipo que você mantém. — Para todo sempre. — Não estou no mercado para isso. E confie em mim, ela também não está interessada no que eu tenho a oferecer.

— Então, você só vai ficar aqui o tempo todo, batendo na sua massa?

— Há. — A cozinha de repente parecia muito pequena. Eu mexi meus ombros rígidos, mas eles não aliviaram. Foda-se. — Você quer sair daqui? Quer uma bebida?

As sobancelhas perfeitamente delineadas de Sal arquearam.

— Está quase na hora do almoço.

Desamarrei meu avental e pendurei no gancho perto da despensa.

— Amalie e Emma podem descobrir como se servir.

Apenas o pensamento da Pequena Senhorita Bisbilhoteira invadindo minha cozinha flutuou sobre minha pele como a explosão de um forno abrindo. Eu rolei meus ombros novamente.

— Você vem?

CAPÍTULO OITO

Lucian

Lição aprendida: nunca subestime Sal. Ele era tão astuto quanto seu topete de Elvis.

Estávamos no caminho para a frente da casa quando topamos com Emma. Ela havia terminado de nadar – algo que eu estava fazendo o meu melhor para *não* pensar – e estava voltando para o seu bangalô. Mas isso impediu Sal de chamá-la para vir até nós? Nem um pouco. Ele fez isso com uma alegria mal disfarçada.

Nem isso o impediu de convidá-la para almoçar conosco. O homem sabia muito bem que eu estava tentando me afastar dela. Mas eu não estava prestes a ser rude e protestar. Então, quando seu olhar azul profundo pousou no meu, duvidoso de que eu queria que ela viesse, me senti compelido a engolir e insistir que ela se juntasse a nós.

Então, aqui estávamos nós, na minha cabana favorita de hambúrguer e milkshake com vista para a praia de areia clara e o oceano azul brilhante. Cercada por banhistas e surfistas, Emma se destacou como um minissol, atraindo olhares cobiçosos ou curiosos. Ela parecia alheia. Eu não sabia se algum deles realmente a reconheceu; ela usava óculos de sol grandes e brancos e um chapéu branco largo enfeitado com margaridas amarelas. Deveria ter parecido ridículo, mas como Sal, ela tinha um estilo que funcionava para ela.

Sal, no entanto, eu poderia ignorar com facilidade. Era quase impossível ignorar Emma. Senti tudo dela ao longo de todo o meu corpo, como se ela estivesse constantemente passando a mão esguia pela minha pele. Era enervante como o inferno.

Minha pele se arrepiou quando ela colocou a bandeja na mesa e se sentou ao meu lado para olhar o oceano com um suspiro de satisfação.

— Senti saudades do sul da Califórnia.

— Quando foi a última vez que você esteve aqui? — Eu me peguei perguntando.

— Oito meses atrás. — Sua boca macia se inclinou ironicamente.

— Não faz muito tempo, eu sei. Mas parece que faz. — Não conseguia ver seus olhos por trás dos óculos, mas mesmo assim senti seu olhar. — E você? Você é originalmente da Califórnia?

Discutir minha antiga vida era um assunto um pouco delicado. Mas ela obviamente não tinha ideia de quem eu era, e saber onde eu morava não mudaria isso.

— Eu cresci em Evanston, Illinois. Meu pai, filho de Amalie, era curador do Art Institute of Chicago. Ele conheceu minha mãe em seu primeiro ano lá; ela se especializou em restaurações de pintura.

— Uau.

— Sim. — Eu cresci em torno da arte e da beleza, meus pais esperavam totalmente que eu seguisse seus passos acadêmicos. E ainda assim eles nem piscaram quando ficou claro que o hóquei seria a minha vida. Eles encorajaram, porque eu encontrei minha paixão.

— Eu morei aqui e ali. Estive em Washington, DC, nos últimos dois anos.

— Isso é uma grande mudança.

Eu sabia para onde isso estava indo. Por que eu fui embora? O que eu fiz lá? Eu desviei o melhor que pude.

— Já era tempo. Amalie precisava de ajuda. — *Uma grande e gorda mentira, Oz.* Eu precisava de Amalie muito mais do que ela precisava de mim.

Eu tinha 28 anos e corri para minha avó lamber minhas feridas.

Felizmente, Sal finalmente recebeu seu pedido e se juntou a nós.

— Hambúrgueres e cerveja. — Ele largou a bandeja. — E pensar que deixamos para trás sopa de tomate e uma tábua de queijos artesanais.

— Você não precisava vir. — Eu dei a ele um olhar que dizia tudo. Que ele ignorou.

— E perder tudo isso?

Tudo isso foi englobado por acenar com a mão entre mim e Emma e, em seguida, muito fracamente, em direção à comida. Sutileza não era o estilo de Sal.

Emma franziu a testa, aparentemente não percebendo a guerra total de olhares entre Sal e eu.

— Deixamos o almoço para trás? Agora me sinto mal. Tudo o que comi no Rosemont é tão delicioso, que odeio pensar que algo vai ser desperdiçado.

E se isso não era insanamente gratificante. Tive o desejo de jogar nossos hambúrgueres no lixo e arrastá-la de volta para casa para que eu pudesse alimentá-la.

Eu grunhi e tomei um gole da minha cerveja engarrafada.

— Amalie vai comer.

Emma parecia ligeiramente apaziguada. Mas o pequeno sulco entre suas sobrancelhas delicadas permaneceu.

— Ouvi dizer que o chef era temperamental.

Sal engasgou com seu hambúrguer. Eu não estava apostando em quem contou a Emma aquela pequena informação.

Eu atirei nele um olhar de soslaio antes de responder.

— Ele pode ser.

— Você o conheceu?

Agora seria a hora de esclarecer as coisas. Só que ela pode não querer comer minha comida quando descobrir. Eu não era exatamente sua pessoa favorita.

— Eu moro na propriedade. Claro que conheço

— Como ele é? — Definitivamente as engrenagens estavam começando a mexer em sua cabeça.

— Temperamental.

Sua boca se fechou antes de seu olhar brilhar – sim, eu senti aquele brilho através de seus óculos escuros de coruja.

— Você é irritante.

Eu a saudei com minha cerveja. Ela fez uma careta e jogou um guardanapo amassado na minha direção. Ele caiu longe do meu prato por um centímetro, e eu ri.

Balançando a cabeça como se eu fosse nada mais do que um pequeno aborrecimento, Emma pegou uma batata frita e cutucou sua

pilha de ketchup.

— Por algum motivo, tenho dificuldade em imaginar Amalie suportando uma equipe difícil.

Isso era verdade. Surpreendeu-me que Emma entendesse tanto sobre minha avó. Então, novamente, talvez não devesse. Emma era muito observadora.

Eu fingi um encolher de ombros entediado.

— Ela tem uma quedinha por ele.

— Oh, eles estão... — Seu rosto se iluminou quando ela sorriu. — Você sabe, paquerando?

Sal engasgou tanto com o seu hambúrguer que pequenos pedaços escaparam. Era demais para sua mortificação.

— Vou ter pesadelos — murmurou ele, limpando a mesa freneticamente com o guardanapo. Só eu sabia que ele não estava falando sobre a bagunça.

— Nem tudo é sobre sexo, Snoopy.

— Eu não acho que tudo é – como você me chamou? — Ela tirou os óculos. Faíscas de indignação dispararam de seus olhos. Era uma boa aparência para ela. — Você realmente acabou de me chamar de Snoopy, tipo enxerida?

Eu sorri, me sentindo mais leve do que durante toda a manhã.

— Intrometida funciona melhor para você?

— Nem um pouco, Magic Mike.

— Mike dançava. Ele não nadava.

O nariz empinado da Princesa Anya levantou um pouquinho.

— Ele deu um certo tipo de show. Essa é a questão.

— Um tipo que você aparentemente gosta de assistir.

Suas bochechas ficaram rosadas enquanto ela se eriçava. Comecei a rir de novo, mas então avistei Sal, que estava com o telefone levantado e apontado em nossa direção.

— Que diabos você está fazendo?

Eu tinha me esquecido completamente dele. O que, reconhecidamente, era fácil de fazer perto de Emma.

— Filmando para mostrar para Amalie. Ela ficará muito satisfeita.

— Sal! — Emma sibilou, horrorizada.

Ele ficou com pena dela e colocou o telefone virado para baixo sobre a mesa.

— Eu estou brincando. Não vou mandar nada para Amalie. Isso seria uma violação grave de privacidade.

Eu bufei e ele me deu um sorriso beatífico.

— Vou apenas guardar para mais tarde, quando quiser irritar Oz.

— Você não precisa de um vídeo para isso, Sal.

Sal me mostrou o dedo do meio, sua unha rosa choque como um ponto de exclamação, mas então ele riu e se recostou para beber seu milkshake.

— Ele é rápido, Emma. Muito rápido.

Eu sabia que ele estava brincando. Mas bateu muito perto de casa, quando os caras me chamavam de Senhor Rapidez.

Pés rápidos, mãos rápidas.

Eu podia ouvi-los na minha cabeça. Meus caras.

Senhor Rapidez está nisso. Você está colocando aqueles sapatos vermelhos rubi e nos levando para Emerald City, Oz?

Coisas estúpidas. Merdas que dizíamos para ficarmos animados, para tirar a pressão. Eu sentia falta de cada maldito segundo.

— Você o fez grunhir de novo, Sal — Emma disse, interpretando mal minha mudança repentina de humor. Isso aumentou ligeiramente, junto com minha frequência cardíaca, quando ela estendeu a mão e deu um tapinha no meu antebraço. — Não se preocupe, torta de mel; você vai ficar bem.

— Torta de mel? — Minha voz soou muito áspera.

Ela encolheu os ombros elegantes.

— Algo que minha avó costumava dizer quando pensava que eu estava sendo petulante. "Não se preocupe, torta de mel; o mundo continuará girando."

— Te irritava quando ela dizia isso? Ou você acreditou nela?

Emma sorriu largamente, exibindo aquele sorriso deslumbrante que os fãs e a imprensa adoravam.

— Um pouco dos dois.

Deus, eu queria devolver aquele sorriso. Eu queria muitas coisas. Uma coisa era gostar da aparência dela. Outra coisa era gostar *dela*. E eu gostava. Eu gostava muito dela.

— Vocês dois são tão fofos — disse Sal.

O sorriso de Emma caiu.

— E você é um provocador horrível. Pare de atormentar Lucian.

— Ele precisa de mais tormento desse tipo, se você quer saber. — Ele se afastou da mesa. — Estou pegando uma Coca Diet para descer esse milkshake. Alguém quer alguma coisa?

Quando nós dois balançamos a cabeça, ele saiu, e o silêncio caiu entre Emma e eu.

— Por que ele te chama de Oz? — ela perguntou do nada.

Eu esperava que ela não tivesse notado isso. Mas Emma não deixava quase nada passar.

— Meu sobrenome é Osmond. Algumas pessoas me chamam de Oz. — Eu dei um sorriso presunçoso. — Você vai me dizer que não pareço um bruxinho engraçado agora?

Ela riu.

— Para ser justa, não há nada pequeno sobre você.

Meu estômago se aqueceu.

— Nada mesmo, torta de mel.

— Certamente não o seu ego.

— Não é ego quando é verdade.

Emma revirou os olhos e pegou sua água para tomar um gole. Seu olhar foi para Sal parado na fila.

— Você tem a sensação de que Sal e Amalie estão tentando nos juntar?

— Pegos no flagra, não é?

Seu nariz enrugou.

— Eles não são exatamente sutis sobre isso.

Ela não parecia irritada – mais como envergonhada. Eu não tinha certeza de como me sentir sobre isso, então não me incomodei em ficar pensando.

— Não. — Tomei um gole de cerveja. — Eles não são.

Emma apoiou o antebraço na mesa e se aproximou, trazendo seu perfume suave e doce com ela.

— Não se preocupe. Vou ficar fora do seu caminho.

E então isso me atingiu. Ela estava preocupada com o meu conforto. Ela iria acabar indo embora se ela achasse que eu queria. A

verdade estava bem ali em seu rosto expressivo.

— Não faça isso. — A palavra saiu sem minha permissão.

Que diabos, Oz?

Uma carranca de confusão se formou entre suas sobrancelhas.

— O quê?

Você ainda pode consertar isso. Recue, idiota. Recue.

— Não fique fora do meu caminho.

Idiota.

A surpresa suavizou suas feições enquanto seu olhar índigo disparou sobre meu rosto, tentando me ler. Eu não sei como ela poderia, quando eu mesmo não conseguia nem me entender.

— É ridículo — eu soltei. — Tentar evitar um ao outro só porque eles estão entediados e assistiram muitos episódios de *The Bachelor*.

A diversão iluminou seus olhos.

— Você não quer dizer *The Bachelorette*?

Eu escondi meu sorriso tomando outro gole.

— Eu disse o que quis dizer.

— Você entendeu errado. Definitivamente, eu sou o prêmio.

Sim, você é.

— O que você disser, Snoopy.

Ela riu, um som glorioso que dançou direto sobre meu coração e puxou o fôlego para fora dos meus pulmões. Um homem poderia ser persuadido a fazer coisas tolas para ouvir aquela risada repetidamente.

Aparentemente, eu não fui o único afetado. As cabeças se viraram em nossa direção, e foi então que aconteceu.

Emma

Eu gostava de Lucian. Isso era preocupante, porque apesar de sua provocação e raciocínio rápido, ele era o homem mais fechado que eu conhecia há muito tempo. Mas ele me fazia rir, mesmo quando estava fingindo ser um rabugento. *Fingindo*, porque estava claro que ele estava se divertindo.

Não tanto por seus modos, mas pelas rugas ao redor de seus olhos de jade quando ele reprimiu uma risada e a maneira como seus ombros largos relaxaram quanto mais nós nos provocamos. Eu sabia que ele até

gostava das provocações de Sal; a amizade deles era estranha, pois nenhum dos dois parecia querer admitir isso. Lucian porque ele claramente não queria admitir que estava feliz com qualquer coisa. Sal era mais um mistério, mas eu me perguntava se, apesar de sua aparência extravagante, ele era, na verdade, um pouco tímido.

Ou talvez eu estivesse vendo coisas demais e imaginando coisas que não existiam.

Eu não estava imaginando a maneira como Lucian me olhava agora, no entanto. Aquela sobrancelha severa relaxou, seus olhos se arregalando um pouco, como se estivessem chocados, quando seus lábios se separaram. Ele pareceu... admirado. Ao som da minha risada, aparentemente.

Essa admiração me surpreendeu. Minhas entranhas voaram com uma espécie de vibração estranha que eu não sentia há anos. Não desde que eu tinha dezesseis anos, quando o artista sentimental e crush do colégio Michael Benton sorriu para mim. Mesmo aquele momento não foi seguido por um chute forte no meu esterno quando meu coração começou a bater mais rápido.

Era o que acontecia quando gostar de alguém se juntava com a atração. Não era como queríamos, mas era forte e puro. Eu não sabia como esconder ou afastar. Só pude olhar para Lucian com igual admiração. Eu jurei me manter longe de atração superficial, mas o que eu faria com isso? Com ele?

Minha risada chamou a atenção das pessoas. Eu sabia disso em um nível instintivo, afiado após a fama me agraciar com sua luz. E embora fosse um sinal de que minha carreira era um sucesso, a atenção do público também poderia ser um pé no saco quando eu queria ficar sozinha.

Eu me preparei enquanto alguns jovens caminhavam em direção à mesa. O engraçado era que Lucian também, embora eles estivessem em sua visão periférica. Sua consciência da situação me surpreendeu, mas, novamente, talvez quem eu fosse nunca saiu de sua mente.

Eu não gostei dessa ideia. A fama era um fenômeno estranho. Você a perseguiu, mas uma vez que a tinha, nunca se sentia segura e protegida. Paranóia sobre quem estava em sua vida, por quais motivos,

medo de nunca ser boa o suficiente, popular o suficiente. Cerrei os punhos no colo e me odiei por me preocupar com isso.

Mas a fama também tem um jeito engraçado de fazer de você uma idiota. Algo que se tornou gritantemente óbvio quando o trio de rapazes passou por mim sem olhar e foram direto para ele... Lucian.

E ele sabia. Seu corpo inteiro estava tenso, como se esperasse um impacto. Eu só pude sentar lá e ficar boquiaberta enquanto ele estava cercado por fãs que claramente o adoravam.

— Oz! Eu não posso acreditar que é você.

Oz. Eles o chamavam de Oz como Sal havia feito. Quem diabos era ele?

Lucian tentou corajosamente adotar uma expressão calma, mas eu o conhecia o suficiente até agora para dizer que seu sorriso era falso como o inferno.

— Ei, pessoal.

— Oh cara, isso é totalmente legal — disse o loiro. — O que você está fazendo aqui, Oz?

— Almoçando.

Todos riram a risada instável de quem sabia que havia dito o óbvio, mas estavam encantados demais com a fama para demonstrar qualquer constrangimento real.

— O caminho tem sido difícil rumo a Copa.

— Eles não são os mesmos sem você.

— Você não está realmente abandonando para sempre, não é?

As perguntas salpicaram Lucian como bolinhas, e sua expressão ficava mais remota a cada golpe. Sal se aproximou, parecendo mais do que um pouco em pânico. Os meninos não perceberam; eles estavam muito ocupados admirando seu ídolo.

— Aquele golpe, cara. Deus, pareceu ruim.

— Deve ter doído como uma cadela. Você se lembra disso?

Lucian se levantou abruptamente. De forma rígida, como se cada centímetro dele estivesse congelado por dentro. Eu não tinha ideia do que eles estavam falando, mas claramente todo mundo sabia. Eu também fiquei de pé, incapaz de sentar lá quando Lucian estava a ponto de fugir.

— Eu tenho que ir, pessoal. — Sua voz era um fio puxado com muita força.

— Ah, cara.

— Podemos tirar uma selfie?

Por um segundo, pensei que ele fosse explodir. Mas ele sorriu – mais como uma careta – e soltou um "Claro" conciso.

Sem ser perguntado, Sal se aproximou e pegou o telefone, como se acostumado a fazer isso. Eu fiquei lá, entorpecida e confusa. Os jovens posaram para algumas fotos com Lucian “Oz”, e mais pessoas começaram a pairar, a multidão murmurando com maior intensidade. Como diabos todos o conheciam? E por que eu não?

Seu rosto era familiar, entretanto, quando eu o vi pela primeira vez. Mas não fui capaz de identificá-lo. E então ele abriu a boca, todo rude e rabugento, e ele simplesmente se tornou Lucian – um homem gostoso, mas fechado, que gostava de nadar na tarde da noite e me fazia rir apesar de tudo.

No segundo em que as fotos foram tiradas, Lucian se despediu dos rapazes de maneira educada, mas firme. Ele agarrou sua bandeja sem olhar na minha direção, jogou-a fora e começou a se afastar, como se estivesse em transe, deixando Sal e eu correr atrás dele ou sermos deixados para trás.

— Que diabos? — Eu assobieei para Sal enquanto o seguíamos. À nossa frente, Lucian caminhava com determinação, seu grande corpo rígido como um tronco.

A expressão de Sal estava tensa com infelicidade.

— É a história dele para contar. Apenas saiba... ele vai ser difícil por um tempo.

Difícil? Isso o homem já era.

Lucian destrancou sua caminhonete, mas não nos respondeu antes de entrar. A picape era uma quatro portas, mas eu não estava prestes a forçar Sal a sentar-se no banco de trás para poder fazer perguntas. Eu pulei no banco de trás, esperando chamar a atenção de Lucian pelo espelho retrovisor. Mas ele nunca olhou na minha direção.

Muitas vezes, ele tinha ficado em silêncio, pensativo, sarcástico, mas ele ainda não tinha me ignorado até agora. Fiquei chocada com o quanto isso me incomodou. Era como se eu tivesse ficado totalmente

acordada e viva sob sua atenção, apenas para me apagar quando fui colocada em escanteio. Ninguém deveria ter esse poder sobre mim. Exceto que não parecia opressão. Parecia certo e real de uma forma que me assustou.

Pior, porém, era minha preocupação porque ele estava sofrendo. O encontro o abalou.

A viagem de volta foi tensa e silenciosa. Aproveitei o tempo para respirar fundo e com calma. Foi algo que aprendi a fazer no set para me manter com os pés no chão. *Dark Castle* era um bom ambiente de trabalho, mas temperamentos e egos ainda queimavam de vez em quando. Deus, mas eu já sentia falta disso. Ou talvez eu sentisse falta da segurança de um emprego estável. Francamente, o show tinha uma reputação por suas cenas de sexo, e eu estava mais do que feliz por nunca mais fazer outra cena de amor nua novamente. Saint tinha sido um cavalheiro perfeito, mas ainda assim foi uma tarde desconfortável de filmagens.

Esses pensamentos me distraíram por tempo suficiente para Lucian chegar à propriedade e entrar no caminho que serpenteava ao lado da casa. Sem preâmbulos, ele estacionou a caminhonete e saltou.

Sal e eu trocamos um olhar, e então encolhi meus ombros e o segui. Não foi fácil alcançá-lo. O homem tinha pernas longas e estava determinado a me superar. Mas eu era uma especialista em caminhada rápida – como minha bunda podia atestar.

Lucian não diminuiu o passo ou olhou em minha direção. Mas ele sabia que eu estava lá.

— Agora não, Em.

Eu pulei sobre um pavimento, meu ritmo tímido, mas rápido me fez ofegar.

— Se não agora, quando?

— Que tal nunca?

— Sim, isso não vai funcionar.

Ele bufou com emoção.

— Você está operando com o equívoco de que devo qualquer coisa a você. E eu não devo.

Definitivamente delicado.

— E eu não te devia nada quando você perguntou sobre *Dark Castle*. Mas eu disse a você como me sentia de qualquer maneira.

— Isso é problema seu.

Viramos uma esquina em direção à quadra de tênis. Eu não tinha ideia de onde ele estava indo; talvez ele tenha simplesmente pensado que poderia me cansar e me afastar.

— Você tem razão. — Parei na trilha, meus braços caindo para os lados enquanto recuperava o fôlego. Para o inferno com isso. Eu não precisava estar perseguindo um homem que não queria ser incomodado.

Estranhamente, como se tivesse compelido, Lucian parou e meio que se virou para me olhar por cima de seu ombro largo. Seu corpo permaneceu tenso e pronto para levantar voo mais uma vez.

— Não devemos nada um ao outro — eu disse, levantando minha voz o suficiente para ser clara sobre os três metros que nos separavam. — Mas ninguém vive em um vazio completo. Sua avó e Sal pisam em ovos ao seu redor.

Oh, eu tinha acertado o alvo. O vermelho espalhou-se por seu pescoço e ele voltou atrás em minha direção, chegando perto a ponto de nos tocarmos.

— Você não sabe nada sobre eles. Ou sobre mim.

Sim, isso doeu. Não deveria, mas aconteceu.

— Eu sei o suficiente. Eles se preocupam com você. Eles te amam. As narinas de Lucian dilataram-se.

— Estou falando sério, Emma. Eu não me dou bem com pessoas fazendo eu me sentir culpado.

— Se você se sente culpado, isso é culpa sua.

Ele virou a cabeça e fez uma careta. Mas ele não se foi.

O fato de ele estar ouvindo, apesar de sua raiva e apesar do fato de eu não ter nenhum direito real de dar um sermão nele, me fez suavizar meu tom.

— Tudo bem, eu sou intrometida. Uma bisbilhoteira. Tudo bem. Eu admito. Mas diga-me que você não faria perguntas se a situação fosse ao contrário.

A mandíbula de Lucian se contraiu e eu sabia que ele estava rangendo os dentes. Burro teimoso.

— Quem diabos é você? — Eu soltei.

Com isso, ele riu, mas sem humor.

— Eu sou Brick, lembra? O mal-humorado ex-astro atleta, acabado e escondido na casa grande.

— Ok. Seja um idiota. — Eu me virei para ir embora, quando ele falou novamente, afiado e quebrado, como cacos de vidro.

— Você estava tão perto da verdade, Em. — Olhos de vidro fosco do mar encontraram os meus. — O mundo me conhece como Luc Osmond. Oz, o grande e poderoso. Um dos melhores centrais de hóquei a dominar o gelo, ou pelo menos foi o que me disseram.

Um lampejo de reconhecimento ganhou vida. De seu corpo espetacular vestido com uma cueca boxer minúscula, seu rosto sorrindo para mim enquanto eu dirigia pelo tráfego de Los Angeles.

— Você tem um outdoor.

Ele estremeceu.

— De todas as coisas que você teve que lembrar...

— É um outdoor impressionante.

Ele não mordeu a isca e sorriu, apenas deu de ombros, o menor levantamento deles. Deus, como eu não o reconheci? Ele tinha anúncios. Muitos deles. Seu rosto pairava sobre o meu em revistas, anúncios de relógios, colônias. Eu tinha quase certeza de tê-lo visto jogar uma vez, lendo ao lado de Greg enquanto ele assistia a um jogo.

— Você jogou pelo Washington.

— Sim.

Mas algo aconteceu. O que aqueles caras disseram? Algo sobre um golpe ruim.

— Você se machucou?

Ele não parecia ferido. Ele se movia como seda e aço.

Lucian soltou um suspiro. Um mundo de emoção habitou aquele breve som. Um mundo de arrependimento e desespero.

— Algo do tipo — Ele engoliu em seco, sua garganta trabalhando forte, e olhou para longe novamente. As linhas fortes de seu perfil estavam tensas. — Síndrome Pós Concussão. Muitas batidas na cabeça.

O sangue drenou da minha cabeça para se reunir na base da minha espinha. Não tinha sido sua saúde em jogo; tinha sido sua vida. A ideia deste homem orgulhoso, inteligente e leal não estar mais aqui... Fez

minhas entranhas gritarem em horror e meus braços doerem para abraçá-lo.

O que era além de estúpido. Mal nos conhecíamos. Ele não me queria bisbilhotando em sua vida.

— Então aqui estou — ele continuou com uma voz morta. — Fora do jogo e consertando a propriedade da minha avó. — Esse olhar ardente balançou em minha direção, zangado e magoado. Cortou minha pele macia. — É o suficiente para você? Ou você quer um resumo dos meus sintomas também?

— Não. — Eu engoli o caroço na minha garganta.

— Tem certeza disso? — Ele se aproximou, os olhos selvagens. — Você não quer ouvir sobre o temperamento explosivo? Os lapsos de memória? Dores de cabeça? Bem, inferno, você sabe tudo sobre isso, não é? Não consigo nem pegar uma mulher no aeroporto sem ter uma crise.

— Lucian...

— Me chame de Oz. O velho atrás da cortina, fingindo ser algo que não é.

Agora ele estava sentindo pena de si mesmo. Ele tinha um bom motivo. Mas isso não o ajudou. Nem um pouco.

— Não. Você me disse para chamá-lo de Lucian.

— Porque eu estava me escondendo — ele pronuncia. — Então você não saberia o quanto eu sou um desastre.

— Você *não* é um desastre.

No mínimo, ele ficou mais agitado, sua pele escurecendo de desgosto e frustração.

— Não tenha pena de mim.

— Não grite comigo — retruquei. — Eu terei pena de você o quanto eu quiser.

— O quê? — Ele ficou boquiaberto de indignação. — Você realmente admite que sente pena de mim?

Estávamos quase nariz com nariz, ambos gritando como crianças. Entretanto, isso não me impediu.

— Por que eu não sentiria, quando você está agindo de forma lamentável, perseguindo o mau humor ou descarregando em qualquer um que se atreva a se importar?

Um rosnado irado escapou dele, como se ele pudesse explodir. Com um movimento brusco e áspero, ele ergueu a mão. E foi então que aconteceu. Eu me encolhi. Violentemente.

Nós dois congelamos.

Observei toda a cena com uma consciência aguda que beirava a dor. O movimento me horrorizou porque eu não queria que fosse meu primeiro instinto quando um homem levantasse a mão. Mas estava lá mesmo assim, pairando no ar como um letreiro néon. Pior, em retrospectiva, porque eu podia ver claramente pelo ângulo de seu braço – agora congelado em estado de choque – que ele estava prestes a passar a mão pelo cabelo em frustração.

Ele viu minha reação. Não havia como escapar disso.

Ele finalmente quebrou o silêncio tenso.

— Você pensou que eu ia bater em você.

Não é uma pergunta. Nós dois sabíamos disso.

Odiei ter me encolhido, ter tido vergonha da minha reação. Eu odiava que uma parte vital de mim tivesse sido alterada. Foi outra coisa tirada de mim sem minha permissão. Mas eu não poderia mudar isso; eu *tinha* me encolhido e agora tinha que admitir.

Eu levantei meu queixo, porque também não ia me desculpar.

— Você é um cara grande que está na minha frente discutindo comigo. E você está certo – eu não te conheço de lugar nenhum. Então, sim, vou ser cautelosa.

Quando Lucian falou, sua voz era suave e cuidadosamente modulada.

— Se te deixar mais confortável, ficarei fora de seu caminho pelo resto de sua visita. Independentemente disso, quero que você se sinta segura, então posso explicar uma coisa?

Quando eu balancei a cabeça, ele continuou.

— Já estive em muitas lutas. No gelo. E uma vez fora dele. Mas todas elas eram contra caras que conseguiam se virar. Esta cicatriz — ele apontou para uma linha suave sob sua sobrancelha esquerda — veio de um gancho de esquerda que eu não vi chegando. Retribui o favor e quebrei o nariz do cara. Estou dizendo isso porque não vou mentir e dizer que sou contra violência.

Ele não piscou, não hesitou em encontrar meus olhos.

— Mas você? Você poderia me dar um tapa, um soco, um chute nas bolas, me xingar, depreciar Mamie, a quem amo mais do que qualquer pessoa na Terra, e mesmo assim jamais levantaria a mão para você. Porque eu não bato em mulheres ou em ninguém mais fraco do que eu. Nunca.

Ele parou ali, seu olhar preocupado disparando sobre meu rosto.

— Peço desculpas por meu comportamento ter feito você se sentir insegura. Não foi minha intenção. Se você acredita em qualquer coisa sobre mim, acredite que sempre serei o cara que está com você, nunca contra você.

Como se isso resolvesse tudo, ele se moveu para ir.

— Eu não faria essas coisas — eu disse. Quando ele ergueu uma sobrancelha em confusão, eu esclareci. — Eu não iria bater em você nem depreciar Amalie. Eu também não sou abusiva.

Sua expressão ficou perplexa, como se ele não soubesse o que fazer comigo.

— Ok. — Foi isso.

Mas então, ele fez uma pausa, como se algo mais lhe ocorresse.

— Só para deixarmos claro, se você machucar Mamie ou tentar tirar vantagem dela, eu não vou bater, mas vou escoltar sua bunda para fora desta propriedade para sempre.

Então ele me deu as costas mais uma vez e se afastou.

— Idiota — eu rebati.

— Eu ouvi isso — ele chamou, ainda andando.

— Ótimo — eu gritei de volta, levantando minha voz para que ele me ouvisse alto e claro. — Porque eu nunca disse que não iria te xingar.

Seu bufo foi a única resposta. Ele estava quase fora de vista, prestes a subir as escadas que levavam à praia.

— Lucian!

Eu não esperava que ele parasse, mas ele parou.

— Eu sinto muito, também — eu disse para a parede rígida de suas costas. — Por dizer que você estava agindo de forma lamentável.

Ele não se moveu, mas eu sabia que ele estava ouvindo com atenção.

— Você não está. Eu não tenho pena de você. Você apenas me irrita.

Eu não pude ouvi-lo, mas vi a maneira como seu queixo se abaixou, sua cabeça ligeiramente inclinada para o lado, e eu sabia que ele bufou. De humor ou aborrecimento era outra questão.

— É bom saber, Snoopy.

Desta vez, fui eu que me virei e fui embora. Não foi uma sensação boa, precisamente, mas foi uma pequena vitória, no entanto.

CAPÍTULO NOVE

Emma

Passei o resto do dia e grande parte da manhã seguinte no meu bangalô. Era bom não ter que ir a lugar nenhum ou fazer nada. Eu estava determinada a permanecer relaxada.

Bem, tão relaxada quanto eu poderia estar com um certo ex-jogador de hóquei gostoso e irritante preso em minha mente. Deus, mas eu tive que reprimir a vontade de procurá-lo no Google. Eu ansiava por vê-lo jogar. Mas eu sabia que seria um erro; eu não seria capaz de funcionar adequadamente perto do homem se o visse todo corpulento e fodão em roupas de hóquei. Eu não era fã, mas sabia que seria se visse Lucian jogar.

Fiquei muito orgulhosa de mim mesma por resistir à tentação. Não resisti, porém, à tentação de todas as deliciosas refeições que a cozinha continuava enviando para mim. O café da manhã incluía delicados pastéis de maçã do tamanho da palma da mão, algo que eu normalmente deixaria de lado, visto que os que eu comera no passado eram muito doces e enjoativos. Mas eu sabia por experiência própria que a comida aqui não deve ser ignorada.

A primeira mordida no pastel foi minha ruína. A massa não era pesada nem gordurosa, mas leve e quebradiça, camadas douradas que se estilhaçavam na primeira mordida e depois derretiam na língua. O recheio consistia em fatias de maçãs cozidas até ficarem macias, seu suco agridoce era um complemento perfeito para a riqueza da crosta. Paraíso.

Francamente, eu não tinha certeza do que faria quando saísse daqui. Provavelmente entrarei em dieta. Pela primeira vez, eu

realmente invejei Amalie por ter um chef tão incrível. Doces podem ser comprados em uma padaria. Claro, esses foram os melhores que eu já comi, mas eu poderia conseguir algo parecido com eles se quisesse. Exceto que não seria a mesma coisa. Aqui, fui mimada com uma atenção exigente aos detalhes que me fez sentir totalmente cuidada.

O fato de as passas não estarem incluídas me fez pensar que sim, Sal havia falado demais, e sim, a casa havia escutado e tentado outra abordagem para me agradar. Talvez eu devesse ter ficado envergonhada ou chateada por Sal ter contado ao chef, mas não conseguia ficar, não quando os resultados eram tão deliciosos. Eu definitivamente mandaria um bilhete de agradecimento para a cozinha assim que encontrasse algo para escrever.

Agora que o café da manhã acabou, eu me encontrei com vontade de fazer algo. Qualquer coisa. A solidão me atingiu em uma onda inesperada. O ruim era que eu não podia ligar para nenhum dos meus amigos; eles estavam todos morrendo de vontade de saber sobre o final e eu não poderia contar a eles. Talvez eu poderia ter saído com alguns dos meus coadjuvantes, mas ainda estava doendo. O orgulho ferido me empurrou para as sombras e para lambeir minhas feridas.

Com esse pensamento deprimente, lavei os pratos e coloquei-os de volta na cesta. Uma batida na porta me fez correr; a casa não era nada se não eficiente na entrega e coleta do café da manhã.

Com a cesta na mão, abri a porta. E encontrei Lucian parado ali, parecendo recém-banhado e impossivelmente grande em minha varanda ensolarada.

Ele estava aqui. Ele estava *aqui*.

Ele olhou para a cesta.

— Vai fazer um piquenique?

— Você sabe que esta é a cesta de entrega de comida. — Fiquei ridiculamente feliz em vê-lo, mas decidida a não demonstrar isso como um cachorrinho ofegante. Droga, mas o homem era injustamente poderoso, ardente com sua arrogância.

— Eu não tenho comida entregue para mim. Isso é apenas para convidados. — Ele parecia achar isso divertido. Eu achei uma tragédia.

— Você está perdendo, então.

A boca de Lucian se curvou.

— Se é tão bom, por que você está aqui, pronta para empurrá-la para fora da porta?

Eu tinha quase certeza de que ele estava brincando comigo. Mas aceitei com calma porque gostava quando ele o fazia.

— Está vazia, torta de mel. Achei que você estava aqui para buscá-lo.

— Eu deveria lavar seus pratos agora?

— Você está tentando me irritar, não está? — Eu disse, relembrando as palavras que ele havia usado comigo durante nosso primeiro encontro.

Ele sorriu largamente, o gesto tão rápido e incrivelmente lindo nele que fez minha respiração engatar.

— É tão fácil — ele respondeu, assim como eu. — Pelo menos me faça ralar um pouco mais.

— Não se preocupe; eu irei.

Isso o calou com pressa. Suas narinas dilataram-se, toda aquela leveza sorridente deslizando para algo mais escuro, algo com promessa. O calor envolveu minhas coxas, enquanto um baque insistente tocava entre elas.

Como se tivesse sentido fisicamente minha reação, ele piscou e engoliu em seco. Mas então, sua expressão voltou ao neutro básico, o que significava o típico Lucian severo e intenso, e ele limpou a garganta.

— Na verdade, eu estava aqui para perguntar se você gostaria de fazer uma caminhada.

Espantada, eu o olhei boquiaberta como um peixe saltando para fora d'água. Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse. E a julgar pela cor escura ao longo de seu pescoço, ele sabia.

Deslocando seu peso, ele olhou para mim por baixo de suas sobrancelhas.

— Eu te deixei desconfortável, não foi? Merda.

— Não. — Eu levantei a mão para evitar qualquer potencial saída de sua parte. — De jeito nenhum. Você apenas me surpreendeu.

Isso foi um eufemismo. Não nos separamos da melhor maneira, e ele foi extremamente claro sobre querer ser deixado em paz. Eu estava empenhada em tentar fazer exatamente isso. Mas ele estava aqui, e eu

senti sua falta. Apenas um dia, e eu já sentia falta do som de sua voz, do prazer de falar com ele.

Ele abaixou a cabeça e balançou-a ironicamente.

— Fiquei surpreso.

— Você ficou? — Eu disse, mal reprimindo uma risada. Porque eu queria. Eu queria abrir os braços loucamente e rir com uma vertigem irrestrita.

Ele olhou para mim sob seus cílios grossos.

— Achei que você poderia estar entediada. E ontem, eu fui... — Estremecendo, ele agarrou a nuca, o que fez coisas adoráveis em seus antebraços viscosos. — Um idiota.

— Você foi — eu disse solenemente — o efeito arruinado pelo sorriso se abrindo. — Mas eu também não fui exatamente uma flor.

Ele não sorriu, mas seus olhos brilharam com diversão. Olhamos um para o outro, trocando um olhar que dizia que ambos entendemos perfeitamente o quão ridículos fomos. Então Lucian inclinou a cabeça em direção ao ar livre.

— Então? Você quer ir?

Eu ainda estava me recuperando do choque dele realmente me convidando para fazer algo com ele, mas eu deixei para lá. Porque onde quer que ele estivesse, eu queria estar, o que deveria ter me aterrorizado, mas estranhamente me fez sentir mais forte. Nada na minha vida era certo agora, nem minha carreira, nem meus arranjos de vida, e certamente não minha vida amorosa. Mas quando Lucian e eu estávamos juntos, eu me sentia totalmente eu mesma, não a pessoa “tudo está perfeito; continue seguindo em frente” que projetei para o mundo.

— Certo. Deixe-me apenas me vestir. Não se mexa! — Enfiei a cesta de comida em seus braços, então parei, enrubescendo. — Desculpa. Entre. Eu só vou... — Eu tropecei em um chinelo que deixei no chão. — Sim...

Sua risada me seguiu até o quarto, onde me vesti com a empolgação vertiginosa de uma pré-adolescente. Eu não sabia como iria passar o dia sem fazer um papel de boba ainda maior, estrangulando-o ou pulando nele. Nenhuma dessas opções me atraiu

particularmente – bem, a última sim, mas eu não poderia agir sobre isso. Não importa; eu estava indo. _____

Lucian

Eu estava cometendo um erro ao convidar Emma para uma caminhada? Provavelmente. Mas descobri que não me importava. Eu fui um idiota raivoso ontem. Eu deixei as coisas me atingirem, deixei a tristeza pelo que perdi assumir o controle. O problema era que, quando sofro, fico furioso. Os médicos me avisaram que poderia ser difícil lidar com as coisas, que minha personalidade poderia ser um pouco diferente.

Um pouco. Certo. Durante toda a minha vida, fui despreocupado – sempre aquele que acompanha o fluxo, ignorava as bobagens. Eu era quase um estranho para mim agora. Minha pele não se encaixava bem sobre meus ossos. Às vezes parecia que um enxame de vespas atacava minha cabeça, zumbindo e picando.

E eu ataquei.

Fiquei profundamente envergonhado quando me lembrei do rosto bonito de Emma ficando pálido, seu corpo inteiro recuando, como se esperasse um golpe. Ela teve medo de mim. Por um segundo horrível, ela pensou que eu iria machucá-la. Isso me fez mal ao estômago, mas foi só quando finalmente me acomodei na escuridão do meu quarto que senti todo o peso daquele remorso.

Eu não podia mais ficar longe dela assim como eu não conseguia parar de respirar. Ela precisava de mais do que apenas um pedido de desculpas. Ela precisava de segurança, cuidado.

Eu não tinha certeza se levá-la para uma caminhada nas montanhas era o suficiente, mas ela parecia feliz quando estacionei a caminhonete perto do começo da trilha.

— Eu tenho uma mochila — eu disse a ela, agarrando-a. — Posso carregar tudo o que você precisar.

— O que você tem aí? — Ela ficou na ponta dos pés, tentando espiar, o que a trouxe perto demais. Minhas pálpebras baixaram quando senti o cheiro de seu doce perfume. Jurei que detectei um indício de maçãs. O que ela havia achado do *chaussons aux pommes*? Ela

claramente apreciou minha comida, mas eu era ganancioso; eu queria os detalhes. E, no entanto, não consegui perguntar.

Eu segurei a mochila, fora do alcance dela, provocando-a porque isso fez seu rosto se iluminar de uma forma em que eu estava rapidamente me tornando viciado.

— Calma aí, Snoopy. Eu tenho tudo que precisamos.

Seus olhos índigo se estreitaram.

— Você tem protetor solar?

— Claro que eu – inferno. Não, eu não tenho.

Emma bufou, balançando a cabeça com o meu erro notório enquanto tirava um frasco de sua bolsa estilo saco.

— Vocês nunca lembram disso — ela murmurou. — Os homens morreriam se lembrassem de cuidar da pele?

— Ei, eu lavo meu rosto. — Eu fazia isso toda vez que me barbeava, o que era a cada maldito dia com o ritmo que minha barba crescia.

Emma zombou e continuou murmurando.

— E aquelas coisinhas incômodas como câncer de pele, rugas prematuras e manchas da idade não significam nada, eu acho.

— Bem, não, quero dizer, eu não tinha pensado...

Eu me calei. Porque Emma começou a passar loção no rosto e ao longo da pele lisa e dourada de seus braços e pescoço nus. Ela usava uma blusa de treino branca justa com calças elásticas azul-escuras, destacando cada mergulho e curva gloriosa de seu corpo.

Seu corpo. Era incrivelmente fofo, embora ela provavelmente não gostaria de ouvir isso. O topo de sua cabeça mal alcançava meu ombro. Ela não era delicada, mas comparada a mim, ela parecia muito bem. Braços bem arredondados, seios empinados que caberiam perfeitamente em minhas palmas, uma cintura pequena levando a uma bunda fantástica que saltava sempre que ela caminhava e, coxas e pernas curvilíneas.

Eu conhecia os padrões de merda que Hollywood impunha às suas atrizes, mantendo-as muito magras. Emma era magra e estava em forma, mas nada além de morrer de fome faria ela se livrar daquela bunda e daquelas coxas, graças a Deus.

Minhas mãos coçaram para apalpar sua bunda doce. Mas eu não queria levar um tapa e era um homem adulto que sabia melhor. Eu arrastei meus olhos para cima. Concentrar-me em seu rosto dificilmente ajudou. Ela tinha o tipo de lábios que sempre pareciam recém-beijados, rosados e exuberantes, o lábio superior um pouco maior do que o inferior. Sempre que olhava para a boca dela por muito tempo, tinha vontade de beijá-la. Inferno, sempre que eu pensava em sua boca, eu queria beijá-la.

Porra. Esta foi uma má ideia.

Eu desviei o olhar, apertando os olhos para a luz do sol que Emma declarou estar lentamente arruinando minha pele.

— Aqui. — Ela enfiou o protetor solar embaixo do meu nariz, chamando minha atenção de volta para ela. — Passe um pouco.

Eu não ia discutir. Eu espalhei a loção o melhor que pude. Era legal, pelo menos, e não fedia. Foi isso. Todas as coisas que Cassandra usava cheirava a flores mortas ou frutas falsas.

Emma fez outro barulho de aborrecimento e parou na minha frente. Apesar de seu óbvio desgosto pelo meu regime aparentemente inadequado de cuidados com a pele, seu olhar era afetuoso quando ela me olhou fixamente.

— Você tem manchas disso em todos os lugares — ela advertiu antes de franzir a testa. — Você é muito alto.

Você está certa.

— Você vai ter que culpar meus pais por isso, Em.

Os cantos de seus lábios se curvaram.

— Pode se abaixar, por favor? — Ela já estava se aproximando de mim.

Me rendendo como um cervo nos faróis, fiz o que ela pediu, meu rosto relaxado, meu olhar preso no dela. Com movimentos suaves, mas hábeis, ela correu as pontas dos dedos sobre a minha pele, ao longo da ponte do meu nariz, descendo nas laterais do meu rosto. Mordendo de volta um gemido, baixei minhas pálpebras e respirei profundamente. Eram toques simples, nada mais do que seu protetor solar espalhando em mim. E foi tão bom que tive vontade de ronronar ou choramingar. Ou outra coisa. Qualquer coisa para fazê-la continuar fazendo isso.

Mas ela parou, acabou com sua tarefa. Me deixando para me endireitar e me recompor.

— Aqui. — Ela colocou os óculos escuros. — Agora estamos prontos.

Sim, eu queria beijá-la.

— Ótimo. Minha pele já parece mais segura.

— Eu sou imune ao seu sarcasmo, torta de mel.

Eu tive apelidos impingidos em mim durante toda a minha vida. Alguns eram horríveis, outros engraçados. O que eu não senti até agora foi prazer em ouvir um. Emma me chamando de *torta de mel* enviava um pingo de prazer direto para o meu peito todas as vezes. Mas foi temperado com decepção hoje.

Porque ela parou de me chamar de Brick quando ela me provocava. Eu sabia que era o resultado do meu discurso de autopiedade ontem de que eu era um atleta fracassado. Sua consideração me irritou. Não deveria, mas irritou. Eu queria que ela se sentisse livre e à vontade comigo. Mas eu tinha destruído a fundação da nossa amizade... o que quer que fosse. Eu poderia apenas me culpar. Eu iria reconstruí-la, no entanto. Tornou-se imprescindível para mim de maneiras que eu realmente não queria analisar.

Andando, estabelecemos um ritmo constante. Emma estava em boa forma, e eu tive que diminuir meu passo habitual apenas um pouco. O caminho subia através da grama com cheiro doce e árvores sussurrantes. Nós não falamos, mas continuamos caminhando em um silêncio tranquilo. Eu gostava disso em Emma; claro, ela me daria uma merda sem hesitar, mas nunca era cruel, e ela não sentia a necessidade de preencher silêncios quando não tinha nada a dizer.

Chegamos a um riacho alimentado por água que serpenteava montanha abaixo. O riacho era um gotejar baixo agora, mas Emma diminuiu a velocidade para admirá-lo. Com um sorriso radiante, ela olhou na minha direção.

— Obrigada por me convidar até aqui. Eu precisava disso.

Eu estava começando a perceber que a levaria a qualquer lugar que ela quisesse. Tudo o que ela precisasse, eu faria o meu melhor para fornecer. Foi perturbador como o inferno, mas algumas coisas não valiam a pena lutar contra.

Mamie estava certa; eu estava aqui. Assim como Emma. E o fato é que eu queria estar perto dela, fosse uma ideia inteligente ou não. Ela me levou para fora de mim, para um lugar onde cada pensamento não estava atolado em raiva ou arrependimento. Eu não tinha ilusões de que Emma Maron pudesse me consertar; ninguém poderia fazer isso. Mas eu gostei dos momentos que tive dentro de sua órbita, e isso foi mais do que eu tinha antes de ela entrar na minha vida. Mesmo quando estava jogando, nunca tive esse nível de conexão com uma pessoa.

Consegui murmurar um “de nada”, mas ela saiu de novo e eu a segui. Não nos falamos de novo até uma hora depois, quando alcançamos uma clareira que dava vista para o vale. Um fino brilho de suor brilhou na pele de Emma quando ela ergueu o rosto para o sol e deixou a brisa passar por ela.

Eu fiz o mesmo e tirei minha camisa para senti-lo totalmente. O som do gorgolejo de surpresa mal disfarçado de Emma quase trouxe um sorriso à minha boca, mas mantive meus olhos fechados e minha expressão neutra. Eu não tinha pensado muito sobre isso quando tirei minha camisa. Mas ela gostou do que viu. Eu sabia disso quando a confrontei depois que ela me viu nadar nu. Estava escrito por todo o seu rosto expressivo desde então.

Senti seu olhar como uma marca quente agora, me apreciando. Eu posso ter tirado um pouco de vantagem, flexionando meus peitorais e abdominais antes de esticar meus braços acima da cabeça.

— Cuidado — disse sua voz branda. — Você pode torcer um nervo se alongando assim.

Eu deixei meus braços caírem e dei a ela um olhar maligno.

— Você está me chamando de velho, Snoopy?

— Estou chamando você de exibicionista, torta de mel — ela rebateu, então me retribuiu totalmente ao se curvar para tocar seus dedos dos pés, aquele pêssego perfeito que era sua bunda apontada em minha direção.

Inferno.

Ela saltou apenas o suficiente para fazer meu pau se animar. Amaldiçoando, me virei para colocar minha camisa e, em seguida, cavei na mochila enquanto ela soltava uma risada leve.

— Você é uma mulher má, Em. — Entreguei-lhe uma garrafa de água.

Ela sorriu.

— Você mereceu, Lucian.

— Sim, eu mereci. — Eu me peguei sorrindo, apesar da dor de desejo em meu intestino. Eu gostava de Emma, mas *amava* o jeito que ela brincava. Isso me lembrava da camaradagem que tive com meus rapazes, mas melhor. Eu nunca quis puxar nenhum dos meus companheiros de equipe para o meu colo e devorar suas bocas. A mistura de luxúria indispensável e diversão era estranhamente inebriante.

Peguei outra água e bebi profundamente antes de oferecer a ela uma barra de cereais. Encontramos uma pedra larga e lisa para sentar à sombra e bebemos o resto da água. Emma puxou os joelhos perto do peito e descansou os braços sobre eles. Seu perfil suavizou com contentamento.

O que significava que eu tinha que estragar tudo.

— Sinto muito por assustar você ontem.

Emma enrijeceu e silenciosamente me amaldiçoei por dizer qualquer coisa. Mas então, ela inclinou a cabeça na minha direção. Seus calmos olhos azuis percorreram meu rosto, como se estivessem avaliando. Eu fiquei parado, fingindo que não estava me coçando para pular da maldita pedra.

— Você não me assustou — ela disse suavemente, com cuidado. — Não de verdade.

Mas eu assustei. Eu estava lá. Eu tinha visto seu medo.

— Eu... falo alto quando eu perco a paciência — eu disse, me sentindo um idiota. Eu não deveria ter perdido a paciência com essa mulher. — Eu costumava ser... — Melhor. Inteiro. — Mais calmo. De qualquer forma, foi imperdoável e eu...

Sua mão pousou no meu antebraço, quente e firme.

— Lucian. Não. Você não tem motivo para se desculpar. Estávamos discutindo. Acontece.

— Mas...

— Meu pai me batia.

O que quer que eu tenha planejado dizer parou bruscamente, uma névoa vermelha se movendo sobre meu olhar. Ela foi agredida. Meus punhos se fecharam. Eu queria... Porra. Eu queria abraçá-la. Segurá-la.

Seu nariz enrugou enquanto ela traçava ao longo da costura de suas calças.

— Era seu método de disciplina favorito, se é que você pode chamá-lo assim. — Ela fez uma careta, desviando o olhar. — Às vezes, estremeço, embora a lógica me diga que não há ameaça real.

Engoli duas vezes antes que pudesse encontrar minha voz.

— Compreensível. O medo é geralmente reacionário.

Se você pedir, eu vou te abraçar. Eu não vou soltá-la até que você se sinta segura novamente. Peça-me, Em.

Com uma carranca, Emma encolheu os ombros, como se pudesse afastar tudo.

— É embaraçoso. Não sou mais aquela garota fraca e assustada.

Não, ela era forte, resistente, bonita. E ainda assim ela estava envergonhada. Estava basicamente errada.

— Você acha que ser abusada fisicamente é um sinal de fraqueza?

Emma abaixou a cabeça, a luz do sol brilhando em seu cabelo como uma auréola.

— Eu... não. Não sei. Acho que uma parte de mim sempre se pergunta: se eu fosse mais forte, maior, isso teria acontecido?

Eu entendi. Bem demais. Vários “e se” atormentaram minha vida. Eu deixei suas preocupações afundarem e pensei sobre elas antes de responder com palavras moderadas.

— Eu tenho esse amigo. Ele é um cara grande, um metro e noventa, músculos sólidos. Ninguém com bom senso quer mexer com ele. — Meu polegar sacudiu um pouco de cascalho da borda da rocha. — Ele tinha uma namorada. Eles estavam juntos desde o colégio.

Uma carranca enrugada entre as sobrancelhas de Emma.

— E ele bateu nela?

— Não. Ela bateu nele.

Seus olhos se arregalaram.

— O quê?

Dei de ombros.

— Ela entrava nessas fúrias sem nem ser provocada. Ela gritava e esbravejava, jogava coisas em sua cabeça, esbofeteava seu rosto, arranhava sua pele. Ele simplesmente aceitava, simplesmente desligava e a deixava reclamar.

A memória afundou como uma pedra em minhas entranhas. A apatia nos olhos de Hal, como ele se manteve rígido e separado de todos.

— Era uma daquelas coisas em que você não acreditaria até testemunhar — eu disse a Emma. — Então você se perguntava porquê ele ficou. Demorou anos para deixá-la. Ela era tudo o que ele conhecia e ela, de alguma forma, o convenceu de que era tudo culpa dele.

— Deus. — A empatia na voz de Emma envolveu suas mãos macias em volta do meu coração. Inclinei um fio de cabelo para mais perto dela.

— O ponto é. Este era um cara grande, forte e poderoso. Um bom golpe dele e ela estaria fora de questão. Mas ele não estava disposto a levantar a mão para ela ou para qualquer mulher. Porque ele conhecia sua força e a exercia com responsabilidade.

Meu olhar encontrou o azul profundo dos de Emma.

— Claro, há homens que batem e eles usam sua força para machucar os outros. Mas no nível mais básico, o abuso não é sobre o fisicamente forte contra o fraco. É uma merda mental, projetada para destruir sua dignidade e confiança.

Seu olhar moveu-se sobre meu rosto enquanto nos encaramos. E tive a impressão de que ela estava resolvendo as coisas em sua cabeça. Lentamente, como a maré subindo, sua expressão se abriu e ela me deu o menor dos sorrisos. Ele invadiu todos os cantos escuros do meu coração, e eu tive que me preparar mentalmente.

— Você está certo — disse ela.

Limpei minha garganta e dei a ela um aceno solene.

— Normalmente estou.

Demorou um segundo; então ela bufou.

— Oh meu Deus, você é terrível. — Ela parecia divertida, no entanto, enquanto me cutucava com o ombro.

Eu a cutuquei de volta; era isso ou puxá-la para o meu colo.

— Isso não é segredo, abelhinha.

— Abelhinha? — ela repetiu, uma pergunta em sua voz.

Eu segurei um sorriso.

— Se eu vou ser uma torta de mel, faz sentido que você seja a abelha.

O movimento de suas sobrancelhas abaixou-se ameaçadoramente.

— Por quê? Porque estou atrás do seu mel? — Ela zombou muito e alto, e eu tive que rir. Se alguém estava atrás de mel aqui, era eu.

— As abelhas fazem mel, Em. — Eu a cutuquei de novo, forte o suficiente para balançá-la e fazê-la chiar de tanto rir. — E você parece ter a intenção de me deixar doce.

CAPÍTULO DEZ

Emma

Tornar Lucian Osmond doce? Suspeitava que ele sempre foi; ele simplesmente não sabia disso.

Eu estava com um humor ridiculamente bom no caminho de volta para Rosemont. Embora sujeito a longos períodos de silêncio, e às vezes rude, Lucian era uma boa companhia. Não me importava com os silêncios; eu tendia a sonhar acordada e ficar presa no meu próprio mundo de qualquer maneira. E a grosseria, os resmungos e os bufos eram adoráveis. Não que eu vá dizer isso a ele. Ou talvez eu devesse; ele provavelmente acabaria fazendo mais.

O problema era que eu não sabia o que estava acontecendo entre nós. Eu gostava dele. Deus sabia que eu o queria. E se ele não sabia disso, no mínimo, ele sabia que eu o achava atraente. Eu não estava completamente alheia. Eu o vi olhando também. Nunca malicioso ou prolongado demais. Mas ele também pareceu gostar do que viu.

Quando ele baixava a guarda, ele flertava. Mas estava claro que ele resistia. O que era inteligente. Nossas vidas profissionais estavam uma bagunça, ele claramente estava passando por muito estresse, e eu... tecnicamente, tinha acabado de terminar com meu namorado que morava comigo. Em quem eu não pensava há dias. Greg foi apenas um em uma fila de decepções. Ou eu tinha um gosto completamente ruim, ou um julgamento ruim. Apesar de tudo, era melhor ficar longe de relacionamentos por um tempo. *Concentrar em me tornar uma pessoa melhor e tudo mais, e manter a amizade simples com Lucian.*

Então tive um vislumbre de seu grande corpo no banco do motorista ao meu lado, uma camiseta surrada do Capitão América

esticada apertadamente sobre seus ombros largos, mas folgadamente pendurada sobre sua barriga lisa. Ele usava bermuda cargo que mal chegava aos joelhos.

Os joelhos dos homens deveriam ser sexy? Suas panturrilhas? Uma visão do joelho ossudo de Lucian, coxa musculosa delineada e panturrilha dura, levemente cobertas com pelo escuro e encaracolado, me fez querer estender a mão e acariciar sua perna, enfiar minha mão sob aquela bermuda para segurar o que eu sabia que seria firme e carnudo e... droga.

Manter minhas mãos para mim mesma e minha mente fora de suas calças ia ser difícil. O que era estranho; eu amava homens e sexo, mas nunca me preocupei com nenhum deles. Até ele.

Abaixei a janela quando viramos para a direção de Rosemont.

— Estou faminta. O que você acha que vamos ter para o almoço?

— Não sei. Eu ia fazer um sanduíche para mim. — Lucian deu uma olhada, um brilho em seus olhos de jade pálido. — Você está torcendo o nariz. Desrespeitando o humilde sanduíche, Em? Ou você foi estragada pelas refeições elaboradas da cozinha?

— Eu não estava torcendo o nariz para o seu sanduíche. — Eu *posso* ter feito. Sua sobrelanceira erguida indicava que ele me lia como um livro. Eu bufei uma risada. — Certo, tudo bem. A cozinha da casa está me estragando muito. Eu deveria terminar isso agora e dizer a eles para não me mandarem mais refeições.

— Não exagere — ele murmurou, os olhos de volta na estrada. — Você vai ofender Amalie. Ela tem muito orgulho de sua cozinha.

— Era uma ameaça vazia. Estou muito bem viciada.

Os cantos de seus olhos enrugaram.

— Se for difícil para você preparar suas próprias refeições, farei um sanduíche para você.

— Ei. Eu não sou uma princesa. Posso fazer meu próprio sanduíche – muito obrigada. — Embora a ideia de Lucian fazer um para mim tivesse suas vantagens. Passar mais tempo com ele, o principal deles.

Ele me lançou um olhar desafiador.

— Você realmente pode?

— Você não tem que parecer tão duvidoso. Tudo bem... Admito que sou uma cozinheira horrível. Tudo sai sem graça ou seco. Mas posso colocar manteiga de amendoim no pão.

Sua expressão me disse tudo que eu precisava saber sobre seus pensamentos sobre minhas habilidades de fazer sanduíches.

— Não se preocupe, abelhinha, haverá almoço pronto para você. As refeições são uma coisa com que você pode confiar em Rosemont.

— Snoopy, abelhinha... Não tenho certeza se gosto que você tenha tantos apelidos para me provocar. — Mentira. Eu amei. Mas ele não precisava saber disso.

Lucian, entretanto, tem aquele brilho de volta em seus olhos, embora os mantivesse na estrada.

— Coloque Brick de volta na jogada e estaremos quites.

Meu coração pulou uma batida. Ele percebeu que eu parei de usá-lo. Eu me senti péssima por tê-lo chamado de algo que atingiu muito perto da realidade dele. E, no entanto, aqui estava ele me desafiando a usá-lo novamente. Talvez houvesse poder em abraçar o que poderia ser percebido como uma fraqueza e torná-lo seu. Ou talvez os homens fossem bestas estranhas, e eu nunca os entenderia completamente.

De qualquer maneira, dei de ombros, como se não tivesse sido afetada.

— Que tal cabeça de Brick¹³? Parece preciso na metade das vezes.

Lucian riu e parou em sua vaga de estacionamento sob a sombra de um eucalipto imponente.

— Parece correto.

Seu humor diminuiu quando avistou os dois SUVs estacionados no estacionamento.

— Parece que Amalie tem companhia.

Lucian grunhiu e então saiu, ainda olhando para os veículos. Ele esperou que eu contornasse a picape e ficasse ao lado dele antes de seguir em direção ao caminho que levava ao terreno e ao meu bangalô. O silêncio caiu enquanto caminhávamos, e eu podia sentir a tensão irradiando dele.

Como ele era antes, eu não sabia, mas essa versão de Lucian Osmond não gostava de convidados inesperados. Se eu tivesse que

adivinhar, ele desapareceria até que eles tivessem ido embora.

Então, novamente, eu presumi que os convidados eram de Amalie. Mas quando viramos a esquina que nos levava ao terraço da casa grande, o passo de Lucian vacilou. Um baixo e feroz “filho da puta” saiu dele quando viu as pessoas tomando bebidas em uma das mesas.

Havia uma corrente de puro pânico em seu tom, e me senti obrigada a roçar meu braço com o dele apenas uma vez, meu dedo passando sobre seu punho enrolado. Ele desviou o olhar na minha direção, olhos pálidos doloridos, em pânico e um pouco surpresos. Mas ele sentiu meu toque, e seu dedo mindinho se enroscou no meu por um breve momento de reconhecimento.

— Seus amigos? — Murmurei.

— Algo do tipo. — Lucian se moveu apenas o suficiente para colocar espaço entre nós.

Um dos homens se levantou e gritou um alegre:

— Oi! Ozzy!

Visivelmente se preparando, Lucian se arrastou com dificuldade. Eu poderia, em teoria, me retirar para meu bangalô. Mas seria rude. E o mais importante, eu estaria abandonando Lucian para enfrentar o que quer que fosse.

Talvez ele não queira que você esteja por perto para testemunhar isso, minha voz interior sussurrou. Mas era tarde demais. Já estávamos à mesa.

Haviam três convidados, todos da nossa idade. Aquele que gritou levantou-se e abriu os braços enormes em clara felicidade. Um grande urso em forma de homem, ele era mais alto que Lucian por um centímetro, mas provavelmente pesava bons nove quilos a mais do que ele. Cabelo loiro desganhado com uma barba espessa que emoldurava um sorriso interrompido pela falta de um incisivo lateral direito – o homem se aproximou pesadamente de um Lucian de rosto impassível e o pegou no que parecia ser um abraço de dobrar os ossos.

— Oz — disse ele, praticamente levantando Lucian. — Seu idiota. Nenhuma palavra em meses, e todo esse tempo, você esteve se escondendo no paraíso.

Lucian deixou escapar uma risada forçada.

— Então você decidiu invadir, hein?

— Não me deixou muita escolha, não é? — O sorriso do homem ainda estava no lugar quando ele soltou Lucian, mas estava tenso agora. E eu sabia que ele não tinha certeza se era bem vindo. Uma pontada passou por mim, porque estava claro que este homem gostava muito de Lucian.

Seus olhos azuis olharam para mim e pararam.

— Olá... — Fui tratada com outro sorriso enviesado, mas encantador. — E você é... puta merda. — Sua voz estrondosa falhou. — Você é Emma Maron, não é?

Foco instantâneo em mim. Eu sentia isso todas as vezes. Meu sorriso queria entrar, automaticamente, no modo de relações públicas. Eu resisti ao desejo. Este era o amigo de Lucian.

— Sim.

Lucian grunhiu, então inclinou a cabeça.

— Emma, este pateta é Axel Bromwell. Nós o chamamos de Brommy.

— Nós, jogadores de hóquei, amamos uns apelidos. — Brommy estendeu uma pata de urso para que eu a sacudisse. Mas ele ergueu minha mão e beijou o ar sobre meus dedos. — Princesa Anya. É um prazer.

— Emma, por favor. — Foi estranho o suficiente com Lucian rígido ao meu lado.

— Jesus, Brom, pare com isso — Lucian resmungou. — Ela não é a personagem.

Brommy revirou os olhos.

— Eu sei que não. Você guardou seu pedaço de pau na sua bunda, não é? — Ele não pareceu se incomodar com essa ideia, porém, e pegou minha mão para unir nossos braços. — Desculpe por isso, Emma. Foi um momento de deslumbre, é tudo. Estou bem agora.

Eu ri, e ele piscou, os olhos brilhantes.

— Mas fique à vontade para puxar um chicote se eu me comportar mal de novo.

A Princesa Anya *era* hábil com um chicote.

Atrás de mim, Lucian rosnou uma maldição ininteligível. Ignorando-o, Brommy me levou até a mesa, onde dois outros recém-chegados esperavam. Eu percebi o homem imediatamente. Como eu

não poderia? Ele era uma versão ligeiramente exausta de Lucian – mesma estrutura óssea básica, embora seu nariz fosse mais fino, mais elegante e seu rosto um pouco mais estreito.

Seu cabelo não era a rica cor de chocolate amargo tingido com reflexos cereja, mas era castanho médio. Ele tinha olhos verdes sob as sobrancelhas retas, mas enquanto os de Lucian e Amalie eram incrivelmente pálidos como jade congelado, os dele eram de um verde uva mais quente. Lindos por si mesmos e calculistas.

O pior de tudo é que ele percebeu que eu o estudei e gostou. Tive a impressão de que ele presumiu que eu estava interessada. Eu não estava. O homem era lindo, mas eu não senti um vislumbre de atração. Isso não o impediu de se levantar e beijar minha mão como Brommy tinha feito. Mas onde Brommy me fez querer rir, esse cara me fez querer pegar minha mão de volta o mais rápido possível.

— Olá, linda — disse ele. — Eu sou Anton.

— Você é irmão de Lucian?

Atrás de mim, Lucian fez um barulho que interpretei como “Até parece”.

O sorriso de Anton foi malicioso.

— Primo de primeiro grau. Eu tenho os genes bons.

— Hum. — Minha atenção mudou para a mulher que estava praticamente pulando de um pé para o outro com impaciência. Ela era provavelmente alguns anos mais nova do que eu e fofa como o inferno.

Ela também tinha cabelos castanhos, embora os dela enrolassem em uma aura saltitante em torno do seu rosto oval. E aqueles olhos verde-uva.

— Tina — ela deixou escapar, empurrando Anton para o lado. Ou ela era forte como o inferno ou ele estava acostumado com ela empurrando-o para fora do caminho. Provavelmente ambos. — Irmã de Anton e prima de Luc. E, ai meu Deus, vou ser uma idiota como o Brommy, porque simplesmente amo, amo, amo *Dark Castle* e não posso acreditar que Mamie não nos avisou que você estava aqui. Eu teria usado algo mais bonito, feito as unhas, algo, qualquer coisa, para marcar esta ocasião importante...

— Respire, Tiny — Lucian interrompeu, divertido.

Ela imediatamente soltou um suspiro expansivo e franziu o nariz.

— Merda. Eu sou uma idiota.

Rindo, eu apertei sua mão.

— Não, você é maravilhosa.

Tina sorriu para isso.

— Vou me acalmar em um segundo, eu prometo.

— Ótimo, eu não gostaria de pegar meu chicote.

Lucian grunhiu – o que eu sabia que significava "Senhor, me ajude". Eu lancei a ele um olhar de soslaio, mas sua expressão permaneceu branda. Ele estava bem perto, bem à minha direita, mas era como se todo o seu corpo se inclinasse em direção à casa da piscina. Ele queria fugir. Desesperadamente. Mas ele estava enraizado no lugar.

Eu me senti mal por ele. Especialmente quando todos se sentaram e Tina puxou uma cadeira para mim, deixando uma vazia ao meu lado para Lucian. Ele hesitou. Esses eram seus primos e seu bom amigo; ele poderia ter tido a chance de fugir, mas então Amalie saiu da casa, cafetã de seda carmesim esvoaçando, um sorriso radiante no rosto. E eu sabia que as chances de Lucian recuar se foram.

Ele obviamente também. Com um suspiro, ele se deixou cair na cadeira.

— Ah, bom, vocês dois estão de volta. — Amalie sorriu abertamente, sua boca vermelha aberta enquanto se sentava à cabeceira da mesa, uma rainha na corte. — Podemos almoçar.

Sendo Rosemont, assim que ela anunciou isso, os garçons chegaram carregando os pratos. Não passou despercebido por mim – ou, eu suspeito, Lucian – que eles tinham exatamente a quantidade certa de refeições para servir a todos nós.

A curiosidade me fez querer ver todo esse estranho reencontro acontecer, mas eu estava morrendo de fome, e quando o prato foi colocado diante de mim, carregando uma quiche de tamanho individual com uma salada de verduras, meu estômago realmente roncou.

Sob seus cílios injustamente longos, Lucian me lançou um olhar, os cantos de sua boca se contraindo. Ele tinha ouvido.

— Eu te disse que estava com fome — murmurei para ele.

Aqueles lábios expressivos se contraíram novamente.

— Teremos que trabalhar mais duro para mantê-la alimentada, abelha.

Ele falou tão baixo, mal movendo a boca, que eu tinha certeza de que só eu pude ouvir. Mas Anton estava observando muito de perto, e seu olhar disparou entre nós.

— Então, Luc, você está namorando a princesa. Boa jogada.

Meus olhos se estreitaram.

Lucian se recostou em uma expansão preguiçosa de membros que desmentia o aviso tenso em sua voz.

— *Emma* é uma convidada de Mamie, Ant. Lembre-se disso, ok?

A propósito, Anton fez uma careta, duvido que ele gostasse de seu apelido, mas antes que ele pudesse responder, Amalie concordou com um elegante aceno de sua mão.

— Isto é verdade. Vocês, rapazes, mantenham Emma fora de suas brigas.

O que quase garantia que eu seria o centro delas.

Eu me virei para uma Tina ainda com os olhos arregalados.

— Eles brigam com frequência, não é?

Tina parecia divertida, mas resignada.

— Desde que eles eram crianças. Não ajuda que os dois joguem como centrais.

— Ambos *jogavam* — Anton corrigiu, como um idiota. — Eu não sou aposentado. Graças a Deus.

Sua declaração caiu como uma bola de chumbo sobre a mesa. E meu coração doeu por Lucian. Até mesmo Anton parecia perceber o quão horrível ele tinha sido. Ele fez uma careta, seu rosto se contorcendo com remorso genuíno.

— Merda, desculpe, Luc.

Lucian poderia muito bem ser feito de granito.

— Sem problemas.

Brommy, que havia recebido duas quiches, se inclinou e chamou minha atenção.

— Ant é amargurado porque chutamos a bunda dele em cada playoff. Não é verdade, Homem-formiga¹⁴?

Anton sorriu.

— Chutei sua bunda ano passado, não foi, Brometo?

— Isso é porque nós não tínhamos— merda. Desculpe, Oz. — Ele abaixou a cabeça e enfiou um pedaço de quiche na boca.

Eles não tinham Lucian jogando para eles. Ele deve ter perdido a última parte da temporada.

Lucian bufou de repente.

— Bem, isso é divertido.

Brommy ergueu a cabeça e piscou.

— Como nos velhos tempos.

Lucian soltou uma risada fraca e começou a comer. Eu relaxei o suficiente para fazer o mesmo. A comida era, como esperado, deliciosa.

— O que há nesta quiche? — Eu perguntei, tentando esconder meu gemido.

— Tomates secos e gouda — disse Amalie.

— Você vai cozinhar hoje, Mamie? — Anton perguntou com um olhar malicioso.

— Aquecer um forno é pouca coisa, não? — O gelo em seu olhar o desafiou a dizer o contrário, e eu sorri com a boca cheia de comida.

— Então — Tina disse para mim. — Eu sei que você não pode dar detalhes, mas vamos adorar o final? — Seus olhos verdes brilharam de excitação. — Eu não posso esperar.

Embaixo da mesa, o pé de Lucian tocou a lateral do meu. Apoio. Na menor das formas, e ainda assim parecia tudo.

— Bem — comecei diplomaticamente. — As pessoas certamente estarão falando sobre; isso eu posso garantir.

— Oh, eu sabia! — Ela se aproximou. — Você tem que me dizer — como é trabalhar com Macon Saint? Ele é maravilhoso. Aquele corpo. Deus.

— Ei — Brommy interrompeu. — Homens com corpos gostosos bem aqui.

— Oh, estão? — Tina semicerrou os olhos, olhando ao redor. — Estou tendo problemas para localizá-los.

— Aproxime-se um pouco, docinho, e eu farei uma visita guiada a você.

Depois de fazer uma careta para Brommy, ela se virou para mim.

— Conte-me tudo sobre Saint.

— Sim — Lucian disse, finalmente encontrando meus olhos. Os dele eram penetrantes e ligeiramente malignos naquele momento. — Ele é tão impressionante na vida real?

Tina jogou o guardanapo nele.

Eu dei a ele um sorriso suave.

— Sim, ele é.

Isso apagou a diversão do rosto de Lucian.

— Ele é maravilhoso — eu disse a Tina com sinceridade. — Um cavalheiro com um senso de humor muito seco. Ele é extremamente generoso como ator e nunca monopoliza a cena. Nos tornamos muito próximos ao longo dos anos.

Lucian grunhiu.

Eu mantive meu olhar em Tina.

— Ele também está noivo.

Brommy riu.

— Os gostosos vão rápido, Tiny.

— Você finalmente está admitindo que não é gostoso? — ela rebateu com impertinência.

— Nós dois sabemos que isso seria uma mentira. Recebi ofertas, mas sou inteligente o suficiente para não ser apanhado.

Tina fez um *signal de claro* com a mão, enquanto revirava os olhos em minha direção. Eu peguei o olhar e sorri.

Anton assistiu nossa interação, então se virou para Lucian.

— Falando nisso, eu vi Cass outro dia. Parece que ela está viciada no Cashion.

Era como se o ar tivesse sido sugado do espaço, o que era impressionante, visto que estávamos ao ar livre. Lucian ficou vermelho, sua mandíbula contraída.

Amalie murmurou algo que soou muito como *imbécile* sob sua respiração, então *começou* uma ladainha em francês murmurando enquanto olhava para Anton.

Eu sabia que não deveria perguntar; eu sabia disso instintivamente. E ainda assim, de alguma forma, minha boca estúpida formou as palavras de qualquer maneira.

— Quem é Cass?

Olhos dispararam ao redor, todos se olhando, como se para descobrir quem iria dizer isso. Mas Lucian, que manteve o foco na comida, comendo mecanicamente como se mal a provasse, respondeu com a suavidade de uma torrada.

— Minha ex-noiva.

E me dei conta: Lucian havia perdido muito mais do que sua profissão.

CAPÍTULO ONZE

Lucian

— Está a fim de companhia? — Brommy não esperou pela minha resposta, mas sentou-se no lugar vazio ao meu lado no pequeno pátio com vista para o oceano.

Era impressionante que ele tivesse me descoberto, dado o tamanho da propriedade, mas Brommy tinha um talento especial para essas coisas. Enfiei a mão no pequeno cooler ao meu lado e tirei uma garrafa de cerveja para ele.

— Obrigado. — Um estalo soou quando ele o abriu.

O sol estava desaparecendo atrás do oceano, deixando apenas uma lasca de ouro brilhante. Em um piscar de olhos, isso também se foi, e o céu se aprofundou em um azul suave e esfumaçado que me lembrou dos olhos de Emma. O que era brega como o inferno, mas ainda era verdade.

Brommy recostou-se com um longo suspiro, erguendo-se para olhar as estrelas que começavam a brilhar no crepúsculo aveludado. Uma brisa soprou sobre nós.

— Cara, eu adoro esse clima — disse ele.

— É ótimo. Se você ignorar as secas, incêndios florestais desenfreados, deslizamentos de terra e terremotos.

Ele deu uma risadinha.

— Ainda supera a umidade de merda de DC.

— Não estávamos lá por causa do clima, Brom.

Isso o calou e eu me senti um idiota por dizer isso. Brommy não disse nada por um tempo – apenas bebeu sua cerveja e olhou para a

noite. Quando ele finalmente falou, seu tom descontraído de costume foi moderado.

— Ant é um idiota.

— Ele não consegue se conter perto de mim. — Eu tomei um gole. — Nós sempre trouxemos o pior um do outro. Nós dois jogando hóquei só piorou as coisas.

Mas ele ganhou aquela competição em particular, certo? Eu posso ter sido o melhor jogador, mas ele ainda tinha seus patins.

— Aquela merda que ele disse sobre Cass...

— Eu honestamente não dou a mínima — eu interrompi, então olhei para um Brommy com dúvidas. — Estou falando sério. Sabe qual é a emoção mais forte que sinto quando penso em Cassandra? Alívio.

— Cara... — Ele balançou a cabeça com diversão sombria.

— É horrível, não é? Eu ia me casar com aquela mulher e eu era complacente demais para perceber que não a amava. Inferno, eu mal gostava dela.

Às vezes, eu ainda não conseguia acreditar o quão perto estive de cometer o que teria sido um dos maiores erros da minha vida. Pior, eu deixaria Cassandra – ela nunca quis que eu a chamasse de Cass – acreditar que eu a amava. Era uma merda de se fazer com qualquer pessoa.

— Um sorriso doce e um belo par de seios deixam muitos homens cegos.

— Eu gostaria de pensar que sou melhor do que isso.

— Todos nós gostaríamos, meu amigo. — Ele ergueu a garrafa em uma saudação irônica. Então terminou sua cerveja. — Não se sinta tão mal por não ver isso. Ela é uma profissional. Uma maria patins total.

— Não deixe Tina ouvir você. Não devemos usar esse termo, lembra?

Como diria a Tina, era sexista e rude. Ela não estava errada. Embora, Brommy também não estava; havia mulheres que tinham como missão conseguir um jogador de hóquei. Visto que a maioria de nós adorava a atenção que elas nos davam, não era exatamente uma troca desigual. Só não aquela ao qual eu estava interessado em dedicar minha vida.

O bufo de Brommy foi eloquente, mas então ele ficou sério.

— Senti sua falta, cara.

Um carço do tamanho do meu punho subiu na minha garganta. Eu também sentia falta dele. Tanto que às vezes eu me virava para fazer uma piada apenas para perceber que ele não estava lá. Nenhum dos meus caras estavam. Tudo o que me restava eram fantasmas.

Eu queria me desculpar por não ligar para ele, por ignorar suas ligações e mensagens. Mas como dizer a ele que qualquer coisa a ver com hóquei, incluindo ele, era demais para mim? Se eu chegasse muito perto do jogo, me sentia como um viciado em abstinência, meus dedos tremendo, meu coração disparado com uma necessidade insistente de voltar para o gelo.

Eu não poderia dizer a ele que tinha que ser tudo ou nada quando se tratava de hóquei. No escuro, ao lado do meu melhor amigo, eu só conseguia olhar para as minhas mãos em punhos apoiadas nas minhas coxas.

Ele falou devagar, com cuidado.

— Não vou fingir que sei como é a sensação, Oz. Eu só... inferno. Eu não sei o que estou dizendo, além de que estou aqui se você precisar.

O carço cresceu, pressionando contra o céu da minha boca. Eu engoli convulsivamente.

— Eu deveria ter ligado.

— Você não precisa fazer nada que não queira.

— Tenho sentido pena de mim mesmo.

— Que merda você é — disse Brommy no calor do momento. Ele parecia estar a dois segundos de chutar minha bunda.

Eu tive que sorrir para isso, mas não durou.

— Sim, Brom, eu sou. Não, deixe-me dizer isso. — Se não eu dissesse agora, talvez nunca mais falaria. — O fato é que todo atleta tem que enfrentar o dia em que seu corpo não poderá fazer o trabalho exigido de seu esporte. Eu sabia disso desde o início – embora nunca quisesse pensar sobre isso.

Brommy grunhiu em amplo acordo. Todos nós sabíamos. Nós apenas não queríamos pensar.

— Nada dura para sempre. Eu sei disso. Mas essa coisa com a minha cabeça? — Incapaz de me conter, passei uma mão instável pelo

cabelo, sentindo a névoa do mar na massa emaranhada. — Está ficando melhor. Estou curando.

— Isso é uma coisa boa — disse Brommy calmamente.

— Sim, é. Mas você não está entendendo. Além da minha cabeça, meu corpo está em perfeitas condições. Estou no auge da minha vida, Brom. Eu dominava a porra do jogo. E essa única coisa tirou ele de mim. Eu acordo pensando que estou no gelo.

Eu me inclinei para frente, minhas entranhas torcendo, e cerrei as minhas mãos.

— Eu quase desejo ter estragado meu joelho ou algo tangível. Pelo menos assim, eu não... — Soltei um suspiro. — Não sei o que estou dizendo. Além de que não consigo suportar o fato de que a única coisa que está me impedindo é a minha cabeça.

Brommy não falou quando terminei, talvez sabendo que eu precisava de um minuto. O som da risada de uma mulher veio da casa, flutuando na brisa noturna. Meu estômago apertou quando percebi que era Emma. Eu queria estar com ela, absorvendo sua risada, provocando-a para me fazer rir também. Virei a cabeça para o lado, como se pudesse bloquear tudo.

— É uma merda, Oz — disse Brommy. — É uma merda. Mas talvez você esteja olhando pelo lado errado.

Eu atirei-lhe um olhar furioso e ele ergueu uma mão enorme.

— Me ouça. Você diz que teria sido melhor se você estragasse um joelho. — Ele balançou a cabeça lentamente. — Não há como jogar bem com o joelho machucado, claro. Mas o que o tornou ótimo, o que o tornou uma lenda, é o seu senso de hóquei.

Ele se inclinou para frente, me prendendo com um olhar duro.

— Seu cérebro, Oz, é o que faz você ser você.

Baixei a cabeça, incapaz de sustentá-la, e fechei os olhos.

— Eu sei.

— Eu sei que você sabe, cara. Mas vou dizer mesmo assim. Um homem pode mancar em um joelho quebrado, mas ele ainda é ele mesmo. Você embaralha esse cérebro e as luzes se apagam.

Na escuridão, minha garganta trabalhou. Queria falar, mas não consegui.

— Francamente — disse ele. — Eu admiro você para caramba. Porque nós dois sabemos que ainda existem alguns idiotas que realmente não deveriam estar jogando. Você saiu com a cabeça intacta. Literalmente.

O tom de sua voz tirou toda a luta remanescente de mim. Ele se importava. Bastante. E isso não era pouca coisa. Eu sabia agora, mais do que nunca, o valor desse tipo de amizade e apoio inabaláveis.

— Eu sinto muito. Por ser um idiota.

Ele bufou uma risada.

— Inferno, estou acostumado com isso.

Eu dei a ele um olhar seco, mas continuei.

— É sério. Eu me tornei... recluso, cabeça quente.

— Tornou-se? — Suas sobrancelhas cor de areia se ergueram e ele riu de novo. — Eu odeio revelar isso à você, Oz, mas você sempre foi.

— Eu não era porra nenhuma.

— Uma ova que você não era — ele rebateu. — Você entrava naquele estado de espírito, se fechando dentro de si mesmo, excluindo todo mundo, agindo como um filho da puta mal-humorado. Você não se lembra de todas as malditas temporadas de playoffs?

Piscando, eu o encarei. Ele estava falando sério.

— Eu era divertido.

— Sim, você era. Você também era um idiota competitivo que ficava ferido com muita força sob extrema pressão.

Pasmo, eu afundei de volta na minha cadeira.

— Bem, inferno.

Eu tinha esquecido a exaustão, o estresse. Eu odiava essa parte. Odiava. Como diabos eu tinha esquecido disso?

— Não se desespere. — Ele deu um tapa no meu ombro com a mão. — Nunca nos vemos plenamente como realmente somos. Sim, você está um pouco mais tenso agora. O que você espera? Seu cérebro está se curando; você está sofrendo e estressado. Dá um tempo, Oz.

— Eu retiro o que disse. Eu não sinto muito, idiota.

Ele riu e pegou outra cerveja, então me ofereceu uma. Como não planejava ir a lugar nenhum por um tempo, aceitei. Bebemos em silêncio, enquanto tudo o que ele disse rolava na minha cabeça. Não me senti mais leve, mas mais tranquilo de uma forma estranha.

— Então — Brommy falou lentamente, interrompendo meus pensamentos. —, Princesa Anya, hein?

— Não a chame assim.

— Sensível. É um sinal de respeito — ele protestou quando eu o encarei. — Eu a amo nesse papel.

E isso era parte do problema. Eu estava muito ciente do quanto Brommy amava Emma como Anya. Minhas memórias de assistir *Dark Castle* com ele e os caras eram claras como cristal, e elas não estavam me fazendo nenhum favor. Não quando toda a merda que eles disseram passava pela minha cabeça. A maneira como eles geraram e disseram: "Olhe para aqueles peitos lindos balançando". Como eles aplaudiram Arasmus por meter nela forte e rápido.

Inferno. Eu nunca tinha ido tão longe a ponto de vocalizar nada disso do jeito que Brommy e os outros fizeram, mas eu assisti, excitado e curtindo pra caralho essas cenas. Eu havia objetificado Emma, e isso me consumia agora, quando eu pensava sobre isso. Eu a decepcionei antes mesmo de conhecê-la. Ela era engraçada, inteligente, sensível, atenciosa. E ela foi reduzida a como ela aparecia na tela.

Me chateava saber que meus amigos a viram dessa maneira. E eu sabia muito bem o que Anton estava imaginando quando a chamou de *princesa*. Isso fez meu sangue esquentar mais rápido do que dar um golpe certo no gelo. Eu queria limpar suas mentes da nudez de Emma. O que era errado. Ela estava orgulhosa de seu trabalho, como deveria estar.

— Ela é mais do que apenas um papel — eu disse a Brommy — disse a mim mesmo também. Porque um lembrete não faria mal nenhum agora, quando eu queria socar meu amigo apenas pelo conhecimento que ele tinha.

Ele olhou para mim por um momento, então sorriu largamente.

— Essas cenas de sexo estão mexendo com você, não estão? Não que eu culpe você...

— Brommy, eu juro por Deus, se você olhar para ela do jeito errado...

Ele riu, com a barriga cheia e um tapa na coxa.

— Merda. Você está totalmente caidinho por ela.

— Inferno. — Esfreguei a mão no rosto. — Quer calar a boca?

— Eu não posso. É muito bom. — Ele apontou o dedo para mim. — Você é mais protetor com ela do que você já foi com Cassandra. Você percebe isso, certo?

Não. Sim.

— Foda-se.

— Vá em frente, cara. Ela é doce, engraçada e não parece se importar com sua bunda rabugenta.

— Ela está aqui apenas para uma visita.

— E?

— E nada. Não estou mexendo com a convidada de Mamie. Se eu quiser gozar, eu vou... — Usar *minha mão como tenho feito por quase um ano*. — À algum clube e encontrar um caso de uma noite.

Brommy me encarou com um olhar demorado e divertido.

— Você sabe que sempre posso dizer quando você está cheio de merda.

Eu sabia. Não me impediu de devolver seu olhar com um olhar brando.

— Cai fora, Brommy.

— De saída — ele prometeu, colocando a mão em seu coração. — Mas eu vou aproveitar para caramba quando você eventualmente cair.

Eu estava feliz que alguém aproveitaria.

CAPÍTULO DOZE

Emma

Depois do almoço desastroso, voltei para o meu bangalô e me escondi. Havia cerca de uma dúzia de e-mails para ler, nenhum deles inspirador ou capaz de levantar o clima desanimado que pesava sobre meus ombros. Quase pulei quando o telefone tocou, mas não era ele.

Em vez disso, Amalie me convidou para ir a casa, para jantar e jogar cartas. Eu não tinha condições de recusar; além disso, se eu ficasse aqui, iria remoer. Como Lucian.

Deus, eu queria caçá-lo, ver se ele estava bem, tentar fazê-lo abrir aquele sorriso pequeno, mas encantador dele. Cada pensamento tolo. Ele era um menino grande; ele viveu sua vida muito bem antes de eu tropeçar nela. Ele não precisava de mim, e era o cúmulo da arrogância presumir que eu poderia tornar sua vida melhor em qualquer forma ou maneira.

O que eu absolutamente me recusei a pensar era o fato de que talvez eu precisasse dele.

— Não. — Fechei a porta do meu bangalô e marchei em direção a casa. — Você está apenas se agarrando a ele porque sua vida é incerta e você precisa de um projeto.

Não queria fazer de Lucian um projeto.

Seguindo as instruções que Amalie me deu, encontrei ela e Tina na cozinha. Era um espaço lindo, com armários inferiores de carvalho rico e envelhecido, balcões de mármore de Carrara, paredes de gesso suavemente lavadas e tetos com vigas expostas. Tina estava sentada em um banquinho na enorme ilha central enquanto Amalie mexia em um fogão de oito bocas.

— Bem-vinda — disse Amalie, sorrindo por cima do ombro. — O jantar está quase pronto.

O que quer que ela tenha cozinhado cheirava fantástico. Sentei-me ao lado da Tina, que me ofereceu vinho.

— Onde está Sal? — Perguntei. Eu ainda não tinha visto Amalie sem Sal a tiracolo.

— Ele foi para Los Angeles passar a semana em uma viagem de compras. — Amalie piscou. — O que realmente significa que ele sabia que eu estava prestes a receber meus outros netos e queria que nós nos acomodássemos sem ele atrapalhando.

— Ele estaria atrapalhando?

— Não. — Ela acenou com a mão cheia de anéis. — Mas...

— Ele não se dá bem com Anton — interrompeu Tina.

— Eu me pergunto por quê — eu murmurei, incapaz de me conter, mas Tina riu.

— Nós, Osmonds, podemos ser pessoas difíceis. Anton e Sal têm silenciosamente se odiado há anos porque Ant uma vez cometeu o erro de chamar Sal de *empregado*.

Foi uma coisa terrível de se dizer, e eu teria ficado furiosa.

— Oh, uau. Sal deu um soco nele por isso? — Eu estava apenas meio que provocando.

— Não. — Tina sorriu. — Luc fez isso por ele.

O poderoso Lucian. Claro que ele fez. Eu podia imaginar isso com facilidade e sorri. Droga, eu sentia falta dele. E haviam se passado apenas algumas horas. Tomei um gole de vinho, irritada comigo mesma.

— Nós vamos comer lá fora. — Tina acenou com a cabeça em direção às portas francesas abertas, onde havia um pequeno terraço rodeado por lavanda e oliveiras sussurrantes. — Quer ajudar a pôr a mesa?

— Claro.

Enquanto arrumamos a mesa, Amalie trouxe uma panela de ferro fundido e colocou-a no centro. Dentro havia tomates assados cobertos com migalhas de pão com ervas; chiava e tinha um cheiro divino.

— Aqui.

Tina tirou um pouco de pão francês e logo estávamos comendo nossa comida.

— É delicioso, Amalie — eu disse. — Obrigada.

Ela encolheu os ombros.

— Não gosto tanto de cozinhar hoje em dia. Mas eu costumava fazer este prato para meus filhos e netos.

— Isso me lembra da minha infância — Tina disse com um suspiro feliz.

Amalie deu uma pequena mordida.

— Este era o seu favorito, não?

— Sim. Os meninos adoravam *coq au vin*. Mas eu sempre quis isso.

— Eu fiz *coq au vin* outra noite — acrescentei, sorrindo para Amalie. — Estava maravilhoso.

Ela me deu um vago encolher de ombros.

— Adoramos comer bem. Bom para o coração.

Sem aviso, pensei em Lucian lá fora em algum lugar, e me perguntei se ele estava com o coração partido. E embora eu gostasse de pensar que meu rosto não era fácil de ler, Amalie franziu a testa, como se soubesse que eu pensei nele.

— Peço desculpas pelo meu neto — disse ela.

Rapidamente, eu balancei minha cabeça.

— Não há nada para se desculpar. Eu também teria saído mais cedo.

Lucian não saiu pisando duro. Não, ele terminou sua refeição em um silêncio obstinado e então simplesmente se levantou e ofereceu às mulheres à mesa um bom dia. Perfeitamente educado. Incrivelmente doloroso de assistir.

Os lábios carmesins de Amalie se curvaram em um humor suave.

— Non, eu quis dizer Anton. Ele foi...

— Um idiota — concluiu Tina, ganhando um olhar de reprovação de Amalie. — O quê? Não há palavra melhor, Mamie.

— Bem. Um idiota, então. — Com seu leve sotaque, a palavra assumiu uma profundidade agradável que me fez sorrir apesar de tudo. Amalie resmungou. — Ele tem boas intenções na maioria das vezes.

— Anton sabia exatamente o que estava fazendo. — Tina fez uma careta e colocou outro tomate em seu prato. — E ao trazer aquela vadia a tona. Ele queria irritar Luc.

A curiosidade borbulhou dentro de mim, mas eu lutei muito. Se Lucian queria que eu soubesse sobre sua ex, ele me diria.

— Então, que jogo de cartas vamos jogar? — Eu perguntei alegremente.

Felizmente, Tina e Amalie entenderam a mensagem e afastaram a conversa sobre Lucian. Limpamos a mesa e nos acomodamos para jogar cartas e beber mais vinho.

Amalie passou um baralho de cartas para Tina.

— Você vai ficar aqui no verão, *ma fille*?

Aparentemente, Tina se formou na UCLA na primavera e ainda estava se decidindo sobre o que queria fazer. Eu entendia ela. Tina encolheu os ombros como todos os Osmonds, seu cabelo escuro e lustroso deslizando sobre um ombro magro.

— Eu não pensei em ficar por muito tempo, mas se você está bem com isso, então eu vou.

O olhar repressivo de Amalie foi temperado por uma curva suave de seus lábios finos.

— Você nunca tem que perguntar. — Ela tocou a bochecha de sua neta brevemente.

Tina chamou minha atenção e seu nariz franziu com ironia.

— Vocês estão todos estabelecidos que provavelmente parece ridículo eu não saber o que fazer da minha vida. Eu sei que quero que seja emocionante, cheia de aventura. Mas não me sinto corajosa. Em vez disso, meu futuro parece um grande vazio desconhecido de... coisas assustadoras.

Eu tinha 27 anos e, de repente, parecia velha diante de sua suposição de que minha vida era segura e bem organizada.

— Sou uma atriz – sou excelente em mostrar ao mundo o que quero que eles vejam. Mas minha vida não é perfeita. — Tomei então a decisão de confiar a verdade a Tina e disse-lhe sobre a questão do machado.

Sua boca se abriu em horror. Eu sorri com firmeza.

— Por favor, não conte a ninguém. Vou ter enormes problemas se o final for vazado.

Ela se sentou mais ereta.

— Nunca. Estou honrada por você ter confiado isso a mim. E eu acho que os produtores foram estúpidos para caramba em deixá-la sair. Anya e Arasmus foram a minha parte favorita do seriado! — Ela apertou minha mão. — O que você vai fazer agora?

— Não sei. Encontrar um novo papel. — Eu olhei para Tina e Amalie e me encolhi. — Faz parte do negócio, mas não posso deixar de me sentir um pouco perdida – ou talvez apenas em uma encruzilhada.

— Essa é a vida, minha querida. — Amalie serviu mais vinho na minha taça vazia. — A vida não permanece a mesma. Ela muda e gira, e devemos mudar com ela. O que não é ruim. Quão chato seria nunca ver nenhuma mudança?

— Achei que gostasse da mudança, mas agora? Não muito. Não quando se trata de um fracasso.

Amalie recostou-se e olhou-me com olhos afetuosos.

— O fracasso é simplesmente uma oportunidade disfarçada. Não conheço uma única história de sucesso que não tenha tido sua parcela de fracassos ao longo do caminho. Tentamos, crescemos, às vezes falhamos. Ou você desmorona e para de viver a vida, ou se levanta e usa a experiência para definir um novo curso.

Suas palavras borbulharam em mim, despertando algo que parecia muito com esperança.

O olhar de Amalie se voltou para dentro.

— Viver é se adaptar. Estamos constantemente nos reinventando. Não tenha medo do fracasso ou da mudança, querida; significa que você está viva.

Involuntariamente, meus pensamentos se voltaram para Lucian e meu coração se apertou. Porque eu sabia que Amalie estava pensando nele, nesse momento, e se preocupando. Eu não queria me preocupar com Lucian também, mas me preocupei. Ele estava se escondendo da vida, ainda mais do que eu. Pelos vislumbres que ele me deixou ver do verdadeiro ele, eu sabia que se algum homem precisava viver a vida ao máximo, era ele. Mais perturbador era o fato de que eu queria estar lá quando ele fizesse isso. Porque Lucian vivendo completamente o momento me fazia sentir totalmente viva também.

Pelo resto da noite, elas me deliciaram com velhas histórias e observações engraçadas. Tina se acalmou o suficiente para não olhar

para mim a cada poucos segundos e começou a me vencer tranquilamente no pôquer. E embora eu risse e relaxasse, Lucian estava lá, no fundo da minha mente, cutucando minha espinha.

Razão pela qual, apesar de todas as minhas melhores intenções, me peguei colocando meu biquíni e indo para a piscina na escuridão da noite.

Eu não era melhor do que uma adolescente fugindo na esperança de que minha paixão me ouvisse e aparecesse. Eu sabia disso e me repreendi por isso, e ainda assim, tirei minhas sandálias e a minha saída de banho. Minhas mãos realmente tremiam de nervosismo quando coloquei minhas coisas em uma espreguiçadeira.

A casa da piscina estava às escuras, as portas francesas bem fechadas. Talvez ele estivesse dormindo. Talvez ele tenha deixado a propriedade. Mas a luz da piscina estava acesa, produzindo um brilho suave.

Com o máximo de graça possível, mergulhei na água. Estava quente o suficiente para acalmar minha pele e, apesar da minha missão original, comecei a nadar, entrando no ritmo do exercício.

Na minha quinta volta, ao chegar no final da piscina, o som de Édith Piaf me chamou a atenção. *La Vie en Rose*. Com o coração acelerado, parei e me virei. Lucian estava na outra extremidade, a luz oscilante da piscina lançando sombras sobre seu rosto. Eu não deveria ter ficado surpresa; eu queria que ele aparecesse, afinal. Mas uma onda de adrenalina me atingiu como uma droga, e minha noite triste acendeu com a promessa.

Eu estava tão perdida por este homem. Não era nem engraçado.

Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso.

— Achei que você deveria obter o efeito completo e ouvir Édith enquanto você nada.

— Eu não deveria estar nua se eu quisesse o efeito total da noite nadando com Édith? — Sim, fui sem vergonha.

Seu olhar estreito disse tanto. Mas ele não fugiu. Não, ele me encarou com aqueles olhos severos.

— Eu certamente não vou te impedir. Mas esteja avisada, Brommy e Anton estão por aqui em algum lugar.

Esperto Lucien. Agora, se eu seguisse adiante com minha ameaça provocadora, estaria dizendo que não me importava que ninguém me visse. Do contrário, estava deixando claro que queria que apenas ele me visse assim.

Descansando meus cotovelos na beira da piscina, eu lentamente comecei a agitar a água com minhas pernas.

— Por que você não se junta a mim?

— Eu não estou nadando nu com você, Snoopy. — Seu sorriso foi breve, mas amplo. — Como eu disse, Brommy e Anton estão por aí.

— E você não quer que eles vejam você nu — eu disse, como se isso fizesse todo o sentido.

— Eu sou muito tímido.

— Com certeza você é. — Eu chutei meu pé, enviando ondas em seu caminho. — Mas eu quis dizer natação comum.

Ele estava vestindo uma camiseta surrada de cor indeterminada e shorts esportivos que caíam baixos e largos em seus quadris.

Eu olhei para ele de cima a baixo, apreciando a maneira como ele tentava tanto não se inquietar.

— Pare de hesitar e entre.

Lucian fez uma careta.

— Mandona. — Mas ele tirou a camisa, o que foi tão quente quanto da última vez que ele fez isso – mais, na verdade, porque agora eu pude testemunhar de perto e em todos os detalhes.

Levantando uma sobancelha reta para mim como se dissesse: “Você pediu por isso”, ele mergulhou na parte mais funda.

Minha barriga apertou quando ele disparou sob a água, vindo em minha direção. Ele rompeu na superfície a poucos metros de mim, molhado e lindo e sorrindo com os olhos. Se eu já não estivesse na água, teria derretido em uma poça de luxúria só de olhar para ele.

Lucian penteou seu cabelo pingando para trás com os dedos enquanto ele agitava a água diante de mim.

— Alguma razão para você estar nadando, Em?

— Deveria haver? — Eu soltei a borda e segui em sua direção.

Lucian imediatamente recuou, mantendo a distância igual entre nós.

— Não te considere uma nadadora noturna.

Avancei de novo lentamente.

— Você fez isso parecer tão bom, pensei em tentar.

Estava muito escuro para dizer, mas eu poderia jurar que ele corou. Mas então, seus olhos se estreitaram.

— Você está flertando.

— Estou? — Eu estava totalmente. Eu não pude evitar; Lucian ficava meio adorável quando reagia às minhas tentativas descaradas como se estivesse confuso, mas intrigado. Frequentemente, ele me desequilibrava com sua autoridade fria. Foi gratificante retribuir o favor.

Competidor de nascença, Lucian se recompôs. Ele firmou seus pés; ele era alto o suficiente para ficar em pé sem mergulhar na água.

— Você sabe que está. — O olhar de Lucian moveu-se sobre mim com cuidado, como se estivesse tentando ler minha mente. — Você não está tentando me fazer sentir melhor comigo mesmo, está?

Fiz uma pausa, flutuando ali, meu coração apertando com força.

— Estou flertando com você porque gosto disso. Nunca sei o que você vai dizer, e isso geralmente me faz rir.

— Ah. Devo fazer o papel de bobo da corte.

— Você está deliberadamente tentando me irritar? Você quer que eu vá embora?

Seus olhos brilharam.

— Eu não quero que você vá.

— Então você está tentando me irritar.

Sua risada foi quente e enviou pequenas ondas de prazer por meu interior.

— Apenas mantendo você com os pés no chão, Em.

Com isso eu poderia lidar. Eu disparei para frente, pronta para nadar, e ele se lançou para o lado como se pensasse que eu poderia pular nele. Revirei os olhos, nadando em torno dele em um círculo preguiçoso.

— Você está meio nervoso esta noite.

— Nervoso — Ele aparentemente não gostou do som disso.

— Mmm. Como se você não soubesse se deve ou não fugir.

— Você entendeu direito. Esta linha de conversa está me tentando a correr agora.

Engraçado.

Continuei a circular, mas ele me seguiu, mantendo-me em sua mira.

— É porque nos vimos nus? — Perguntei.

Lucian se sacudiu com tanta força que espirrou água em si mesmo.

— Jesus, Em.

Eu lutei contra um sorriso.

— O quê? É verdade. Você me disse que assistiu *Dark Castle*.

— Anya não estava totalmente nua...

— Tão pouco não estava. Apesar de mostrar aquele pequeno V de cabelo...

— Deus... — Ele gemeu expansivamente.

— Eu estava basicamente pelada.

— Você está tentando me matar. É isso, não é?

A grossa rouquidão de sua voz me fez sorrir.

— Não seja tão puritano.

— Se você soubesse o que estava passando pela minha mente, nunca me acusaria de ser um puritano.

Meu coração saltou mais uma batida e me vi trilhando a água novamente.

— Diga.

— Não importa. — De alguma forma, ele se aproximou, me empurrando para um canto. — Agora pare com isso. Há uma enorme diferença entre ver a princesa Anya semi despida em uma tela de TV e ver você nua.

Ele parecia tão aborrecido em meu nome que eu só pude ficar olhando para ele com admiração.

— Não consigo entender o por quê.

Sobrancelhas escuras ameaçaram se encontrar no meio.

— Em primeiro lugar, não era você. Essa era Anya, uma personagem. Ela é fictícia. Você é real.

A vibração na minha barriga subiu para as proximidades do meu peito.

— Isso é... doce.

Como se não tivesse me ouvido, Lucian continuou em modo de palestra.

— Em segundo lugar, não consigo alcançar através de uma tela e tocar aqueles lindos seios.

Eu cambaleei, quase afundando. A vibração se transformou em uma tempestade, e eu tive que agarrar a borda da piscina para me segurar. Quando falei, minha voz estava muito ofegante.

— Isso implica que deve haver um toque envolvido para tornar real.

Algo havia mudado – ele não estava nervoso. Ele estava decidido, aproximando-se até que mal houvesse um pé entre nós. A água brilhou sobre os planos fortes de seu rosto, fazendo aqueles lábios expressivos e firmes umedecerem. Eu queria lambê-los, envolver-me em torno de seu corpo forte e duro e segurar.

Seus olhos, pálidos como a piscina brilhante, me imobilizaram. Tanto calor neles. Calor, necessidade e uma sombra de frustração, como se ele não quisesse me querer. Sua voz baixa, espessa como creme quente.

— Em, se você estiver nua na minha frente, haverá toque.

Sim, por favor. Agora seria bom.

— Muito presunçoso de sua parte, torta de mel.

Lucian, o rato bastardo, sorriu, aqueles olhos quentes fixos em meu rosto.

— Quem disse que tem que ser você que estou tocando?

— O quê? — Eu mal conseguia pensar. Sua proximidade estava me deixando tonta.

— Não estou acima de resolver o problema com minha própria mão, se essa for a única opção.

Eu o imaginei lidando com toda essa... circunferência. Perco o chão.

— Oh, bem jogado...

A água se mexe e ele estava aqui, grande corpo ao meu redor, sua boca a centímetros da minha.

— Para ser claro — ele murmurou — se você estiver nua na minha frente, prefiro tocar em você.

Ele estava tão perto, vividamente presente. Deliciosamente lindo. Minhas pálpebras baixaram, meus lábios se separaram com a necessidade de sentir os dele. Eu queria. *Eu queria.*

Nossas pernas roçaram sob a água e um arrepio subiu pelas minhas coxas. Lucian agarrou a borda da piscina para se apoiar, seus braços me cercando, o que tornou tudo pior. Gotas de água brilhavam nas descidas e subidas ao longo de seus ombros e braços, chamando minha atenção para a força absoluta de seu corpo e como seria bom tocá-lo.

Ele não disse uma palavra. Ele não precisava; sua proximidade era o suficiente para fazer minhas entranhas afundarem e minha boca secar.

Eu tinha que assumir o controle da situação.

— Você quer dar uma espiada, não é?

Acima dos sons silenciosos da água batendo, eu o ouvi engolir, a surpresa cintilando em seu olhar antes de descer para os meus seios. Sua voz caiu em um sussurro.

— Você vai me deixar?

A luxúria perfurou através de mim, pura e quente. Eu amava sexo – a dança que leva a ele, a fisicalidade disso, a libertação. Mas a fama mudou o sexo para mim. Os homens começaram a esperar uma fantasia. Eles me viam como uma princesa virginal a ser tratada com reverência ou um entalhe pessoal em seu cinto: eu *peguei a Anya*.

Lucian deixou claro que não viu Anya quando olhou para mim. Isso por si só me fez querer mostrá-lo mais.

A água estava fria, mas por dentro eu queimava enquanto minha mão lentamente subia até a ponta do meu biquíni. O olhar de Lucian ficou extasiado, seus lábios se separaram em uma respiração superficial. Deus, esse olhar. Cada centímetro de mim ficou tenso. Meus seios ficaram pesados, inchando com luxúria lânguida. Eu estava totalmente ciente dele, de mim mesma, enquanto traçava a linha do meu biquíni, flertando com a ideia de puxá-lo para o lado.

Lucian não piscou, não se moveu, mas ele parecia mais perto. Meus mamilos enrijeceram, empurrando contra o tecido fino, implorando para serem vistos por ele. A ponta do meu dedo enganchou sob a parte de cima e eu a puxei lentamente para o lado, sentindo o arrastar.

Lucian grunhiu, baixo e prolongado, como se o som pudesse me fazer ir mais rápido. A reação no meu corpo foi um aperto delicioso do

meu sexo. Eu arqueei para aquele som, minhas pálpebras tremendo enquanto eu puxava a parte superior mais longe, parando bem na borda do meu mamilo. E ele estremeceu, a água respingando.

— Em... — O apelo saiu em uma grossa rouquidão. — Baby...

Os músculos ao longo de seus braços se contraíram quando ele agarrou a borda da piscina, como se tentasse se conter.

Oh, ele queria aquela espiada. Uma dor cresceu dentro de mim. Meus seios foram vistos por milhões. Mas Lucian estava certo; aquela não era eu. Aqui, agora, esta era eu. Este era ele querendo *me* ver.

A ponta do meu dedo traçou um caminho de calor ao longo da curva do meu seio, para frente e para trás. E ele observou, um homem morrendo de fome. Lambendo meus lábios, eu parei. Parecia que nós dois prendíamos a respiração. E então, com o menor dos puxões, a parte superior escorregou sobre a ponta frisada do meu mamilo.

Lucian gemeu, o som quase animal. Eu arqueei minhas costas em resposta, clamando por sua necessidade, meu seio nu se aproximando da parede de seu peito. Eu queria sentir sua pele na minha.

Mas ele não se mexeu. Ele agarrou a borda com mais força, seu corpo trabalhando com arquejos pesados.

— Foda-se — ele sussurrou. Seu olhar pálido se voltou para o meu, uma ruga se formando entre suas sobrancelhas. — Eu quero provar. Por favor. *Deus*. Por favor, Em.

Ele estar desfeito quase me fez deslizar para baixo da água. Mas a necessidade em seus olhos me fez choramingar. Com as pálpebras pesadas de desejo, eu concordei a cabeça e ele engoliu em seco, sua expressão se tornando feroz.

— Só uma amostra — disse ele, como se quisesse se conter. Eu choraminguei, e seu olhar quente enlaçou-se com o meu. Algo passou por sua expressão – determinação, confiança, não sei dizer; a luxúria e a necessidade dispersaram todo pensamento racional. — Só uma amostra — disse ele novamente.

— Pegue — eu sussurrei, mal conseguindo formar as palavras.

Lucian deixou escapar um suspiro, sua boca se aproximando.

— Porra. Em... levante essa doçura para mim.

Minha respiração saiu em um swoosh, tudo apertando com uma tensão adorável. Com a mão trêmula, segurei meu seio e o tirei da água.

Me oferecendo a ele.

Com um gemido, ele abaixou a cabeça. O plano quente e úmido de sua língua arrastou-se sobre minha carne fria. Soltei um grito, um raio de prazer perfurando meu núcleo.

Ele fez um som de pura fome, seus lábios beijando suavemente a ponta antes de chupá-la profundamente...

— O último a cair na piscina é a mulher do padre! — O grito de Tina foi seguido de perto por um respingo enorme quando ela se lançou na água.

Lucian saltou para trás, como se tivesse sido atingido, então se virou para me bloquear enquanto eu puxava apressadamente meu biquíni de volta ao lugar.

Ficou claro pela surpresa de olhos arregalados no rosto de Tina que ela não tinha nos notado. Tão claro quanto a caminhada lenta de Brommy até a beira da piscina e o sorriso que ele *tinha* em seu rosto.

Seja qual for o caso, o clima foi efetivamente apagado. Chamei a atenção de Lucian, mas suas paredes estavam erguidas e ele balançou a cabeça com um movimento quase imperceptível. Com um suspiro interno, nadei até uma Tina envergonhada e fingi que nada havia acontecido.

Eu não poderia me arrepender de ter provocado Lucian a ponto de ele virar o jogo contra mim. Mas eu definitivamente pensaria duas vezes antes de me envolver dessa forma novamente. Não quando ele aparentemente lamentou seu momento de fraqueza.

CAPÍTULO TREZE

Lucian

Depois que recuperei a razão e me impedi de atacar Emma na piscina como um homem morrendo de fome, me mantive longe dela e saí com Brommy. Consegui me controlar por dois dias. Mas eu senti falta dela.

Era irracional, irritante, sem sentido. Você não deveria sentir falta de alguém que mal conhecia. Você não deveria ansiar por vê-los, escutar o som de sua voz ou sentir o cheiro de sua pele. Não dessa forma. Inferno, eu tive o seu mamilo rosa e doce na minha boca. Eu ainda podia sentir seu formato na minha língua, como um fantasma de luxúria projetado para me deixar fora de mim.

Eu atribuo isso a estar mentalmente enfraquecido por meses de solidão sexual.

Minha única concessão era assar. Para ela.

Cozinhar sempre foi uma coisa privada, algo que aprendi desde novo com o meu bisavô, mas nunca havia procurado fazer mais com isso. Mas agora? Tornou-se um desafio e uma grande satisfação descobrir novas maneiras de seduzir e dar prazer a Emma. Alimentar Emma de alguma forma alimentava minha alma também.

Ela não sabia que os brioches em sua cesta de café da manhã tinham sido formados pela minha mão. Ela não sabia que os macarons – dois por noite, enviados em uma pequena caixa – eram meus. Mas eu sabia.

Em momentos de fraqueza, eu fechava meus olhos e tentava imaginar seus lábios macios se abrindo sobre confeitos brilhantes, sua língua rosa provando os meus sabores – alcançados pela estranha

alquimia de bater claras de ovo, infundir cremes e coar frutas maduras, tudo fundido em uma explosão intensa de sabor.

Teria ela preferido o chocolate de chicória escuro, o caramelo rico em manteiga e pera queimada? Ou ela gemia pelo brilho suculento do mel da toranja, ou pelo da laranja rosa sanguínea?

Era o suficiente para deixar um homem duro.

E ansiando por ver o que não deveria.

Razão pela qual continuo a cozinhar para ela. Talvez eu quisesse ser descoberto. Eu poderia simplesmente dizer à mulher que era eu quem fazia sua comida, deixando pequenas guloseimas que ninguém mais hospedado em Rosemont estava recebendo. Mas havia algo sobre Emma Maron que me reverteu de volta para o geek desajeitado e atrapalhado que eu tinha sido no ensino médio.

Mamie não estava exagerando quando disse que eu era pequeno quando criança. Pequeno e tímido. Quando eu não estava no gelo, era o cara com a maior probabilidade de me esconder. O hóquei me transformou em alguém arrogante, extrovertido e amante da diversão. Eu gostava dessa versão de mim mesmo, mas agora que o hóquei acabou, percebi que parte de mim era um papel que eu estava desempenhando.

Eu não tinha mais certeza de quem eu era de verdade, mas sabia que não estava preparado para marchar até o cômodo de Emma com um bolo na mão.

Guardar para mim mesmo o máximo possível parecia o plano mais seguro.

Porque jogar pelo seguro é o que o levou tão longe na vida.

Eu não tinha jogado pelo seguro com a sobremesa que fiz para Emma hoje, no entanto. Já estava me arrependendo. A escolha foi pura arrogância. Havia muito de mim – *de nós* – nele. Mas era tarde demais para voltar atrás.

Emma

Foi a torta que causou isso. E o melhor de tudo foi que eu nem mesmo vi isso chegando. Eu deveria ter. Os sinais estavam todos lá. Mas eu não

estava prestando atenção. Eu estive pensando em um certo homem gostoso e mal-humorado que eu queria demais para o meu próprio bem.

Um homem que aparentemente estava me evitando. Eu não o via há dois dias. Uma vez, eu vi as costas dele quando ele dobrou uma esquina, seu passo – aquele gingado enlouquecedor que me fez pensar em sexo e pecado – determinado, como se ele não quisesse ser pego vagando.

Era culpa minha por pressionar, flertando quando ele estava obviamente resistindo. Então, novamente, foi ele quem levou isso tão longe que eu ainda tremia quando pensava nele se aproximando, seu olhar na minha boca como se quisesse devorá-la. Me devorar.

— Argh. — Eu caí de volta no meu sofá. — Pare de pensar nele.

Talvez eu deva ir embora. Encontrar outro lugar para me esconder.

Minhas entranhas se retorceram. Eu não queria ir embora.

O almoço chegou, interrompendo meus pensamentos taciturnos. Mais uma cesta – desta vez trazida por uma mulher chamada Janet, que me disse que fazia parte da equipe da casa.

Era preocupante que eu já estivesse salivando como o cachorro de Pavlov? Provavelmente. Mas isso não impediu que a antecipação vertiginosa brotasse dentro de mim. Eu me tornei excessivamente animada com as refeições diárias.

A cesta trazia uma salada de verduras e um recipiente de sopa. Um cartão que o acompanhava, escrito em um rabisco bem inclinado, informava-me que se chamava avgolemono: uma sopa grega de frango com limão. Eu tinha a opção de chardonnay gelado ou chá gelado para acompanhar.

E então eu vi a caixa de sobremesa. Comida deliciosa à parte, foi isso que fez o meu dia. Essas pequenas guloseimas que pareciam ter sido feitas exclusivamente para mim. Oh, eu percebi que todo mundo tem as mesmas sobremesas. Mas me permiti acreditar, mesmo que por um breve momento, que elas eram apenas para mim.

A expectativa borbulhava em minhas veias enquanto eu puxava a fita dourada. Dentro havia uma tarte cor de caramelo do tamanho da minha mão. O creme dourado-escuro tinha sido decorado em fitas da

espessura de pétalas para se parecer com uma flor. Bem ao lado, como se pousasse para provar, estava uma pequena abelha açucarada.

Minha respiração se prendeu enquanto todo o meu foco se estreitou para aquela abelha. Desistindo de um garfo, levantei a torta com minhas próprias mãos e dei uma grande mordida quase com raiva. E percebi algumas coisas. Não era uma tarte; era uma torta. E não era caramelo. Era mel.

Notas florais suaves de mel delicadamente doce impregnaram o creme sedoso. Decadente, mas leve, doce, mas rico. Uma torta de mel, feita com amor. A minúscula abelha açucareira, ainda empoleirada na borda da crosta escamosa, zombou de mim.

Aquela abelhinha mordiscando sua torta de mel.

Uma pulsação de puro calor iluminou meu sexo, lambeu minhas coxas, beliscou meus mamilos. Mordi outra mordida bagunçada com minha boca, saboreando o gosto, querendo... ele.

Este era seu trabalho, feito com suas mãos, sua habilidade, sua mente. Meu homem mal-humorado com a habilidade de criar doçura das formas mais inesperadas.

De alguma forma, no fundo da minha mente, eu sabia desde o início. Pelo jeito que ele praticamente me mandou experimentar seu brest. Como ele me viu comer com aquele olhar estranho no rosto. Orgulho. Isso era o que significava. Ele estava orgulhoso de seu trabalho.

Comi minha torta de mel sem parar, devorando-a até que não passasse de uma pasta pegajosa em meus dedos, migalhas amanteigadas em meus lábios. Gemendo, lambi minha pele limpa como um gato faria. Juro que senti garras formigando, doendo para sair.

Porque ele sabia, e eu não. Era uma piada para ele? O que ele disse mesmo? O chef era temperamental. Oh, como ele deve ter rido por dentro com isso.

Com um grunhido, lavei minhas mãos e me dirigi para a porta, metade de mim mais excitada do que jamais estive em minha vida, a outra metade pronta para rasgar o homem mais irritante que já conheci.

Ele demorou mais de uma hora para voltar, carregando sacolas de mantimentos. Sentei-me no canto mais afastado da grande cozinha, confortavelmente empoleirada no balcão e comendo outra torta de mel – essa, infelizmente, sem uma abelha bonita. Aparentemente, isso tinha sido apenas para mim.

Ele não me notou, que era o que eu gostaria, já que eu sabia que o patife só iria fingir que estava deixando as coisas para o “chef” da casa se me visse agora.

Deus, mas ele parecia bom. Com raiva como eu estava, meus olhos se animaram ao vê-lo. Cabelo escuro despenteado e desgrenhado pelo vento, lábios exuberantes naquele beicinho taciturno. A pele com tom de oliva escuro, macia e escura contra a camiseta branca que ele usava. As mangas curtas da camisa esticaram contra seus bíceps, que se amontoaram quando ele colocou as sacolas pesadas no chão.

Ninguém jamais duvidaria que o homem fosse um atleta; ele se movia com a segurança de alguém que usava seu corpo como uma máquina – eficiente, gracioso, forte.

Ele se virou para remexer na geladeira, e os globos apertados de sua bunda espetacular em forma de bolha se esticaram contra os jeans gastos. Silenciosamente, ele colocou uma garrafa de creme na mesa, em seguida, estendeu a mão para a prateleira de panela pendurada para pegar uma colher saucier, expondo uma fatia de seu abdômen tonificado.

Doce misericórdia, mas eu poderia realmente ter um orgasmo vendo este homem trabalhando em sua cozinha. Eu nem sabia que isso era um fetiche meu. Talvez Lucian seja a razão disso. Quando ele começou a separar um ovo com um estalo eficiente de seu pulso, eu sabia que era ele. Ele era meu fetiche. Foda-se tudo.

— Você faz isso tão bem. — Minha voz quebrou através do silêncio, e ele praticamente pulou para fora de sua pele, aqueles olhos gelados se arregalando e em pânico. — Você deve ter levado anos para aprender seu ofício.

Por um segundo, nenhum de nós falou. Com palavras. Nossos olhos mantiveram uma conversa inteira.

Oh, estou tão interessada em você, amigo.

Aparentemente sim.

Você deveria ter me contado.

Aparentemente sim.

Nada mais a dizer?

Aparentemente não.

Você é magnífico.

Essa escapou.

Ele respirou fundo, as narinas dilatadas. E aqueles olhos em pânico ficaram quentes, focados.

— Foi a torta de mel, não foi? — Sua voz era uma rouquidão áspera no silêncio da cozinha.

Eu empurrei de lado os restos da torta que estava comendo e lambi a ponta dos dedos, gostando da maneira como ele imediatamente se concentrou nisso. Um grunhido estrondoso de dentro de seu peito desencadeou lampejos de luxúria no meu. Eu os ignorei.

— Uma escolha reveladora demais. — Eu pulei. — Mas deliciosa.

Olhando fixamente, fiz meu caminho para a ilha. Sua expressão ficou cautelosa, aqueles ombros largos se enrijeceram, como se se preparasse para uma luta. Eu sorri, querendo-o desequilibrado. Deus sabia que ele vinha fazendo o mesmo comigo há dias.

— Jogador de hóquei — comecei a contar nos dedos — carpinteiro, chef temperamental, padeiro, pasteleiro... — Eu parei diante dele, oprimida de novo pela fisicalidade absoluta dele. Quando eu estava perto de Lucian Osmond, eu *queria*. — Talvez eu devesse chamá-lo de homem da Renascença. Diga-me, Brick, você pinta também?

Ele pousou uma grande mão de dedos longos na bancada de mármore. Os músculos ao longo de seu braço mudaram quando ele se inclinou com um toque.

— Sim, mas apenas em pâtisseries.

Oh inferno, ele disse isso em francês, com um sotaque que parecia sexo. Minha respiração falhou. E ele percebeu. Seus olhos se estreitaram, baixando lentamente para a minha boca, em seguida, voltando a encontrar o meu olhar.

— Você está chateada? — Um desafio.

— Isso depende — eu disse, muito sem fôlego. Droga. — Foi uma piada para você?

— Abelhinha, eu nunca brinco sobre pâtisseries.

Deus. Diga isso de novo. Diga mais. Respire suas palavras na minha pele.

Eu engoli em seco.

— Não prevarique comigo, Lucian. Agora não.

Com um suspiro, seus ombros caíram.

— Não, não foi uma piada. Eu não disse nada porque... — Ele acenou com a mão, como se procurasse o motivo, mas acabou levantando-a em resignação. — Parecia muito pessoal. Como se eu estivesse me expondo demais.

— Eu posso ver isso. — Ele era um artista. Eu senti seu cuidado e consideração em cada pedaço que ele criou. Mas, mais do que isso, ficava evidente na aparência de seus pastéis, na maneira como os apresentava. — Você é incrivelmente talentoso, Lucian.

Elogio fraco. Mas eu queria dar de qualquer maneira.

Como esperado, ele se virou e se ocupou jogando a casca do ovo em uma pia de preparação.

— É algo que faço para relaxar e me manter ocupado.

Não queria pensar em Greg naquele momento, mas foi só quando comecei a namorar ele que tive um verdadeiro gostinho da vida de um atleta profissional. Eu pensei que seria como a minha, mas atuar tinha muitos períodos de espera por gravações e tempo ocioso entre os papéis. Os atletas eram de uma espécie diferente. Suas vidas eram extremamente estruturadas, repletas de dias de treinamento, treinos, jogos, entrevistas, viagens. Havia pouco tempo para descansar. A maioria dos atletas profissionais se divertia com isso, a própria vida dando-lhes uma alta adrenalina.

Como seria ter isso arrancado antes de você estar pronto? Não é bom.

Meu coração apertou e de repente eu não queria nada mais do que envolvê-lo em meus braços em um abraço. Se algum homem precisava de um abraço, era Lucian. Mas ele não permitiria. Não gostaria disso.

Ele mudou seu peso, ficando nervoso daquele jeito dele que significava que ele estava se preparando para ficar na defensiva, para se fechar em seu próprio mundo protetor.

Você pode me deixar entrar. Eu não vou te machucar.

— Amalie te ensinou? — Perguntei.

Seu queixo se ergueu – surpreso, eu acho, com a minha mudança de assunto óbvio.

— Sim — ele disse depois de um momento, sua voz rouca. Ele pigarreou. — Bem, Amalie me ensinou a cozinhar e a fazer pão. Você sabe, as receitas que ela aprendeu quando criança.

Enquanto falava, ele se ocupava em pegar uma balança de cozinha e farinha. Havia uma tranquilidade sobre ele agora.

— Meu bisavô, Jean Philipe, me ensinou a fazer pâtisserie. Ele era um grande nome na França. Suas cozinhas estavam cheias de verdadeiros exércitos de assistentes, e era sempre, "*Oui, Chef.*" Mas comigo, ele era simplesmente *arrière-grande-père*, que queria me ensinar tudo. Quando nós, crianças, passávamos o verão na França, Anton e Tina brincavam do lado de fora e eu ficava na cozinha.

Um sorriso se formou em meus lábios.

— Admito que acho difícil imaginar.

Os cantos de seus olhos se enrugaram em um humor silencioso.

— Mamie não estava exagerando quando disse que eu era pequeno quando criança. Magro, realmente. E tímido.

— Você? — Eu provoquei. Mas eu pude ver. Havia algo em Lucian que sempre seria reservado.

Ele me lançou um olhar de soslaio, mas seus lábios se curvaram.

— Sim, eu. Um geek magricelo. Que não era estúpido; se eu estivesse na cozinha, era alimentado. Bastante. Além disso... — Ele encolheu os ombros que definitivamente não eram magricelos. — Eu gostava. Sempre tive problemas para me concentrar, a menos que algo ocupasse todo o meu foco. Em casa, eu tinha o gelo. Na França, eu tinha a cozinha, panificação, pâtisseries. Isso me relaxa.

Pessoalmente, a precisão e concentração necessárias para assar me deixariam maluca. Mas eu entendi.

Ficamos lado a lado, eu muito consciente de seu calor. Ele cheirava a mel e luz do sol. Eu queria enterrar meu rosto em toda aquela bondade e absorver tudo.

— Você vai parar agora que eu sei? — Eu perguntei preocupada.

Suas sobrancelhas retas se juntaram.

— Porque eu faria isso?

— Não sei. — Eu dei de ombros, traçando a borda do balcão. — Você disse que era muito pessoal, pra eu saber. — Eu olhei para cima e encontrei seus olhos. — Eu me perguntei se talvez você não gostaria de me fazer mais nada.

A expressão severa de Lucian desmentiu a suavidade de seu tom.

— Abelhinha, vou fazer qualquer coisa que você quiser.

A promessa deslizou sobre mim como caramelo quente. Tudo o que eu quisesse. Eu sabia que ele iria.

Meus dedos se fecharam em punho para não estender a mão.

— Surpreenda-me.

Seu sorriso era amplo e brilhante. Aberto.

— Você será.

CAPÍTULO CATORZE

Emma

Meu lugar favorito na propriedade passou a ser a cozinha. Ao menos, quando Lucian a ocupava. Radiante, quente e cheio de aromas deliciosos como pão assado ou chocolate forte, o espaço parecia seguro e feliz. Era um prazer ocupar espaço no banco acolchoado comprido que corria ao longo de uma parede e ficava de frente para a ilha da cozinha e o fogão, onde Lucian trabalhava.

Nos últimos anos, estive tão ocupada com *Dark Castle* que nunca realmente prestei atenção em programas de culinária e confeitaria. Eu os reconsiderarei agora. Assistir Lucian se mover pela cozinha, com confiança e uma agilidade graciosa, era pura pornografia para mim. Que o céu me ajude, mas a maneira como seus antebraços fortes se moviam enquanto ele batia claras de ovo ou creme de leite – porque o homem nunca usa um liquidificador para essas coisas – me deixava tão quente e incomodada que eu tive que pressionar minhas coxas juntas sob a tampa da mesa surrada de fazenda.

E quando ele amassava a massa? Jesus amado. Ele fazia esse pequeno grunhido toda vez que empurrava a base das mãos sobre a massa elástica. Um grunhido profundo e estrondoso quando todo o seu corpo tenso balançava em direção à bancada. E então havia o recuo, quando ele inspirava, aqueles ombros largos dele erguendo em um ritmo constante.

Grunhido. Impulso. Respirar. Puxar.

Foi uma maravilha que eu não tive um orgasmo no local olhando para ele.

— Eu posso sentir seus olhos em mim — Lucian brincou, sem quebrar o ritmo.

Eu aposto que você consegue.

— É hipnotizante.

Ele grunhiu de novo, desta vez um que eu sabia significar “Qualquer coisa que te faça feliz, Em.”

Eu sorri.

— Eu poderia filmar isso e ter um sucesso instantâneo em minhas mãos.

Ele olhou na minha direção, de maneira aborrecida – desmentida pelo leve sorriso tentando preencher seus lábios.

— Ex-jogador de hóquei assando? — Ele voltou sua atenção para a massa. — Acho que há um certo espetáculo nisso.

— Você subestima seriamente seu apelo aqui, Brick.

Com um grunhido zombeteiro, ele perfeitamente molda a massa agora lisa em uma bola e a coloca em uma tigela grande antes de cobri-la com um pano úmido. Com isso, ele lava as mãos e se dirige para a geladeira.

— O que vem agora? — Eu perguntei, inclinando-me para frente em antecipação.

— Massa de torta para as tartes de tomate que vamos comer no jantar. — Seus lábios se curvaram. — Você é bem-vinda para ajudar a qualquer momento.

— Nós dois sabemos que é melhor para todos se eu não ajudar.

Lucian bufou uma meia risada.

— Sem comentários.

Ele continuou tentando me ensinar, mas até agora, eu tinha sido um desastre completo na cozinha. Se houvesse um gene para cozinhar, eu claramente não o tinha. Enquanto Lucian colocava um grande pedaço de manteiga no balcão e pegava a farinha, sorri e li alguns e-mails que apareceram no meu iPad.

Além do que eu estava chamando de *incidente da piscina*, não tínhamos reconhecido a atração entre nós. Mas estava lá, crescendo e esquentando. Assim como a nossa amizade. Eu gostava dele, droga. Mais do que era seguro. A atração pode ter altos e baixos, mas realmente gostar de outra pessoa significava que doeria mais perdê-la.

Considerando que eu não tinha Lucian em nenhum plano de longo prazo, isso me preocupava. Mesmo assim, não pude negar o contentamento que sentia em compartilhar seu precioso espaço de trabalho. Ele imediatamente expulsava todos os outros de sua cozinha quando ele estava lá. Apenas Amalie, e às vezes Tina, conseguiam passar por aqui com uma visita rápida, mas mesmo assim elas eram gentilmente retiradas pela porta depois de um ou dois minutos.

— O que é esse sorriso? — veio seu estrondo sombriamente divertido.

A outra coisa sobre estar na cozinha com Lucian? Ele percebia tudo o que eu fazia, mesmo quando eu pensava que toda a sua concentração estava na comida.

— Não importa.

Ele cantarolou.

Cliquei no meu e-mail e encontrei um do meu agente. Meu sorriso fica vacilante.

— Agora você tem que me falar sobre esse — Lucian disse secamente.

Eu olhei para cima e o encontrei olhando para mim com uma sobrancelha escura arqueada em imperiosa impaciência. Eu bufei.

— Por que sou chamada de Snoopy, quando você é intrometido para caramba?

— Eu só sou intrometido quando é sobre você. Você é bisbilhoteira com todo mundo.

Meu estômago vibrou com a confissão de que ele só queria saber mais sobre mim. Eu não demonstrei, no entanto, e revirei os olhos antes de ler um pouco mais do e-mail.

— É do meu agente. Alguns diretores de elenco enviaram roteiros que podem ser promissores.

— Você está surpresa?

— Não me ofereceram muitos papéis desde *Dark Castle*. Então isso é... inesperado. Bom.

— Bom. — Seu breve sorriso era amplo e lindo, e levou todo meu fôlego por vê-lo. Então, como se tivesse percebido que estava sorrindo de maneira acalorada, ele grunhiu e voltou a cortar a manteiga para a sua massa. — O que fez você querer ser atriz?

Eu poderia ter dado a ele minha resposta enlatada, de prontidão, mas deve haver honestidade entre nós.

— Eu queria ser famosa.

Lucian fez uma pausa e ergueu a cabeça.

Baixei os olhos, observando minhas mãos e pulsos magros, que de repente pareciam muito frágeis.

— Eu tinha quatorze anos e meu pai estava... de mau humor. O Oscar estava passando, então minha mãe e eu nos escondemos na sala para assistir. E lá estavam elas, todas essas mulheres, ricas, bonitas e sorridentes.

Eu olhei para cima e peguei o olhar preocupado de Lucian. Meu sorriso foi o que eu usava para tranquilizar os homens por muito tempo, mas ele rapidamente desapareceu sob seu silêncio calmo. Porque com ele, eu não precisava apaziguar ou fingir. Eu engoli em seco.

— Para mim, isso era poder. E pensei que se pudesse ter esse poder, esse nível de riqueza e fama, estaria segura. Eu estaria livre.

O pré-aquecimento do forno estalou no silêncio retumbante. A expressão de Lucian se contraiu e eu sabia que ele queria me confortar. Mas eu não podia lidar com isso naquele momento.

— Não foi até que eu realmente tentei atuar que percebi o quanto eu amava isso. Atuar é desafiador, divertido e uma maneira segura de expressar minhas emoções. Eu sempre criei contos na minha cabeça. Dessa forma, conseguia contar histórias de outra maneira.

Lentamente, ele acenou com a cabeça, uma mecha de cabelo escuro caindo sobre sua testa.

— Você faz isso bem, Emma.

Emma. Só ele poderia fazer meu nome parecer uma luva de veludo deslizando sobre minha pele.

— Obrigada. — O sucesso era algo inconstante; pode desaparecer a qualquer momento. Mas, sob sua consideração, eu queria que ele me visse no meu melhor. O que significava que eu tinha que tirar minha cabeça da minha bunda, parar de me preocupar tanto e voltar ao jogo.

Estranhamente energizada, lambi meus lábios e voltei minha atenção para sua vasta ilha com topo de mármore.

— Você disse que assa porque te relaxa, mas esse é o único motivo?

Sua cabeça se inclinou, os cantos de seus lábios exuberantes se curvando.

— Estamos ficando pessoais agora?

— Eu diria que sim, dado o que acabei de dizer.

O olhar provocador se transformou em seriedade.

— Você me honra com seus segredos – você sabe disso, certo?

Talvez isso estivesse ficando um pouco intenso demais, porque tive a súbita vontade de chorar ou de me jogar em seus braços.

— Você vai fazer o mesmo?

Ele bufou, mas foi autodepreciativo.

— É o desafio. É preciso precisão, foco e planejamento. E embora assar seja bastante rígido em termos de técnica, a criatividade desempenha um grande papel no objetivo final. — Lucian encolheu os ombros. — Pode não parecer muito com o hóquei, mas envolve a mente e o corpo trabalhando como um só e dedicação total ao resultado.

— Você já pensou em fazer isso profissionalmente?

Com isso, ele voltou ao trabalho, uma carranca de concentração puxando suas sobancelhas.

— Não.

— Hum. E ainda assim seu bisavô o treinou. Ele queria isso para você?

Com isso, ele sorriu, um leve fantasma de um gesto que assombrava seu belo rosto.

— Na verdade, ele não queria. Ele queria que eu seguisse meu sonho de ser jogador de hóquei. — O sorriso assombrado cresceu como pontas afiadas. — Ele disse que uma pessoa nunca encontraria a verdadeira paz e felicidade até que seguisse sua paixão e amor. Suponho que ele devia saber. Ele adorava ser chef.

O fato de que Lucian se referiu a seu bisavô no passado deixou claro que ele não estava mais entre nós. Mas não pude deixar de perguntar.

— Ele alguma vez viu você jogar profissionalmente?

A expressão de Lucian se fechou.

— Uma vez. Mas ele... bem, nunca tive certeza de que ele realmente entendeu.

— Eu não... o que você quer dizer?

Lucian deixou escapar um suspiro lento, como se estivesse sofrendo.

— Sete anos atrás, ele foi atropelado por um carro ao atravessar a rua em Paris. — Ele engoliu em seco. — Jean Philipe sobreviveu, mas seu cérebro sofreu alguns danos. Ele não era o mesmo homem – me confundia com meu pai, palavras perdidas, memórias, certas funções motoras. Ele piorou com o tempo. Amalie cuidou dele. Três anos atrás, ele morreu de pneumonia.

— Oh, Lucian. Eu sinto muito. — Eu queria tanto abraçá-lo que minhas mãos se moveram para frente na mesa, mas cada linha tensa de seu corpo me disse para recuar.

— Eu também. — Ele piscou para a bancada de mármore, espalhando suas grandes mãos abertas sobre ela. — Não sei se foi azar da minha parte ou o quê, mas comecei a ter contusões. Amalie estava apavorada. Eu a acalmei com garantias. Lesões físicas faziam parte da vida que levava. Mas, da última vez, perdi a consciência. Meu cérebro se tornou um risco. Há coisas sobre aquela época que não consigo me lembrar. Coisas que estão confusas nas bordas. Mas o horror de saber que eu poderia, se não fosse cuidadoso, acabar como meu bisavô era cristalino.

— Então você largou.

— Então eu larguei — ele repetiu antes de soltar uma risada sem humor. — Eu poderia não ter. Eu não queria ouvir. Foi necessário eu acordar com Amalie, Ant e Tina ao meu lado e não saber quem eram por cinco minutos. Foi o fato de que eu ficava perguntando a eles repetidamente o que tinha acontecido comigo e não me lembrava de que eles me respondiam todas as vezes.

— Luc...

— Quando meu cérebro se acalmou o suficiente para pensar com mais clareza — ele continuou, como se tivesse que dizer tudo de uma vez — não fui capaz de negar minha família quando eles me imploraram para considerar minha saúde. Enfrentar o terror de me perder certamente ajudou a tornar a decisão de me aposentar um pouco mais fácil. Mas eu me ressinto disso todos os dias.

Eu vi aquele conhecimento ondular sobre seu grande corpo e apertar, como se ele estivesse se encolhendo internamente.

Eu não sabia o que dizer para aliviar aquela dor. Talvez nada aliviar. Algumas coisas as pessoas têm que superar por conta própria. Mas eu não podia deixá-lo sozinho no escuro com seus pensamentos; eu temia que todos os outros estivessem fazendo exatamente isso – dando a ele o espaço que eles achavam que ele precisava, enquanto o abandonavam sem saber.

— Qual era a sobremesa favorita dele?

Lucian piscou, como se saísse de uma névoa. Suas sobrancelhas escuras se arquearam sobre aqueles olhos gelados e, por um momento, pensei que ele poderia não responder, mas ele finalmente falou, sua voz um pouco mais áspera.

— Ele era conhecido por sua inovação, mas seu favorito sempre foi o clássico: *gâteau Saint-Honoré*.

— Você vai fazer isso para mim?

Ele sabia o que eu estava fazendo. Mas ele simplesmente me lançou um olhar malicioso.

— Você está constantemente tentando provar meus cremes, não é, Emma?

Ele estava brincando, claramente querendo me fazer corar e gaguejar. Mas não consegui apagar a imagem de lamber o creme de cada centímetro dele. Deus, eu queria isso. Tanto que minha boca corria o risco de babar.

Eu devolvi seu olhar com igual medida.

— Cuidado aí, torta de mel. Um dia, talvez eu só cobre seu blefe por todas as suas insinuações de creme veladas.

Para minha surpresa, ele cora em um tom rosa escuro nas altas cristas de suas bochechas. Mas ele segura meu olhar.

— Talvez seja isso que eu esteja buscando.

Essas palavras bem colocadas me atingiram com um chute quente na barriga. Mas minha resposta se perdeu entre a repentina intrusão de Ant, Tina, Brommy e Sal, todos invadindo a cozinha em busca de quitutes, para irritação de Lucian. Ele tentou afugentá-los, mas eles não estavam aceitando, e acabamos sentados em volta da mesa estilo fazenda com um carrancudo, mas não realmente chateado, Lucian preparou um lote de madeleines apenas para "calar todos vocês".

Elas estavam deliciosas. Mas os olhares rápidos e penetrantes que ele sorria em minha direção a cada poucos minutos eram o que eu mais desejava. O problema era, se eu queria admitir para mim mesma ou não, Greg havia afetado minha confiança. Eu pensei que o que tínhamos era real, apenas para perceber no mais rude dos despertares que eu estava construindo castelos em minha cabeça mais uma vez. Eu queria algo real, alguém em quem pudesse confiar, e por mais que gostasse de Lucian, não sabia se era ele quem me daria isso.

Lucian

Brommy se ofereceu para me ajudar a instalar os novos armários de cozinha em uma das pequenas casas de hóspedes. Já estávamos nisso há um tempo quando Emma nos encontrou, entrando no espaço como um céu de verão. Eu babei ao vê-la.

Desde que me descobriu, Emma decidiu estacionar sua bunda bonita na minha cozinha e me assistir cozinhar ou assar. Todos os dias. Enquanto outros teriam sido sumariamente expulsos, eu esperava sua presença. Alguns dias, cheguei a recrutá-la para ser minha subchefe. Mas Emma tinha uma concentração terrível e preferia conversar ao invés de fazer uma medição adequada. A mulher estava destinada a comer minhas criações, não a me ajudar a fazê-las.

O que era bom para mim. Eu nunca me cansaria de vê-la provar meus doces. Tentado como estava a prová-la em retorno, eu consegui manter minhas mãos para mim mesmo – por pouco. Aparentemente, eu era um pouco masoquista quando se tratava de Emma.

— Eu sabia — disse ela, sorrindo para Brommy e para mim enquanto equilibrávamos um armário superior pesado entre nós. — Eu só tinha que seguir os sons de batidas e encontraria vocês, homens.

Brommy se engasgou com uma risada.

— Os sons de *marteladas*, por favor, Srta. Emma. Nos encontrar batendo é uma questão totalmente diferente.

— Por quê...? — Uma pequena ruga trabalhou entre sua sobrancelha por um segundo, então desapareceu com um rubor

profundo. — Ah, sim, eu posso ver como isso seria... — Ela desistiu e riu, sua risada rouca que me afetava todas as vezes.

Isso atingiu Brommy também, que ficou boquiaberto com algo semelhante ao espanto. Mas então ele piscou e as pontas de suas orelhas ficaram vermelhas. Honestamente, eu nunca o tinha visto reduzido a um trapalhão corado por uma mulher antes. Foi impressionante. Então, novamente, Emma também era.

— Tecnicamente — eu disse, antes que Brommy pudesse cair totalmente sob seu feitiço — estamos enroscando. — Eu segurei minha broca como prova.

Seu sorriso se alargou.

— Você é terrível.

Meus braços estavam começando a ficar cansados e me virei para prender o armário com a furadeira, depois saltei e peguei uma toalha para limpar a poeira da testa.

— Você precisa de algo, Em?

Seu olhar disparou para Brommy, mas então encontrou o meu novamente. Ou eu imaginei coisa, ou Emma Maron estava nervosa.

— Eu queria falar com você, se você tiver um minuto.

Brommy percebeu rapidamente e pulou para baixo também.

— Vou pegar mais algumas bebidas. — Ele pegou o cooler que tínhamos e, em seguida, inclinou um chapéu imaginário para Emma. — Senhorita Emma.

Um pequeno sorriso inclinou sua boca exuberante.

— Você pode me chamar de princesa, Brommy. Eu sei que você quer.

Ele sorriu e eu fiz uma careta. Não que eles tenham notado.

— Vejo você em breve, princesa.

— Brommy.

Eles acenaram um para o outro como amigos reais, e então ele saiu, assobiando uma melodia alegre. Emma o observou se afastar por um segundo, então voltou seu olhar para trás e me pegou carrancudo. Mas seu sorriso só cresceu. Naquele momento, eu teria dado qualquer coisa para saber se ela pensava naquela noite na piscina, se ela se arrependia de como terminou. Nunca tínhamos conversado sobre isso.

Mas eu não tinha esquecido. No mínimo, a memória estava começando a assumir contornos dolorosamente afiados.

Concentre-se, Oz.

Ela vagou mais para dentro da sala, olhando ao redor para isso e aquilo.

— Eu não disse antes, mas você faz um bom trabalho.

— Hum.

Emma fez uma pausa com o som, e diversão iluminou seus olhos.

— Você gosta de construção?

Dei de ombros.

— É algo para fazer.

Eu estava me retraindo de novo e não conseguia me conter. Eu sabia que ela queria dizer algo. Isso estava muito claro. E foi algo que ela pensou que eu não gostaria. Ela ainda não tinha me perguntado sobre Cassandra. Eu estava esperando por isso, mas percebi que ela estava ganhando tempo. Talvez essa hora fosse agora. Mas eu não estava prestes a implorar a ela para ficar quieta ou insinuar que eu não poderia lidar sobre falar sobre meu fracasso com Cassandra com ela.

Mas ela não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, ela se apoiou na área do balcão semi acabada e me olhou como se eu fosse um imóvel em potencial. Meu corpo captou a atenção.

— Eu tenho um problema — ela disse.

Oh, as possibilidades sujas de como eu poderia resolver seus problemas que passaram pela minha cabeça. Eu os empurrei de volta para a sarjeta da minha mente, onde eles pertenciam.

— Os membros da sua família estão prestes a chegar, unidos e determinados a levá-la a subir numa árvore? — Eu ofereci, protelando.

Os cantos de seus olhos enrugaram.

— Não, isso foi o que aconteceu com você.

— Bem, espero que você não esteja com inveja. Alerta de spoiler – não é tão divertido quanto parece.

Ela balançou a cabeça ironicamente.

— Você sentirá falta deles quando eles se forem, Brick.

O apelido atingiu meu coração.

— Peça a eles que saiam e vamos ver.

— Você estaria falando sério? — Ela não parecia muito irritada; havia uma cadência em sua voz. Eu queria mais disso.

— Eu estava.

— Lucian.

— Eu gosto mais quando você me chama de *torta de mel*.

Bufando, ela revirou os olhos, mas ainda não conseguiu esconder aquele sorriso.

— Querida torta de mel, quer calar a boca e ouvir?

— Já que você pediu tão educadamente. — A verdade é que eu faria qualquer coisa por essa mulher.

Acho que ela sabia disso, porque sua expressão tornou-se vitoriosa.

— Fui convidada para um casamento em Malibu neste fim de semana...

Inferno. Eu sabia o que estava por vir. Minha pele começou a ficar muito tensa, o ar ao meu redor muito espesso.

— Se você está procurando conselhos sobre moda, isso é mais uma competência de Sal e Amalie.

— Vou ter isso em mente. Você quer ir comigo?

E aí estava. Parte de mim queria fazer algo maduro como um simples sinal de joia porque ela me convidou para sair. Essa parte foi abafada pelo idiota teimoso que não queria, em hipótese alguma, estar em nenhum evento que exigisse conversar e interagir com outras pessoas.

— Em...

— Antes de dizer não, o casamento será muito pequeno e íntimo. É do meu co-estrela, Macon Saint.

— E você achou que seria uma boa ideia me levar?

Eu não tinha dúvidas de que ela sabia o que eu queria dizer. Eu não era charmoso. Eu mal era sociável.

Emma deu de ombros, a alça de seu vestido de verão azul claro deslizando um pouco sobre a curva dourada de seu ombro.

— Eu poderia ir sozinha. Mas eu não quero. Uma mulher sozinha em um casamento é alvo de dez milhões de perguntas, nenhuma delas é boa. Eu prefiro ter uma grande montanha de homem rabugento me protegendo.

Ela precisa de você. Diga sim, seu idiota.

— Brommy poderia fazer isso.

Idiota.

Uma de suas sobrancelhas se arquea delicadamente.

— Você quer que eu pergunte ao Brommy?

Meus ombros cederam em derrota.

— Não.

— Hum.

— Essa é a minha fala, Snoopy.

O brilho estava de volta em seus olhos.

— Funciona tão bem que estou roubando como se fosse minha.

Deus, ela era fofa. Perfeita Eu queria cobrir sua cintura com minhas mãos e colocá-la nos armários para que eu pudesse cuidar de sua boca adequadamente. Eu me contive e continuei provocando. Como um idiota.

— Estou surpreso que você não ameaçou convidar Anton.

Emma fingiu pensar nisso.

— Eu poderia. Ele é muito bonito de se olhar. — Ela sorriu para o meu grunhido. — Mas eu suspeito que ele entenderia que eu estava interessada.

— E você não está. — Eu não consegui enquadrar isso como uma pergunta. Já era difícil o suficiente imaginar. Se ela estivesse, eu... não iria fazer nada. Iria chorar em algum lugar, provavelmente.

Mas ela torceu o nariz.

— Nem um pouco, torta de mel.

A mulher sabia como me vencer – eu daria a ela isso. Ela também era observadora como o inferno, e quando meus ombros caíram de alívio, seu olhar se estreitou.

— Algum dia vamos conversar sobre isso?

Não. Faça isso um *inferno* de um *não*.

— Falar de quê?

No segundo em que fiz a pergunta, soube que estava em apuros. Emma não era do tipo que aturava as minhas besteiras.

Seus lábios exuberantes se inclinaram com diversão sombria.

— Você lambeu meu mamilo, Lucian. — Eu quase engasguei com minha própria saliva, meu corpo ficando em alerta rápido e com calor.

Não que isso a tenha impedido de acrescentar: — Talvez você saia lambendo os seios das mulheres o tempo todo, mas tendo a dar esse privilégio a alguns poucos.

Droga, mas me senti privilegiado. Grato, até. Continuou sendo o ponto alto dos meus sonhos eróticos desde aquela noite.

Minha voz ficou rouca e tensa.

— Eu não faço isso o tempo todo. Faz algum tempo. — Com o rosto em chamas, limpei minha garganta. — Foi uma fraqueza momentânea devido a... — *Desejando você desesperadamente. Eu daria qualquer coisa para lamber aquele pequeno mamilo doce mais uma vez.* — Travessuras na piscina.

A luz em seus olhos me disse que ela estava lutando para não rir ou não me estrangular. Talvez ambos.

— É nisso que você vai acreditar?

— Sim? — Não. Eu não sabia, porra. A mulher me amarrou com nós. Eu a queria. Ela me assustou muito. Eu queria dizer-lhe como eu era uma escolha ruim. Que nós dois sabíamos que ela poderia escolher melhor. Mas eu não conseguia fazer minha boca formar as palavras. E o momento de fazer isso passou por mim.

— Hmm — foi tudo o que ela disse.

Eu fiquei lá estoico e composto. E se sentindo um idiota. Eu deveria ter me virado e ido embora, dito a ela que era melhor se nós nos ignorássemos durante sua estadia. Mas não foi isso que eu fiz.

— Essa coisa de ir acompanhada no casamento é importante para você?

Suas sobrancelhas levantaram surpresas. Mas ela não prevaricou, como eu havia feito.

— Sim.

E foi isso. Eu poderia tentar manter minhas mãos para mim. Eu poderia tentar conter minha luxúria por esta mulher. Mas eu não conseguia vê-la desapontada.

— Tudo bem, meu bem. Eu serei o seu parceiro de casamento, sua montanha. — Limpei minhas mãos no pano, apenas para me impedir de alcançá-la. — Mas esteja avisada. Eu não vou ser charmoso, ou falador, ou o quer que seja. Se alguém tentar me encurralar e falar sobre hóquei, estou fugindo.

Eu me senti um idiota assim que terminei. Mas Emma apenas sorriu, como se esperasse que eu dissesse isso.

— Ah, Brick, você diz isso porque ainda não conhece o Macon Saint.

O que quer que isso signifique.

CAPÍTULO QUINZE

Lucian

— Conte-me sobre este casamento e o que devo esperar.

Em deferência às habilidades excepcionais de direção de Emma e minha propensão a ter enxaqueca ao dirigir por mais de uma hora, ela estava atrás do volante e eu estava confortavelmente afundado no banco do passageiro.

Eu preferia ser aquele dirigindo? Na verdade, não. Dessa forma, eu tinha a desculpa perfeita para olhar para Emma pelo tempo que eu quisesse. Era uma visão melhor do que a costa do Pacífico ao lado da minha janela. De longe.

Seu nariz empinado enruga quando ela se concentra, o que era fofo como o inferno.

— Vamos ver. Saint, que você conhece como Arasmus, é uma pessoa extremamente privada. Eu não acho que ele estaria fazendo isso se não fosse por Delilah. — Emma olhou na minha direção, seus olhos cor de safira à luz do sol. — Ela estava conosco durante as filmagens da temporada passada e se aproximou da equipe.

— E de você também? — Tentei imaginar ficar bem vendo minha mulher filmando cenas de amor com alguém. E lutei. Não que Emma fosse minha mulher. E obviamente era tudo atuação. Não mudava o fato de que o homem que eu estava prestes a conhecer esteve com as mãos nos seios de Emma. A beijou várias vezes.

Talvez algo disso tenha sido notado, porque ela me deu um daqueles olhares de “Você não está enganando ninguém, mas você me diverte”.

— Na verdade, me conhecer ajudou. Ela pôde testemunhar em primeira mão que não há absolutamente nenhuma centelha real entre Saint e eu.

— Nunca pensei que houvesse.

— Uh-huh. Nem Delilah, na verdade. Mas pode ser difícil tentar apagar as imagens finais das cenas de sua mente. Especialmente quando elas foram feitas para parecerem quentes. — Os olhos de Emma brilharam com humor irônico. — Quando você vê a realidade, quão estranho é, toda a equipe pairando sobre, isso ajuda.

— Isso te incomoda? Fazer essas cenas?

— A nudez? Sim e não. Eu me sentia segura e respeitada no set. Eles o mantém fechado, com apenas algumas pessoas importantes por perto. Mas nunca foi uma experiência totalmente confortável. E há um certo fator esquisito com alguns fãs que eu não gosto.

Minha raiva aumentou tão rápido que foi um milagre eu não rosnar. O pensamento dela sendo assediada me fez querer rasgar coisas com minhas próprias mãos.

— Você não foi... machucada ou...

— Não — ela assegurou suavemente, como se ela tivesse que me acalmar, quando eu deveria ser o único a confortá-la. — Nada desse tipo. Nada além do olhar malicioso ocasional e da decisão tola de ler comentários nas redes sociais. — Ela soltou uma risada curta. — Aprendi minha lição durante isso. Para o bem.

Eu odiei que ela tivesse visto o lado feio. Mas eu balancei a cabeça em perfeita compreensão e simpatia.

— Nunca leia os comentários, Em.

Ela me deu uma olhada de lado.

— Aposto que com você foi pior.

— Eu não sei se foi pior. Mas aceitei que a crítica fazia parte da vida. — Dei de ombros. — Os fãs de hóquei são ótimos. Ouvir comentaristas esportivos que achavam que sabiam o que se passava pela minha cabeça quando eu jogava era o mais irritante, para ser honesto.

— Eu aposto que sim. — Emma saiu da rodovia e entrou em uma estrada menor que levava ao mar. — De qualquer forma, quando considerar papéis futuros, a menos que haja uma razão de

desenvolvimento de personagem realmente boa para isso, não farei cenas de nudez novamente.

Meu grunhido ganhou um sorriso, que era o que eu pretendia. Emma parou em um portão residencial e fomos levados para a propriedade. Talvez em consideração à festa de casamento, um manobrista nos encontrou no caminho. Mas Macon Saint abriu a porta da frente, sua expressão se abrindo em um sorriso afetuoso ao ver Emma.

— Você conseguiu. — Ele deu-lhe um abraço de urso, do tipo que eu reservava para Tina, e depois a soltou para me olhar com clara reserva.

O cara era cerca de três centímetros mais alto que eu e tinha o mesmo físico de Brommy – corpulento, mas todo musculoso. Eu poderia apanhá-lo, no entanto. Eu era rápido, eu tinha punhos de martelo e... bem, inferno, ele era amigo de Emma. Não um oponente no gelo. Não me impediu de retornar seu olhar com uma expressão inexpressiva.

Mas, estranhamente, sua reserva caiu e ele sorriu.

— Luc Osmond?

— Sou eu.

— Puta merda, cara. — Ele ofereceu sua mão. — Grande fã.

Eu costumava gostar de coisas assim. Fã-clube. Saber que alguém apoiava a mim e a minha equipe. Agora me sentia um impostor. Mas eu balancei sua mão de volta.

— Da mesma forma.

— Cara, aquele jogo contra o Toronto...

— Onde está sua linda noiva, Saint? — Emma interrompeu brilhantemente, dando uma boa impressão de alguém que realmente não queria ouvir alguns caras falando sobre esportes, mas estava fingindo não ter a menor ideia sobre isso. Eu sabia, no entanto, que ela estava tentando me proteger.

Foi uma sensação estranha ter alguém me lendo tão bem. Eu não tinha certeza se gostava ou se tinha medo de nunca superá-la quando ela saísse da minha vida. De qualquer maneira, Saint entendeu a mensagem e deu um passo para trás para nos deixar entrar no arejado corredor da frente da casa.

— Na cozinha, aterrorizando sua equipe do buffet

— Eu ouvi isso — um sotaque sulista soou. Um segundo depois, uma mulher curvilínea com cabelo castanho claro e olhos da cor de brülée se aproximou de nós. Ela deu a Saint um olhar de reprovação que não enfraqueceu o afeto em seus olhos. — Eu não aterrorizo minha equipe.

Ele passou um braço em volta da cintura dela e puxou-a para perto.

— Como quiser, Tot.

A mulher franziu os lábios, mas voltou sua atenção para Emma.

— Ei! Estou tão feliz por você estar aqui.

Elas se abraçaram antes de Emma apresentá-la a mim.

— Lucian, esta é Delilah. Dee, este é Lucian Osmond.

— Luc Osmond — Saint disse a Delilah com ênfase. — Central do hóquei do Washington.

Delilah lançou a ele um olhar que dizia que ela não tinha ideia de por que ele tinha que colocar essa parte, e eu segurei uma risada.

Eu peguei a mão dela.

— Prazer em conhecê-los. Obrigado por me deixarem assistir ao seu casamento.

— Estamos felizes em ter você. — Delilah tinha toda aquela coisa de anfitriã do sul e me deu um largo sorriso educado. Mas não encontrou seus olhos. Eu não tinha ideia do que ela viu em mim, mas claramente ela e Saint eram protetores em relação à Emma. Como eu também era, gostei disso, mesmo que a desconfiança fosse em minha direção.

Delilah se voltou para Macon.

— North está procurando por você. Vou levar Emma e Luc... — Ela olhou para mim. — Ou é Lucian?

— Luc está bom. — Eu disse isso automaticamente, tendo sido chamado de Luc na maior parte da minha vida adulta. Mas eu percebi que Emma ficou rígida ao meu lado – porque ela me chamava de Lucian. Eu não olhei para ela. Não agora, com seus protetores pairando na nossa frente.

— Vou levar Luc e Emma para o quarto deles.

Quarto. Ela disse *quarto*. Eu não imaginei isso.

Não, não, eu não imaginei. Porque logo fui conduzido a um quarto bem decorado com vista para o Pacífico. A luz entrou, inclinando-se através da única cama king size contra a parede. Através de um torpor, ouvi Delilah e Emma conversando, Delilah nos dizendo para ficarmos confortáveis. Na cama? A porra da única cama?

A porta se fechou e eu pisquei, de repente, sozinho com Emma. No nosso quarto.

Inferno.

Emma

— Eu não pensei nisso direito.

Eu coloquei minha bolsa ao lado da cama e me virei para um Lucian carrancudo.

— O que está deixando você com comichões pelo corpo agora?

Eu sabia com certeza o que o estava chateando, e eu meio que amava que ele fosse um rabugento na metade do tempo, mas eu nunca iria parar de provocar ele em relação a isso.

Seu olhar era gelo verde, mas sua boca expressiva se curvou.

— Não pensei que iríamos passar a noite.

— Ah. — *Esperarei por isso.*

O olhar de Lucian percorreu o quarto. Era um quarto muito bom – adorável, até – com vista para o oceano, com um banheiro privativo generoso.

— Definitivamente, não pensei que compartilharíamos um quarto.

Lá estava.

— Eu sabia que você ia ficar esquisito.

— Esquisito — ele repetiu, como se a palavra fosse uma cobra.

— Esquisito. — Eu me joguei na cama macia e tirei minhas sandálias. — Para ser justa, eu também não esperava todo o negócio de "um quarto para unir-lós."

Ele bufou em diversão relutante, então cruzou os braços musculosos sobre o peito e ergueu uma sobrancelha enquanto eu continuava.

— Mas, a menos que queiramos envergonhar nossos anfitriões, o que eu não quero, e procurar um hotel em algum lugar, que será menos privado, estamos presos nisso. Portanto, podemos muito bem ser adultos e engolir isso.

— Você está bem com isso? — Ele olhou para a cama como se ela pudesse se levantar e agarrá-lo.

— Você vai tentar algo comigo sem minha permissão?

— Não — ele cuspiu, claramente enojado por eu ter sugerido isso. Eu lutei contra um sorriso.

— Você acha que vou tentar algo com você sem a sua permissão? Seus olhos se estreitaram.

— Eu já entendi, Em.

Eu deixei minha diversão transparecer.

— É uma cama king-size. E, claro, você é um cara grande, mas há muito espaço.

Lucian girou os ombros e foi colocar sua mala na parede oposta.

— Quão maduro da sua parte.

— Eu gosto de pensar assim.

— Hum. — O olhar de soslaio que ele lançou em minha direção enviou uma onda de calor e nervosismo direto pela minha alma mentirosa. Porque eu *estava* mentindo pra caramba. A ideia de dividir a cama com Lucian Osmond era assustadora. Eu poderia simplesmente rolar durante o sono e me agarrar a ele como um macaco. Eu não podia confiar em mim mesma para não tocá-lo. Com toda a honestidade, eu mal confiava em mim mesma para não atacá-lo quando eu estava acordada.

Na verdade, eu também não tinha pensado muito bem sobre isso. Mas eu era uma atriz. Eu poderia agir como se estivesse bem. Mas não pensei ter enganado Lucian. O homem tinha um jeito de ver através de mim. Era muito inconveniente.

Contra minha vontade, meu olhar deslizou sobre o resto da cama por um breve momento. Era uma grande coisa branca com travesseiros fofos e uma colcha felpuda. A tentação de agarrar Lucian pela mão e dizer: “para o inferno com isso; apenas me foda, por favor, eu imploro” era tão forte que meus ossos vibraram, meus seios ficando pesados debaixo do meu top.

Ele faria isso? Ele derrubaria todas as suas paredes e bloqueios e me aliviaria desse desejo implacável? Ou ele me daria aquele olhar que dizia que ele me achava ridícula e então fugiria do quarto?

Ele estava me olhando agora, cauteloso, mas considerando. Exatamente o que ele estava considerando, eu não sabia. E essa era a parte enlouquecedora.

Houve momentos em que eu senti como se conhecesse esse homem em um nível profundo que desafiava há quanto tempo nós estávamos na vida um do outro. Algo sobre Lucian fazia sentido para mim. Eu não poderia explicar mais do que isso. E ainda assim ele disse a Delilah e Saint para chamá-lo de Luc.

O constrangimento se desenrolou em minha barriga. Eu nem sabia como ele gostava de ser chamado. Foi horrível, estranho. Lembrando-me que eu não conhecia esse homem com quem estaria dividindo o quarto.

— Eu não deveria chamá-lo de Lucian? — Eu soltei, toda carente e incerta.

Uma pequena ruga formou-se entre as sobrancelhas severas.

— Eu disse para você me chamar assim.

— Você também me disse para chamá-lo de Oz. E para Dee e Saint chamá-lo de Luc.

— Eu sei. — Com uma mão em seus quadris estreitos, ele passou a outra mão sobre a boca. — Eu pareço atordoado.

— Atordoado — eu repeti com um sorriso.

Seu sorriso de resposta foi rápido e brilhante, e levou um pouco da minha respiração com ele.

— Um termo da Mamie.

— Ah.

Seu sorriso desapareceu.

— As pessoas sempre me chamaram de Oz ou Luc. É a isso que estou acostumado. Mas com você... — Ele fez uma pausa, seus lábios se separaram e aquela carranca retornou, relutante e irritada. E ele encolheu os ombros, mais como um rolar de ombro, como se estivesse tentando afrouxar a tensão ali. — Você me chamou de Lucian desde o início. Parece certo.

O calor se espalhou por mim, lento como mel.

Nossos olhares colidiram e pararam enquanto algo fervia entre nós. As pálpebras de Lucian baixaram em uma leitura preguiçosa. De mim na cama. Eu não perdi a forma como suas narinas se dilataram ao inspirar, a forma como sua pele escura escureceu. Uma pulsação bateu em meu pescoço, firme, forte.

— Lucian... — Rolou pela minha língua como creme.

Mel e creme. Eu queria derramar sobre aquele abdômen apertado e apenas lambe-lo.

Talvez ele soubesse disso, porque se endireitou. Sua mandíbula se contraiu e aqueles olhos de gualtéria me disseram para me comportar. Mas eu não queria. Eu queria provocá-lo e tentá-lo do jeito que ele me tentou.

Uma noite dividindo a cama com Lucian. Eu não sabia se iria sobreviver.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Lucian

Essa cama. Essa porra de cama. Seria a ruína da minha existência pelas próximas vinte e quatro horas. Isso e a imagem de Emma sentada na beira dela com um sorriso de bruxa que quase me desafiou a derrubá-la e fodê-la nas cobertas macias.

Se ela queria fingir que não havia absolutamente nenhuma tentação em compartilhar a cama, tudo bem. Mas eu vi o leve rubor em suas bochechas quando ela olhou para mim, a forma como seus lábios se separaram como um convite para provar. E isso tornou tudo pior. Muito pior. Se eu pensasse por um segundo que ela não tinha interesse em mim, cerraria os dentes e sofreria uma noite na cama com ela sem pensar duas vezes.

Mas saber que ela também estava sofrendo? Esse era um assunto totalmente diferente. Parecia uma urgência física aliviar sua necessidade e, assim, aliviar a minha. E depois? Quando o suor esfriasse, ainda seríamos as mesmas pessoas, eu com uma vida indo a lugar nenhum, enquanto a de Emma estava aberta a inúmeras possibilidades.

Antes, quando eu era um filho da puta arrogante, não teria me importado com o depois. Eu teria ido pelo que queria e amaldiçoado as consequências. Agora, tudo parecia muito frágil, muito real. Havia uma boa chance de me agarrar a Emma como uma tábua de salvação. E a humilhação dessa perspectiva, quando ela logo estaria seguindo em frente, era demais.

Eu ainda tinha algum orgulho. Eu me agarraria a isso em vez disso. E resistiria à tentação.

Claro que vai, garoto Ozzy.

Em uma tentativa de fazer o certo por Emma, eu renunciei aos meus jeans e camiseta habituais e coloquei uma blusa de gola de malha e calças de lã, o tipo de coisa que eu usaria para entrevistas. Lamentei a escolha agora. A gola, embora desabotoada na parte superior, ainda conseguiu me sufocar. E a calça, embora folgada, parecia apertada. Merda, tudo se agarrou e puxou. Eu precisava de ar. Bastante ar.

Emma ainda estava sentada na cama, uma perna enrolada embaixo dela, a outra pendurada na beirada e balançando lentamente como um pêndulo. Cada vez que sua perna balançava, sua coxa tonificada se contraía e então relaxava. O movimento era hipnótico. Eu queria colocar minha mão ali e sentir aquela carne dourada e firme.

— O que você quer fazer agora? — ela perguntou. Muito inocentemente. Aquela perna continuava balançando.

Mulher diabólica.

— Eu preciso de ar. — Sem esperar por uma resposta, eu fugi da porra do quarto.

A risada suave de Emma me acompanhou.

— Divirta-se explorando.

Sim. Ela sabia. Isso ia ser um inferno.

Estava quieto no corredor, abandonado no momento. Encostei-me na parede e tentei controlar minha respiração. Não ajudou a matar a rigidez do meu pau. Ele empurrava para fora das minhas calças em uma protuberância que até eu pensei que parecia obscena. Emma deve ter visto. E Deus, ela era boa em me irritar. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia do que ela pensava disso. Eu queria me virar e perguntar.

Inferno, eu queria me virar e mostrar a ela. Implorar a ela para me dar algum alívio. Eu seria bom; eu retribuiria o favor com juro. Deus, eu queria isso. Eu simplesmente *queria*.

Não. Não é isso que faremos neste fim de semana. Comporte-se, Oz.

Dado que agora eu odiava a voz em minha cabeça e ainda tinha uma ereção que me faria ser preso por atentado ao pudor, corri a palma da minha mão por meu comprimento obsceno. Firmemente. Um grunhido me deixou e meu abdômen apertou. Eu fiz isso de novo,

inclinando meu corpo em direção à parede, minha mão livre espalmada contra a superfície fria.

Droga, eu queria bater em algo. Não, eu a queria. Lisa e apertada. Ela se mexeria tão delicadamente no meu pau. Eu podia imaginar isso bem, ela montando no meu pau, aqueles seios pequenos e doces saltando para mim.

— Foda-se — eu assobieei, o sangue surgindo, e meus quadris deram um impulso involuntário. Eu estava em perigo real de gozar nas minhas calças.

O horror disso foi o suficiente para reprimir minha ereção. Soltando um suspiro, me endireitei. Meu abdômen doía como se tivesse levado um soco. Mas pelo menos eu poderia andar normalmente agora. E descí as escadas, seguindo os sons da atividade e o cheiro da comida em uma cozinha bem equipada. Fiquei surpreso ao encontrar a noiva parada no meio de meia dúzia de funcionários do buffet. Seu cabelo estava bagunçado, a pele corada. Ela soltou um som de puro desespero e agarrou o celular como se estivesse tentando espremer a vida dele. Era tarde demais para recuar – ela me viu.

— Você precisa de algo, Luc? — ela perguntou, educada, mas firme de uma forma que deixou claro que ela estava silenciosamente esperando que eu fosse embora. Eu simpatizava com isso.

Eu levantei a mão.

— Apenas vagando. Não se preocupe comigo.

Ela sorriu – magra, cansada – então acenou com a cabeça antes de seus ombros caírem. A mulher parecia destruída. Então me lembrei que ela era chef. Aparentemente, uma muito boa. Talvez ela tenha pensado em cozinhar para seu casamento? A ideia parecia loucura para mim.

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, Macon Saint entrou, a expressão do grandalhão desenhada com preocupação.

— O que há de errado? — ele disse a Delilah, puxando-a para perto antes que ela pudesse responder.

Delilah soltou um gemido prolongado e o agarrou.

— Houve um acidente na 101.

Saint empalideceu.

— Alguém se machucou? Quem?

— Não — ela disse. — Ninguém ficou ferido. A menos que você considere o nosso bolo de casamento.

— Jesus, Tot. Você me assustou muito. Achei que fosse algo sério.

Delilah olhou para Saint.

— Isso é sério!

Saint se encolheu e, internamente, eu também. O pobre bastardo entrou direto nessa.

— Eu quis dizer tipo morte... merda, ok. É sério.

Delilah apertou a ponta do nariz e respirou com dificuldade.

— Meu bolo. Esparramado por todo o asfalto. Como vou deixar um bolo pronto a tempo com tudo o que tenho que fazer?

— Eu posso fazê-lo. — Fui eu quem falou?

Ambos viraram na minha direção. Sim, foi. Inferno, eu me surpreendi. Mas ver Delilah frenética e precisando da ajuda que eu poderia fornecer, deu início a uma onda de adrenalina que eu só senti uma vez no gelo. Aqui estava um desafio em que eu poderia mergulhar, algo que eu poderia fazer que valesse a pena – útil.

Saint imediatamente adotou uma expressão de “agora eu tenho que lidar com esse cara.”

— Isso é legal da sua parte...

— Ele não está brincando — veio a voz de Emma ao meu lado. Quase pulei. A mulher se movia como um gato.

Agora que a notei, todos os outros pensamentos se dispersaram. Eu não conseguia me concentrar além da borda quente de seu braço roçando no meu. Era difícil o suficiente olhar para ela sem pensamentos ilícitos piscando em meu cérebro. O que ela faria se eu me inclinasse e a lambesse?

— Estou falando sério — disse ela, invadindo minha névoa. — Os bolos dele são os melhores que já provei.

Uma onda de orgulho percorreu meu pescoço e meu rosto. Em algum momento, a opinião dela se tornou a que eu mais valorizava.

As sobrelhas de Delilah se ergueram.

— Sério?

Eu poderia fazer isso. Eu *queria* fazer isso.

— Bem, eu não sei sobre o melhor de todos — eu disse. — Mas eu sei fazer um bolo. Eu prometo que não faria nada para arruinar o seu

dia.

— Ele está sendo modesto. — Emma me cutucou, como se dissesse: "Conta mais, seu bobo." Mas ela não deixou. — Saint, lembra daquela semana de filmagens que fizemos em Lyon? E nós saímos naquela noite?

Saint se ilumina.

— Ah Merda. Bom daquele jeito?

— Melhor. Mas posso ser tendenciosa.

Eu não tinha ideia do que eles estavam falando, e Delilah claramente também não. Mas ela estava sorrindo, hesitantemente esperançosa. O que era bom. Eu não queria ver essa pobre mulher destruída por um desastre de bolo. Além disso, ficar escondido na cozinha em vez de me misturar com os convidados e lutar para não levar Emma embora e fazer coisas sujas com ela era mais do que bom para mim.

Saint olhou para sua noiva.

— O que você acha, Tot?

Delilah fixou os olhos em mim, de repente, cem por cento master chef.

— O que você consegue fazer?

— Depende do que você quer. Qual foi o bolo que você pediu?

— Uma massa de pão-de-ló de avelã com mousse de baunilha e manga. Creme de manteiga de baunilha com cobertura de fondant e flores.

As ideias fluíram e pingaram em torno do meu cérebro, chutando aquela onda inebriante de excitação e desafio mais uma vez. Isso eu sabia. Gostei disso.

— Você está alimentando o quê? Quarenta?

— Quarenta e cinco. Cinquenta, para estar segura.

— Você quer um tradicional de várias camadas com creme de manteiga, então estamos sendo abusados. Especialmente se você espera qualquer tipo de decoração elaborada.

— O bolo parece amaldiçoado neste momento. — A carranca de Delilah me fez querer sorrir. Era como se ela tivesse ficado pessoalmente ofendida com o azar, o que eu pude entender.

— Eu poderia fazer croquembouche¹⁵. Isso é relativamente rápido e agradável ao público. Existem infinitas possibilidades de gâteau. — Meus dedos tremeram com a necessidade de começar. — Você tem algum sabor favorito? Alergias à comida?

Enquanto eu falava, Delilah começou a sorrir.

— Sem alergias alimentares. E você está contratado.

— Estou fazendo isso de graça. — Eu entrei mais na sala, dando uma olhada ao redor. A cozinha era tão boa quanto a que eu tinha em casa. Delilah era uma chef profissional e eu não tinha dúvidas de que ela tinha as ferramentas de que eu precisava. Mas eu sempre poderia ir até a loja em caso de emergência. — O que será?

Delilah olhou para Saint, que encolheu os ombros.

— O que você quiser, Tot.

— Você pode fazer creme de manga no croquembouche?

Mangas deve ser uma coisa entre eles, porque Saint sorriu.

— É claro. Que tal dois croquembouches e talvez *glace au beurre noisette* para acompanhar?

— Eu acho que você é meu herói — disse Delilah com uma risada aliviada.

— Herói da sobremesa — Saint corrigiu, mas ele estava sorrindo também, de uma forma reservada que me lembrava muito de mim mesmo. — Obrigado, cara. É sério.

— Isso não é um problema.

— Qual foi a última parte que você mencionou? — Emma perguntou, parecendo com os olhos um pouco vidrada. A mulher realmente amava suas sobremesas.

— Sorvete de manteiga dourada. Vou servi-lo mais como um *semifreddo*, no entanto, considerando o tempo.

— Senhor, me ajude. — Ela se abanou.

Eu deveria estar evitando a tentação que era Emma Maron. Mas não consegui esconder meu prazer em ver sua respiração ofegante. Então, um pensamento me ocorreu.

— Você não se importa, não é? Vou deixar você sozinha por um tempo.

Inferno. Eu não pensei. Eu estava aqui para interferir, não para fazer sobremesa.

Mas Emma ficou boquiaberta, como se eu estivesse sendo ridículo.

— Você está brincando? Delilah está certa; você é um herói por fazer isso.

Minhas orelhas estavam quentes. Eu dei de ombros e me virei para Delilah.

— Vou precisar olhar o que você tem e correr para o mercado.

— Eu não estou mandando você para o mercado — disse Delilah.

— Você faz uma lista de tudo o que você precisa, e eu enviarei alguém para buscar. Estou transferindo parte do pessoal da minha cozinha para ajudar.

— Tudo bem, então. Deixe-me ir à sua cozinha e eu já vou começar.

CAPÍTULO DEZESSETE

Emma

— Querida Emma — Dougal, meu ex-figurinista do set, falou lentamente, — Devo dizer que amo seu novo homem.

Com isso, ele colocou uma bolinha de creme na boca e gemeu dramaticamente, posicionando a mão no peito.

Eu bufei uma risada. Era estranho e adorável ouvir alguém chamar Lucian de *meu homem*. Ele não era, mas era bom saber que as pessoas com quem eu trabalhava dia após dia o aprovaram. Eu estava orgulhosa de Lucian. Isso era certo. Ele veio hoje em grande forma, criando não apenas duas torres de croquembouche, envolvidas em fios brilhantes de açúcar caramelizado, mas também deliciosos sorvetes combinados com delicados biscoitos de manteiga e mangas cortadas para se parecer com lírios florescendo.

Tudo isso sem pedir por uma folga. Na verdade, quando ele se sentou ao meu lado assim que a cerimônia começou, ele parecia satisfeito e relaxado.

— Ele é bom, não é? — Eu disse a Dougal e mergulhei minha colher no sorvete.

— Vou presumir que você está falando de mim — Lucian disse no meu ouvido, me fazendo pular.

— Para um homem tão grande, você se move como um gato — resmunguei.

Rindo do meu óbvio indício de surpresa, ele se sentou.

— Engraçado, penso o mesmo de você.

— Que sou surpreendentemente silenciosa para alguém tão grande?

Ele me lançou um olhar enviesado de reprovação.

— Que você é boa em se espreitar.

Uma longa mesa que se estendia por toda a extensão da casa tinha sido colocada no terraço de Delilah e Saint. Luzes de velas cônicas brilhavam sobre a toalha de linho creme. Uma teia de luzes de corda, flores brancas frescas e folhagens foram erguidas acima.

Agora que o jantar havia acabado, as pessoas estavam de pé e se misturando ou devorando as sobremesas de Lucian.

— Você realmente fez um ótimo trabalho — eu disse a ele com sinceridade.

— Hum. — Ele olhou para minha pequena tigela de sorvete. — Você não experimentou o croquembouche.

Meu nariz enrugou.

— Não diga a Delilah, mas eu odeio manga. Odeio elas.

Lucian olhou para mim por um momento enquanto Dougal observava nossa interação com grande interesse; então ele grunhiu, levantou-se e foi embora.

— Uh-oh — disse Dougal com uma risada. — Você incomodou o chef.

Eu tinha? Ele não parecia o tipo que tem um ataque se alguém não gostasse da sua comida. Mas ele se afastou. Eu dei a Dougal um olhar desamparado, me perguntando se eu deveria... bem, eu não iria me desculpar, não por isso. Na verdade, se ele estivesse fazendo beicinho, eu poderia deixá-lo lá.

Mas ele voltou antes que eu pudesse pensar mais, um prato daqueles lindos bolinhos de creme cobertos de caramelo que compunham o croquembouche em sua mão. Minha ira aumentou um pouco mais quando ele se sentou, sentando-se escarranchado na cadeira daquela maneira que os caras pareciam adorar, e me encarou.

— Estou falando sério, Brick. Eu não gosto delas. E eu não vou comer uma só para aplacar seu...

— Eu sei que você não gosta de manga. — Uma leve onda de humor dançou em seus lábios.

— Você sabe? — Como? Como ele sabe disso?

— Eu tenho alimentado você esse tempo todo, lembra? — Com sua voz quente e amanteigada, parecia sujo, ilícito.

— Eu lembro. — Eu parecia muito sem fôlego.

Ele percebeu claramente, aquele pequeno sorriso reservado mudou para seus olhos.

— Você nunca come as rodela de manga quando eu as coloco nas refeições.

A compreensão me atingiu e me lembrei que, embora eu tivesse recebido bandejas de frutas com manga no café da manhã, elas pararam de ser incluídas na segunda vez. Com os olhos arregalados, eu silenciosamente fiquei boquiaberta por ele.

Os dedos longos e espertos de Lucian pegaram delicadamente um bolo de creme.

— E é por isso que fiz alguns destes com creme de gengibre e baunilha.

Eu estava boquiaberta antes? Meu queixo caiu. Atrás de mim, ouvi Dougal suspirar, como se estivesse impressionado. Mas eu só podia olhar para Lucian, que parecia presunçoso, mas estranhamente tímido também.

— Você fez isso por mim? — Eu resmunguei.

Seu ombro largo se moveu sob o paletó.

— Isso, e a combinação de baunilha, gengibre e manga que Delilah e Saint queriam em seu bolo original.

Eu poderia me apaixonar por este homem. Me apaixonar com força. Talvez eu já estivesse, porque meu coração estava muito grande, batendo muito rápido. Ele me deu outro sorriso pequeno, quase imperceptível, seus olhos claros brilhando com algo suave e intenso.

— Vamos, abelhinha — ele murmurou. — Experimente meu creme.

Eu gaguejei uma risada chocada e meu rosto queimou, mas como ele ordenou, eu abri minha boca.

As narinas de Lucian dilataram-se. Sua mão tremia um pouco enquanto ele levantava o bolo de creme e o colocava na ponta dos meus lábios. Eu abri minha boca mais amplamente, minha língua saltando para fora por aquele primeiro sabor doce.

Caramelo rico, com poucas nozes, o crocante suave da massa, uma explosão de creme leve e suave com um toque de baunilha e especiarias de gengibre. Lentamente, eu mastiguei, meus olhos fixos nos dele, meu

corpo apertado e minha boca no céu. Ele continuou comigo, me dando outra mordida, creme escorrendo pelo seu polegar.

Minha língua escorregou pela ponta bruta e ele grunhiu. Forte.

— Jesus — disse Dougal, quebrando o feitiço. — Façam isso no seu quarto.

Flagrados, nós dois viramos em sua direção. O homem grande e careca com minúsculos óculos redondos de cor marrom e um cavanhaque perfeitamente marcado estava corando tanto que sua pele escura se transformou em um jacarandá profundo.

— Alguns de nós estão aqui sem companheiros. Não precisa ficar nos provocando com esse prelúdio de sexo pervertido. — Dougal se abanou. — Por Deus, eu preciso de uma bebida.

Nós o vimos se afastar e meu rosto ficou em chamas. Eu estive a dois segundos de chupar o polegar de Lucian e implorar por mais. Lucian, por outro lado, não se incomodou e simplesmente lambeu o polegar úmido, me lançando um olhar malicioso.

— Idiota — eu murmurei, fazendo-o rir, um delicioso som estrondoso que era pura satisfação masculina.

O Lucian flertador era perigoso. E lindo. Em algum momento entre fazer a sobremesa e o casamento, ele se trocou e pôs um terno cinza-fumaça de corte fino com uma camisa branca pura e uma gravata azul prateada. A combinação de cores tornava sua pele bronzeada e seus olhos como vidro do mar antigo.

Ele fez uma pausa e ergueu as sobrancelhas grossas e escuras em indagação.

— Por que você está olhando assim para mim?

Porque eu quero você.

Arrastei a ponta do dedo por uma gota errante de creme no prato e lambi, apreciando a maneira como ele observava com intenso interesse.

— Não posso evitar, Brick Você realmente está bonito nesse terno.

Se eu não o conhecesse melhor, pensaria que ele ficou envergonhado com o elogio. Sua voz saiu em um estrondo áspero.

— Você pareceu surpresa.

Não fiquei nem um pouco surpresa. O homem poderia fazer um agasalho de veludo roxo parecer uma boa ideia.

— Estou acostumada com você de jeans. Eu não tinha certeza se você tinha um terno.

Ele riu, como se divertido silenciosamente.

— Querida, eu tenho dezenas deles. Todos feitos à mão. — Ele se recostou, mostrando a maneira como seu terno de corte perfeito revestia seu corpo longo e magro. — Afinal, sou um jogador de hóquei.

— Eu sinceramente não vejo a conexão.

— Os jogadores de hóquei usam ternos ou vestem eles no dia do jogo e durante as viagens. Como um sinal de respeito, união da equipe. — Ele acenou com a mão ociosa. — Para mostrar que somos, pelo menos na superfície, cavalheiros.

Isso foi... incrivelmente sexy.

— E eu pensei que vocês só se importavam com batalhas sangrentas no gelo.

Novamente veio aquele sorriso lindo e perigoso.

— Nós somos isso também. Embora menos nos últimos anos. Estivemos moderados.

— Uma fachada na melhor das hipóteses, hein? — Deus, isso era sexy também. Embora eu achasse que não deveria ter sido.

— Com você, abelhinha, serei sempre um cavalheiro. — Ele riu baixinho, como se estivesse contando um segredo. — A menos que você não queira que eu seja.

Eu deveria ter revirado os olhos para isso, porque ele estava claramente me provocando com aquela frase cafona, mas ele também estava claramente relaxado e se divertindo tanto que não pude deixar de sorrir.

— Eu vou deixar você saber — eu disse a ele. — Até então, apenas se sente e fique bonito para mim, ok?

Ele bufou, o sorriso ainda em seus olhos, e balançou a cabeça ligeiramente, como se dissesse: "O que devo fazer com esta mulher?" Eu estava totalmente de acordo. Eu também não sabia o que fazer perto dele. Pular em seu colo e implorar para ele me alimentar com mais bolinhos de creme parecia a melhor opção.

— Você está linda, a propósito — disse ele, sacudindo-me para fora da minha névoa luxuriosa. Seu olhar vagou sobre mim, observando o vestido de seda na cor lavanda sem alças que eu usava. Mas não foi

isso que prendeu sua atenção. Seu foco voltou rapidamente para o meu rosto, como se isso fosse o que mais o cativava. — Você provavelmente ouviu isso o tempo todo.

Eu escutava. E, sendo mulher, aprendi desde o início a não me sentir confortável com elogios. O que realmente era uma merda, porque também fomos ensinadas a ansiar por elogios e aceitação. Mas tudo isso não me impediu de sentir uma onda quente de prazer por Lucian me achar bonita.

Sua voz baixou, tornando-se mais forte.

— Quando te conheci, me irritou notar o quão bonita você era.

— O quê? — A palavra saiu em um grito confuso.

O sorriso de Lucian era irônico e tenso.

— Você era a hóspede de Amalie. Não tinha o direito de olhar para você assim.

Eu tive que discordar disso. Mas ele não me deu chance.

— O problema é que, quanto mais eu te conheço, mais bonita você fica para mim.

Oh. Inferno.

Minha respiração saiu em um suspiro forte, meu coração inchou dolorosamente nos confins do meu peito.

— Eu gosto de quem você é, Em — disse ele, como se a confissão tivesse sido arrancada dele, e ele não queria que fosse. Mas ele não piscou, não vacilou quando meus lábios se separaram com surpresa. Eu engoli em seco.

— Eu também gosto de quem você é.

Com isso, Lucian virou sua cabeça, dando-me seu perfil feroz. Ele ficava claramente tão desconfortável com elogios quanto eu. Que pena. Ele precisava disso. Precisava saber que tinha valor. Mas nós fomos vistos, e nossa privacidade delicada foi quebrada quando Delilah se aproximou.

— Luc! — Delilah quase gritou com um sorriso radiante. — Eu preciso te dar um grande e forte abraço.

Ela estava linda em seu vestido de noiva de renda e seda, com flores de laranjeira no cabelo. A única referência de cor era o vermelho de seu batom e seus saltos altos, a combinação que fez Saint sorrir tão

brilhantemente e amplo durante a cerimônia que enviou uma pontada no meu coração ao vê-lo.

Agora, ela se aproximou de Lucian, que imediatamente se levantou e aceitou seu abraço com graça.

Saint a seguiu. Embora ele não estivesse sorrindo como Delilah, ele parecia mais do que nunca satisfeito e feliz. O casamento fez bem ao homem. Assim que Delilah terminou de abraçar Lucian, Saint estendeu a mão e apertou a de Lucian.

— Ótimo trabalho, cara. Eu estou falando sério.

— Foi um prazer ajudar — Lucian disse, parecendo quase tão desconfortável com seus elogios quanto com os meus.

Delilah puxou uma cadeira para se sentar, mas Saint se adiantou, pegando-a para si, em seguida, puxando-a para seu colo. Ela colocou o braço em volta dos ombros dele e se inclinou para ele com um suspiro.

— Estou cansada.

Saint deu uma risadinha.

— Nós nem mesmo chegamos à dança em que você insistiu.

— Oh, nós estamos dançando, senhor. Nem pense em tentar escapar disso. — Ela olhou para o prato de bolinhos de creme que Lucian colocou sobre a mesa. — Eu só preciso descansar um pouco primeiro.

Lucian viu a direção de seu olhar e moveu um pouco o prato.

— Quer um?

— Sim! — Ela pegou um bolinho e deu uma enorme mordida, gemendo, antes de alimentar Saint com o resto. — Tão bom.

Delilah olhou para Lucian.

— Você nunca cozinhou profissionalmente?

— Não. Só em casa. Ou para meus companheiros de equipe.

— Seu bisavô era Jean Philipe Osmond — acrescentei, esperando que, com as conexões de chef de Delilah, ela soubesse quem era. — Ele ensinou Lucian.

Lucian me lançou um olhar de reprovação, mas ele não parecia realmente chateado, mais como se estivesse surpreso que eu o estivesse exaltando. Eu levantei minha sobrancelha, como se dissesse: "O quê? Você está sendo modesto."

Os olhos de Delilah se arregalaram.

— Não brinca? Santo inferno.

— Estou perdendo algo — Saint disse.

Ela se virou e limpou com cuidado uma pequena migalha do canto da boca dele.

— Jean Philipe Osmond foi um dos maiores confeitores do mundo. Eu tenho dois de seus livros de receitas. Eles foram obrigatórios por um semestre na escola de culinária.

As sobancelhas de Saint se ergueram. A minha também.

Eu me virei para Lucian.

— Você não me contou tudo isso!

Ele encolheu os ombros.

— Eu disse que ele era alguém importante.

— Você é o mestre do eufemismo – sabia disso?

Ele deu um sorriso rápido que fez meu pulso disparar.

— Bem, isso ajuda a explicar. — Delilah olhou para Lucian e então pegou outro bolinho de creme. — Não sei o quanto Emma falou sobre mim, mas vou abrir um restaurante em alguns meses. Mais adiante na estrada.

— Ela me disse. E que você é uma chef excepcional.

Delilah me deu um olhar feliz, mas sua atenção estava focada em Lucian.

— Tenho lutado para encontrar um chef confeitoiro.

Estava claro para onde ela estava indo, e Lucian se recostou, como se tentasse se distanciar fisicamente de toda a ideia.

— Eu não sou um chef profissional.

— Você é tão bom quanto — ela rebateu. — Este é um dos melhores doces que já provei, e acho que você nem chegou a suar.

— Não, mas...

— A sobremesa tem um papel importante no que estou tentando dizer — ela interrompeu. — Preciso de alguém que entenda de sabores e não tenha medo de se esforçar criativamente. Muitos chefs confeitores profissionais que conheci são muito rígidos ou estão preocupados em fracassar. — Seus olhos dourados se estreitaram especulativamente. — De alguma forma, não acho que você ficaria intimidado com os críticos.

Lucian encolheu os ombros.

— As pessoas gostam da minha comida ou não gostam. Não é problema meu.

— Exatamente — ela gritou com uma risadinha. — Você é um lutador. Eu preciso disso.

Ele fez um som divertido, mas sob a toalha da mesa, vi a maneira como seus dedos se apertaram, como se ele quisesse correr. Mas ele não fez isso.

— Nunca pensei em fazer algo assim.

— Querida — Saint murmurou, percebendo a relutância de Lucian.

Delilah o ignorou, com os olhos arregalados e suplicantes.

— Eu entendo, isso é muito para assimilar. É uma grande mudança no estilo de vida para você. Mas você consideraria examinar meus planos de cardápio e ver se desperta algum interesse criativo para você?

Lucian piscou, claramente surpreso com seu fervor. Eu não estava. Eu passei um tempo com Delilah e sabia que ela era apaixonada por culinária e comida. Não era surpresa ver que ela ficaria animada em conhecer alguém com o mesmo talento e paixão por comida. O engraçado era que Lucian parecia não entender o quanto de si mesmo revelou por meio do seu trabalho. Delilah estava certa; ele era um lutador. Mas ele também era um artista atencioso que evocava emoções por meio de sua comida. Seus pratos eram sensuais de uma forma que eu não acho que ele percebeu.

Sob os olhos vidrados de cachorrinho de Delilah, ele cedeu com uma torcida de boca, como se quisesse continuar resistindo, mas não tinha energia para lutar contra a força de vontade dela.

— Tudo bem. Vou te dar meu e-mail, e você pode enviá-los.

— Sim! — Ela deu um pequeno soquinho que fez Saint rir e puxar suas costas contra seu peito largo. Eles pareciam tão confortáveis juntos, tão apaixonados, que uma pequena pontada de inveja apertou meu coração. Delilah sorriu para ele antes de me dar um sorriso feliz e relaxado.

— Ele é muito melhor do que Greg, Em. Muito melhor.

Uma batida coletiva rodeou a mesa. Delilah claramente sabia que tinha falado algo errado, seus lábios se separaram em angústia. Ela foi

rápida o suficiente para entender que me dar um olhar de desculpas seria muito óbvio, mas eu sabia que ela sentia muito mesmo assim. Saint, sendo mais sensível do que a maioria das pessoas sabia, pegou sua noiva e, em uma impressionante demonstração de força, levantou-se e a ergueu com ele.

— Se vocês nos derem licença — ele disse, segurando-a em seus braços. — Eu tenho algumas danças para reivindicar.

Eles nos deixaram sozinhos com o espectro de Greg pairando sobre nós como um grande fedor. Eu lancei um ataque preventivo.

— Eu não quero falar sobre isso.

Lucian me observou com uma quietude predatória, e me preparei, me perguntando como ele faria para conseguir essa informação de mim.

— Tudo bem.

Sua simples aceitação me fez sentir pequena em vez de aliviada. Mas eu segurei minha língua e brinquei com a ponta amarrotada da toalha de mesa. Pessoas eram traídas o tempo todo. Não era elas que tinham que sentir vergonha; eram os traidores. Mesmo assim, a memória de Greg entre as coxas de uma estranha rastejou ao longo da minha pele e se estabeleceu no meu peito. Eu realmente fui tão fácil de ser trocada?

— De alguma forma, eu duvido — disse Lucian. E percebi que, para meu desgosto, havia feito a pergunta em voz alta.

Abaixei minha cabeça e arranquei uma migalha perdida que havia caído na poça azul da minha saia.

— Podemos fingir que eu não disse isso?

— Tudo bem.

— Estou só um pouco... ferida

Instintivamente, eu sabia que ele entenderia isso; Lucian estava ferido em relação a muitas coisas também. O silêncio se estendeu entre nós, tomado pelas risadas da festa ao nosso redor. Aqui, à mesa, no entanto, estávamos em nossa própria bolha.

— Eu penso em você. — A proclamação áspera, mas baixa, de Lucian me fez levantar a cabeça.

— Em mim? — Mas eu sabia. A força de seu olhar contou a história, a maneira como ele parecia se esticar em minha direção, mas

permaneceu absolutamente imóvel.

Linhas de determinação sombria cercavam sua boca exuberante, como se ele se arrependesse de falar. Mas então ele continuou, as palavras caindo na minha pele em uma onda quente.

— Penso em te tocar de novo, te provar. Vou dormir com o seu nome na minha língua e o seu cheiro na minha pele.

Eu não conseguia respirar. Não conseguia me mover, enredada pela pulsação urgente de suas palavras.

— Acordo duro e dolorido, lembrando-me de como seu doce pequeno mamilo se ergueu por mim. Penso em como eu quero chupá-lo de novo, foder você.

Olhamos um para o outro, calor e tensão enrolando entre nós como uma coisa viva, puxando meus mamilos, roubando meu fôlego. Seu peito subia e descia em agitação, a cor lavando as cristas esculpidas de suas bochechas.

Eu queria. Eu queria tanto.

Ele engoliu em seco audivelmente.

— Você me assombra, Emma. Cada maldita coisa sobre você me assombra.

Meus dedos se fecharam em um punho enquanto o sangue corria em minhas veias.

— Eu também penso em você. Eu vi você nu, mas nunca cheguei a tocar. E eu quero.

Lucian grunhiu um som agonizante de desejo.

Minhas palavras saíram sem fôlego.

— Eu penso nisso à noite, quando estou sozinha.

Ele fechou os olhos, como se estivesse absorvendo um golpe. Quando eles abriram, o verde gelado brilhou forte.

— Você não sabe o que isso faz comigo, querida.

— Diga-me.

Uma mecha de seu cabelo escuro caiu sobre sua testa quando ele virou a cabeça com um empurrão, dando-me seu perfil forte.

— Eu me sinto possuído. Por você. E eu gosto.

Eu exalei quando minhas entranhas mergulharam.

Mas sua expressão endureceu, a forte curva de sua mandíbula contraída.

— E eu não deveria, Em. Eu não deveria.

Recuando, pisquei com força, não esperava por isso. O orgulho gritou que eu segurasse minha língua, mas fiz a pergunta mesmo assim.

— Por quê?

— Porque você merece coisa melhor do que eu. — Ele fez uma careta, mas não se esquivou de segurar meu olhar. — Você merece tudo.

— Lucian...

Mas antes que eu dissesse outra palavra, cinco de meus ex-colegas de trabalho, bêbados e alegres, desceram em massa.

— Emma, amor! Aí está você — Danny gritou, alheio à tensão que zumbia entre mim e Lucian.

Lucian sustentou meu olhar por um breve momento a mais, remorso e aceitação irônica escurecendo seus olhos. Então ele se levantou, parando apenas para tocar meu ombro com as pontas dos dedos. Suas palavras murmuradas suavemente caíram em meio ao barulho.

— Sinto muito, Em.

Isso atingiu meu peito e deixou um buraco vazio enquanto ele se afastava, deixando-me para lidar com algo muito pior do que falar sobre o idiota traidor de meu ex-namorado. Eu tive que fazer uma longa caminhada lenta pela estrada da memória enquanto meus amigos e co-estrelas decidiam que o que eu realmente precisava era ser lembrada de tudo o que eu perdi.

Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso.

CAPÍTULO DEZOITO

Emma

— Você escolheu alguém bom, Emma. — Delilah se recostou na cadeira de vime branca com um suspiro, uma taça de champanhe na mão. Luzes decorativas penduradas no alto davam à área um brilho suave, mas não era nada comparado ao brilho luminoso em seu sorriso.

— Eu diria que você escolheu alguém bom. — Eu levantei meu copo em brinde.

Ela inclinou o copo para isso, mas não seria dissuadida.

— Você não quer falar sobre o seu novo homem? Eu queria. Ele é lindo, talentoso e claramente te idolatra.

Minha mente tropeçou nesta última parte. Delilah não sabia que ele não era verdadeiramente meu homem; Lucian e eu decidimos que seria mais fácil manter isso para nós mesmos.

E isso doeu. Porque eu sabia, sem dúvida, que eu estava “idolatrando” Lucian. Comecei a me apaixonar no segundo em que coloquei os olhos nele. Foi estúpido, estúpido, estúpido. Ele pensou que não me merecia e foi embora, apesar desse desejo avassalador que fervia a qualquer momento que entrávamos na órbita um do outro. A sensação de sua boca em meu mamilo permaneceu por dias, me assombrando com necessidade e luxúria. Mas onde a carne estava disposta, a mente não estava. Lucian não iria ceder. Ele tinha deixado isso perfeitamente claro.

Onde isso me deixou? Ofegando por ele e fazendo papel de idiota. Eu tinha algum orgulho. Alguma dignidade.

Tomei um gole mais profundo de champanhe e ele escorreu pela minha garganta, me deixando quente e sonolenta.

— Lucian e eu não somos sérios. Mal nos conhecemos.

Delilah interpretou essa mentira parcial com autoconfiança.

— Você o trouxe aqui. Isso é importante.

— É estúpido, Dee. — Com um suspiro, rolei meu pescoço enrijecido e pisquei para as luzes. — Ele está relutante em ter qualquer relacionamento.

— Mas ele veio aqui com você...

— Como um favor. — Eu fiz uma careta. — E quando o fim de semana acabar, nós seguiremos nossos caminhos separados, por assim dizer. — Não era como se eu pudesse evitá-lo enquanto estivesse com Amalie. Eu realmente precisava deixar Rosemont e todas as suas tentações. Voltar à vida real o mais rápido possível era a coisa mais inteligente e sensata a fazer.

— Eu sei que estou metendo meu nariz nisso — disse Delilah lentamente — E não ficarei ofendida se você me disser para cair fora, mas Greg não a iluminou como Luc faz com um olhar. E você pode não ver, mas aquele homem ganha vida quando você está por perto.

— Uma pena sobre um pequeno detalhe... — Eu segurei meu polegar e o indicador a alguns centímetros de distância. — Ele está emocionalmente bloqueado e instável.

Delilah suspirou, balançando a cabeça.

— É difícil para algumas pessoas confiar nos outros. Mesmo quando secretamente querem.

— Você está falando sobre Saint? — Eu provoquei.

Seus lábios se curvaram.

— Não. Sobre mim. Resisti ceder a Macon com unhas e dentes. Porque eu tinha medo de me abrir com qualquer pessoa, muito menos alguém que pudesse realmente me machucar se quisesse.

— É provavelmente o melhor no meu caso. — Uma dor ao longo do meu peito me fez estender a mão para esfregá-lo, mas resisti e deixei minha mão cair no meu colo. — Eu claramente tomo decisões terríveis quando se trata de amor. Antes de Greg, havia Adam – um idiota total – que não traía, mas constantemente me menosprezava. Então havia Eric, um babaca pomposo que provavelmente traiu, mas eu nunca tive provas — Meu nariz enrugou. — O melhor que posso dizer é que

nenhum deles me deu nenhuma DST, e provavelmente estou melhor sozinha.

Ela riu e inclinou o copo para esvaziá-lo, depois o colocou sobre a mesa com um clique decisivo.

— Ter esperança não é uma má tomada de decisão. Se desistimos da esperança, o que resta?

— Nossos vibradores.

Nós duas rimos disso. E então ela agarrou minha mão.

— Vou sentir falta de ver você no set. — Sem saber o quão profundamente ruim era falar sobre isso, provavelmente porque ela estava alegremente tonta, Delilah sorriu. — Eles foram idiotas por deixarem você ir.

Meu sorriso morreu.

— Obrigada. Eu irei sentir sua falta também.

— Não conte a ninguém, mas Macon está saindo do programa.

— O quê? — Inclinei-me para que estivéssemos perto o suficiente para falar em voz baixa. — Por quê?

Ela encolheu os ombros.

— Ele não quer ser estigmatizado. Quer experimentar outras coisas.

— Acredite em mim, eu o entendo.

— É por isso que este corte pode doer, mas vai sarar e você ficará mais forte.

— Sim — eu disse, não sentindo isso exatamente, mas querendo.

— Eu vou.

Uma voz profunda cortou nossa bolha de conversa privada.

— Sobre o que vocês duas estão cochichando? — Saint se aproximou e sorriu para Delilah com profundo afeto.

Ela sorriu para ele.

— Se quiséssemos que você soubesse, não estaríamos sussurrando.

Ele aceitou isso com calma e desceu para beijá-la. Quando ele se afastou, ela estava corada e sorrindo.

— Adoro essa boca atrevida, Tot.

O olhar de Delilah ficou nebuloso.

— Leve-me para a cama, garanhão.

— Ou perder você para sempre?

Revirei os olhos, mas não pude deixar de sorrir também.

— Se vocês dois vão citar *Top Gun*, façam na privacidade do seu próprio quarto.

Saint olhou para mim e piscou.

— Bom ponto. Você se importa se eu roubar minha noiva, Em?

— À vontade. Roube, saqueie, cite filmes antigos cafonas para o contentamento dos seus corações.

Ele riu e, com graça impressionante, envolveu Delilah em seus braços.

Ela gritou, mas se agarrou ao pescoço dele.

— Besta.

— Este sou eu. — Ele acenou em minha direção. — Boa noite, Emma. Obrigado por estar aqui esta noite.

— Obrigada por me convidar. Estou tão feliz por vocês dois. Agora saia da minha frente antes que eu engasgue com todo o amor.

Rindo, Saint foi embora, e Dee acenou um tchau por cima do seu ombro. Eu acenei de volta, sorrindo largamente, mas por dentro, meu peito parecia apertado e frio. Eu a invejei. Eles. Com uma pequenez que me chocou. Eu queria amor. Eu queria carinho e conforto. Eu queria saber onde era meu lugar no mundo e saber que eu era prioridade para alguém.

O que eu precisava fazer era colocar minha vida em ordem. E isso não aconteceria sonhando acordada com algum homem. Mas enquanto eu me sentei sozinha em uma mesa, Lucian longe de ser visto e meus ex-colegas de elenco rindo e conversando em pequenos grupos, uma sensação avassaladora de tristeza me encheu. Apesar dos contratempos atuais, eu tinha uma vida que outros invejavam. Eu tinha saúde e amigos. Mesmo assim, ainda me sentia totalmente sozinha. E eu não tinha ideia de como consertar isso. _____

Lucian

Encontrei-a perto das falésias com vista para o mar. Rosemont estava longe o suficiente nas colinas para que o Pacífico fosse um distante

vislumbre de azul. Aqui, ele batia violentamente contra a costa, enviando névoa e o cheiro de salmoura.

Quando eu tinha visto Emma pela última vez, ela estava cercada por colegas de trabalho falando sobre seus melhores momentos no set. Então North, que era um coordenador de dublês, e alguns caras cujos nomes eu logo esqueci me puxaram para falar sobre hóquei. Foi surpreendentemente fácil discutir o esporte que eu amava e perdi. Talvez porque tivéssemos discutido sobre tudo, menos eu. Mas Emma parecia feliz, rindo daquele jeito brilhante dela.

Ela não parecia feliz agora.

Iluminada apenas pelas luzes da casa e lâmpadas suaves cintilando no crepúsculo, ela parecia efêmera e pequena. Aproximei-me mais, sem querer assustar. Algo na maneira como ela se levantou, como se estivesse lutando para se manter de pé, fez meu peito apertar. Eu não tinha dado um soco em anos, mas por ela, eu lutaria contra o mundo.

Mas me ocorreu que minha confissão imprudente e rejeição desleixada da própria ideia de nós poderiam ter causado isso. Se eu pudesse chutar minha própria bunda, eu o teria feito.

— Você está bem? — Eu perguntei, parando ao lado dela. Perto da casa, as pessoas começaram a formar pares, casais rindo. Mas aqui, estava escuro e solitário.

Estupidamente, ela acenou com a cabeça, mas depois colocou os braços sobre o peito.

— Sim-não. Na verdade, não.

— Em. — Tirei meu paletó e a coloquei sobre seus ombros. — Foi por causa do que eu disse...

— Não. — Sua resposta quebrou durante a noite. Ela suspirou, como se tentasse se recompor, e falou mais suavemente. — Não é isso, não. Eu me conformei com a ideia de que provavelmente somos um grande erro ao darmos mais um passo.

Isso não deveria ter doído; eu disse isso várias vezes. Meu peito ainda assim se apertou, como se tivesse sido atingido. Porque parecia errado, uma traição a tudo que era bom e real na minha vida. Mas Emma estava sofrendo, o que significava que me concentrei nela.

— Então o que há de errado?

Com outro suspiro, ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu.

— Não achei que seria tão difícil, ficar perto deles.

Eles. Seus ex-colegas de elenco.

Ela riu sem humor, o som fraco e levado pelo vento.

— É estúpido. A vida continua e tudo mais.

— Não é estúpido. — Toquei seu braço e ela se virou para me encarar com olhos escuros. — Dói quando o que você valorizou em sua vida continua sem você.

Ela acenou com a cabeça, mordendo o lábio inferior.

— Eu me sinto uma idiota, fazendo beicinho pela perda de um papel quando você lida com algo muito pior. Parece petulante.

Eu bufei o fantasma de uma risada.

— Você acha que é isso que está passando pela minha mente? Não, Emma. Nem um pouco.

Emma balançou a cabeça, mas eu não acho que ela realmente me ouviu. Pensamentos sombrios a puxaram muito fundo.

— O programa era conhecido por suas direções selvagens, matando pessoas sem remorso. Mas não consigo deixar de pensar, por que eu? Foi realmente para o bem da história ou fiz algo errado? Eu aborreci o público?

— As pessoas assistiam por sua causa — eu disse com uma ferocidade que esperava que ela ouvisse. — Jesus, Em. Você era a estrela do programa. Você brilha. Nada vai mudar isso.

Seu olhar encontrou o meu, ainda um pouco nebuloso, mas ela estava ouvindo. Um pequeno sorriso brincou em seus lábios.

— É orgulho. Ego, mais propriamente dito. O meu foi atingido e eu não estava preparada para o golpe.

— Nós nunca estamos, abelha.

Seu sorriso ficou mais caloroso.

— Não, acho que não. Mas eles continuam vindo, e eu não consigo deixar isso para lá

Inferno. Agora isso? Isso foi parcialmente minha culpa. Eu confessei que queria ela porque tinha visto a forma como a menção de quem quer que seja Greg a machucou. Ela se encolheu, a luz se esvaindo

de seus lindos olhos. Eu não conseguia ver isso e deixei que ela continuasse pensando que não era... tudo. Então eu estraguei tudo.

Esta mulher me virou do avesso, mas ela era preciosa e precisava saber disso.

A música flutuou pelo gramado. Agradável e lenta, uma canção sobre amor e saudade. Perto da casa, casais dançavam sob as luzes penduradas. Eu estendi minha mão.

— Dance comigo, Em.

Ela procurou meu rosto, como se não tivesse certeza de ter me ouvido corretamente. Eu alguma vez quis dançar publicamente? Não. Mas por ela? Com ela? Eu segurei firme.

E quando ela deslizou sua mão na minha, algo no fundo do meu peito clicou. Fechadura e chave, ela se encaixava. Eu a puxei para o abrigo de meus braços, contente em dançar aqui na semi-escuridão. Ela não pareceu se importar, mas se derreteu contra mim com um suspiro, a cabeça descansando no meu peito, como se ela não pudesse mais segurá-la.

Isso foi bom; eu poderia fazer esforço por nós dois. Minha mão livre deslizou por seu pescoço e no calor de seu cabelo. E ela suspirou, a ação se movendo através de seu corpo para o meu. Fechei meus olhos e inclinei minha cabeça apenas o suficiente para sentir o topo de sua cabeça sob minha bochecha.

— Tudo vai ficar bem.

Seu sussurro quebrado perfurou meu coração.

— Como você sabe?

— Porque eu acredito em você.

Seu corpo estremeceu antes de ela suspirar.

— Eu também acredito em você, Lucian.

Deus. Por que isso doeu tanto? Eu queria fazer o certo por esta mulher, mostrar a ela o melhor de mim, não apenas as arestas quebradas. Eu não respondi, simplesmente a segurei.

Nós mal nos movemos, apenas um leve balanço para dar um aceno para dançar. Emma soltou minha mão e se aconchegou mais perto, seus braços envolvendo minha cintura. Um nó subiu na minha garganta enquanto eu seguia o exemplo, enrolando meu braço em volta de sua cintura fina, segurando-a. Apenas a segurando.

Não foi uma dança. Foi um abraço. Porque ela precisava disso. E enquanto minha mente pegava os detalhes – a pressão de seus seios contra meu abdômen, a maneira como suas coxas tocavam as minhas, o calor de seu corpo – não parecia puramente sexual. Parecia a salvação. Eu a abracei, mas ela me mudou de dentro para fora. Tinha sido um ano solitário, vazio e frio, mas aqui na escuridão, eu me sentia inteiro. Eu a abracei porque eu também precisava.

Era quase demais, a emoção exposta. Como uma ferida aberta sendo cutucada. Mas ela era tão boa para deixá-la ir. E eu estava cansado de resistir. Simplesmente cansado de tudo, menos dela.

Balançamos ao som da voz rouca de Fiona Apple cantando “I Know” e, quando acabou, outra música começou, um pouco mais animada, mas Emma permaneceu onde estava.

— Obrigada — ela finalmente disse, inclinando a cabeça para trás para encontrar meus olhos.

Seu rosto era luz e sombras, os olhos brilhando no escuro. Eu queria tocar sua bochecha, ver se era tão fria e suave quanto parecia, mas eu não conseguia me desprender do momento. Seu olhar passou pelo meu rosto e eu senti o momento exato em que ela começou a pensar novamente. Seu corpo ficou tenso apenas o suficiente para colocar um pedaço de espaço entre nós. Eu queria aquele espaço de volta, mas me segurei, mantive minha voz gentil.

— Você está bem? — Perguntei.

— Que pergunta — ela disse com uma pequena risada rouca.

Eu me peguei sorrindo.

— Eu sei que é difícil avaliar esses sentimentos, Snoopy.

Seus olhos se estreitaram.

— Snoopy é um cachorro, você percebe.

Ela disse isso como se estivesse ligeiramente ofendida, como se eu nunca a tivesse chamado pelo nome antes. Mas estava tudo lá em seu rosto, a necessidade de provocar e ser provocada, para aliviar o clima que caiu sobre nós. Eu entendi. Na verdade, eu também precisava.

— Um cachorro fofo.

— Você está me comparando a um cachorro. — Suas sobrancelhas se ergueram como uma pontuação. — Um cachorro.

Deus, ela era fofa.

— O que você tem contra os cães?

— Não tenho nada contra — Ela encostou a cabeça no meu peito novamente. — Só não quero ser chamada de um.

Lutando contra um sorriso, eu a virei, dançando agora.

— Pare de pescar elogios, Em. Você não precisa deles.

— Eu não preciso?

— Oh, vamos lá, eu te disse que você é a mulher mais linda que eu já vi. — Eu olhei para seu rosto voltado para cima e perdi o fôlego. — Você é deslumbrante.

— Você ainda está infeliz com isso, Brick?

Meu queixo tocou o topo de sua cabeça.

— Sim.

— Durante anos me preocupei que os homens só me quisessem por causa da minha aparência. E agora você vem, e fica puto porque eu sou bonita. — Ela parecia tão ofendida que eu queria rir.

— Deslumbrante — eu corrigi, um sorriso florescendo quando ela rosnou. Meus lábios passaram sobre a pele quente perto de sua têmpora. — Já é difícil o suficiente ficar longe de você.

Um tremor percorreu seu corpo esguio, mas ela manteve o tom brando.

— E você acha que se eu não fosse atraente, seria mais fácil?

Fiz uma pausa, considerando a questão.

— Não, mesmo assim.

Sua respiração engatou e eu sabia que haveria mais perguntas. Coisas que mudariam este momento de perfeição silenciosa.

Eu coloquei minha mão em sua cabeça e a guiei de volta para o local em meu peito que parecia que já pertencia a ela.

— Pare de pensar tanto. Descanse aqui um pouco e apenas dance, abelhinha.

— É uma coisa boa você ser um apoio tão confortável — ela resmungou sem calor. — Caso contrário, eu protestaria contra esse tipo de manipulação.

Eu deixei minha bochecha descansar em sua cabeça mais uma vez.

— Não se preocupe; você pode retribuir o favor e mandar em mim mais tarde.

Estranhamente, eu estava contando com isso.

CAPÍTULO DEZENOVE

Emma

Nos evitar só poderia dar certo até certo ponto. Eventualmente, um tinha que ceder. Lucian e eu ficamos no casamento até que o último dos convidados começou a caminhar lentamente para seus quartos. E então saímos também. Para o nosso quarto.

Tinha sido tudo diversão e brincadeiras quando eu o provoquei sobre nosso quarto de solteiro mais cedo. Não parecia assim agora. Não quando ele dançou comigo sob as estrelas e me disse que acreditava em mim. Ninguém nunca me disse isso. Não assim, como se viesse direto de seu coração. Lucian acreditava em mim. Isso mudou tudo. Eu o queria. Ele. Ninguém mais.

Minhas pontas dos dedos estavam frias, minha pele estava tão esticada que meus movimentos pareciam anormais enquanto me vestia no banheiro ultra-silencioso para dormir. Considerando que eu pensei que estaria sozinha esta noite, minha roupa de dormir consistia em uma camisola de algodão muito fina que chegava ao topo das minhas coxas e calcinha boxer.

Honestamente, eu mostrei mais na piscina. O homem, como inúmeros outros, me viu praticamente nua na televisão. Oh, a arrogância em provocá-lo com aquele pequeno pedaço de informação. Já não me parecia particularmente divertido.

Eu hesitei no banheiro, esfregando loção em meus pés e pernas, esperando meus malditos mamilos se aquietarem. Mas meu coração continuou batendo forte contra a frágil parede do meu peito.

Percebendo que se eu ficasse no banheiro por mais tempo, Lucian poderia começar a se perguntar o que diabos eu estava fazendo, eu

deixei aquela segurança e saí para nosso quarto. Ele estava de costas para mim enquanto olhava para fora do conjunto de portas de vidro que davam para o mar.

Sua voz torrada com manteiga retumbou ao longo da minha pele ansiosa.

— O vento está começando a aumentar... — Ele se virou e ficou em silêncio. Olhos verdes cristalinos me percorreram, quentes, lentos e minuciosos. O som de sua deglutição, um movimento sutil de sua garganta acompanhado por um clique suave, pingou em meu peito e minha respiração engatou.

Lucian fechou os olhos com força por um momento, como se estivesse se preparando. Quando ele os abriu, seus olhos estavam claros e frios. Uma mentira.

— Eu vou me lavar. — Ele passou direto por mim, um homem com uma missão.

Boa sorte com isso, Brick.

Ele não estava exagerando sobre o vento, no entanto. Uma rajada de vento atingiu as janelas e portas com tanta força que elas chacoalharam. Eu pulei na cama, correndo para a proteção das cobertas. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma. Que era do tempo que eu estava me escondendo. Mas quando Lucian abriu a porta do banheiro alguns minutos depois, o som reverberou por mim como um tiro.

Eu não pude deixar de olhar para ele enquanto ele silenciosamente percorria o quarto, desligando as lâmpadas que eu havia ignorado na minha tentativa de chegar à segurança da cama – o que era seriamente irônico, dado que a cama era o lugar menos seguro de se estar.

Como eu, ele estava vestindo uma camiseta surrada, que se moldava aos planos e contornos de seu peito. Mas ele trocou as calças do terno por jeans. Meus lábios se curvaram enquanto ele lentamente caminhava para a cama, deixando apenas o abajur na minha mesa lateral aceso.

— Você está planejando dormir com isso? — Perguntei.

Lucian congelou no ato de puxar seu lado das cobertas, então se endireitou e apertou a nuca.

— Eu não trouxe mais nada. Achei que fosse dormir sozinho.

— Eu sei. — A culpa é misturada com uma estranha ternura protetora por este homem. O que era ridículo, eu suponho, dado que ele era mais que capaz de cuidar de si mesmo. — Eu também não.

Ele ficou lá, olhando para mim com um olhar impotente, sua mandíbula contraída. Suspirei e encostei-me nos travesseiros fofos.

— Basta tirá-las. Não vou conseguir ficar confortável sabendo que você está dormindo de jeans.

Um pouco do velho e bajulador Lucian faiscou em seus olhos, e seu sorriso foi para o lado.

— Essa é uma lógica estranha, Snoopy.

— Não, não é. — Eu levantei um dedo para contar meus pontos. — A ideia de dormir sob as cobertas de jeans soa incrivelmente desconfortável; logo, saber que você está neles me deixa incrivelmente desconfortável.

— Eu poderia dormir sobre as cobertas.

— Lucian. Você está hesitando.

— Hesitando.

— Sim. — *Eu deveria saber.* Eu hesitei como uma mestre no banheiro. — Apenas os tire e venha para a maldita cama.

Novamente veio aquele sorriso de lado, como se ele não pudesse se conter.

— Há esse jeito mandão que você tem escondido.

— Escondido? — Eu bufei, já me sentindo melhor. Isso eu poderia fazer. — Eu nunca escondo isso. E acho que você gosta do meu jeito mandão, Brick.

— Eu gosto. — Segurando meu olhar, ele desabotoou sua calça jeans e a deixou deslizar para o chão.

Erro. *Grande* erro ordenar que ele a tirasse. Deus, suas coxas. Você poderia chamar as coxas grossas e musculosas de um homem de belas? Eu pressionei as minhas juntas, tentando suprimir o desejo de me encaixar em uma daquelas coxas poderosas e levemente peludas e montá-la.

Não funcionou, no entanto.

Ele estava usando cueca boxer. Acinzentadas. Abraçando suavemente toda aquela dureza...

Não olhe. Não... mas a bainha da camiseta só chegava ao topo de seus quadris. O resto foi exibido com amor.

Meus olhos se voltaram para os dele divertidos. Eu resmunguei e me virei para desligar a lâmpada do meu lado.

A lenta risada de Lucian no escuro se seguiu. A cama deslocou quando ele deitou, as cobertas farfalhando com seus movimentos. Super atenta, eu só pude me cobrir e tentar ficar confortável.

— Isto é divertido. — Sua voz, seca com humor, soou excessivamente alta na sala escura.

Eu me virei para encará-lo, deixando meus olhos se ajustarem. Tínhamos deixado as cortinas abertas o suficiente para que o quarto ficasse de um azul profundo e escuro, e seus olhos brilharam nas sombras, seu cabelo escuro uma mancha nos travesseiros brancos.

— Esse vento é assustador como o inferno — eu sussurrei. — Poderíamos contar histórias de fantasmas.

Ele cantarolou, como se contemplasse a ideia. Deus, mas ele estava perto. Eu estava tão sintonizada com ele que podia sentir o cheiro do sabonete em sua pele e a leve hortelã de sua pasta de dente. Eu queria me aconchegar mais perto, colocar minha boca na dele e prová-lo. Eu agarrei meu travesseiro como uma tábua de salvação. Eu não estava dando o primeiro passo. Uma garota tinha algum orgulho.

— Falando em fantasmas — ele finalmente disse em voz baixa. — Quem é Greg?

Eu estremeci, meu corpo ficou tenso.

— Eu sei que você não queria falar sobre isso antes. E você pode me dizer para calar a boca agora, se quiser. — A preocupação revestiu seu rosto duro enquanto seu olhar se movia sobre o meu. — Mas a maneira como seus amigos se juntaram para te dar apoio me preocupa. Esse cara machucou você?

Talvez fosse porque eu disse a ele que meu pai batia, ou talvez fosse simplesmente a natureza de Lucian cuidar das pessoas, mas sua preocupação sobre eu me machucar aqueceu meu interior vibrante.

— Não fisicamente. — Suspirei. — Greg Summerland era meu ex. A cama sacudiu.

— O quarterback?

— Sim. — Eu realmente odiava que Greg fosse um herói para tantos. Eu sinceramente esperava que Lucian não fosse um fã. Mas ele parecia mais surpreso do que impressionado. Achei que fazia sentido, já que ele também foi um atleta profissional.

— Quando fui cortada – literalmente – do programa, fui para casa chorar em seu ombro e o encontrei transando com uma garota de dezenove anos no chão da minha sala.

— Ai.

— Não parecia muito confortável para os joelhos.

— Em. — Sua voz me tocou como uma carícia. Eu não queria simpatia. Não sobre o estúpido Greg e seu pau ambulante.

— O que deveria dizer? Foi um golpe. Mas acho que deveria ter sentido mais do que raiva. Ele deveria ter quebrado meu coração. Mas parece bastante intacto.

Lucian pensou antes de falar.

— Bom ponto.

— Eu acho que sim — eu disse com alguma coragem.

Ele começou a sorrir, mas então sua expressão turvou.

— Greg é um atleta famoso.

— Eu estou ciente.

— Não sabia que você era familiarizada com a vida.

— A vida de toda a loucura de fãs raivosos e as viagens intermináveis e agendas de treinos, você quer dizer?

— Sim, isso. — Ele não parecia muito satisfeito.

— Não é como se fosse muito diferente da minha vida.

Ele ficou em silêncio por um segundo.

— Não, acho que não.

Lucian parecia tão descontente que lutei contra um sorriso. Mas meu bom humor desmoronou.

— Eu acho que pensei que ele estava acima de todo o aspecto de mulherengo que eu tanto ouvia falar. Pelo menos, ele alegou que não era ele quando começamos a sair.

— Ele deixou você com uma má impressão de nós, não foi?

— Nós? — Perguntei.

— Atletas profissionais.

A vibração na minha barriga começou de novo, inexplicavelmente forte. Eu me enrolei na sensação, me pressionando contra a cama.

— Você está tentando me dizer algo, torta de mel?

Ele bufou uma risada leve, mas não sorriu.

— Nem todos nós somos assim, Em.

A vibração se moveu para o meu peito.

— Eu sei.

Um grunhido adorável foi sua resposta. Fiquei tentada a pressionar e perguntar por que importava tanto que eu não rejeitava todos os atletas. Mas não tive coragem. Não quando qualquer rejeição possível me nivelaria. Este homem tinha me abraçado forte, me segurado quando eu estava abatida e sentindo pena de mim mesma. Ele dançou no escuro comigo como se isso significasse tudo. Eu queria que significasse tudo, e essa era a minha fraqueza.

Ele ficou quieto por um momento antes de falar com clara relutância.

— Você nunca perguntou sobre Cassandra.

— Achei que se você quisesse me contar sobre ela, você faria.

Os cantos de seus olhos enrugaram.

— Essa é sua maneira de dizer que eu deveria não ter perguntado sobre Greg, o idiota?

— Idiota, hein?

— Se ele ferrou com você, ele foi.

Eu ri.

— Sim, ele foi. E não, não estou chateada por você ter perguntado.

Seu aceno foi superficial, como se ele não estivesse ouvindo completamente, e seu olhar se desviou.

— Quando Cassandra descobriu que eu estava me aposentando, ela foi embora. Colocou o anel na mesa do hall de entrada e fugiu.

Oh, Lucian.

Meu corpo inteiro se apertou de dor por ele.

— Aquela idiota.

O fantasma de um sorriso tocou sua boca, e ele fez um grunhido de concordância. Menos tenso agora, ele virou a cabeça na minha direção.

— Ela quer ser atriz.

Oh, a ironia.

— Você diz isso como se fosse uma palavra de quatro letras.

O canto de sua boca se contraiu.

— Não acho que seja uma palavra de quatro letras. São cinco.

— Você tem certeza sobre isso?

— Eu posso contar as letras. Tenho certeza.

— Estou falando sobre a maneira como você zombou de *atriz* como se isso significasse *sujeira*. Mas é bom saber que você pode contar até cinco.

— Você me deixa louco; você sabe disso?

— Vou tomar isso como um elogio.

— Eu não tenho ideia de porquê você faria. — Havia uma leveza surpreendente em sua voz. A ideia de que o rabugento do Lucian Osmond estava flertando comigo novamente enviou pequenas bolhas de antecipação em minhas veias.

— Pelo menos eu tenho um efeito sobre você. Isso é muito melhor do que indiferença.

Ele grunhiu baixo e descontente. O silêncio caiu como uma cortina entre nós, ficando mais denso, mais potente. Mordi meu lábio, esperando, me recusando a ceder. E então:

— Você acha que sou indiferente a você?

— Já estabelecemos que você não é.

Ele grunhiu novamente.

— Em...

— Lucian.

Eu podia praticamente senti-lo vibrando de aborrecimento e sua luta interna para saber se deveria prosseguir com o assunto. Ele bufou uma respiração ofendida.

— Completamente louco.

Eu abaixei minha cabeça para esconder meu sorriso.

— Eu sei.

— Você adora isso. Admita.

— Não vou admitir isso e perder minha vantagem, né?

— Inferno.

Sorrindo em vitória, me aconcheguei na cama e tentei relaxar o suficiente para dormir. Aparentemente, Lucian também tentou. O lençol farfalhou quando os ajustes para o conforto foram feitos. Uma vez

acomodados, deitamos rigidamente lado a lado, cada um de nós ciente um do outro para fazer o menor dos movimentos.

Lá fora, o vento uivava e batia contra o vidro, como se em protesto por ser mantido do lado de fora. Lucian pigarreou e então se aquietou. Meus lábios se contraíram quando o nervosismo reprimido que estive sentindo a noite toda veio à tona. Uma risadinha subiu na minha garganta. Lutei para mantê-la sob controle, mas um risinho saiu, apesar de meus melhores esforços. O silêncio tornou pior. Eu perdi a guerra e ri novamente.

— O que é tão engraçado? — ele perguntou na escuridão. Eu poderia dizer pelo seu tom que ele estava tentando não sorrir.

Eu ri de novo, tentando em vão parar.

— Eu não sei — eu disse entre bufadas e estalidos.

— Pelo amor de Deus — ele exclamou, parecendo totalmente exasperado, o que só me fez rir ainda mais. Eu o senti virar para mim. — Você vai me dizer o que é tão engraçado?

Ele soava estranho no quarto escuro.

— Tudo. Essa situação, sua falta de roupa de dormir... — As risadas me pegaram novamente.

— Você é impossível — ele disse, tentando soar severo.

Mordi meu lábio para não rir, mas um bufo escapou. Houve uma pausa silenciosa.

Ele riu na escuridão. O som disso me fez explodir, e isso fez Lucian explodir, até que estávamos rindo incontrolavelmente com a cama tremendo embaixo de nós.

— Oh pare; minha barriga dói — eu disse, ofegante por ar. Foi nervosismo. Eu sabia que era isso que me fazia rir, mas não conseguia controlar o riso.

— Você começou isso!

Abaixei minha voz para imitá-lo.

— Eu poderia dormir sobre as cobertas.

— Olha quem está falando. Você deveria ter visto seu rosto.

A lua escolheu aquele momento para espiar por entre as nuvens, e sua luz azul derramou-se pela janela, iluminando a sala. Lucian estava olhando para mim, olhos cruzados, língua de fora em uma expressão de idiota verdadeiramente terrível.

— É isso... — Peguei meu travesseiro e o acertei.

Ele riu em protesto.

— Então é assim, querida.

Um travesseiro macio atingiu meu rosto quando ele lançou sua retaliação.

Eu gritei de indignação, batendo no peito dele e mergulhando sob os lençóis antes que ele pudesse me pegar.

Ele puxou as cobertas, vindo atrás de mim com uma gargalhada calorosa. Cobri a cabeça com as mãos para me proteger, mas ele as puxou para baixo, segurando-as com firmeza com uma mão grande, e me bateu profundamente com o travesseiro.

Eu gritei e tentei puxar minha mão de seu aperto. Lucian apenas riu mais enquanto eu lutava. Consegui libertar uma das mãos e enfiei o polegar em suas costelas. Ele se desviou rapidamente, mas eu descobri sua fraqueza e fui atrás dele.

— Oh, não, você não pode! — Eu rolei até a metade sobre ele e cutuquei suas laterais sem piedade.

Deus, mas ele era adorável quando ria daquele jeito, despreocupado e infantil. E sorrateiro. Em um piscar de olhos, ele me colocou de costas.

Eu gritei de novo, tentando desesperadamente fazer cócegas nele, mas tendo dificuldade porque minhas mãos estavam presas debaixo de mim. Minha mão se soltou, mas ele a pegou e a puxou pela minha cabeça. A ação nos colocou cara a cara.

Ficamos parados, nossos peitos arfando. Os olhos de Lucian procuraram os meus, sua respiração soprando em meu rosto suavemente. Nenhum de nós se moveu. Pisquei de volta para ele, totalmente ciente do comprimento duro dele pressionado contra o meu sexo com apenas a barreira da nossa roupa íntima impedindo-o de deslizar para dentro.

— Provavelmente acordamos a casa inteira — eu disse em um sussurro estrangulado.

Suas pálpebras meio erguidas, a tensão montava nele com tanta força que ele tremia. E por um breve segundo, achei que ele não tinha me ouvido. Mas então ele engoliu em seco audivelmente e sua voz saiu rouca e tensa.

— Essa é a minha deixa para fazer uma piada, mas minha mente está em branco, Em, porque eu não posso... Eu não posso. — Ele fechou os olhos com força, depois os abriu bem. — Eu não posso lutar mais contra isso. Quero você. Eu te quero para caralho.

Minha respiração saiu com pressa. Seu olhar foi para a minha boca e depois de volta para os meus olhos. Outro tremor passou por ele.

— Você quer isto?

Péssima ideia. A pior.

— Sim. — Isso explodiu para fora de mim. — *Sim.*

CAPÍTULO VINTE

Lucian

Sim. Isso era tudo que eu precisava ouvir. Senti a palavra por toda a minha pele quente e a provei na minha língua. Um simples *sim*, e eu tremi. Iluminada pela luz da lua, ela olhou para mim, olhos índigo arregalados e desejosos, lábios entreabertos e esperando.

Um gemido saiu de dentro, e eu abaixei minha cabeça e peguei aquela boca que eu estava ansioso para reivindicar. *Sim, sim e sim.* Seus lábios se moveram contra os meus – suaves, deliciosos, perfeitos. Deus, ela era perfeita. Eu a beijei, faminto, desesperado. Ela tinha o sabor da salvação – água doce e fresca depois de queimar por tanto tempo.

Minhas mãos deslizaram em seu cabelo para segurar enquanto movia minha boca sobre a dela. E ela se abriu para mim, arqueando as costas para pressionar seus seios contra meu peito enquanto ela me beijava com um fervor que fez meu corpo inteiro apertar. A luxúria correu por mim tão rápido e forte que minha cabeça girou.

Lambi sua boca quente, perdendo-me nela. Lábios macios se moveram com os meus. Encontramos um ritmo, doce e profundo. Eu surgia de encontro com seus lindos lábios, e ela me aceitava. Cada beijo enviava uma pulsação de alívio através de mim, como se eu finalmente tivesse recebido exatamente o que eu precisava. Cada beijo me deixou desesperado por mais. Liberação e necessidade. Liberação e necessidade.

As cobertas farfalhavam enquanto eu as puxava para fora do caminho e a puxava para mais perto. Ela se encaixa contra mim como se ela fosse feita para estar lá. Eu poderia ter rido dessa comparação antes,

mas ainda não tinha tido Emma Maron em meus braços. Agora, tudo que eu conseguia pensar era: “Onde você esteve todo esse tempo?”

Eu sentia falta dela antes mesmo de conhecê-la.

— Lucian — ela sussurrou contra meus lábios, suas mãos agarrando meus ombros. — Lucian.

Meu nome repetido como uma oração. Deus, mas eu queria conceder a ela todos os desejos.

— Em. — Eu deslizei minha coxa entre as quentes dela. O calor úmido aterrando em meus músculos enquanto ela apertava e rolava os quadris com um pequeno gemido indefeso.

— Isso é bom, querida? — A maior parte dela estava nas sombras, e eu me coçava para acender uma lâmpada para que eu pudesse vê-la corretamente. Mas isso significaria parar e eu não estava disposto a soltá-la. Eu confiei no toque, correndo meus dedos ao longo de seu braço, até seu pescoço, onde o suor escorria de sua pele.

— Você gosta de montar na minha coxa?

— Sim. Sim. — Essa palavra novamente. Melhor palavra de todas.

Seus lábios faziam cócegas nos meus enquanto ela ofegava, seu doce sexo trabalhando em um pequeno círculo. Eu segurei sua bochecha e me delicieei em sua boca enquanto ela tinha seu prazer. Eu queria ter dado esse prazer a ela há muito tempo. Há tanto tempo. Suas mãos encontraram meu peito e deslizaram para baixo, mapeando seu caminho ao longo do meu torso. Não era nada no esquema das coisas, mas aquela simples exploração, o jeito que ela choramingou e engasgou em minha boca, enviou lambidas de calor sobre minha pele.

Quando sua mão esguia alcançou meu pau e me apertou através do tecido da minha boxer, um gemido saiu de mim. Estremeci, tão perto de gozar com uma apalpada furtiva no escuro que seria quase engraçado se eu não estivesse tão excitado.

— Tire — eu murmurei, flexionando minha coxa, sabendo que ela sentiria. Eu precisava da mão dela na minha pele nua. — Por favor.

Habilmente, ela tomou o cóc e envolveu os dedos em volta do meu pau necessitado, dando-o um puxão firme. Então eu era aquele choramingando e ofegando, fodendo contra o aperto de sua mão porque era tão bom. Alívio doce, prazer quente. Vivo. Ela me fez sentir vivo.

Minha mão trêmula encontrou a curva de sua cintura, onde sua camisa de dormir amarrotada estava entre nós. As pontas dos meus dedos deslizaram por baixo, encontrando a pele sedosa.

— Em. — Eu a beijei. — Posso ver você?

Por favor. Por favor.

Emma sugou meu lábio inferior, sua mão ocupada me acariciando, mas ela se afastou o suficiente para pegar meu olhar. Seus olhos estavam vidrados, os lábios inchados e úmidos.

— Tire isso de mim. Tire.

Como se ela não pudesse respirar. Eu a ajudaria.

Tentei levantar a camisa, mas depois bufei uma risada.

— Você vai ter que soltar meu pau, amor.

Ela me beijou novamente, uma pressão gananciosa de lábios.

— Não quero.

Eu sorri, meu peito se enchendo de luz líquida.

— Acredite em mim... — Eu beijei sua boca macia. — Eu também estou despedaçado por isso. — Eu encontrei seu pescoço, lambi sua pele lisa. — Você pode ter de volta em breve.

— Oh, eu vou. — Ela sorriu, um brilho perverso em seus olhos, e se aproximou, subindo pela minha coxa, então me soltou. Eu senti a perda imediatamente, mas não perdi tempo em tirar a camisa dela. O luar coloriu os seios, que eu estive tentando tanto não pensar, em prata esbranquiçado, os mamilos em sombras escuras. Eles tremeram, quase tocando a parede do meu peito enquanto ela respirava, seus braços em volta do meu pescoço, seu olhar arregalado com antecipação.

— Cristo, você é linda. Linda para caralho, Em. — Ela ficaria linda na escuridão total.

A curva de seu seio nu encheu minha palma, e ambos fizemos um barulho de prazer. Eu belisquei a dura região de seu mamilo, amando a forma como suas pálpebras tremiam enquanto seus lábios se separavam. Ela se arqueou com o toque, inclinando a cabeça para o lado. Eu beijei meu caminho ao longo de seu pescoço, beliscando aquele mamilo doce, puxando-o.

Oh, mas ela gostou disso, choramingando e rebolando, levantando aqueles seios doces mais alto em incentivo. Eu mergulhei e arrastei minha língua ao longo de uma ponta frisada. O som que ela fez foi tão

indecente, quente e ganancioso que meu pau pulsou. Segurando aquele seio suculento rechonchudo na palma da minha mão, lambi, chupei e beije como estava morrendo de vontade de fazer.

— Lucian...

Ela precisava de mais, seus quadris se esfregando na minha coxa com movimentos descoordenados. Minha mão livre se moveu para sua bunda – aquela bunda espetacular – e a agarrou.

Eu a puxei para perto, minha boca encontrando a dela.

— Monte em mim, amor.

Eu a fodi na minha coxa, segurando sua bunda enquanto ela balançava o calor liso de seu sexo para cima e para baixo em seu comprimento. Os seios de Emma faziam cócegas no meu peito a cada impulso para cima, seus lábios roçando os meus. Nossa respiração se misturou e eu roubei um beijo, confuso e frenético. Meu pau latejava por liberação, doía pra caralho. Mas observar suas pálpebras tremularem, a forma como seu lindo rosto se contraiu de prazer, fez valer a pena a tortura.

— Eu vou gozar se você... — ela engasgou, mordiscando meu lábio inferior — continuar fazendo isso.

— Ótimo — eu grunhi, flexionando minha coxa, balançando-a. Oh, ela *amou* isso. — Goze em cima de mim, amor. Deixe-me ver você se mexer.

Sua cabeça caiu no meu ombro, seus lábios acariciando meu pescoço. Ela balançou e apertou minha coxa, deixando-a quente e úmida. Mas sua mão hábil deslizou para baixo e encontrou meu pau necessitado mais uma vez. Eu fiz um barulho que parecia muito com dor, mas foi um prazer puro que me fez empurrar para cima no aperto de sua mão.

— Não sem você — ela disse, masturbando o meu comprimento. Nossas bocas se encontraram, e o beijo se tornou uma coisa selvagem. Eu a beije até não conseguir respirar, então a beije novamente. E ela se moveu em mim, sua mão acariciando e puxando.

O calor invadiu minha pele, lambeu meu pau. Meu abdômen apertou enquanto eu gemia, enrolando-me em torno dela com um estremecimento de pura luxúria.

— Estou perto.

— Você está?

— Sim.

Ofegantes agora, trabalhamos um no outro, mais duro e mais rápido. O ar fumegou e ela tremeu.

— Agora, Lucian. Agora.

— Porra.

— Oh! — Seu gemido profundo, a maneira como ela apertou ao meu redor enquanto seu orgasmo estremecia através de seu corpo esguio, me desencadeou. Eu me libertei com um grito, pulsando tão forte que minha cabeça ficou leve.

Por longos momentos, ficamos deitados em um emaranhado desordenado e escorregadio, lutando para recuperar o fôlego. Fechei os olhos e acariciei preguiçosamente seus cabelos úmidos, meu coração batendo forte no peito. Nós nem tínhamos fodido, e ainda assim eu me sentia mais repleto do que em qualquer sexo em minha memória.

Emma se aconchegou mais perto, envolvendo seu braço em volta da minha cintura enquanto traçava uma linha ao longo das minhas costas.

— Uau.

Fracamente, eu sorri.

— Essa é uma palavra para isso.

— Você tem outra? — Sua voz estava rouca e baixa. Sexo puro. Meu pau se torceu. Bastardo ganancioso.

Abaixei minha cabeça para olhar para seu rosto corado.

— Mais? Novamente? Por favor?

Seu sorriso cresceu, a mão nas minhas costas alisando com mais propósito.

— Eu também gosto dessas palavras.

Eu dei-lhe um beijo suave e ri. Mas então, parei quando um pensamento horrível ocorreu.

— Inferno.

Ela beijou o canto da minha boca.

— O quê?

Suspirei e peguei seu olhar com o meu.

— Diga-me que você tem preservativos.

Sua expressão horrorizada de decepção poderia ter sido engraçada se eu não estivesse perto de chorar. Pelo menos minha cabeça menor queria chorar. Tudo bem, a cabeça maior queria chorar também.

— Inferno — ela disse.

Visto que ela estava igualmente chateada, eu me peguei sorrindo. Meus dedos envolveram a massa de seu cabelo, agarrando-o quando minha boca encontrou a dela.

— Nós apenas teremos que fazer outras coisas.

E eu faria. Eu faria isso com ela a porra da noite toda.

Emma

— Eu não aguento.

Sua língua sacudiu meu mamilo, uma provocação astuta.

— Você aguenta.

Tudo doía; minha barriga se retorceu em doces nós de prazer. Ele beijou meu mamilo suavemente. Tão suavemente. O calor pulsou. Mordi meu lábio, lutando para me manter imóvel, amando o desejo tenso puxando meu núcleo. Ele me segurou lá, segurando meu seio com uma mão firme, lambendo meu mamilo e dando beijos de sucção com o mais gentil dos toques na intenção de me deixar louca.

E eu amei isso. *Eu amei.*

Tínhamos encontrado o pequeno obstáculo de que nenhum de nós tinha preservativo. Embora eu tivesse certeza de que havia alguns nesta casa, não estava disposta a sair à procura de alguns. Ok, minha carne estava mais que disposta, mas eu não conseguia fazer isso. Nem poderia deixar Lucian ir procurar algum. Meu orgulho não suportaria a gente implorando como universitários em uma casa de fraternidade.

Além disso, nenhum de nós queria se separar por tanto tempo. Tínhamos nos comprometido, passando a noite nos beijando e nos tocando. Nenhuma língua abaixo da cintura, apenas mãos.

— Quando eu finalmente puder provar você — Lucian declarou —, eu quero ser capaz de me afundar em você depois. Eu preciso disso, Em. Bem, então.

Eu era boa com as mãos. Eu pensava que sim, de qualquer maneira. Agora? Agora, ele estava me desmontando lentamente. Beijando-me por horas – beijos lentos e profundos até meus lábios incharem e meu corpo cantarolar. Mãos explorando, provocando meus seios, acariciando minha pele. Eu me acostumei com o terreno de seu corpo, mapeando as depressões e ondulações de carne firme, músculos tensos, pele quente.

Cada nervo se intensificou; cada músculo doía. Cobertores afastados, deitamos em um emaranhado quente de membros e pele suada. Apenas o tecido fino de nossa roupa íntima nos separando.

Uma medida necessária.

Exceto.

Sua mão deslizou sob a faixa da minha calcinha, as pontas ásperas de seus dedos encontrando meu sexo encharcado. Eu gemi, então me contorci, enquanto ele circulava lentamente meu clitóris.

— Deus, você é adorável. — Olhos verdes solenes me observaram enrubescer e ofegar enquanto ele acariciava e provocava. — Esse som que você faz. Esse pequeno gemido. Irei ouvi-lo em meus sonhos, Em.

Eu gemi novamente. A visão de sua mão esticando minha calcinha enquanto ele me trabalhava enviou um arrepio ilícito ao longo da minha pele, e eu agarrei seu antebraço, segurando-o onde eu precisava dele.

— Eu sei, amor. — Seus lábios roçaram os meus. — Eu sei. Eu estarei aqui em breve, Em.

— Não em breve o suficiente.

Isso me rendeu uma risada.

Lambi seu lábio superior e então o esfreguei. Eu amava a sua boca. Amava o jeito que ele beijava, um pouco indecente, oh-tão meticuloso. Ele me adorava com sua boca, devorava e entregava. Eu o beijei mais profundamente, precisando disso. Precisando dele.

O dedo grosso e longo de Lucian deslizou para dentro de mim e eu gemi – um som dolorido.

— É isso — ele murmurou, me dedilhando com empurrões agonizantemente lentos. — Porra, é isso.

Eu engasguei, minha cabeça leve, minhas coxas apertando em torno de sua mão, como se eu pudesse segurar a sensação.

— Abra suas pernas um pouco mais, amor. Deixe-me entrar. Boa menina. — Ele segurou meu pescoço com a mão livre, sua testa pressionada na minha. — Um dia, em breve, eu vou trabalhar dentro desta caixa de mel doce e apertada, fodê-la por horas.

Minhas coxas tremeram, o calor me inundou enquanto minha barriga se contraiu.

— Lucian. — Eu mexi meus quadris.

Ele adicionou outro dedo, fodendo-os dentro de mim em um ângulo que me deixou lamentando de prazer.

— Bem aqui, Em. Bem aqui é onde estou ansioso para estar.

Eu o queria tanto lá. Meu corpo se moveu com ele, balançando contra sua mão.

— Bem aqui é onde vou adorar. — Ele me beijou suavemente, um simples encontro de bocas, enquanto seu polegar serpenteava para fora e encontrava meu clitóris. Ele pressionou, mais áspero agora que eu estava excitada e no limite. Exatamente como eu gostava. Uma cabeça branca e quente faiscou e acendeu, e eu gozei em uma onda que me fez esticar contra ele.

— Diga meu nome. — Ele esfregou meu sexo escorregadio, os dedos profundamente dentro de mim.

— Lucian. — Eu soluzei. — Lucian.

Seu aperto na minha nuca era quente, reconfortante enquanto ele me beijava.

— Essa é minha garota — ele disse enquanto eu descia da minha altura, meu corpo tremendo. — A minha garota.

Meu foco voltou quando ele se livrou da minha calcinha. Ele levou a mão à boca e, segurando meus olhos com seus olhos verdes cristalinos, chupou seus dedos molhados.

Um sorriso perverso curvou sua boca exuberante enquanto sua voz rolava sobre mim como mel quente.

— Deliciosa.

Eu bufei uma risada fraca, caindo em seu peito úmido.

— Lucian Osmond, você me destruiu.

Seu braço envolveu meus ombros enquanto seus lábios tocavam o topo da minha cabeça.

— Apenas sendo justo. Você está me destruindo desde o momento em que nos conhecemos.

CAPÍTULO VINTE UM

Emma

Acordei com o farfalhar das cobertas e uma mão quente cobrindo minha bochecha suavemente. Meus olhos se abriram e ele estava lá, cabelos escuros despenteados, olhos verdes claros. Ele sorriu, um amanhecer lento sobre os traços austeros, tornando-os suaves e abertos.

— Ei, Em.

— Torta de mel.

O sorriso cresceu, alcançando meu coração e puxando-o. E então ele se inclinou para frente, sua boca se movendo sobre a minha em um beijo amanteigado que derreteu meu interior. Foi gentil, reverente. Uma promessa. Eu sorri contra seus lábios, e ele sorriu também, se afastando para encontrar meu olhar mais uma vez, como se ele precisasse da confirmação de que eu estava realmente aqui.

Então, como se não pudesse evitar, ele abaixou a cabeça novamente e me beijou com mais ousadia, sorvendo meu lábio inferior, acariciando o superior. Minha mão foi para a curva forte de seu pescoço para segurá-lo, trazê-lo para mais perto. Mas ele encerrou muito cedo com uma risada rouca.

— Estou me levantando e indo para a loja.

— A loja? — Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

Lucian arqueou uma sobrancelha, sua expressão carregada de significado.

— Sim, a loja. E então vamos para casa para colocar minha compra em uso.

A compreensão vibrou através de mim.

— Ah. Sim. Leve sua bela bunda para a loja, Brick.

Ele bufou outra risada, me beijou rapidamente e superficialmente, demorando-se apenas um pouco no final. Com um gemido, ele rolou para fora da cama.

Eu não sabia se eu deveria ignorar a ereção massiva que ele ostentava ou ficar impressionada com ela. *Não, ignore*, pensei quando ele me lançou um olhar irônico, mas completamente impenitente, e caminhou até o banheiro, os globos apertados de sua bunda se movendo como poesia.

Uma tontura me atingiu. Eu tinha me apaixonado por homens antes. Tive casos de amor e namorados de longa data. Este deveria ser um território familiar. Não era. Era a diferença entre ser a substituta em uma peça e conseguir o papel principal. Tudo era simplesmente mais.

E isso deveria ter me assustado. Mas não assustou. Pelo menos não no começo. Não quando estávamos voltando para Rosemont, o vento em meu cabelo, Lucian ao meu lado. Tudo que eu podia sentir era antecipação. Necessidade. Luxúria. Felicidade.

A felicidade era uma coisa muito frágil na minha vida. Eu iria encontrá-la, agarrá-la com as duas mãos, apenas para vê-la desaparecer quando eu não estivesse pronta.

Não foi até que eu parei no estacionamento da Rosemont que percebi que algo estava errado, que Lucian não estava mais relaxado ou sorrindo. Ele se moveu rigidamente, seu olhar deslizando para longe de mim.

— Você está bem? — Eu perguntei, nervosa. Ele estava se arrependendo de ter deixado suas paredes caírem?

Ele virou a cabeça, o corpo tenso.

— Apenas cansado.

Cansado. Deus, isso soou como uma frase que eu usaria com Greg quando não queria que ele esperasse sexo. Meu coração perdeu uma batida e começou a doer como uma tatuagem dolorida.

Lucian pegou nossas malas e se dirigiu para a entrada. Eu o segui, sem saber o que dizer.

Estávamos quase próximo ao cruzamento que separava um caminho do outro, um levando ao meu chalé, o outro em direção à casa da piscina de Lucian. Eu fiquei tensa, sentindo-me enjoada de

inquietação enquanto me perguntava que caminho ele tomaria. Mas ele não foi tão longe antes de Sal aparecer, caminhando sem um aparente cuidado.

Lucian parou.

— Isso significa que Anton se foi?

Sal zombou, seus lábios rosa choque torcendo.

— Não. Isso significa que, embora eu ame minha mamãe, eu não poderia passar outro dia com suas novelas barulhentas.

— Talvez você deva considerar realmente conseguir um lugar para você — disse Anton atrás de mim, me fazendo pular de surpresa.

Tanto Sal quanto Lucian se viraram em sua direção com carrancas surpreendentemente semelhantes.

— Você não tem outro lugar para estar? — Sal disse. — Como o inferno?

Anton sorriu.

— Eu sou muito quente para o inferno. Então, parece que você está preso a mim. Pelo menos até o acampamento de treinamento... — Ele calou a boca com uma careta e olhou para Sal, como se fosse sua culpa que Anton tivesse cometido o deslize.

Lucian ficou rígido como uma tábua, mas seus lábios se curvaram em um humor sombrio.

— Pare de andar em ovos comigo. É irritante. — Com isso, ele se afastou, deixando todos nós para trás.

Eu não me importava que ele se afastasse de seu primo, mas doeu que ele não tivesse me esperado. Além disso, isso me irritou. Sem olhar para Sal ou Anton, eu os deixei e fui atrás de Lucian.

Ele era rápido, embora seus passos fossem firmes. Eu não o alcancei até que ele estava abrindo a porta da casa da piscina.

— Você me deixou para trás.

Ele se acalmou e praguejou baixinho. Mas ele não virou a cabeça.

— Sinto muito, Em. Eu não pensei.

— Você não pensou — eu repeti. E então me senti como uma completa idiota. Tínhamos passado apenas uma noite juntos. Uma noite de beijos como adolescentes desesperados e com tesão. Promessas não foram feitas. Nada de concreto, pelo menos. Talvez eu tenha colocado muita expectativa nisso.

Ele abriu mais a porta e entrou, deixando-me para seguir mais uma vez.

Minha irritação aumentou, formigando e caindo na minha barriga. Ok, talvez eu *tenha* imaginado algo a mais ontem à noite, ao contrário dele... *Foi* algo, e eu estaria ferrada se ele simplesmente ignorasse tudo o que aconteceu.

— O que diabos está acontecendo?

No ato de jogar as bolsas no chão, ele abaixou a cabeça e respirou fundo.

— Nada. Foi uma noite longa e talvez devêssemos descansar...

— Lucian.

Ele levantou a cabeça e encontrou meus olhos. Os dele estavam turvos, sua expressão tensa e dura.

Eu respirei e soltei.

— Você tem uma escolha agora. Me afaste ou deixe-me entrar. Espero que você escolha a última opção.

Ele piscou como se tivesse sido atingido e, de repente, seus ombros rígidos cederam.

— Sinto muito — ele murmurou. — Eu não posso... não agora...

Eu me preparei quando o desapontamento se apoderou de mim.

Ele ergueu a mão em um gesto meio desamparado e meio frustrado.

— Minha cabeça. É minha cabeça, Em. Eu não posso...

Oh. *Oh*.

Eu dei um passo, mas seu rosnado me parou.

Ele agarrou a nuca com força.

— Eu não acho que você entende totalmente o horror que sinto ao dizer à mulher que eu quero mais do que qualquer coisa que não posso transar porque estou com uma porra de uma dor de cabeça. Deve ser alguma piada cósmica, mas não consigo rir agora.

Ele parecia tão infeliz, tão desapontado, que meu coração deu um grande baque.

— Eu também não estou rindo — eu disse suavemente. Agora que ele admitiu, eu pude ver os sinais. Sinais que eu estava muito distraída por minhas próprias luxúrias e inseguranças para notar. Ele estava sofrendo novamente. Bastante.

— Emma. Amor. Eu não quero que você me veja fraco.

— Bem, isso é bom. Porque tudo que vejo é força.

Lucian engoliu em seco visivelmente, incapaz de formar uma resposta. As linhas fortes de seu rosto mostravam sofrimento, mas ele não cedeu – teimoso até o âmago.

Com movimentos leves, fechei a porta e comecei a puxar as pesadas cortinas ao redor da casinha, bloqueando a luz do sol brilhante e nos mergulhando em um silêncio frio e escuro.

Lucian ficou parado como uma estátua, me observando. Aproximei-me dele, percebendo como seu grande corpo parecia balançar de exaustão.

— Vá para a cama, baby.

Um tremor percorreu seus lábios.

— Baby?

— Como em mel, querido, amado Lucian.

— Você vai me fazer corar.

Enrolando. Como se eu não fosse perceber. Homem tolo.

— Bom. — Peguei sua mão sem resistência e o guiei em direção à cama. O homem era limpo; eu daria um ponto por isso. A cama estava feita, os lençóis frescos. — Para a cama com você.

Ele parou apenas por um momento, o olhar movendo-se entre mim e a cama. Finalmente pareceu penetrar entre aquela parede grossa e teimosa dele que eu não iria ceder também, e ele me deu um sorriso fraco.

— Sim, senhora.

Com uma lentidão dolorosa, ele tirou a roupa até ficar apenas de cueca boxer e então se arrastou para a cama com um suspiro que mostrava muita dor. Eu o cobri, então acariciei a curva rígida de seu ombro antes de ir para o banheiro para ver se ele tinha algum remédio. Encontrei até demais, incluindo uma receita para enxaquecas. Eu percebi mais uma vez quanta dor física os atletas tinham que lidar. O fato de Lucian estar quase chorando quando suas dores de cabeça o atingiram me disse o quão ruim era para ele.

Juntei o resto dos meus suprimentos e voltei para o quarto. Lucian já estava esparramado, seu braço segurando um travesseiro.

— Lucian — eu sussurrei, e ele se mexeu, um olho cor de jade me espiando. Eu estendi uma pílula. — Pegue isso.

Com um grunhido, ele se virou e se apoiou em um cotovelo para pegar a pílula e o copo de chá gelado que eu tinha para ele.

— Beba tudo — eu disse.

— Sim, senhora... — Ele interrompeu enquanto eu tirava meu vestido de verão. O copo a meio caminho de sua boca, ele rastreou meus movimentos com um olhar estreito contemplativo. — Você é linda.

O prazer fluiu sobre mim. Mas eu lhe dei um olhar afetuoso.

— Agora não é hora de elogios. Beba seu chá.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios e ele obedeceu, entregando-me o copo vazio assim que terminou. Consciente demais por estar de roupas íntimas e com seus olhos fixos em mim, agarrei a bolsa de gelo.

— Onde você quer isso? Pescoço ou testa?

Algo se moveu em seus olhos, uma emoção que não consegui identificar, e sua garganta engoliu em seco. Quando ele falou, sua voz estava enferrujada.

— Pescoço. Por favor.

— Tudo bem, chega para lá.

Atento, mas quieto, ele abriu espaço para mim, e quando me deitei contra os travesseiros, Lucian me chocou ao se enroscar em meu corpo, apoiando a cabeça no topo dos meus seios. Quando coloquei a bolsa de gelo na parte de trás de seu pescoço duro como ferro, ele suspirou de contentamento e envolveu seu braço com mais segurança em volta da minha cintura.

Sorrindo para mim mesma, corri meus dedos pelo seu cabelo espesso. Eu o senti ontem à noite, mas aquilo tinha sido frenético e cheio de desejo. Acalmando-o, pude me permitir desfrutar da simples sensação daqueles fios sedosos. Seu cabelo era excepcionalmente espesso, com uma ondulação nele. Eu o invejei; meu cabelo deveria estar um grande pufe pesado a esta altura.

Lucian gemeu, como se o som tivesse sido arrancado dele. O topo de seus ombros ficaram duros como uma rocha. Olhando para baixo, encontrei sua expressão desenhada e comprimida.

— É ruim, não é? — Eu sussurrei.

— Sim. — Ele respirou pesadamente pelo nariz, como se tentasse controlar a dor. Eu conhecia esse nível de enxaqueca. Tinha dentes que cravavam e torciam em torno de você como uma boneca de pano. Sair daquele tipo de dor era difícil e exaustivo. Mas eu conhecia uma maneira.

— Lucian? Você já teve dor de cabeça por causa de sexo?

Ele ficou imóvel, um pulso de surpresa percorreu seu corpo e entrou no meu.

— Em... Eu realmente quero, mas...

— Não, não estou pedindo isso.

— Ok. — Ele parecia confuso, suas palavras pesadas. — Não, sexo não me dá dor de cabeça. Quando estiver melhor, estarei pronto. Prometo.

Eu tive que sorrir.

— Tenho certeza que você ficará. — O mais delicadamente possível, eu nos desembaracei e deslizei para encará-lo. Suas pálpebras mal se abriram e eu acariciei sua bochecha. — Eu quero tentar algo para ajudar a fazer você se sentir bem. Você confia em mim?

— Eu não estaria segurando você se não confiasse. — Sua mão flexionou na minha cintura, como se oferecesse uma prova. — O que você está pensando?

— Eu quero dar a você um orgasmo. — Seus olhos se arregalaram com isso, e eu segui em frente. — Isso pode ajudar. Me ajuda quando estou sofrendo.

Lucian estava com os olhos turvos, seus movimentos lentos, mas o sorriso que flertou com sua boca deixou claro que ele tinha todo tipo de coisas a dizer. Então seu olhar se estreitou.

— Você está me dizendo que você arranja alguém para fazer você gozar quando você está tendo uma enxaqueca?

Meu polegar deslizou sobre suas sobrancelhas desenhadas.

— Não. Eu me faço gozar. Mas prefiro fazer você gozar agora, se estiver tudo bem.

O sorriso se abriu.

— Às vezes, me pergunto se estou sonhando com você.

O sentimento era mútuo.

Eu o coloquei de volta contra o travesseiro.

— Nenhum sonho. Agora relaxe. Deixe-me fazer isso por você.

Lucian

Ela disse que não era um sonho. Eu não tinha tanta certeza. Ela parecia como um, suas mãos frias em meus ombros, encostando as minhas costas enquanto ela se erguia acima de mim, o nimbo de seu cabelo como o luar na sala escura. Seus olhos índigo sorriam enquanto ela acariciava meu pescoço. Eu tive vontade de chorar.

Foi a dor de cabeça. Elas sempre me deixaram com uma vontade fraca e emocional. Não ela. Não poderia ter sido ela.

Eu era excelente em mentir para mim mesmo.

Suas mãos suaves deslizaram sobre meu peito, mapeando-o, como se ela quisesse aprender a forma dele apenas pelo toque. Apesar da pressão fazendo força sobre meu crânio, ameaçando quebrá-lo, o prazer ondulou ao longo das trilhas que suas mãos estavam mapeando. Ela me tocou como se eu fosse um tesouro inesperado que ela encontrou, explorando com prazer silencioso.

Um arrepio passou por mim e descansei meus braços acima da cabeça, estendendo-me para ela, silenciosamente implorando por mais.

Toque-me em todos os lugares. Sou seu.

Ela cantarolou baixinho, como se estivesse satisfeita, e se abaixou para me beijar. Eu era um homem dividido: a cabeça desabando sobre mim, o corpo inchado de prazer suave. Não duvidei de sua palavra de que um orgasmo ajudaria. Emma não era do tipo que tirava vantagem. Mas me pegou inconsciente de como era bom ter seus lábios pressionando suavemente ao longo da minha pele. Minha tensão derreteu e fechei meus olhos, deixando minha cabeça cair para o lado, afundando no travesseiro. Apenas sentindo.

Mãos suaves, lábios macios e pequenas respirações quentes na minha barriga. Prazer, um xarope espesso derramando sobre meus membros. Meu pau subiu, crescendo pesado com desejo. Éramos tão novos juntos que, para todos os efeitos, eu deveria estar ofegando loucamente, tentando assumir o controle. Mas eu estava aquecendo lentamente a moldagem de cera de acordo com a vontade dela.

Emma espalmou através da minha cueca e eu grunhi. Eu a queria fora, sem barreiras entre nós. Como se tivesse ouvido a demanda silenciosa, ela beijou meu mamilo e lentamente puxou a cueca para baixo. Eu levantei minha bunda para ajudá-la. Meu pau bateu contra minha barriga quando foi liberado. Emma fez um barulho de apreciação e, em seguida, envolveu seus dedos espertos em volta de mim.

— Por favor — eu sussurrei. Meu corpo estava fraco, mas minha necessidade ficou mais forte, abafando todo o resto. Ela obedeceu, acariciando, seus lábios no meu abdômen inferior, provocando ao longo do V que levava aos meus quadris.

— Em... — Meu apelo se quebrou em um gemido quando sua boca quente me envolveu. Não havia mais palavras. Eu a deixei me ter, fazer o que ela quisesse, e fiquei grato por isso.

E foi tão bom que eu só pude ficar lá e aceitar, tentar não enfiar em sua boca como um animal. Mas ela se libertou com um barulho lascivo e olhou para mim.

Levemente ofegante, eu a encarei de volta, pronto para prometer qualquer coisa a ela, quando ela beijou minha ponta pulsante.

— Vá em frente — disse ela. — Foda a minha boca.

Quase gozei ali mesmo. Ela me chupou profundamente mais uma vez, e um som saiu de mim que era parte dolorido, parte "Oh Deus, por favor, nunca pare." A mulher estava me desmanchando da melhor maneira.

Ondas de calor lamberam minha pele enquanto eu bombeava suavemente em sua boca, mantendo meus movimentos leves porque eu não queria machucá-la, e porque negar a mim mesmo era uma tortura absoluta. Aparentemente, eu gostava disso.

Ela me chupou como se eu fosse uma sobremesa – o tempo todo, sua mão acariciando círculos constantes na pele sensível e firme do meu abdômen. Foi aquele toque, o conhecimento de que ela estava fazendo isso porque queria cuidar de mim, que me levou direto ao limite.

Minha mão trêmula tocou o topo de sua cabeça.

— Em. Baby, eu vou... — Eu engasguei quando ela fez algo verdadeiramente inspirado com sua língua. — Eu vou...

Ela soltou com uma última sucção e se levantou para me beijar, sua mão envolvendo meu pau dolorido e acariciando-o. Ofegando em sua boca, meu beijo frenético e desleixado, gozei com um estremecimento de prazer. E toda a tensão, toda a dor, se dissolveu como um cubo de açúcar jogado no chá quente.

Com um grunhido, caí para trás, uma pilha desossada de homem bem usado. Emma beijou minha boca levemente, em seguida, saiu da cama e pegou uma toalha fria. Fechei meus olhos e deitei obediente enquanto ela me limpava cuidadosamente. A ternura de seu toque ameaçou quebrar o que restava de mim, e engoli convulsivamente, incapaz de abrir os olhos.

Cassandra tinha se preocupado comigo, claro, mas ela nunca tinha realmente visto o meu verdadeiro eu em toda a minha glória imperfeita e humilde. No fundo, eu sabia disso. Eu gostava daquilo. Parecia seguro. Fácil. Nada sobre Emma parecia seguro ou fácil. Ela me conhecia de uma maneira que ninguém mais conhecia. E ainda assim ela estava aqui, cuidando de mim.

As cobertas se mexeram quando ela voltou para a cama, descansando a cabeça perto da minha.

— Melhor?

Eu estava melhor? Minha enxaqueca havia se dissolvido com o resto de mim. Mas eu estava melhor? Não. Eu estava realmente em perigo de perder meu coração e minha alma por completo. Quando comecei a adormecer, um pensamento se manteve firme: a perspectiva de dar a essa mulher os pedaços quebrados de mim era aterrorizante.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Lucian

Acordei fraco, mas sem dor. Emma tinha efetivamente lidado com isso. Parte de mim se perguntou se eu tinha sonhado. Mas como eu estava nu, minhas bolas e abdominais distendidos com uma dor satisfatória, eu sabia que foi real. Ela fez isso por mim. Tocou-me com uma avidez que me fez gozar muito rápido. Tocou-me com uma gentileza que envolveu meu coração e apertou com força.

Tão apertado que doeu. Era desconfortável, essa sensação – essa exposição – como uma ferida removida cedo demais. Esparramado na minha cama, eu encarei o teto, desejando que meu corpo e cérebro voltassem a ficar online e seguir em frente.

Emma não estava perto de mim. Eu não conseguia me lembrar dela se levantando, mas eu estava fora disso, caindo no melhor sono que tive em anos. Sons vinham de além das cortinas fechadas que separavam meu quarto do resto da casa. Um pequeno arrepio de alarme passou por mim; ela estava na cozinha. A mulher era uma verdadeira ameaça na cozinha.

Grunhindo, eu me endireitei e levantei da cama. Demorou um segundo para o quarto se acertar e então, com o andar de um velho, fui até o banheiro. Posso ter me aposentado por causa da síndrome da concussão, mas a verdade é que meu corpo, como o de muitos dos meus companheiros, tinha levado uma surra ao longo dos anos. As dores físicas gostavam de se manifestar quando eu acordava.

Agora, eu sentia as velhas pontadas no meu joelho esquerdo, as pontadas de protesto nas minhas costas e no ombro direito. Mas essas dores eram boas; elas me lembravam que eu estava vivo. Fedorento e

dolorido, tomei um banho quente, esfregando os restos da enxaqueca. O sol já estava baixo no céu, um dia inteiro perdido na dor e no sono. Não do jeito que eu queria gastá-lo.

Enquanto a boca de Emma tinha sido uma bênção, fodidamente gloriosa – um sonho febril – eu queria agradá-la. Provar *ela*. Tomá-la. Não deitar ali indefeso e necessitado. Eu a compensaria.

Após me enxugar, vesti um short e fui para a sala principal. Meu andar vacilou ao vê-la parada na frente do meu fogão. Ela ainda não tinha me visto, mas cantarolava baixinho enquanto mexia uma panela que cheirava a sobras de sopa de tomate. Vestida com uma das minhas camisetas que terminava no meio da coxa, deixando o resto de suas pernas curvas nuas, ela me fez perder o fôlego, fez meu coração bater selvagem e irregular.

Esfreguei meu peito, meio convencido de que estava tendo um ataque. Mas era ela. Somente ela. Aquecendo sopa. Essa mulher tinha o potencial de virar minha vida de cabeça para baixo. Inferno, ela já estava.

Como se ouvisse meu pânico interno, ela se virou na minha direção. Um sorriso brilhante e feliz me atingiu, bem no centro do meu peito apertado.

— Ei. Você está de pé! Estou esquentando um pouco de sopa. — Ela riu, o som fazendo cócegas na minha pele. — E afirmando o óbvio.

Toda aquela tensão derreteu como creme de manteiga sobre um bolo quente. Lutei para não suspirar como um idiota obcecado. Mas provavelmente falhei, porque seu sorriso feliz voltou, mais amplo agora, como se ela estivesse animada em me ver. Meu corpo parecia esguio – estranho, até – quando fui cumprimentá-la, deslizando minha mão para a parte de trás de seu pescoço fino antes de me abaixar para beijar aquela linda boca rosa.

Ela tinha gosto de limonada e Emma, um sabor que eu não conseguia detalhar, mas que estava rapidamente se tornando meu favorito. Ela cantarolou de prazer quando eu me afastei com um último carinho prolongado.

— Estou morrendo de fome — eu disse a ela com a voz rouca. Eu estava faminto por ela. E ela sabia disso. Seu rosto era muito expressivo. Quanto a mim, eu consideraria isso um risco, mas com Emma, eu

ansiava por observá-la, descobrindo o que ela estava pensando apenas pela forma como as curvas delicadas de seu rosto se moviam.

Mas eu também estava enfraquecido. Então me sentei e deixei que ela me servisse, sabendo que ela também teria prazer em fazer isso. Eu entendia. Alimentar as pessoas – agradá-las com comida – era satisfatório em um nível profundo.

A oferta de Delilah cintilou na minha cabeça, fazendo com que meu pulso acelerasse um pouco com batidas ansiosas. Houve um tempo em que me perguntei se deveria me tornar chef de pâtisserie como Jean Philipe. Mas esse não tinha sido seu sonho para mim. Ele nunca tinha realmente conseguido me ver jogar. O que ele pensaria de mim agora? Debatendo-me sem direção. Ele teria odiado isso.

Com o estômago tremendo, dei a Emma o que provavelmente foi um sorriso falso enquanto ela colocava uma tigela na minha frente.

— Obrigado, Snoopy.

Ela se sentou ao meu lado e começou a comer, seu olhar disparando para mim com clara hesitação.

— Você está bem?

Ela alegou que viu força quando olhou para mim, mas eu senti como se tivesse apenas mostrado a ela fraqueza.

— Estou bem. — Outro sorriso falso apareceu em meus lábios. — Especialmente depois do seu... como estamos chamando isso? Remédio?

— Eu estava indo com *boquete* — Emma rebateu com um sorriso atrevido.

— Estou bem com isso. — Comemos em relativo silêncio, e deixei que ela mexesse comigo, trazendo fatias de pão e um copo de limonada para mim. Porque isso a deixava feliz. E uma Emma feliz brilhava com uma luz interior que eu não conseguia tirar os olhos.

Esperei até ela lavar os pratos, observei sua bunda empinada flexionar e se mover sob a cobertura fina da minha camisa enquanto ela se curvava para colocar as tigelas na máquina de lavar. Quando ela se aproximou novamente, enganchei meu braço em volta da curva de sua cintura e a coloquei no meu colo.

Ela veio de boa vontade, rindo um pouco, como se estivesse assustada. Seu peso se acomodou em minhas coxas, quente e firme.

Minhas mãos encontraram os globos suculentos de sua bunda, e eu dei um aperto apreciativo enquanto a puxava para mais perto. Que eu pudesse tocá-la agora era um presente. Um sonho.

As mãos de Emma pousaram no meu peito. Eu senti aquele toque no centro de mim.

— Ei — eu sussurrei, sorrindo enquanto a beijava suavemente, levemente. Um pequeno olá. Um gostinho.

Eu senti seu sorriso contra o meu.

— Ei.

Eu a beijei novamente. Um agradecimento.

— Obrigado por cuidar de mim, Emma.

A concessão valeu a pena, só para ver como seus olhos brilharam de felicidade.

Suas mãos afundaram em meu cabelo.

— De nada, Lucian.

Eu queria fazer amor com essa mulher. Levar o meu tempo, aprender seus segredos, o que a faz suspirar, o que a faz clamar por misericórdia.

Minha boca se moveu sobre a pele acetinada de sua bochecha até a curva do seu pescoço. Ela estremeceu, inclinando a cabeça para me dar acesso, as pontas dos dedos empurrando mais fundo no meu peito. Ela cheirava bem, doce. Os inchaços de seus seios roçaram meu peito e minha respiração acelerou, minhas mãos agarrando sua bunda com mais força.

Carente. Ela me deixou carente. Me desmontou de maneiras que eu não poderia prever.

Eu amei. Odiei. Mas eu não parei de beijá-la, minha língua deslizando para fora para provar sua pele.

Emma estremeceu de novo, balançando em mim, seus dedos enfiando pelo meu cabelo.

— Lucian?

— Hum... — Minhas pálpebras baixaram enquanto eu roçava a cavidade da sua garganta.

— Eu quero te perguntar uma coisa, mas tenho medo que você fique chateado.

Suas palavras se incrustam sobre minha pele, me deixando imóvel. Então eu respirei, fingi que meu pulso não tinha disparado. Mas ela provavelmente sentiu, tão perto quanto ela estava.

Mais interessado em beijar do que falar, eu arrastei meus lábios de volta até sua mandíbula.

— Isso soa muito como armadilha, querida.

— Isto é. — Ela beijou minha testa. A crista da minha bochecha. — Mas também estou falando sério.

Tinha duas opções. Recuar ou ceder. Dado que este último me permitiria continuar a tocá-la, cedi.

— Pergunte, então. — Eu belisquei ao longo da linha graciosa de sua garganta. — Vou descontar no seu pescoço.

Um som divertido zumbiu sob sua pele.

— Justo. Suas dores de cabeça. Você está vendo um médico?

Não fiquei surpreso. Nem mesmo desapontado – ela se importou o suficiente para perguntar. Eu ainda me sentia exposto. Fraco. Eu mantive meu tom neutro, minhas mãos ocupadas sentindo suas curvas maduras.

— Sim, Em. Estou sendo monitorado. Fui fazer um check-up na semana passada. Meu cérebro está se curando. Na verdade, parece muito bom. — Meu médico ficou impressionado e satisfeito com o quão bem eu me curei. — As dores de cabeça estão, na verdade, diminuindo de frequência. As enxaquecas tendem a surgir em épocas de estresse; isso é tudo.

A rápida expressão de horror de Emma me fez fazer uma careta.

— Deus, Luc...

— Eu não quis dizer você...

— Você ganhou uma quando me conheceu. E novamente quando nós... — Ela corou, aflita, seu olhar disparando sobre meu rosto. — Eu estresso você?

Eu a segurei com firmeza, meus olhos nunca deixando os dela.

— Em, não. Ok? A palavra *estresse* é equivocada. A noite passada era algo que queria desde que te conheci.

Ela suavizou um pouco, mas a preocupação permaneceu, e eu dei um leve aperto nela.

— Foi... Não sei como explicar. — Eu soltei um suspiro. — Foi emocionante. Altos e baixos emocionais podem me derrubar; isso é tudo.

Emma parecia que ia discutir, e eu a interrompi com um beijo leve.

— Eu estou bem, Snoopy. Eu prometo. — Eu queria me concentrar em outras coisas agora, como levá-la para cama. Mas ela segurou minha cabeça e encontrou meu olhar.

— Eu juro, Em. Eu não vou quebrar se nós...

— Eu sei. Só estou feliz. Ok? Eu estou... muito feliz que você esteja bem e seguro. — O olhar terno em seus olhos e a maneira como sua voz engatou envolveu-se em torno de mim, encheu minha cabeça e a deixou tonta. Se eu não estivesse sentado, poderia ter cambaleado. Nós nos conhecíamos há pouco tempo. Eu não deveria sentir tanto assim tão rápido. Nem ela. Ela sentia? Eu não tinha certeza.

A incerteza e a vulnerabilidade me fizeram falar sem pensar.

— Eventualmente eu vou curar completamente. E então... — Merda. Eu não queria ir lá. Era muita informação. Muita exposição.

Emma franziu a testa.

— E então?

Estava na ponta da língua escapar com uma piada. Mas eu queria dizer a ela, testar as águas, talvez. Ou talvez apenas deixar as palavras em aberto. Segurando seu olhar, sentei-me na cadeira, mantendo minhas mãos levemente em seus quadris. Eu disse a Emma algo que não tinha falado para ninguém fora das conversas com meu médico, treinadores e ex-treinador.

— Eu poderia esperar, me curar e voltar.

— O quê? Você... você faria isso? — Ela parecia horrorizada.

— Às vezes, eu penso sobre isso. Inferno, eu sonho com isso. Mas penso em Jean Philipe, o que minha família passou, a casca de um homem que ele se tornou. Eu não faria isso com minha família novamente.

Eu dizia isso a mim mesmo todos os dias. Mas nos cantos mais sombrios da minha alma, estava tentado. Tão foddidamente tentado.

O toque da mão de Emma na minha bochecha me trouxe de volta ao presente.

— Obrigada — ela sussurrou, seus dedos roçando ao longo da minha têmpora, como se ela pudesse de alguma forma acalmar meu cérebro machucado. — Por cuidar desse cérebro. Acho que gosto muito disso.

Bem aí, eu estava perdido. Eu não estava preparado. Minha vida estava uma ruína, incerta e instável. E ela entrou com seu sorriso de luz das estrelas, impenitente, me desafiando a cada passo. Me dizendo que eu ainda valia alguma coisa. Que eu significava algo. Para ela.

Isso me assustou pra caralho. Porque eventualmente ela veria que eu era um homem vivendo uma meia vida.

Eu agarrei o topo de suas coxas lisas, como se elas pudessem me firmar, mas eu ainda sentia como se o fundo estivesse caindo para fora do meu mundo.

— Em...

— Titou? — O som da voz da minha avó na porta, seguida de perto por uma batida, nos fez congelar em algo próximo ao horror. — Você está aí?

— Puta merda, é Amalie. — O sussurro estridente de Emma cortou o silêncio tenso, e ela pulou do meu colo, praticamente dançando em pânico. — O que nós fazemos?

Eu gaguejei uma risada.

— Esconder?

— Lucian! Isso é sério. Estou na sua camisa. — Ela gesticulou para baixo, atraindo meus olhos para suas pernas nuas. Eu tive minha mão sobre elas por um tempo muito breve. — Merda. Onde está meu vestido?

Ela foi para o quarto, então olhou para mim por cima do ombro enquanto eu ria – eu não pude evitar; ela era adorável em seu estado pirado.

— E coloque uma camisa.

— Por que você não me joga a que está vestindo?

Em vez disso, ela me mostrou o dedo.

— Titou? Eu sei que você está aí.

— Você acha que ela pode nos ouvir respirando? — Sussurrei no ouvido de Emma enquanto ela se apressava de volta para o quarto,

puxando seu vestido de verão sobre seus lindos seios antes de empurrar uma camisa no meu peito nu.

Apesar do olhar sufocante que ela me deu, ela começou a rir.

— Deus. Quantos anos nós temos?

Ignorando a camisa, agarrei-a pela cintura e puxei-a para mais perto, dando um beijo na curva de seu pescoço.

— Por que você está pirando?

— Porque... — Ela ergueu uma mão indefesa e acenou. — É rude com Amalie eu estar...

— Chupando o neto dela?

— Oh meu Deus. — Ela socou meu braço com horror, mesmo enquanto seus olhos faiscavam de diversão. — Você estava doente!

— Titou! — Amalie parecia afiada agora, irritada por eu não ter respondido.

Eu me virei para fazer exatamente isso, quando a porta chacoalhou e então começou a abrir. Eu virei meu olhar de volta para Emma.

— Você não a trancou!

Merda. Meu cabelo estava bagunçado desordenadamente, eu não estava usando uma camisa e Emma ainda estava meio vestida. Ela sorriu com razão com o pânico em meus olhos.

— Algo errado, torta de mel?

— Ela será implacável. — Eu coloquei Emma de lado tão cuidadosamente quanto pude para alguém correndo para chegar à porta antes que a pudesse abrir totalmente, pulando sobre um dos meus sapatos e contornando uma cadeira. Mas era tarde demais. Minha avó valsou para dentro de casa com um olhar completamente falso de surpresa em seu rosto quando ela viu a cena.

— Bem — disse ela expansivamente —, agora eu entendo por que você não respondeu antes.

Lá estava eu, totalmente corado na frente da minha avó. Foi carma, vingança por provocar Emma. Eu podia sentir Emma simplesmente à minha direita, seu silêncio falando alto na minha cabeça. Eu sabia que se me virasse e pegasse seu olhar, veria “Olha quem está rindo agora, idiota” em seus olhos.

Minha mandíbula apertou.

— Mamie. Você precisa de algo?

O olhar de Mamie mudou de mim para Emma e vice-versa.

— Oh, nada realmente. Nada sério o suficiente para perturbar vocês dois agora. — Ela bateu palmas, os anéis pesados em seus dedos tilintando. — Oh, mas isto é maravilhoso. Eu esperava que isso...

— Estávamos apenas almoçando — interrompi.

Eu quase pude sentir Emma enrijecer. E estremeci internamente. Apesar de todos os seus protestos, não achei que ela gostasse de ser relegada em “*apenas almoçando*”.

Os lábios de Mamie se curvaram maliciosamente, me dizendo exatamente o que ela pensava da minha desculpa triste.

— É assim que vocês jovens estão chamando hoje em dia?

Deus. Recusando-me a me contorcer, estreitei meus olhos para ela. Mamie apenas sorriu.

— Bem, então — disse ela. — Vou deixar vocês dois juntos para... comer. — Ela nos deu um aceno de cabeça majestoso e então nos deixou sozinhos, fechando a porta silenciosamente atrás dela com um clique definitivo.

Por um longo momento, nenhum de nós falou. Então a voz musical de Emma, tingida de ironia, pairou sobre o silêncio denso.

— Só almoçando, hein?

Estremecendo, eu a encarei. Ela estava ao lado da mesa, o cabelo despenteado, os lábios ainda ligeiramente inchados dos meus beijos, os olhos brilhando de humor ou irritação. Era uma disputa.

Inferno. Eu precisava explicar.

— Eu...

Emma começou a rir.

— Deus. Isso foi horrível. Eu me senti como uma garota de quinze anos pega no quarto de um garoto.

Um sorriso apareceu na minha boca.

— Penetrou nos quartos de muitos meninos, não foi?

— Infelizmente, não. Eu era uma pessoa caseira desajeitada que não teve um encontro até a faculdade. Mas eu sonhei com isso.

Eu não conseguia imaginar uma época em que não quisesse Emma.

— Se tivéssemos nos conhecido na adolescência, eu teria convidado você para o meu quarto. Ou rastejado para dentro do seu.

— Não, você não teria — ela disse com segurança irreverente. — Você nem teria me notado.

— Eu também teria. Como você pode dizer isso? — Eu não sabia por que estava discutindo hipóteses com ela, mas era melhor do que me concentrar no pânico raivoso que senti quando Amalie nos encontrou juntos.

— Você era um dos caras populares, não era? — Ela me olhou, como se me visse mais jovem. — E provavelmente mais gostoso do que você precisava ser.

— Bem, eu não sei se *gostoso*, mas tudo bem, eu era popular. — Mudei meu peso, esfregando minha nuca. — Foi o hóquei. E beisebol.

— Você jogou os dois?

— Eu era um apanhador. Mas o beisebol era secundário. Eu precisava de algo para me manter em forma durante os meses de folga.

— Estou surpresa de que você tinha tempo para meninas. — Ela não se moveu de sua posição ao lado da cadeira. A luz da lâmpada que ela acendera em deferência à minha enxaqueca lançava um brilho dourado sobre seu ombro.

Eu me vi movendo em direção a ela, puxado pela necessidade de tocar aquela pele macia, sentir as curvas suaves de seu corpo.

— Eu tinha tempo para elas. Provavelmente demais.

Quando a alcancei, ela cedeu, fluindo em meus braços com um suspiro. Seu cabelo tinha o cheiro do meu shampoo, mas sua pele carregava sua própria fragrância, quente e única, viciante. Eu me aninhei mais perto dela, respirando fundo.

— Eu teria notado você.

Seus dedos percorreram meus ombros.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque não consigo conceber uma situação em que não o faria. — As palavras saíram precipitadas em sua honestidade. Eu não era de falar sobre sentimentos ou *necessidades*. Fechei os olhos e engoli em seco, mais uma vez atingido com a sensação desconfortável de queda livre. O problema era que segurar Emma só tornava as coisas piores. Quanto mais perto ela ficava, mais eu precisava.

Eu perdi muito para perder mais.

— Amalie parecia muito satisfeita — disse Emma secamente.

Eu engoli novamente, lutando para encontrar minha voz.

— Você sabe que ela está tentando nos juntar desde o início. — E caramba, eu provei que minha sagaz avó estava certa. Ela definitivamente se gabaria disso. *Eu não ficaria surpreso se ela começasse com a história de bisnetos agora.* — Ela estava convencida de que éramos a resposta para todos os nossos problemas.

Emma bufou, mas foi sem rancor – apenas diversão simples.

— Ela é uma romântica. Algumas pessoas pensam que o amor conserta tudo.

Amor.

Uma onda de frio úmido percorreu minhas costas, e palavras saíram da minha boca descontrolada.

— Não se preocupe. Vou deixar claro que estamos apenas passando o tempo.

Emma se afastou, como se tivesse sido picada, uma carranca se formando entre suas sobrancelhas.

— Passando tempo.

— Bem, eu não vou colocar dessa forma. Ela é minha avó. Mas vou deixá-la saber que não é sério.

A linha minúscula entre suas sobrancelhas se aprofundou.

— Certo. Não é sério.

Porra. Isso estava indo mal, e rápido. Mas eu não conseguia parar. Ou calar a merda da boca.

Esfreguei minhas mãos sobre sua pele, tentando acalmá-la mesmo enquanto eu entrava em pânico.

— Você sabia desde o início que eu não estava procurando um relacionamento. Eu não planejei isso. Eu não esperava... você.

— Eu não estava esperando você também. Pensei em sair de férias, ler alguns roteiros e recuperar o sono.

Minhas mãos não conseguiam se firmar. Elas continuaram se movendo sobre sua pele acetinada como se fosse minha última chance de senti-la. E podia ser. Porque eu não conseguia manter minha boca fechada.

— Essa é a coisa, Em. Você está de férias. Quanto tempo mesmo você vai ficar?

Emma deslizou para longe. Eu senti a perda imediatamente, meu corpo ficando frio. Enfiei minhas mãos nos bolsos para não alcançá-la. Cada célula egoísta do meu corpo fortemente ferido protestou.

Ainda carrancuda, ela se encostou no balcão da cozinha.

— Não sei. Um mês, talvez. Amalie não me deu um prazo.

— Você não precisa de um. Jesus, Em, não estou tentando afastar você. Estou tentando apontar que não é sério para nenhum de nós.

— De novo com *seriedade*. Como se a própria ideia fosse horrível.

— Bem... — *Merda. Cale a boca, Oz.*

Seu olhar se tornou penetrante.

— É porque eu disse a temida palavra com A?

— O quê? Não. — *Talvez. Porra.*

— Eu só quis dizer isso em termos de romance e idealismo — ela continuou, na defensiva e corada.

— Eu sei disso. Não estou pirando porque você pronunciou a palavra com A.

Ela bufou alto.

— Você nem consegue dizer isso.

— Nem você — eu apontei, então imediatamente vacilei, sabendo que soava como um idiota petulante. Seu olhar repressivo dizia que ela concordava.

— Merda. Não é isso... — Passei a mão pela boca, sentindo a barba por fazer crescer. — Honestamente, querida, eu não sei o que diabos estou dizendo. Além de você estar indo embora, eu estou... Eu não sei nada sobre relacionamentos...

— Você estava noivo — ela disse com alguma aspereza. — Acho que você sabe um pouco sobre o processo.

— Essa é a pior parte disso. Quando ela foi embora, percebi que não fiz merda nenhuma nesse relacionamento. Ela cuidava de tudo como se ela fosse... — Eu levantei a mão, lutando. — Uma anfitriã, alguém lá para garantir que eu nunca sofresse um momento de desconforto.

— Jesus.

— Não tenho orgulho disso. Tenho vergonha de não ter percebido que era assim até que acabou.

A voz de Cassandra tremulou em minha mente: *Achei que você fosse mais do que hóquei, Oz. Vejo agora que você não era.*

Eu não queria pensar em Cassandra. Não com Emma olhando para mim com mágoa em seus olhos. Foi um golpe ver sua decepção. Mas eu não podia mentir para Emma.

— Eu não quero repetir isso.

— Bom, porque você não conseguiria isso comigo.

— Acredite em mim, Snoopy, eu sei. Acontece que sou praticamente um destroço ambulante agora. Eu cometo erros o tempo todo.

Deus, foi como se eu tivesse dado um tapa nela. Emma se afastou de mim como se ela precisasse colocar o máximo de distância possível entre nós.

— Você se arrepende do que fizemos.

— Não! Porra, não. — Eu estendi a mão para ela, mas o olhar duro em seu rosto me fez hesitar. — Eu quero você, Emma. Mais do que quis qualquer mulher. E esse é o problema. Se tivermos um ao outro, será intenso. E você pode esperar... para todo sempre.

Lentamente, ela assentiu, mas era como se ela não estivesse realmente lá. Alguma parte dela recuou de uma maneira que eu não tinha visto antes. Eu odiei isso.

— Você está certo — disse ela. — Não sobre para sempre. Eu não estou sentada aqui esperando você professar seu amor eterno ou algo assim. Mas eu esperava mais do que "apenas passando tempo". — Ela soltou uma risada monótona de dor. — Eu pensei que nós... Eu não sei, pelo menos tentar algo sério.

— Em...

— Mas isso é por minha conta. Estou sempre construindo castelos no ar, apenas para descobrir que não há nada sólido em que confiar.

Colocado nesses termos rígidos, eu não poderia discordar. Inferno, era o que eu estava tentando articular. Não impediu a decepção de comer em minhas entranhas. Eu fui um idiota por falar sobre isso. Eu deveria tê-la levado para a cama e me preocupado com os detalhes mais tarde.

E porque eu era um cara, um idiota ganancioso que acabara de perceber seu erro, cometi um ainda maior.

— Nós ainda poderíamos...

— Nos divertir? — ela forneceu, franzindo os lábios. — Fodermos, sabendo que não vai a lugar nenhum.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim. — Merda. *Cale a boca, seu idiota.* Mas eu não fiz. — Sexo não tem que significar tudo.

Sua expressão azedou.

— Mas vai, Lucian. Com você, vai. — Ela ergueu o queixo, seu corpo inflexível e se afastou de mim. — Sinto muito se isso te deixa desconfortável...

— Não deixa. — Cristo, ela era um presente. E eu a joguei fora. Dei um passo em sua direção, um pouco desesperado sabendo que a estava perdendo.

Mas ela já estava recuando.

— E pode ser fácil para você manter as emoções fora disso...

— Esse é o ponto, Em. Eu também não posso. Não com você.

Um sorriso triste apareceu em seus lábios exuberantes.

— Não, *esse* é o ponto. Você sabe que isso pode ser algo mais, e você não quer isso.

Quero isso. Eu apenas não mereço. Eu vou quebrar você. Como eu estou quebrado.

— Eu não quero machucar você.

Seu sorriso se transformou em algo dolorido.

— Não se preocupe. Você parou antes que isso pudesse acontecer.

Com uma inspiração audível, ela passou a mão pelos seus cabelos, como se estivesse se recompondo.

— Eu estou indo.

— Não. — Flexionei meus dedos, tentando descobrir como salvar algo entre nós, tentando não alcançá-la. Ela foi minha por tão pouco tempo. Não o suficiente.

É o melhor. Faça isso por ela.

— Ainda podemos sair — eu tentei, me encolhendo mesmo quando disse isso. — Seremos...

— Amigos? — Ela balançou a cabeça, olhando para mim como se eu fosse estúpido. — Receio não poder ser amiga de alguém com quem

quero foder.

— Inferno, querida, você está me matando aqui.

Mas ela não sorriu; seus olhos estavam opacos, aquela boca bonita que eu não tinha provado o suficiente em uma linha reta.

— De alguma forma, acho que você vai sobreviver.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Emma

Não aceitei bem a rejeição de Lucian. Alguém poderia pensar que os anos de luta para ter sucesso no trabalho mais difícil do mundo teriam me tornado imune à rejeição. Eu tinha ouvido *não de* tantas maneiras, em termos tão ásperos, que deveria ter sido fácil ouvir mais um.

Mas isso era esperado na atuação. Você levava as suas pancadas e continuava. Você erguia a cabeça quando diziam que você era muito baixa, muito gorda, muito achatada, muito jovem, muito velha. Você dizia a si mesma que aguentava essa merda porque havia ouro no final do arco-íris. Alguns dias isso funcionava. Alguns dias isso não acontecia.

A rejeição de Lucian, entretanto, foi uma coisa totalmente diferente. Foi um chute nos dentes, um soco no meu peito. Isso machuca.

O pior de tudo era que ele foi o responsável na sala, o adulto. Eu tinha esquecido tudo sobre onde eu estava, quem eu era, quem ele era. Nada disso importava. Eu simplesmente o queria. Mas ele estava certo, eu estava de férias e ele não queria nem mesmo tentar um relacionamento. Melhor deixar isso claro antes que todo tipo de emoções confusas se envolvessem.

Eu não poderia fazer sexo casual com ele. Eu sabia tanto quanto ele. Então eu menti e disse a ele que não estava machucada. Mesmo quando a bola fria de rejeição e arrependimento cresceu em proporções épicas em meu peito.

Ela cresceu em tamanho e peso quando acordei e encontrei outra cesta de café da manhã na minha porta. Lucian tinha feito tudo dessa vez, incluindo minhas frutas favoritas, perfeitamente maduras, fatiadas

e moldadas em arranjos que pareciam flores desabrochando. Iogurte fresco, espesso e cremoso com um fio de mel dourado e nozes torradas. Quatro tipos diferentes de compotas e, claro, os pães. Uma variedade de pequenos pães doces e salgados para eu escolher.

Enviei a cesta de volta intacta. Era mesquinho, mas eu não tinha apetite. Nem conseguia me obrigar a comer sua comida. Eu simplesmente não consegui. Isso doeu muito. Deixou-me com raiva também. Eu não queria seu cuidado dessa forma. Não se eu não pudesse ter o resto dele.

Vê? Mesquinho.

Mesquinha não. Cautelosa. Você tem que proteger a si mesma.

Eu bufei com isso e fiz um pouco de café – não tão bom quanto o *dele* – engoli e então fui falar com Amalie. Eu tinha que dizer a ela que estava indo embora. Eu não podia mais ficar em Rosemont.

Amalie mandou uma mensagem dizendo que estava na sala vermelha. Ela amavelmente incluiu um mapa da casa, o que me fez sorrir. A casa principal de Rosemont era enorme, mas com proporções graciosas que a faziam parecer, bem, não aconchegante, exatamente, mas confortável.

Fiz meu caminho pelo terraço dos fundos. A luz do sol manchada brilhava sob as árvores de teca enfeitadas com glicínias roxas que pendiam como uvas no alto. Cada cômodo que ficava na parte de trás da casa tinha um enorme conjunto de portas de vidro, todas abertas para permitir a entrada de ar fresco.

Finalmente, encontrei Amalie em uma bela sala que poderia muito bem ter sido ambientada na Espanha colonial, com suas vigas de madeira expostas, ladrilhos espanhóis pintados à mão em azul e dourado, e paredes de gesso suavemente gastas. Amalie estava recostada em um grande sofá de pelúcia revestido na cor damasco creme. Como uma rainha, ela acenou para mim com um giro gracioso de seu pulso.

— Querida menina, eu tenho te negligenciado, não tenho?

— Nem um pouco — eu disse, sentando ao lado dela. Na mesa de centro quadrada de carvalho envelhecido, havia uma bandeja de prata com café da manhã para dois. Meu estômago embrulhou doentivamente, apertando em protesto enquanto minha boca enchia de água. Maldito

homem; ele treinou minhas papilas gustativas tão bem que eu temia nunca estar livre de querer outra mordida.

— Venha. — Amalie se inclinou para frente e pegou uma delicada xícara de café, rosa com bordas douradas. — Vamos comer e conversar. — Ela fez uma pausa, como se um pensamento lhe ocorresse. — A menos que você já tenha comido?

— Eu comi — eu menti. Eu estava com fome e queria desesperadamente comer, mas reconheci o trabalho de Lucian. O café da manhã de Amalie era um pouco diferente do meu: frutas simplesmente colocadas em tigelas – sem formato de flor aqui – pãezinhos crocantes em vez de uma variedade de pães doces, e fatias de ovos cozidos e presunto. A diferença entre seu café da manhã utilitário e o meu extravagante fez coisas engraçadas em meu interior.

Para meu horror, um estrondo não tão sutil veio de algum lugar próximo ao meu estômago. Com as bochechas quentes, ignorei o som e dei a Amalie um sorriso de desculpas.

— Eu adoraria um pouco de café, no entanto. — Deus, isso foi fraco. Maldito apetite traidor.

Felizmente, Amalie não fez nenhum comentário enquanto servia uma xícara para cada uma de nós e depois se acomodou com um suspiro.

— Então, o que está em sua mente? Perdoe-me por dizer isso, mas você parece chateada. — Seus olhos verdes claros, tão desconfortavelmente semelhantes aos de Lucian, me estudaram. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu...

— Mamie — veio uma voz familiar profunda do corredor. — Eu estou indo para a loja...

Lucian entrou na sala e parou ao me ver, suas palavras cortando para um silêncio mortal. Presa no lugar pelo seu olhar vazio, eu só conseguia olhar para trás, meu coração batendo forte em batidas agitadas. Era injusto o quão bonito este homem era para mim. Não perfeito, nem impecável, mas bonito do mesmo jeito.

Agora eu sabia como ele era contra minha pele, em minha boca. Eu conhecia a expressão que ele fazia quando gozava, conhecia os sons – aqueles gemidos agonizantes e profundos de prazer – que ele emitia. E

ele sabia o mesmo de mim. Ele me reduziu a uma bagunça ofegante e necessitada apenas com sua boca e mãos.

O conhecimento pairou entre nós como fumaça, espessa e sufocante. Nós nunca faríamos nada daquilo novamente. Estava acabado antes mesmo de começar.

Como se o pensamento exato fosse filtrado por sua mente, o olhar de Lucian se aprofundou com o que parecia arrependimento – ou talvez um pedido de desculpas. Ou talvez fosse o que eu queria ver. Eu não sabia mais.

Ele engoliu em seco, sua garganta trabalhando; então ele piscou, como se quisesse sair de uma névoa.

— Olá.

Não houve mal-entendido com quem ele estava falando.

Meus lábios pareciam dormentes e desajeitados quando respondi.

— Olá.

Adorável. Fomos reduzidos a isso.

Ele grunhiu, mudando seu peso, um homem decidindo se era melhor ficar ou fugir de cena. Ele criou coragem, colocando as mãos baixas nos quadris.

— Você não comeu seu café da manhã.

Meu olhar se estreitou, um aborrecimento queimando por mim.

— Não, eu não fiz.

O inferno que eu daria a ele uma desculpa. Mas eu estava ciente demais de que Amalie estava sentada ao meu lado. E enviei a Lucian um olhar rápido. Como ele se atreve a me dedurar na frente de Amalie. Ele devolveu meu olhar com uma teimosia absoluta, como se ele pudesse de alguma forma querer que eu comesse sua comida. Que pena. Esses dias acabaram.

Ele piscou novamente, e eu tive a estranha sensação de que ele estava absorvendo um golpe. Mas então, sua expressão se transformou em pedra, e sua atenção foi para sua avó.

— Recebi sua nota sobre vinhos. Você precisa deles para hoje?

Amalie, que permanecera pensativamente quieta durante nossa troca, animou-se mais uma vez.

— Sim, meu querido. Se você puder fazer a gentileza. — Eu não tinha ideia do que eles estavam falando, nem me importava. Eu não iria

mais me meter em suas vidas. — Tina tem pedido para sair. Talvez você pudesse levá-la junto?

Lucian olhou para mim, e aquela breve atenção iluminou minha pele. Mas ele não se demorou. Ele focou em Amalie, o único sinal visível de que eu estava na sala traído pela linha dura de sua mandíbula. Eu me tornei um aborrecimento para ele tanto quanto ele era para mim.

— Vou levá-la. — Novamente, ele olhou para mim, como se quisesse dizer algo. Mas ele não fez isso. Não para mim. — Volto em algumas horas, então.

Ele hesitou, pairando no limiar da sala, ombros largos rígidos. E uma sensação aguda de tristeza me deu um tapa. Por um breve tempo, eu coloquei os olhos neste homem, e me fez sentir viva saber que eu podia provocá-lo, que ele daria o melhor que pudesse. Que eu poderia aliviar a escuridão em seus olhos.

Agora, ele simplesmente deixou seu olhar deslizar sobre mim, impessoal, retraído.

— Emma.

— Lucian. — Saiu tão forçado que me encolhi por dentro. Mas mantive minha expressão neutra. Educada, até. E foi uma merda.

Trocamos os mais estranhos acenos de cabeça e ele saiu, tirando toda a vida da sala. Era por isso que eu tinha que ir. E era por isso que ele estava certo; teria sido pior se tivéssemos ido mais longe. *Eu deveria agradecê-lo por isso.*

Mas eu ainda não conseguia. Ainda não.

Amalie esperou um minuto, talvez para ter certeza de que Lucian estava bem fora do alcance da audição, antes de se virar na minha direção. Eu me preparei para suas perguntas, mas ela simplesmente tomou um gole de café.

— Então, quais são seus planos para o dia?

Eu afundei no canto do sofá.

— Aluguei um carro para dirigir até Los Angeles.

Suas sobrancelhas pretas perfeitamente desenhadas a lápis se arquearam.

— Todo o caminho para LA?

— Sim. Eu preciso começar a procurar uma casa. Pensei em dar uma olhada em algumas das propriedades. Talvez passe o fim de

semana lá. — Prefiro me hospedar em um hotel por algumas noites do que saber que Lucian está por perto.

— Hum. — Ela tomou um gole de café.

Oh, ela estava na minha cola. Recusei-me a ficar inquieta.

— Quanto mais cedo eu estiver instalada em um novo lugar, mais cedo poderei sair do seu pé.

Amalie pousou sua xícara com um clique suave.

— Minha querida, você não está "no meu pé", mas nunca se deve esconder das coisas importantes da vida. Colocar sua casa em ordem é uma ideia maravilhosa.

Foi um sinal claro de que eu estava uma bagunça que me senti estranhamente desapontada com sua concordância rápida. Desapontada e desconfortável. Ela não tinha perdido o quão estranho Lucian e eu estávamos na presença um do outro. Era horrível pensar que ela poderia ter pensado que eu o machuquei e queria que eu me afastasse de seu neto o máximo possível.

Fiquei de pé sobre pernas que não eram tão firmes quanto gostaria.

— Vejo você em alguns dias.

Num impulso, inclinei-me e beijei sua bochecha macia, que cheirava a Chanel N°5.

— Obrigada por tudo, Amalie.

Ela acariciou meu braço.

— Ah, minha querida menina, obrigada por vir aqui. Faça o que for preciso. E nos veremos em breve.

Eu fiz todo o caminho até as portas que levavam ao terraço, quando suas palavras seguintes me pararam.

— Apenas se lembre, não importa o quão longe você vá, você sempre estará onde seu coração está.

As palavras me atingiram como dardos, e fechei meus olhos brevemente, de costas para ela. Meu coração estava no meu peito. Bem onde ele pertencia, droga. Eu repetiria isso até acreditar.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Lucian

— Você parou de piscar — disse Brommy, interrompendo meus pensamentos. — E é assustador.

Sentamos nas espreguiçadeiras, bebendo cervejas à beira da piscina enquanto o sol se punha. Em algum momento, parei de ouvir a conversa desconexa de Brommy e, aparentemente, parei de piscar.

Eu desviei meu olhar da água e cortei-o com um olhar furioso.

— Sim, bem, é assustador que você esteja olhando para mim por tempo suficiente para saber.

Ele bufou e então deu um gole em sua cerveja.

— Cara, estou falando há dez minutos sem uma resposta verdadeira de você. Em um ponto, eu até perguntei se você preferia depilação com cera ou gilete.

Fiz uma pausa no ato de tomar um gole.

— Eu respondi?

— Você grunhiu. — Ele bufou e colocou sua cerveja nos ladrilhos.
— O que houve, Ozzy? Você está com o humor pior do que nunca. Não, risque isso. Você está em um vazio. Um vazio estranho, e isso está me assustando.

Foi a preocupação real que ele tentou e não conseguiu esconder que me fez responder em vez de grunhir novamente.

— Só estou desligado hoje.

Desligado. Essa foi uma boa maneira de colocar isso. Desligado. Não dizimado.

Ver Emma esta manhã tinha me ferido profundamente. Eu pensei que poderia lidar com isso. Que eu seria capaz de encará-la com o

mesmo desapego com que enfrento a maior parte da minha vida agora. Que piada.

Eu dei uma olhada para ela e todo o ar havia deixado meus pulmões. Eu fiquei totalmente sem expressão, sem saber o que dizer ou fazer. Ela se sentou naquele sofá, cada centímetro dela tão sobrenaturalmente lindo que doía olhar para ela, cada centímetro seu remoto e bloqueado. O sorriso atrevido naqueles olhos azul-escuros se foi. Qualquer senso de familiaridade se foi. Parecia que eu havia perdido um membro.

E eu sabia que tinha calculado mal. Seriamente.

Eu não tinha me salvado de um potencial coração partido. Eu já estava apaixonado por essa mulher.

— Ela não comeu meu café da manhã.

— O quê? — Brommy franziu a testa em confusão.

Merda. Eu disse isso em voz alta. Esfreguei o ponto dolorido no centro do meu peito. Eu sabia que meu coração estava lá. Eu podia sentir cada batida dolorida. Mas ainda parecia frio e vazio.

— Emma — eu grunhi. Inferno, até mesmo dizer o nome dela doía.

— Ela recusou o café da manhã.

Brommy sentou-se um pouco mais ereto.

— Você está fazendo o café da manhã aqui?

Um rosnado ofendido saiu da minha garganta.

— Quem você achou que estava fazendo? — O homem me viu assar. Pelo amor de Deus, eu cozinhava para os caras o tempo todo. Houve um período de dois anos em que me chamaram de Bolo, o que não foi divertido.

Brommy encolheu os ombros fracamente.

— Na verdade, não pensei sobre isso.

Eu experimentei um desconforto momentâneo, me perguntando se era patético eu estar cozinhando e assando para todos. Eu não teria feito isso no ano passado. Oh, eu ainda teria assado, isso me relaxava. Mas eu não teria assumido o papel de alimentar a todos, dia após dia, em todas as refeições.

Mas agora, era algo para manter minha mente afiada e longe das coisas que é melhor ignorar. Infelizmente, isso não funcionou quando se tratou de Emma. Pensei nela a cada segundo que fiz seu café da manhã.

Coloquei todo o meu remorso e esperança de que ela estivesse bem com isso.

E ela o mandou de volta intocado.

Esfreguei meu peito novamente. Era minha maldita culpa.

A espreguiçadeira de Brommy rangeu quando ele se virou mais na minha direção.

— Ok, deixe-me ver se entendi. Você está olhando para o fundo da piscina porque preparou o café da manhã para Emma e ela não comeu.

— Não. *Não* é por isso.

— Você é um péssimo mentiroso hoje em dia, Oz. — Ele se inclinou para trás, esticando-se e ficando confortável. — Vocês dois ficaram no casamento, hein?

— O quê? — Eu exclamo. Merda. Eu *não* estava pensando nisso. Não podia pensar na pele macia de Emma, no formato de sua boca contra a minha. *Não. Não pense nessa porra.* — Como diabos você inventou isso?

Ele deu de ombros preguiçosamente.

— Não é um exagero. Você está ofegante por ela; ela claramente pensava que você era... — ele fez uma careta — atraente. Os casamentos são românticos, eu acho. Pelo menos parece deixar as pessoas com tesão.

— Jesus.

— E foi uma viagem para passar a noite. Vamos, Oz. — Seus olhos se encheram de humor. — Sou eu. Eu conheço você. Você transou com ela e...

— Nem mesmo vá por aí, Brom. Eu não *transei* com ela. Tudo bem. — Droga, eu queria. Eu deveria ter. *Eu sou o homem mais estúpido da terra.*

— Como quiser. — Ele encolheu os ombros novamente. — Sim, talvez seja melhor dizer isso, se ela está recusando sua comida agora. Deve ter sido... bem, inferno, isso acontece com todos nós em algum momento.

— O que acontece? — Eu perguntei sombriamente.

Seu sorriso era largo e maligno.

— Você sabe. — Ele ergueu o dedo indicador e então o fez cair.

Eu o encarei. Muito.

— Ouça, idiota. Eu não broxei. Não fizemos sexo porque... — O calor subiu pelo meu pescoço. Por que eu estava falando sobre isso com o Brommy? Porque eu não tinha mais ninguém. E por alguma razão, eu precisava tirar as coisas do meu peito. Eu ergui meus ombros rígidos. — Sem preservativos.

Ele fez uma pausa.

— Ah. Despreparado. Movimento de novato, garoto Ozzy.

— Estar preparado implica que eu esperava algo.

— Você honestamente não esperava? — Ele parecia genuinamente perplexo.

Eu bufei com sentimento.

— Acredite ou não, eu estava tentando manter distância.

— Por que porra você iria querer manter distância de Emma Maron? — Ele estava quase apoplético agora.

Passei a mão pelo rosto e joguei a cabeça para trás na espreguiçadeira.

— Eu não sei, Brom. Porque ela não é o tipo de mulher que fica só por uma noite?

— Não, ela não é — ele concordou sinceramente. — Ela é do tipo "Oh, graças a Deus, essa aqui gosta de mim. Vou aguardar e esperar que ela nunca perceba que eu sou um idiota."

— Obrigado. E isso vindo do Sr. Nunca Me Comprometo. — Brommy tentou apoiar meu relacionamento com Cassandra, mas foi bastante inflexível ao dizer que era uma má ideia propor em casamento.

— Ei, eu nunca disse nunca. Se eu encontrar uma garota que me faça sorrir em minhas horas mais sombrias, farei o impossível para mantê-la.

Meu peito cedeu. Emma era a única pessoa que conheci que poderia fazer isso por mim. O fato de que Brommy obviamente sabia era uma prova de quão obstinadamente teimoso eu tinha sido.

Eu passei minha vida inteira trabalhando para proteger aqueles que amava ou vivendo em busca de provar que sou o melhor em meu esporte. Eu era uma unidade independente. Eu não queria de qualquer outra maneira. Porque eu não sabia o que estava perdendo. Eu não conhecia Emma.

Eu engoli com dificuldade.

— Eu disse a ela que era um erro começar qualquer coisa. Que estávamos apenas passando tempo.

— Idiota. — Ele disse isso com simpatia.

Eu grunhi em concordância.

— Eu preciso falar com ela.

— Ela não está aqui. — A voz de Sal nos fez pular.

— Jesus — resmungou Brommy. — Como diabos você se move tão silenciosamente?

— Anos me escondendo. — Sal sentou-se na ponta da espreguiçadeira vazia ao meu lado. — É melhor bisbilhotar dessa forma.

— Eu amo como ele diz isso sem vergonha — Brommy me disse.

Eu estava prestes a concordar, mas então congelei.

— Espere. O que você quer dizer com ela não está aqui?

Sal cutucou uma unha.

— Ela se foi. No início da tarde.

— Ela se foi? — Eu me sentei direito. O sangue correu em meus ouvidos, meu batimento cardíaco acelerando. — Ela se foi?

— Repetir não tornará menos verdadeiro — Sal apontou, solícito.

— Sal.

— O quê? — Ele bateu os cílios para mim, e eu juro por Deus que estava a dois segundos de jogá-lo na piscina.

Ele deve ter visto isso, porque soltou um suspiro exagerado.

— Ela foi para Los Angeles pelo fim de semana para ver casas. Disse que quanto mais cedo ela encontrasse uma, mais cedo ela poderia sair do pé de Amalie.

— As expedições de esconderijo de mais cedo forneceram essa informação? — Perguntou Brommy.

— Não. Amalie me contou. Contamos tudo um ao outro. — Sal me deu um olhar significativo.

Eu olhei de volta. Mas meu coração não estava nisso. Não, meu coração estava tentando o seu melhor para sair do meu maldito peito ou rastejar para a minha garganta. Não parecia conseguir decidir.

Ela queria sair daqui. Por minha causa.

E por que não deveria, idiota? Você disse a ela que não estava interessado em nada real.

— Mas já é real.

Brommy e Sal olharam para mim preocupados.

— O que é? — Sal perguntou.

Eu esfreguei meu rosto.

— Nada. — Arrancando-me da cadeira, levantei-me e rolei meu pescoço, minha mente correndo à frente do jogo, vendo a imagem maior e todas as opções de jogo. Pela primeira vez.

— Sal — eu disse. — Você vai colocar essas habilidades furtivas em bom uso.

Ele se inclinou para trás e me lançou um olhar frio.

— Oh, irei?

Ele não estava me enganando. Eu conhecia o homem, e ele estava totalmente dentro.

— Sim. Faça uma mala para LA. Vou pagar pelo seu quarto.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Emma

— Todas as luminárias são feitas sob medida por artesãos locais — Remington, meu corretor de imóveis, apontou pela terceira vez enquanto caminhávamos pela casa.

Soltei um murmúrio necessário, meu coração não estava nisso, e continuei andando pela sala fria e alta, meus saltos batendo forte no chão de concreto.

— Este lugar não é a sua cara — disse Tate, minha atual colega de compras de imóveis, sem se preocupar em abaixar sua voz. — É frio demais.

— Frio? — As sobrancelhas loiras de Remington se ergueram em protesto. — Olhe para esta luz! Você tem o canal bem na sua porta. Você sabe como é raro encontrar uma boa casa no canal?

Estávamos em Venice, procurando casas aqui porque Remington me disse que era o lugar certo em Los Angeles. Talvez fosse. Mas não consegui entrar na busca. Minha cabeça estava pesada e meus ombros doíam. Eu queria uma bebida gelada e uma espreguiçadeira macia para me espreguiçar.

E quem sabe deliciar-se com um confeitiro lindo que encha sua boca com seus sabores e faça seu coração palpitar?

Não, isso não.

Irritada, passei a mão pelo cabelo, dedos arrastando pelo couro cabeludo em uma tentativa de fazer com que um pouco de sangue voltasse à minha cabeça.

— Tate está certa. Não é a minha cara. Mas estou exausta. Vamos encerrar o dia.

Remington não ficou feliz e atirou adagas em Tate quando ele pensou que eu não estava olhando. Mas Tate podia cuidar de si mesma. Ela soprou um beijo preguiçoso para ele e eu reprimi uma risada.

Tate era minha amiga mais antiga em Hollywood. Nós nos conhecemos como novatas em um teste para um comercial de cereais. Fui rejeitada porque era “muito loira da Califórnia”, apesar de ser nascida e criada em Fairfax, Virgínia; e muito baixa, apesar de ser uma das atrizes mais altas do grupo. E meu sorriso aparentemente parecia um convite para sexo. Tate riu muito sobre isso. Até que eles disseram que ela era muito peituda, mas perguntaram se ela consideraria pintar seu cabelo preto escuro para loiro.

Tínhamos ido almoçar para reclamar e concordamos que os diretores de elenco eram os idiotas mais detalhistas e sem noção do ramo. Eles não eram, realmente; eventualmente descobriríamos que havia produtores muito piores neste ramo estranho e problemático. Mas nosso vínculo havia se formado.

Agora, Tate enganchou seu braço no meu enquanto caminhávamos de volta ao hotel e estávamos envolvidas no papel de parede cafona verde-exuberante de folha de bananeira.

— Você vai encontrar algo — ela disse, dando-me um aperto em apoio enquanto encontramos o caminho através do jardim.

— Eu sei. Eu só estou cansada. — Abri a porta do bangalô extravagante que aluguei. Eu poderia ter ficado em um quarto simples. Eu poderia ter ficado com a Tate. Mas eu estava lambendo minhas feridas ao me cercar de um luxo que teria feito com que eu, jovem pobre de dinheiro, se encolhesse de horror.

Tate largou a bolsa na mesinha lateral e se jogou no sofá com um suspiro.

— Olá, Marilyn — disse ela para a foto em preto e branco de Marilyn Monroe. — Estamos em casa!

Eu dei meu próprio aceno para Marilyn, então me encolhi na outra extremidade do sofá.

— Você quer pedir alguns coquetéis? — Tate perguntou, olhando para mim. — Ou talvez ir para a piscina?

Sem piscinas. Eu não tinha certeza de quando iria de bom grado a uma novamente, mas não seria hoje.

— Eu estava pensando em tirar uma soneca. — Tirei meus saltos e mexi os dedos dos pés. Quando ela não disse nada, olhei para cima e encontrei Tate me olhando com uma carranca sombria.

— Você está bem? É a série?

Tate foi a única amiga com quem falei sobre ser cortada. Bem, além de Amalie, Tina e Lucian. Eu empurrei seu nome da minha mente. Ou tentei.

— Estou bem — menti. — E não é a série. Bem, na verdade não. Eu me acalmei sobre essas preocupações. — Porque um homem rude e bonito me segurou no escuro e me disse que não havia problema em chorar.

Meu peito apertou e eu me virei para longe, olhando cegamente para a expressão sensual de Marilyn. Alguém me disse uma vez que ser uma estrela é brilhar sozinha no céu noturno. Sempre admirada, sempre sozinha. Eu ri disso. Por que eu não poderia ter tudo?

Minha visão ficou turva e eu belisquei a ponta do meu nariz.

— Eu estou apenas...

Uma vibração aos meus pés me interrompeu quando uma mensagem apareceu no meu telefone. Visto que eu não queria desabar e chorar no ombro de Tate, puxei o telefone da minha bolsa.

Sal: Não acredito que você foi para LA sem mim!!

Sorrindo, eu balancei minha cabeça e digitei minha resposta.

Quem é e como você conseguiu esse número?

Houve uma pequena pausa.

Sal: Maligna Emma! E pensar, eu ia contar a vc sobre o vestido de baile vintage da Dior dos anos 50 da cor seda azul gelo que eu encontrei. No seu tamanho!

Ele mandou uma foto do vestido e eu respirei fundo. Era lindo.

— Puta merda — exclamou Tate, que era extremamente intrometida nos melhores dias e se inclinou para olhar por cima do meu ombro. — Quem é Sal, e se você não quer aquele vestido, diga a ele que eu quero.

Eu a cutuquei com uma risada.

— Ele é o assistente e estilista de Amalie. Ele é um amor e um especialista em todas as coisas da moda. — Eu disse a Tate tudo sobre

ficar com Amalie. Eu não tinha contado a ela sobre Lucian. Eu não pude. Ainda não.

Apenas o pensamento dele agora fez meu sorriso desaparecer. Eu sentia falta dele. Droga, eu não deveria sentir falta de um homem que mal conhecia.

Mas eu o conhecia. Não em extensão de tempo, mas em profundidade de caráter.

Eu balancei a cabeça e respondi a Sal.

Me perdoe, Sal! Ou nunca vou me perdoar! :)

Sal: Você só quer o vestido.

Sim. Mas suponho que você venha c/ o vestido?

Sal: Isso é insinuação, querida Emma?

Eu bufei.

Boa tentativa, Sally.

Sal: :P Eu já comprei o vestido. É seu.

Amo vc, Sal!!!

Eu olhei para Tate.

— Vou pegar o vestido.

— Cadela! — Ela fez beicinho por um segundo, então me cutucou com o dedo do pé. — Quando vou conhecê-lo?

Sal mandou outra mensagem antes que eu pudesse responder.

Sal: Então, onde você está hospedada? Por favor, me diga que é fabuloso. Deixe-me viver indiretamente através de vc.

Você vai gostar disso, então. Bangalô 1 no Beverly Hills Hotel.

Sal: O MARILYN!?! Sem MIM???

Eu ri e mostrei a mensagem a Tate.

— Oh, eu gosto desse cara — ela disse.

— Eu também. — Gostei de todos em Rosemont. Uma pontada de algo que parecia assustadoramente como saudade passou por mim. Eu respirei e expirei lentamente. Eu não poderia me apegar.

Sal mandou uma mensagem novamente.

Sal: Diga-me que você está saindo para a cidade e se divertindo!

Ah. Não. Eu posso arrastar minha bunda até o salão para jantar, mas é isso.

Sal: Chaaata!

Esta sou eu. Cochilando agora!

Eu me perguntei brevemente se ele iria me provocar sobre isso, mas ele não o fez.

Sal: Durma bem, bela Emma.

E isso doeu. Porque eu queria ouvir essas palavras de outra pessoa. Eu queria falar com *ele*. Eu só queria... *ele*.

— Ele tem razão. Você é chata. — Tate me cutucou novamente com o dedo do pé e eu o afastei. Ela fez um barulho de protesto. — Vamos sair.

— Não. — Eu larguei meu telefone. — Eu não posso. Eu... — Minha voz falhou e morreu.

O olhar de Tate se aguçou.

— Algo está acontecendo com você. Diga-me.

Estava na ponta da língua para negar isso. Mas as palavras borbulharam sem minha permissão.

— Oh, por onde começar?

— Pelo início.

— Acho que vamos precisar de bebidas para isso.

Ela já estava indo para o frigobar.

— Deixa comigo.

E então eu derramei meu coração. Mas isso não me fez sentir melhor.

Eventualmente, Tate me arrastou para o bar e acabamos no pátio, enfiadas em um canto privado meio escondido por figueira em vasos.

Tate pediu uma bandeja de ostras e dois gimlets fortes.

— O quê, sem bebidas de frutas? — Eu provoquei.

— Esta é uma noite do tipo gim-e-aguente — Tate disse com uma cara séria.

Eu fiz um som falso de engasgo.

— Eu odeio seus trocadilhos.

— Você os ama.

Nossos coquetéis chegaram. Tate sacudiu o cabelo comprido dos ombros e respirou fundo dramaticamente. Cercada por estuque rosa e móveis de ferro forjado branco, ela parecia um pouco com uma Rita Hayworth dos dias modernos.

— Um brinde a boas bebidas e a uma noite sem homens.

— Amém.

— Emma?

Nós duas congelamos ao som daquela voz masculina familiar. E minhas entranhas caíram.

— Oh, pelo amor de Deus — Tate proferiu, olhando para o nosso intruso.

Eu não o encarei, mas fiz minha melhor expressão de “Estou feliz e perfeitamente bem”. Porque Greg, o bastardo traidor de pau torto, estava parado na minha frente.

— Você não tem certeza? — Perguntei.

O rosto de Greg se enrugou em confusão.

— Não tenho certeza do quê?

— Se eu sou a Emma.

Ele inclinou a cabeça. Greg nunca foi muito bom com qualquer tipo de jogo verbal.

— Claro que sei que você é a Emma.

— Você expressou isso como uma pergunta. — Só então me ocorreu que eu provoquei Lucian de uma maneira semelhante quando nos conhecemos, e ele percebeu imediatamente. *Droga, eu não vou ansiar por ele.*

Eu olhei para o idiota que tentou quebrar meu coração há um mês enquanto ele coçava a nuca, parecendo claramente nervoso. Esbarrar nele estava destinado a acontecer. Ele jogava pelos Rams, então, a menos que estivesse em jogos fora de casa, estaria se escondendo em algum lugar da cidade. De quatro milhões de pessoas. Droga, por que eu tive que encontrar com ele?

— Eu estava surpreso. — Ele endireitou os ombros. Ele tinha bons – eu admito. — É bom te ver.

— Eu não posso dizer o mesmo.

Tate bufou em seu gimlet. Eu lancei a ela um olhar divertido, então voltei minha atenção para Greg com uma expressão branda. Eu poderia ser uma adulta.

— Já encontrou um novo lugar?

Eu contratei alguém para mover todas as minhas coisas de sua casa, mas ele enviou uma enxurrada de mensagens insistindo que se eu

não morasse mais lá com ele, ele também não suportaria ficar. Minha empatia era nula.

— Não. — Sua boca se curvou e ele olhou para mim com muito carinho para confortar. — Não consigo encontrar nada que pareça certo.

— Certo. Bem. — Eu levantei meu copo. — Tenha uma boa noite. Vê. Adulta.

Agora, vá se foder, Greg.

Ele franziu a testa. Sem ir se foder.

— Você está aqui com alguém?

— Estou sentada ao lado dela — Tate exclamou exasperada.

Ele lançou a ela um breve olhar, então se concentrou em mim, puxando o charme.

— Olha, Emma. Nós precisamos conversar.

Eu costumava derreter por aquele sorriso doce e manso. Deve ter sido a covinha. Greg tinha uma bela covinha. Apenas em uma bochecha. Adicione o cabelo castanho caramelo e os olhos azul-centáurea, e ele saía tão honesto e gentil. Quando, na verdade, ele era um grande mentiroso, trapaceiro...

Mordendo o interior do meu lábio, eu o considerei friamente. Ou pelo menos eu esperava que sim.

— Sim, eu não estou interessada em ter uma conversa. Então... — Fiz um movimento de enxotar.

— Vamos lá, amor. Moramos juntos por um ano. Não podemos simplesmente acabar com as coisas assim.

Assim? Ele terminou as coisas enfiando seu pau dentro de outra vagina. Mas enfim.

Eu realmente não queria entrar nisso. Não em público, onde Deus sabia quem poderia estar tirando fotos ou gravando. Nem nunca, na verdade. Nada que ele pudesse dizer me faria desejá-lo. Até ouvir sua explicação exigiria muito esforço.

O problema era que ele claramente não estava aceitando não como resposta, o que significava que eu tinha que tirá-lo daqui e repreendê-lo na privacidade do meu bangalô. Que seria, então, manchado com sua presença. Foda-se tudo.

— Guarde algumas ostras para mim — eu disse a Tate com um suspiro.

Sua expressão ficou tensa.

— Você não vai falar com essa espinha de pênis, vai?

— Espinha de pênis? — Greg interveio com uma carranca.

— Você é tudo isso e muito mais — Tate retrucou.

Eu descansei minha mão no braço dela.

— Eu quero fazer isso em particular.

Seu olhar disparou sobre meu rosto, procurando ver se eu estava realmente bem, e eu a apertei para tranquilizá-la.

— Eu volto já.

— Ok. Mas se ele lhe causar algum sofrimento... — Ela parou com um olhar significativo para Greg, que revirou os olhos.

Pegando minha bolsa, levantei-me e propositalmente saí do alcance de toque de Greg.

— Vamos lá, espinha. — Eu não esperei por ele, mas saí com um gracioso caminhar de “estou no controle total”.

— Escute, Emma...

— Nem uma palavra — interrompi enquanto andávamos pelo caminho do jardim isolado em direção ao meu bangalô. — Não vou fazer isso até que estejamos em total privacidade.

— Tudo bem.

O pequeno bangalô rosa-crepúsculo de estilo espanhol ficava fora do caminho e tinha uma ampla varanda com azulejos de terracota que levava à porta da frente. Eu estava esperando essa visão. Não esperava que Lucian Osmond estivesse parado ali.

Banhado pelo brilho dourado das luzes da varanda, ele também pareceu surpreso, como se tivesse sido pego, mas então percebi que ele estava olhando para Greg ao meu lado.

Chocada demais para processar qualquer coisa que não fosse ele na minha porta, vestindo seus jeans habituais e um suéter verde-oliva de tricô fino contra o frio da noite, eu só pude ficar lá boquiaberta.

Então, seu olhar travou no meu e a emoção acendeu ao longo da minha pele, quente e nítida. Meu coração inchou, deu um salto e palpitou.

— Em.

Deus, sua voz. Cada vez que eu a ouvia, meus joelhos ficavam um pouco fracos.

Eu respirei fundo.

— Você está aqui.

Ele não desviou o olhar.

— Sim.

— Luc Osmond? — Greg. Eu tinha me esquecido dele. — Oz?

A boca de Lucian se achatou.

— Sim.

Greg passou por mim, caminhando até Lucian.

— Greg Summerland. Você é uma fera no gelo, cara.

Eu não deveria ter comparado os homens, mas não pude evitar. Ambos tinham altura e largura de ombros semelhantes. A constituição de Greg era um pouco mais grossa em relação ao torso, o que eu sabia que ele preferia, dada a quantidade de golpes que ele enfrentava a cada temporada. O corpo de Lucian estava mais magro, seus músculos definidos com uma precisão que eu suspeitava que fosse devido ao trabalho físico constante fora do hóquei.

Mas era mais sobre a maneira como eles se moviam. Greg tinha um passo lento, como se quisesse ter certeza de que todos olhavam para ele. Enquanto Lucian possuía uma graça fluida, uma pantera deitada à espreita. Ele poderia se mover com a rapidez de um raio se quisesse, mas na maioria das vezes ele simplesmente fluía. Gingava.

Eles se encararam, Greg com seu olhar ansioso de “vamos trocar elogios” que ele dirigia a outros atletas famosos, e Lucian com sua reserva severa.

Greg estendeu a mão, mas Lucian olhou para baixo como se ela estivesse suja. Seus olhos cor gaultéria se moveram para encontrar os de Greg, mas ele não tentou apertar sua mão. Em vez disso, ele voltou sua atenção para mim.

— Este é um momento ruim?

Eu sabia o que ele estava perguntando. Eu queria Greg aqui? Eu estava de volta com ele?

Um caroço cresceu na minha garganta. Eu senti falta dele. Fazia apenas um dia e eu sentia falta dele. Eu estava tão ferrada.

— Greg estava saindo.

Greg, que aparentemente havia esquecido que eu estava ali diante do grande Luc Osmond, voltou-se para mim.

— Íamos conversar.

— Você sabe o quê? Estou fora de conversa agora. — Inclinei minha cabeça em direção ao caminho.

— Você está com Oz agora? — ele perguntou, incrédulo. Então balançou a cabeça antes que eu pudesse responder. — Parece que você tem um tipo.

Meus dentes de trás se encontraram com um clique.

— A menos que você queira dizer *homem*, Lucian não é nada como você.

Lucian grunhiu. Eu o conhecia bem agora para entender que aquele tom em particular significava surpresa. Eu não conseguia olhar para ele, no entanto, ainda não. Eu tinha que lidar com um ex cada vez mais autointitulado.

— Não estamos fazendo isso. Por favor, vá, Greg.

Dado que Lucian estava lançando um olhar de advertência que nem mesmo Greg poderia perder, e eu não estava me mexendo, ele soltou um suspiro.

— Tudo bem. Eu te ligo mais tarde.

— Eu gostaria que você não fizesse.

Ele não respondeu, mas parou ao meu lado, se curvou e deu um beijo na minha bochecha antes que eu pudesse fugir.

— Vejo você mais tarde, Emma.

Eu mantive meu olhar em Lucian, meu coração batendo erráticamente contra meu peito. Ele olhou de volta, sua expressão tensa e intensa. Eu me encontrei avançando.

Assim que o fiz, Lucian desceu as escadas para me encontrar no meio do caminho. Paramos a um pé de distância um do outro. Senti o cheiro de sua pele, açúcar queimado e chocolate amargo; ele estava assando novamente. Eu podia sentir o calor de seu corpo. Eu queria pressioná-lo, absorvê-lo.

Eu fiquei parada e procurei seu rosto. Ele não revelou nada, olhando para mim com uma expressão solene. Quando ele falou, sua voz profunda soou mais áspera.

— Você está bem comigo estando aqui agora? Eu poderia voltar depois. — Ele disse isso como se estivesse forçando a oferta pelos lábios. Mas ele disse isso. Lucian nunca me forçaria a fazer algo que eu não queria.

Meu sorriso era lacrimajante, fraco e fugaz.

— Estou feliz por você estar aqui. Greg estava sendo uma praga sobre querer conversar, e eu estava tentando me livrar dele o mais rápido possível.

Lucian deixou escapar um suspiro rápido e audível. Só então percebi que ele segurava uma pequena caixa branca na mão. Eu conhecia essas caixas. Ele trouxe um doce.

Esperança guerreou com a cautela. Eu me preparei para o pior e esperei pelo melhor.

— Você gostaria de entrar?

Ele ainda não tinha tirado os olhos do meu rosto.

— Sim.

A simples declaração fez meu coração virar no meu peito. Eu apenas balancei a cabeça e fiz meu caminho para a porta, fingindo que não estava tremendo por dentro de nervosismo e necessidade. Peguei meu telefone e enviei uma mensagem rápida para Tate, em seguida, coloquei no modo silencioso antes que ela tivesse a chance de responder com uma enxurrada de perguntas.

— Minha amiga estava me esperando no saguão — expliquei, deixando-nos entrar.

Ele franziu a testa ligeiramente.

— Você quer voltar e encontrar ela? Eu não te avisei exatamente. — Muito cuidadoso. Ele estava arrependido de ter vindo?

— Não. Ela mora perto. — Entrei no bangalô. A casa passou por manutenção e as lâmpadas foram deixadas acesas em locais estratégicos para dar ao espaço um brilho romântico suave.

Lucian parou no centro da pequena sala de estar, seus ombros largos tensos, sua postura sobre a planta dos pés como se ele pudesse fugir em breve. E me dei conta de como ele estava nervoso. Estranhamente, isso me deixou menos ainda.

— Você quer uma bebida?

— Não. — Ele olhou para sua mão e franziu a testa, como se estivesse surpreso ao se encontrar segurando a caixa. — Isto é para você.

Ele o estendeu, o que significava que eu tinha que chegar mais perto.

— Obrigada. — Meus dedos ficaram dormentes quando peguei sua oferta. A caixa parecia estranhamente leve, o que despertou minha curiosidade, mas eu não a abri. Eu a deixei e encontrei o olhar preocupado de Lucian em vez disso.

— Você fez Sal me encontrar, não foi? — Eu perguntei quando o pensamento surgiu na minha cabeça.

Ele me entendeu perfeitamente, e um pequeno sorriso irônico apareceu em sua boca expressiva.

— Eu fiz.

— Apenas me diga uma coisa — eu disse com a devida seriedade. — Eu ainda vou receber aquele vestido? Ou eu tenho que matar vocês dois?

O verdadeiro sorriso de Lucian se abriu.

— Você ainda vai receber o vestido.

Meu sorriso de resposta se espalhou como a luz do sol em minhas veias.

Lucian respirou fundo.

— Eu senti falta desse sorriso.

Ele *não* me faria chorar.

— Faz apenas um dia.

— Faz? — Ele se aproximou.

— Metade de um dia, no máximo — eu balbuciei, meu coração batendo freneticamente.

Ele continuou vindo, os olhos cor de jade quentes, mas preocupados.

— Pareceu um ano.

— Lucian...

Ele parou a uma distância de toque. Perto o suficiente para que eu tivesse que inclinar minha cabeça para encontrar seu olhar. Remorso encheu o dele.

— Eu queria te proteger. Eu queria me proteger. — Sua mão se ergueu e pairou, como se ele quisesse tocar minha bochecha, mas ainda não ousasse. — Mas era tarde demais.

— Tarde demais? — Minha mente ficou em branco no momento em que ele se aproximou.

— Sim — ele murmurou, a ponta do dedo deslizando ao longo da borda da minha têmpora. — Para mim, pelo menos. Comecei a sofrer no segundo em que deixei você ir, e não parei.

Minhas pálpebras tremularam fechadas enquanto as palavras tomavam conta de mim. Mas eu fui queimada demais pela sua rejeição para prosseguir sem cautela.

— É por isso que você veio aqui?

— Vim perguntar se você consideraria ficar comigo. Pelo tempo que tivermos. Apenas fique comigo.

Eu balancei, querendo tanto me inclinar para ele.

— Apesar do fato de que a nossa situação não mudou?

— Sim. — Ele abaixou a mão, mas não se afastou. — Isso é real para mim. Eu não estou passando tempo. Gosto de você. Bastante. Eu te quero tanto que dói. E isso me assustou pra caralho. — Ele procurou meu rosto enquanto seu tom ficava sério. — Foi tão rápido, tão forte que entrei em pânico, Em.

Uma pulsação suave de sentimento passou por mim.

— Você acha que eu não estou com medo? Acabei de sair de um relacionamento de merda com Greg, a espinha de pênis.

— Espinha de pênis? — ele repetiu, lutando contra um sorriso, embora o ar entre nós ainda estivesse tenso com a incerteza.

— Sim. E você acabou de terminar com Cassandra, a idiota.

— Vou admitir que Cassandra me bagunçou mais do que eu pensava. É perturbador perceber que alguém estava comigo somente pela fama, e eu nem percebi ou me importei. — Ele estremeceu um pouco. — Me fez reavaliar todas as minhas interações com as mulheres.

Eu não o culpei por isso. Greg tinha me feito mal também. A pior coisa de alguém destruir sua confiança é que fica mais difícil dá-la a alguém novo.

— E ainda assim você quer tentar isso? — Eu não tinha certeza porque continuei insistindo nisso. Eu queria por tanto tempo. Parte de

mim estava gritando para calar a boca. Mas eu queria que ele tivesse certeza.

— Sim, Emma, eu quero.

Um soluço fez meu peito erguer. Eu gostei dessas palavras. Tanto.

— Mesmo que possamos falhar espetacularmente?

— Você perdeu a parte em que eu disse que sofria por você? Que hoje pareceu um ano? Em... você é a primeira pessoa que me fez sorrir desde que me aposentei. Mesmo se eu ainda estivesse jogando hóquei, eu gostaria de você. Estou vivo de uma maneira que nunca estive antes. Meu mundo é mais brilhante, mais real, quando você está nele. Eu fui um idiota por...

Entrei em seu espaço e passei meus braços em volta de sua cintura.

— Também senti sua falta. Hoje já está melhor agora que você está aqui.

— Inferno. — Ele me pegou em um abraço tão forte que senti em meus ossos. Mas não me importei. Sua boca pressionou o topo da minha cabeça, e ele respirou antes de soltar o ar estremecendo. — Obrigado.

— Pelo quê? — Eu perguntei contra o calor confortável de seu peito.

Dedos longos enfiados em meu cabelo, e ele me puxou para trás para sorrir para mim.

— Por ser você.

Então ele me beijou. Suave, reverente, um pedido de desculpas. E foi tão bom que me levantei na ponta dos pés, avançando para o beijo. Com um pequeno grunhido, ele o tornou rápido, inclinando a cabeça para me beijar mais profundamente. Nossas línguas se tocaram, uma primeira amostra. Toda a nossa reserva cuidadosa se derreteu, substituída por toques carregados e tensos, lambidas, beliscões.

Meu corpo se lembrou do quanto amava o beijo de Lucian, seu gosto, e ficou hipersensível, o calor me lavando em uma onda que me fez gemer dentro de sua boca. Lucian agarrou as dobras soltas na parte de trás do meu vestido, sua outra mão grande segurando minha bochecha, me movendo para onde ele queria, dando longos puxões gananciosos da minha boca.

— Diga-me que você tem um maldito preservativo desta vez — eu implorei contra seus lábios.

Ele se afastou para encontrar meus olhos. Cabelo despenteado, lábios inchados, ele parecia quase tonto.

— Eu...

— Se você disser não — eu avisei, roubando um beijo rápido e confuso de boca aberta —, eu posso te matar.

Uma risada baixa retumbou em seu peito, e de repente ele me puxou para cima, um braço sob minha bunda, o outro segurando meus ombros. Seu sorriso era doce e sensual.

— Eu não queria parecer presunçoso, mas como a morte está em jogo, sim, tenho preservativos.

Envolvi minhas pernas em volta de sua cintura.

— Então me leve para a cama, Brick. Tem sido um dia longo.

— Um ano — ele murmurou, sorrindo e beijando minha boca enquanto se dirigia para o quarto. — Talvez mais. Pareceu uma eternidade, Em.

Sim, meio que pareceu.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Emma

Achei que seria rápido, frenético. Mas assim que entramos no silêncio frio do quarto, Lucian me colocou no chão. Seu olhar feroz ficou em mim enquanto ele tirava os sapatos.

— Agora os seus — disse ele, com voz profunda e rouca.

Eu espelhei suas ações, tirando minhas sandálias de salto alto sem desviar o olhar dele. Um pequeno sorriso curvou-se nas bordas de seus lábios quando ele alcançou atrás de sua cabeça e agarrou a gola de seu suéter para puxá-lo. Mas quando me movi para levantar minha blusa, ele levantou a mão para me impedir.

— Não. Eu quero fazer isso. — Ele se aproximou de mim, parando tão perto que pude sentir o calor de sua pele macia. Pelos finos escuros cobriam seu peito, flertando ao redor das pontas rígidas de seus mamilos pequenos.

Olhando para a bela expansão da força masculina, eu me encontrei balançando em direção a ele, a necessidade de beijar, tocar, acariciar queimando quente e pura através de meus membros.

Seu olhar era uma coisa viva, deslizando como seda líquida ao longo da minha pele sensibilizada. Ele respirou fundo e estável, mas a pulsação vibrante na base de sua garganta o traiu. Com infinito cuidado, ele correu as pontas dos dedos ao longo da borda amarrotada da minha camisa, indo e voltando, brincando com o tecido.

Ele observou os movimentos com uma absorção silenciosa, como se precisasse testemunhar o que estava fazendo comigo. Seus dedos deslizaram por baixo da blusa e minha respiração engatou. Seu olhar

subindo para o meu, ele quase sorriu, o gesto parando quando ele encontrou meu mamilo e esfregou em um círculo preguiçoso.

O calor correu por mim, tão forte que meus joelhos ficaram fracos. Choramando, agarrei seu braço para me equilibrar.

— Peguei você — disse ele, envolvendo um braço em volta da minha cintura.

Mas ele não afrouxou. Sua mão amassou levemente meu seio enquanto sua cabeça abaixava. Lábios suaves percorreram a pele sensível do meu pescoço. Ele me segurou lá, cobrindo minha nuca com a mão enquanto pressionava um beijo prolongado no oco macio da minha garganta.

— Como você quer, Em? Devagar e calmo? — Ele beliscou meu mamilo. — Rápido e duro?

Inclinei-me para ele, pressionei meus lábios na curva sólida de seu ombro.

— Eu quero tudo isso. Tudo.

Lucian grunhiu.

— Boa resposta.

Nossas bocas se encontraram, o beijo urgente e abrangente. Eu senti nas minhas coxas, na parte inferior das minhas costas, na pulsação entre as minhas pernas. Ele me beijou com sinceridade. Como se fosse tudo o que ele sempre quis. E eu o beijei de volta, amando senti-lo e saboreá-lo. Amando que ele fosse meu para beijar.

— Eu preciso de você, Em. — Seus dedos agarraram minha cintura, apertando, sua boca moldando-se à minha. — Eu preciso de você.

Com um movimento hábil, ele levantou e tirou minha camisa – minha saia em seguida – então capturou meus lábios novamente enquanto tropeçávamos em direção à cama. Lucian se sentou na beira dela com um grunhido, suas grandes mãos agarrando meus quadris para me puxar entre suas coxas.

O olhar de Lucian chamejou com calor enquanto deslizava para meus seios nus. Lentamente, ele arrastou os dedos para cima, sua voz ficando baixa e áspera.

— Provavelmente é errado que eu sonho com isso.

Eu bufei uma risada, mas interrompi quando ele se inclinou e beijou levemente a ponta do meu mamilo. Minhas mãos foram para o seu cabelo, segurando-o lá enquanto ele me beijava de novo e de novo, sua boca abrindo um pouco para mal sugar. Foi o pior tipo de provocação. A melhor.

Um hálito quente passou pela minha pele.

— Eu sonho com você todas as noites, Em. Sonhos febris de querer você. — Sua grande mão segurou meu seio, inflando-o para que ele pudesse lambê-lo à vontade.

Minha cabeça ficou leve, desejo ondulando em fios de calor pela minha barriga. Ele me manteve lá, lambendo e chupando, atormentando meus mamilos doloridos. Cada desenho de sua boca puxava algo profundo dentro do meu sexo, fazia pulsar, fazia minhas entranhas apertarem docemente.

Lentamente, suas mãos desceram até meus quadris, traçando minha calcinha antes de puxá-la para baixo. Ele olhou para mim, mesmo enquanto sua mão se acomodava entre minhas coxas. Olhos verde-gelo brilharam.

— Eu nunca quis ninguém tanto quanto eu quero você. — As pontas calejadas de seus dedos deslizaram ao longo do meu sexo inchado e escorregadio. — Agora que tenho você, não sei por onde começar.

Minhas pálpebras tremeram, as mãos agarrando seus ombros enquanto ele esfregava para frente e para trás.

— Bem aí funciona para mim.

Seu sorriso era pecado e promessa.

— Você gosta disso, amor?

— Sim.

Ele brincou com a entrada do meu sexo, parando ali para empurrar apenas o suficiente para eu sentir, querer.

— Que tal aqui?

— É... — Minha respiração ficou presa. Ele empurrou, dedos longos e fortes me enchendo.

— É o quê? — ele murmurou sombriamente, aqueles dedos talentosos me fodendo lentamente, como se ele tivesse todo o tempo do

mundo. A ponta brusca de seu polegar encontrou meu clitóris inchado e circulou-o.

Eu gemi novamente, caindo contra ele, meus braços envolvendo seu pescoço.

— Tão bom, porra.

Ele fez um barulho, possessivo e ganancioso, sua boca encontrando meu mamilo, seus longos dedos empurrando para cima em mim.

— Deus, você é perfeita. Tão perfeita para mim.

A ligeira curva de seus dedos atingiu um ponto, e foi isso. Eu vim em ondas, tremendo com isso, o calor me inundando. Seus olhos seguraram os meus enquanto ele me persuadia, extraíndo meu prazer.

Com um gemido que soou quase dolorido, Lucian deslizou para o chão, seus ombros largos afiando entre minhas pernas. Ele espalmou minhas coxas em suas mãos grandes para me segurar firme. E então, com um grunhido impaciente, ele se inclinou e beijou meu clitóris latejante. Beijou-o como beijava minha boca, ganancioso e profundo, lambendo e chupando, mordiscando com lábios firmes.

Eu gritei de novo, meus joelhos tão fracos que ele teve que me segurar. Ele me comeu como sobremesa, lambendo minha fenda antes de enfiar a língua dentro de mim.

Eu não aguentei. Era demais. Eu gozei novamente, me contorcendo contra sua boca.

— É isso — disse ele entre beijos frenéticos. — É isso, Em. Trabalhe essa doce buceta na minha boca.

Oh, inferno.

Eu desabei, desalojando-me antes de cair em seu colo. Eu segurei a espessa coluna de sua nuca e o beijei, puxando sua respiração enquanto ele gemia e me devorava.

Lucian se levantou, me levando com ele. Nós caímos de volta na cama e eu me mexi para o lado, minhas mãos atrapalhando-se com sua calça jeans, tentando puxá-la para baixo. O comprimento quente de seu pau caiu na minha palma, e eu o segurei firme, acariciando do jeito que eu sabia que ele gostava.

— Porra. — Seus quadris se sacudiram. — Deixe-me...

Suas mãos se enredaram nas minhas e nós trabalhamos para tirar sua calça jeans. Uma vez que estava livre, quase a atirei para fora da cama, mas ele a pegou no último segundo e arrancou um longo pacote de preservativos do bolso.

Seu sorriso foi breve, mas amplo e satisfeito, e me peguei rindo baixinho. Ele fez uma pausa, seu olhar disparando sobre meu rosto.

— Porra, você é tão bonita, Em.

Palavras simples que atingiram o fundo do meu coração. Assim que ele rolou a camisinha sobre seu comprimento grosso, puxei-o para mim, querendo sentir sua força e peso em mim. Querendo estar cercada por ele.

O topo quente de seu pau encaixou contra o meu sexo, e nós dois paramos, nossos olhares se chocando.

— Em.

Eu sabia o que ele queria dizer. Isso parecia diferente. Parecia mais do que sexo. Ele não desviou o olhar enquanto empurrava lentamente para dentro de mim, toda aquela *circunferência* quente se sentindo em casa.

Eu gemi e abri mais minhas pernas, trabalhando com ele. Ele era grande. E lá. E foi tão bom que eu mal conseguia respirar.

Lucian baixou a cabeça, tremendo pelo esforço de ir devagar.

— Deus. Deus. Você é... — Ele parou com um gemido torturado e um impulso forte, me enchendo completamente.

Fechei meus olhos, minhas mãos alisando suas costas úmidas.

— Tão bom, Lucian. Tão bom.

Isso era tudo que ele precisava. Movendo-se como um líquido, ele balançou em mim, beijando minha boca, sussurrando o quanto ele precisava disso, o quanto ele me queria. Fiquei incandescente com ele, o calor lambendo através de mim em ondas.

Lucian fodia como fazia quase tudo, com delicadeza perfeita e determinação feroz. Com arrogância. Logo estávamos ambos ofegantes, nos movendo mais rápido, alcançando aquele pico, mas querendo prolongar isso.

— Eu não quero que isso acabe — ele disse contra minha boca. Mas então ele inclinou os quadris, acertando aquele ponto que me iluminou e me fez gritar.

Não havia mais sutileza, não havia mais prolongamento. Apenas o cio básico, transando um com o outro como se pudéssemos morrer e não ter outra chance. E quando ele gozou, eu olhei para ele, para aqueles músculos se esticando, seus olhos gaultéria brilhando em luxúria e surpresa, como se ele não pudesse bem acreditar o quão bom era.

Nem eu podia. Porque nunca tinha sido assim.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Emma

— Deus, eu precisava disso.

Deitada contra o peito úmido de Lucian, eu senti seu corpo se apertar de surpresa pouco antes de uma gargalhada explodir dele, sacudindo a cama. Eu sorri contra sua pele e me aninhei mais perto. Apesar de ter um corpo tão duro, ele era maravilhosamente confortável de abraçar.

Sorrindo largamente, ele se virou até que estivéssemos de frente. Seus olhos invernais estavam quentes agora, e seu sorriso cresceu.

— Oh, você precisava, hein?

Incapaz de parar de tocá-lo, arrastei meus dedos pela linha elegante de sua clavícula.

— Você parece surpreso. Você duvidava da sua capacidade de me agradar, Brick?

Rápido como um flash, ele capturou minha mão e beliscou meus dedos. Eu gritei, embora não doesse, e ele sorriu novamente.

— Se eu tivesse falhado, eu teria que tentar com mais afinco da próxima vez.

Aproximei-me mais e meus seios roçando em seu peito enviaram um arrepio luxuriante ao longo do meu corpo.

— Que dedicação altruísta.

O olhar de Lucian ficou sonolento quando sua mão deslizou sobre meu ombro para segurar meu pescoço.

— Dê tudo de si ou vá para casa.

— Bom lema. — Eu tracei a elevação de seus bíceps. Senhor, mas o homem tinha braços bonitos – musculosos sem ser desagradáveis.

Ele cantarolou em concordância.

— A prática leva à perfeição e tudo mais.

Quando eu ri, ele me puxou completamente contra ele. Pele a pele. Sua voz baixou um registro.

— Eu também precisava disso. — Beijos leves, mas prolongados, salpicaram minha têmpora, minha bochecha. Ele estava à minha volta, quente e firme, o cheiro de açúcar queimado e sexo almiscarado.

Fechei meus olhos, envolvi meu braço em volta do seu pescoço. Minha língua deslizou sobre o topo duro de seu ombro para sentir o gostinho de sua pele salgada. Lucian estremeceu, cantarolando profundamente em sua garganta.

— Dê-me cinco minutos — ele falou em voz áspera, acariciando meu cabelo —, e praticaremos mais um pouco.

— Cinco minutos? — Eu provoquei, minha voz lenta como mel.

— Mulher — ele reclamou na cavidade da minha garganta —, você me teve três vezes seguidas. Dê a um homem um pouco de descanso.

Eu ri, felicidade borbulhando dentro de mim. Éramos novos amantes, mas parecia que estivemos sempre juntos. Não no sentido de eu desejá-lo – *isso* parecia tão novo e forte que me perguntei se algum dia teria o suficiente dele para aliviar minha sede. Mas na forma como era fácil estar com ele. Quão divertido. Eu não conseguia me lembrar de sexo sendo divertido. Parecendo fácil.

Talvez fosse para outras pessoas. Mas eu costumava afundar na minha cabeça e me preocupar com a minha aparência, o que eu dizia. O verdadeiro horror era que eu *atuava* na cama. Eu não era eu mesma.

Mas com Lucian, eu não poderia ser outra coisa. Mesmo se eu quisesse, ele notaria. E ele me tiraria de qualquer casca atrás da qual eu pudesse me esconder.

Com a expressão leve, ele me empurrou sobre minhas costas e, em seguida, descansou a cabeça na mão enquanto se deitava ao meu lado. Sua outra mão se acomodou suavemente entre meus seios, como se para proteger meu coração. A ação foi tão delicada que meu peito se contraiu. Ele não pareceu notar, mas me estudou com uma expressão satisfeita.

— Você está com sede?

Eu não pensei nisso até que ele perguntou.

— Eu poderia ir buscar um pouco de água.

As linhas de riso ao redor de seus olhos se aprofundaram.

— Eu volto já. — Ele beijou minha boca, então, com aquela graça de movimento fácil, rolou e saiu da cama.

Recostei-me e o observei caminhar totalmente nu pela sala. O andar confiante do Lucian Desnudo era um espetáculo para ser visto, aquela bunda insana se flexionando e apertando a cada passo. Até as panturrilhas do homem eram impressionantes. A visão passou muito rápido quando ele entrou no banheiro para se lavar.

Assim que terminou, ele foi para a cozinha. Eu me realojei na cama, afofando travesseiros amontoados e espalhados e endireitando os lençóis que de alguma forma conseguiram se tornar uma longa torção. O barulho de uma bandeja anunciou o retorno de Lucian. Eu me joguei de volta contra os travesseiros, respiração curta, e levantei a mão.

— Desacelere! — Eu implorei. Quando ele o fez, as asas escuras de sua sobrancelha levantando em confusão divertida, eu sorri. — Deixe-me dar uma boa olhada em você.

Um rubor começou ao longo de seu pescoço e arrastou-se até a orelha. Mas ele obedeceu, seu andar com quadris soltos e rolando.

— Está lento o suficiente?

— Acho que preciso filmar para a posteridade. Creio que nunca apreciei tanto as pernas de um homem.

Isso gerou um sorriso, embora parecesse mais do tipo "a mulher é ridícula, mas eu gosto".

— Se você for boa — ele colocou a bandeja na mesa lateral — Eu vou deixar você montar minha coxa mais tarde.

Isso não deveria ter feito meu sexo apertar tão forte com o calor antecipado. Mas aconteceu.

Lucian me examinou.

— Embora eu deva dizer que você não fez nenhum favor a si mesma ao colocar essa camisa.

— Foi tão ruim assim?

— Muito — ele disse severamente. — Você vai tirá-la logo, ou vai ficar sem montar na minha coxa.

— Sim, Lucian.

Com os lábios se contraindo, ele me entregou um copo de água gelada com um toque de limão. Eu sorri para isso.

— O quê? — Ele se sentou na beira da cama.

— Você. Colocando uma rodela de limão na água. — Eu tomei um gole.

— Faz com que tenha um gosto melhor — ele resmungou, ainda um pouco rosado nas orelhas.

— Sim. — Bebi um pouco mais, então entreguei a ele. — Você é adorável.

Ele revirou os olhos e tomou um gole.

— Você gosta de cuidar das pessoas.

Lucian me ofereceu mais água.

— Eu gosto de cuidar de você.

Tomei outro longo gole.

— E eu corro o verdadeiro risco de deixar você fazer isso o tempo todo. Mas é mais do que isso. Você tem essa sensação inata de ver algo comum e torná-lo extraordinário.

— Você está tentando me envergonhar, não está? — Ele aceitou o copo e o esvaziou.

— Não. Estou te dando um elogio.

Lucian baixou o copo, uma expressão confusa brincando em seu rosto.

— Não tenho ideia de como lidar com isso.

Sua honestidade me assustou.

— Você é bajulado por quase todo mundo que você conhece. Até mesmo o idiota do Greg estava puxando o seu saco.

Lucian abaixou a cabeça, sacudindo-a um pouco.

— Mas eu não sou mais aquele homem. Mesmo quando eu estava jogando, esse tipo de adoração parecia mecânica. Era mais sobre o meu desempenho do que sobre quem eu era como pessoa.

Eu assenti lentamente.

— Quando as pessoas me dizem o quanto amam a princesa Anya, não consigo deixar de pensar: "Mas você deveria. Esse é o meu trabalho."

— E, no entanto, se eles reclamarem ou criticarem, você não pode deixar de pensar que eles são tolos que não apreciam talento quando o

veem. — Ele disse isso com o humor seco de um homem que viveu isso.

Eu ri.

— Sim, verdade. Embora pareça horrível quando você diz isso em voz alta.

— Essa é a estranheza da fama. — Ele balançou a cabeça levemente de novo, então se virou para a bandeja e pegou a caixa de doce branca. — Você não abriu isto.

— Eu estava muito nervosa. — Eu estendi minha mão para a caixa, e ele me deu, sua confusão crescendo.

— Eu *te* deixei nervosa? Eu estava pronto para ficar de joelhos, Em.

Meu coração deu um salto no meu peito e eu disfarcei o momento me atrapalhando com o cordão que mantinha a caixa fechada. Ela se soltou com um solavanco, e a caixa, projetada para se abrir como uma flor, revelou seu presente.

Um suspiro escapou de mim. Aninhado em uma nuvem branca de fios de açúcar estava um pequeno *gâteau* em forma de esfera coberto de chocolate tão escuro e lustroso que brilhava como a meia-noite. Mas não foi isso que deixou minha boca aberta de admiração.

Descansando no topo da esfera havia uma borboleta rosa e dourada feita de vidro de açúcar. As asas delicadas eram tão finas e sutis que a luz brilhava através delas. Parecia tão real que eu meio que esperava que voasse para longe.

— Lucian...

— É assim que vejo você às vezes — disse ele em voz baixa, os olhos no *gâteau*. — Linda e rara, algo que não deve ser contido, mas estimado.

Meus olhos ficaram marejados. Ele estava me matando. Eu já havia sido chamada de *linda* antes, mas não dessa forma. E ainda assim eu temia que ele me visse como passageira. Eu não queria ser um breve momento em sua vida. Eu não consegui dizer isso, no entanto. Não com seu presente na minha mão.

— É lindo. Perfeito. — Eu olhei para ele, com medo de que todo o meu coração estivesse nos meus olhos. — Eu não posso comer isso!

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Por que não?

— É arte. Não posso avançar como o Godzilla e mastigá-lo em pedacinhos.

Lucian se engasgou com uma risada.

— Você realmente tem uma imaginação mais fértil. É para comer, Snoopy.

— Não me venha com Snoopy. Estou tendo um momento aqui.

Bufando, Lucian estendeu a mão e tirou o pequeno bolo de seu ninho. Eu teria bagunçado ou deixado cair tudo na minha falta de jeito. Mas suas mãos estavam firmes como uma rocha, os dedos hábeis enquanto ele arrancava a borboleta, colocava-a de volta no ninho e estendia o bolo para mim.

— Dê uma mordida, Em.

Eu queria tanto que minha boca encheu de água, mas me contive por um momento.

— Isso vai ser uma coisa com você, não é? Me alimentar, quero dizer.

Seu olhar foi para minha boca.

— Sim. Estou tentando não analisar os motivos. Só que isso me agrada.

As palavras acariciaram entre meus seios, acendendo algo dentro de mim. Antes de Lucian, eu nunca tinha provado comida com toda a minha alma. Tinha passado pela vida observando-a, imitando por diversão. Com ele, cada momento era para ser apreciado, saboreado.

Com os olhos fixos nos dele, abri minha boca para ele me alimentar. Suas narinas dilataram enquanto ele colocava o doce entre meus lábios.

Chocolate amargo tão escuro e profundo que era quase acentuado demais cobriu minha língua. Então mordi o bolo macio, liberando o mousse cremoso e suave. Não era chocolate – talvez café ou talvez caramelo, o sabor indescritível. Mas a combinação de toda aquela mordida amarga escura com creme suave tornava-o algo novo, forte, mas não enjoativo.

Fiz um ruído de satisfação que deixou o olhar de Lucian extasiado.

— Bom?

— Delicioso. — Lambi meus lábios. — Mais.

Ele respirou fundo.

— Droga, eu não pensei bem nisso.

Um olhar para baixo me fez lamber meus lábios novamente. Ele estava duro. Gloriosamente. Grosso e pulsante. Levantando uma sobancelha, passei meu dedo pelo bolo recheado de creme, recolhendo um bocado.

— É melhor você dar a última mordida — aconselhei. — Eu vou estar ocupada.

— O quê...

Eu rodei o creme sobre a cabeça gorda de seu pênis e o engoli.

— Oh, porra... oh... — Um gemido torturado saiu de sua garganta quando ele apertou o lençol com uma das mãos, sua cabeça jogada para trás. — Em...

Ele era lindo. E delicioso. E eu o saboreei do jeito que ele merecia, lentamente, completamente. Até que ele estava choramingando meu nome, desfeito e ofegante.

Só mais tarde, quando ele caiu sobre mim – descansando a cabeça no meu peito, seu braço em volta da minha cintura como se ele precisasse segurar para se acalmar – a interpretação completa de sua sobremesa me atingiu. Toda aquela escuridão engolindo a luz. Uma beleza brilhante que não foi feita para durar.

— Eu sou a borboleta. Você é o bolo.

Repleto e mole, ele virou sua bochecha mais completamente em direção ao meu seio, dando-me um beijo leve.

— Querida, para mim, você é os dois.

Mas eu não estava convencida. E não achei que ele estava também. Mas, por enquanto, era o suficiente.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Emma

Uma das conveniências do bangalô que eu aluguei era que ele tinha uma sala de jantar que acomodava facilmente seis pessoas. Já que Tate não tinha parado de explodir meu telefone para obter detalhes, e Lucian admitiu que Brommy e Sal tinham se juntado e estavam hospedados no hotel também, nós os convidamos para almoçar, preferindo a privacidade do quarto.

Embora Tate e eu pudéssemos usar chapéus grandes e óculos escuros e muitas vezes escaparmos sem sermos fotografadas, eu não tinha dúvidas de que Lucian e Brommy juntos seriam notados instantaneamente. Os homens eram simplesmente bonitos demais para não causar um tumulto. E embora eu não tivesse ideia do quão grande o hóquei realmente era em LA, pessoas o suficiente já tinham reconhecido Lucian para mim saber que eles fariam isso aqui também. Jogue Sal, com seu lampejo ousado, nessa mistura, e poderíamos muito bem ter apontado um letreiro de néon em direção à nossa festa.

— Posso apenas dizer, graças a Deus — Tate murmurou para mim enquanto eu servia para ela um pouco de champanhe do carrinho do bar colocado no canto da sala. — Achei que poderia receber uma mensagem dizendo que você tinha voltado com Greg.

— Ai credo. — Eu enruguei meu nariz. — Eu não posso acreditar que você pensou isso. Você ao menos me conhece?

Ela fez uma cara autodepreciativa.

— Eu sei, eu sei. Mas as pessoas fazem coisas estúpidas o tempo todo. — Ela olhou para Lucian, que, apesar de não preparar a refeição,

estava colocando nossos pratos com sua atenção feroz aos detalhes. — Esse, ali, é a melhor escolha que vi você fazer fora de sua carreira.

O calor inundou minhas bochechas, mas levantei um pouco minha taça e fizemos um brinde discreto.

— Este é um encontro particular de garotas ou qualquer um pode participar? — Sal perguntou, aparecendo ao meu lado. Ele estava vestindo um autêntico terno *zoot* verde-oliva com uma gravata de bolinhas vermelho-cereja. A roupa impressionou tanto Tate que, ao conhecê-lo, ela pressionou a mão contra o peito e exclamou: "Fique quieto, meu coração de Chicana."

Isso havia cimentado uma amizade instantânea.

Eu entreguei a ele uma taça.

— Não sei. Conte-me mais sobre este vestido que vou ganhar primeiro.

Ele teve a graça de parecer envergonhado.

— Eu fui um dedo-duro, eu sei! E eu não teria feito isso por qualquer um, mas o pobre Luc parecia tão patético. — Ele sorriu para Lucian, cuja cabeça se ergueu ao ouvir seu nome, e ele olhou em nossa direção. — Além disso, ele ameaçou me transformar em um hambúrguer de carne de Sal.

Lucian revirou os olhos.

— Não houve tais ameaças.

— Talvez não verbal — Sal rebateu, levando a garrafa de champanhe com ele para a mesa. — Mas houve olhares. Todos nós sabemos o quão potentes seus olhares podem ser.

— Ele pegou você aí — eu disse com um sorriso, tomando o assento que Lucian estendeu para mim.

Lucian grunhiu e se sentou ao meu lado.

— Bem, ele parece muito contente agora. — Brommy perfeitamente deslizou para o assento entre Tate e eu. — Quase como se ele estivesse ronronando interiormente. Sinto-me seguro sabendo que o estou deixando em suas boas mãos, Emma.

— Sentar-se do outro lado da mesa não me impedirá de chutar seu traseiro — Lucian falou lentamente, sem calor. Na verdade, havia um ar preguiçoso sobre ele agora. Ele parecia um homem contente, seu grande corpo solto e relaxado na cadeira. Era uma boa aparência nele.

Ainda melhor quando seu olhar encontrou o meu, e um conhecimento quente do que tínhamos feito na noite passada e esta manhã fervia entre nós.

Eu quero isso de novo, seu olhar disse.

O calor me inundou.

Em breve, o meu disse.

Uma pequena elevação em sua sobrancelha. *Mais cedo ou mais tarde, querida. Conte com isso.*

Um som divertido encerrou nossa comunicação visual não verbal e me virei para encontrar Brommy nos observando com um sorriso meloso.

— Basta olhar para ele. — Brommy gesticulou expansivamente com suas mãos enormes. — Olhos fodendo e sorrindo como um adolescente que sentiu seu primeiro peito... — Um pãozinho atingiu o centro da testa dele.

Lucian baixou a sobrancelha e lançou a Brommy um olhar de advertência.

— Cale-se ou o próximo estará na sua boca.

Brommy riu.

— Assim como o Oz das antigas. — Ele enxugou uma lágrima imaginária, mas então ergueu as mãos em paz quando Lucian rosnou. — Ok, ok, estou me calando.

Eu escondi meu sorriso atacando minha salada e dando uma mordida. Brommy foi rude, mas não estava errado; Lucian parecia feliz. Eu tinha feito isso – eu o fiz sorrir com os olhos, o fiz rir com facilidade. Depois de uma série de abatimentos e contratempos pessoais, o fato de eu poder experimentar esse pouquinho de felicidade com alguém que também havia sofrido era como a luz líquida do sol fluindo em minhas veias.

Tate estava conversando com Sal, sem realmente nos notar enquanto ele a mostrava imagens de roupas que ele escolheu em sua recente viagem de compras.

— Você tem que me levar com você da próxima vez que você sair — Tate exigiu com um beicinho que eu sabia que ela praticava com homens desavisados.

— Chica, podemos ir hoje se você quiser. Embora eu já possa ter algo para você... — Sal folheou suas fotos. — Aqui.

Tate pegou o telefone e gritou com a foto.

— Quero!

Brommy, que estava claramente tentando chamar a atenção dela desde que ele chegou, se inclinou e olhou para o telefone.

— Você ficaria linda com isso.

Tate olhou para ele e sua boca vermelha se curvou.

— Não vou dormir com você, então nem tente.

Brommy apenas sorriu.

— Eu ficaria desapontado se o sono estivesse envolvido.

Tate deu uma segunda olhada, então riu, realmente divertida. E eu sabia que ela foi fisgada. O que me surpreendeu, porque sua inclinação usual seria estripá-lo verbalmente.

— Bom Deus — eu murmurei para Lucian, mergulhando minha cabeça perto da dele, principalmente porque ele cheirava bem, e eu queria estar mais perto. — Isso pode ter realmente funcionado.

— Você não tem ideia. — Seus lábios tocaram a concha da minha orelha e se demoraram. — Por anos, eu tive que presenciar isso.

Minha mente ficou um pouco confusa com aquele toque, a proximidade dele. E eu respirei fundo, olhando para cima para encontrar seu olhar. Como sempre, seus olhos tinham a capacidade de me deixar fraco. Fazer-me querer.

Sua atenção se concentrou em minha boca, e a grande extensão de seu peito se contraiu.

— Por que convidamos todos aqui mesmo?

— Porque eles estavam explodindo nossos telefones, e estávamos sendo bons amigos.

— E nós teríamos caçado vocês eventualmente — Brommy disse em voz alta.

— Ele tem a audição de um morcego — eu sussurrei para Lucian, que riu.

— E os reflexos de um gato — acrescentou Brommy.

A mão de Lucian se ergueu e agarrou um pãozinho no ar. Eu gritei, sacudindo em meu assento; ele se moveu tão rápido. Lucian se virou e deu a Brommy um olhar presunçoso.

— O central vence o gato.

E por um momento brilhante, eu vi toda a força de Oz, o grande e poderoso jogador que comandou seu esporte. Ele brilhava com isso, confiança e arrogância escorrendo de seus poros, até que lhe ocorreu que não era mais o central. A compreensão que caiu sobre ele foi dolorosamente clara, da maneira como sua expressão de repente apagou até a tensão visivelmente endurecendo sua espinha.

Eu sofri por ele. Porque a agonia exposta no breve momento falava de um homem que não sabia mais quem era. Desprezado e indesejado, foi o conselho que minha mãe me deu sobre os homens quando comecei a notá-los.

Não tente pegar os pedaços daqueles que estão quebrados. Você nunca será capaz de colocá-los de volta do jeito que eram novamente.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Emma

— Você está apertando com muita força.

— Não estou. Você está apenas fazendo picuinha.

— Não é picuinha quando a perfeição é o objetivo. Segure com firmeza; não tente arrancar a vida dele, ou ele vai se espalhar por toda parte. E cuidado com a ponta.

— Não acredito que você já está criticando minha técnica. Eu acabei de começar.

— Snoopy, você nunca aprenderá se não aguentar críticas.

Com uma bufada, eu coloquei o saco de confeitaria e limpei minha testa com meu antebraço.

— Diga-me novamente, como isso é relaxante?

Os dentes brancos de Lucian brilharam quando ele riu. Ele encostou o quadril na bancada e cuidadosamente colocou a mecha de cabelo que estava me fazendo cócegas atrás da minha orelha de volta.

— Acho que é preciso ter um pouco de paciência, abelhinha.

— Paciência — eu murmurei. — Eu não te estrangulei ainda, estrangulei? Me dizendo que estou apertando com muita força.

Ele sorriu e se abaixou para beijar meus lábios com carinho.

— Neste caso, sim. Mas se você quiser tentar em mim...

Eu cutuquei seu ponto sensível, e ele se afastou com uma risadinha masculina profunda real que me fez sorrir a contragosto.

— Não se atreva a fazer insinuações. Estou mal-humorada.

Ele segurou meu pulso com um aperto frouxo e levou minha mão à boca.

— Você é maravilhosa. — Segurando meu olhar, ele chupou meu dedo em sua boca quente, a parte plana de sua língua me acariciando.

Calor cresceu entre minhas pernas, mas foi o olhar em seus olhos, cheio de ternura e afeto, que fez minhas entranhas vibrarem.

— Você está perdoado.

O beijo de resposta de Lucian foi um pouco mais longo, muito mais doce. Eu me inclinei para ele, esquecendo o bolo, meus braços envolvendo seu pescoço. Eu me permiti apreciá-lo, me soltar e apenas sentir.

Desde que voltamos para casa em Rosemont, não estávamos indo devagar, por assim dizer, não quando não conseguíamos manter nossas mãos longe um do outro por mais de alguns minutos. Mas tínhamos sido cautelosos, cada um à sua maneira, guardando nossos corações ao fazermos questão de não falarmos por tempo demais ou muito profundamente sobre as emoções que são melhores guardadas para nós mesmos.

Disse a mim mesma que era inteligente. Mas a cada dia passado na companhia de Lucian, parecia menos com segurança e mais como um erro não dizer o que eu estava sentindo. Eu era uma atriz; eu sabia como desempenhar um papel. Mas eu não queria fazer isso com Lucian. O problema era que eu não sabia como derrubar as barreiras de cautela que tínhamos entre nós.

Era fácil me distrair, especialmente quando Lucian fazia coisas como me levantar e me colocar no balcão, espalhando minhas coxas com autoridade calma para se aproximar e me beijar mais profundamente.

— Cara — uma voz profunda reclamou. — Não na cozinha!

Nós nos separamos para encontrar Anton fazendo uma cara feia para nós em desgosto.

— Pelo amor de Deus, você cozinha aqui, Luc.

Lucian manteve a mão na minha nuca e bufou.

— Continue me interrompendo e você pode fazer suas próprias refeições.

— Ei, Anton — eu disse, contente em ficar no círculo dos braços de Lucian, apesar do olhar de esguelha que seu primo estava nos dando.

Anton balançou um dedo reprovador.

— E você, princesa da América.

Lucian deve ter me sentido tensa, porque seu aperto aumentou apenas o suficiente para transmitir apoio. Mas o estrago já estava feito. Meu zumbido feliz voou para longe, substituído por um grande peso na minha barriga.

Eu tirei uma noite para ler os roteiros enviados até mim. Eles estavam todos errados, todos cópias fracas do meu papel de Princesa Anya ou comédias românticas obsoletas. Eu não tinha nada contra uma boa comédia romântica, sagacidade e entusiasmo, mas os roteiros que li não serviam. Nem eu queria ser estereotipada. Francamente, eu queria algo substancial, algo em que cravar os dentes. Algo totalmente oposto a Anya.

— *Com esse rosto docemente lindo — disse meu agente — vai ser difícil convencer os diretores. Eles veem você como uma princesa.*

— *Eu espetei pelo menos cinco homens em Dark Castle — eu retruquei. — Eu literalmente liquidei dezenas de outros. Não havia nada de doce nisso.*

— *E, no entanto, é assim que eles veem você.*

A coisa toda deixou um gosto amargo na minha boca, e me virei para roubar um bocado de glacê de chocolate do balcão. Lucian olhou com preocupação silenciosa enquanto eu lambia meu dedo. Normalmente, me assistir chupar meu dedo teria provocado uma resposta diferente dele. Mas ele me conhecia bem o suficiente para entender para onde minha mente estava indo.

Sob a cortina do meu cabelo, ele acariciou minha pele, então se virou para Anton.

— Você queria alguma coisa ou está simplesmente andando por aí tentando irritar as pessoas?

Eu não perdi o lampejo de decepção nos olhos de Anton. Apesar da aparente alegria que ele sentia em alfinetar Lucian, incomodava-o ser tão prontamente dispensado. Talvez até doesse. Mas não era minha função ser a árbitra deles.

— Carlos me disse que você recusou a arrecadação de fundos da Raston.

Os olhos de Lucian se estreitaram em advertência.

— Eu fiz.

— Quem é Carlos? — Eu me senti compelida a perguntar.

— Nosso agente. — Anton estendeu a mão e pegou uma maçã da cesta de frutas de cerâmica no balcão oposto.

Francamente, fiquei surpresa que eles compartilhassem um agente, vendo o quão terrivelmente eles se davam. Mas também parecia estranho que eu não soubesse disso. Não havia nenhuma razão para eu saber, mas eu não conseguia afastar a sensação de estar no escuro quando se tratava de muitos aspectos da vida de Lucian.

Anton deu uma grande mordida na maçã e falou enquanto mastigava.

— A arrecadação de fundos Raston é um evento anual de caridade do qual o menino Ozzy sempre participou.

— Ant.

A severa reprimenda de Lucian foi ignorada.

— Ela levanta uma quantidade absurda de dinheiro para crianças famintas — Anton continuou, falando comigo em uma voz cheia de repreensão. — Crianças que são convidadas a patinar ao lado de seus heróis, como o bom e velho Luc aqui.

A mão de Lucian deslizou do meu pescoço enquanto ele se afastava e pegava o pano de prato da pia. Seus ombros trabalharam sob o tecido de sua camiseta enquanto ele metodicamente limpava a bancada, como se a superfície imaculada precisasse de um bom polimento.

— Como eu disse a Carlos — ele rosnou, esfregando o mesmo lugar —, como eu não estou mais jogando, minha presença seria supérflua.

— Se fosse supérfluo — respondeu Anton — você não teria sido convidado.

— Francamente, estou surpreso por ter recebido um convite — disse Lucian sem erguer os olhos.

— Então você não é apenas teimoso, mas completamente iludido. Os fãs amam você. Eles querem te ver.

— Vá embora, Ant.

Anton suspirou e olhou para mim, a elevação grossa de suas sobrancelhas tão semelhantes às tensas de Lucian.

— Coloque um pouco de bom senso nele, está bem? Deus sabe que ele não vai me ouvir, e essas crianças são mais importantes do que seu ego ferido.

Com isso, ele saiu da cozinha, deixando-me com um homem com a intenção de esfregar um buraco no mármore.

— Acho que está limpo — eu disse com um aceno de cabeça para o balcão.

Lucian fez uma pausa, piscando lentamente, então jogou o pano na pia. Ele não se virou na minha direção.

— É aqui que você tenta me controlar, porque devo dizer que estou intrigado com o que você acha que irá funcionar.

Eu bufei baixinho, soltando apenas sarcasmo o suficiente para deixá-lo saber que ele me irritou.

— Você é um jogador totalmente ofensivo, não é?

Ele enrijeceu e eu estremeci, percebendo que provavelmente machuquei de maneiras que eu não queria.

— Lucian — eu disse, mais suave, arrependida. — Eu não estou aqui para controlar você. Estou aqui para te apoiar. Se você me deixar.

Ele se virou então, sua expressão obstinada, e cruzou os braços sobre o peito enquanto me encarava.

— Isso funciona nos dois lados?

— Sim... — Eu fiz uma careta. — Por que você está olhando para mim como se eu estivesse cheia disso?

— Não é assim que estou olhando para você.

— Oh? Então, explique esse sorriso malicioso, porque estou armada com glacê e me disseram que tenho um aperto terrível. — Peguei o saco em demonstração. Recebi um meio sorriso, que é o que eu estava procurando. Mas ele morreu rapidamente.

— Você quer falar sobre os roteiros que têm lido, Em? — Seu tom era calmo, mas havia uma linha sublinhada de acusação.

Eu coloquei o saco no balcão.

— Você acha que por eu não ter falado sobre a porcaria do material que me enviaram, você não deveria falar comigo sobre o que aconteceu com Anton agora.

Lucian encostou o quadril no balcão.

— Funciona para os dois lados, não é? Você quer que eu me abra... então porque você não pode?

— Tudo bem. Vou me abrir. Estou preocupada. Quero fazer mais com minha carreira do que está sendo oferecido. Eu tenho que descobrir como fazer isso quando os poderes existentes detêm todas as cartas. Quando não estou com você, penso muito nisso. Meu estômago dói em momentos aleatórios. E às vezes, no escuro da noite, tento muito não surtar, porque sei que estou muito melhor do que a maioria das pessoas e não devo reclamar sobre ser uma atriz famosa que não consegue o que quer. Mas ainda estou com medo e insegura, e odeio isso.

Eu parei e soltei um suspiro trêmulo.

— Isso é compartilhamento suficiente para você?

Lucian se afastou do balcão, a linha de sua boca severa. Ele me alcançou em dois passos e, antes que eu pudesse protestar, me puxou para perto, envolvendo-me em seus braços. Afundei contra a larga parede de seu peito com um estremecimento.

— Sinto muito — ele murmurou contra o meu cabelo, seus dedos segurando a parte de trás da minha cabeça com firmeza. — Eu odeio que você se sinta assim.

Eu balancei a cabeça e pressionei minha palma em sua carne firme.

Ele me aconchegou mais perto, como se tentasse eliminar qualquer espaço entre nós.

— Não, eu falo sério. Você não deveria ter que carregar essa carga sozinha.

— Como você faz?

Meu sussurro suave o acalmou. Então ele soltou um suspiro.

— Sim, como eu faço.

Eu esfreguei seu peito.

— Esse é o ponto, Brick. Se estamos tentando ficar juntos, devemos ser capazes de dizer essas coisas um ao outro.

Ele bufou uma risada sombria.

— É disso que se trata toda essa coisa de relacionamento?

— Foi o que me disseram.

Lucian suspirou e passou os dedos pelo meu cabelo.

— Não exagerei quando disse que não era bom nisso.

— Não, você realmente não fez — eu provoquei.

Lucian grunhiu.

— Pirralha. — Ele cutucou um ponto sensível, me fazendo rir e recuar o suficiente para encontrar seu olhar. Era apaixonado, mas cansado. — Cassandra queria que eu compartilhasse meus problemas. Eu tentei no começo, mas achei mais fácil não tentar.

— Por quê?

— Isso vai parecer ridículo, mas ela sempre concordou comigo, mesmo quando eu sabia, no fundo, que estava errado. — Ele encolheu os ombros, estremecendo. — Descobri que não queria esse tipo de apoio.

— Greg me dizia: "Baby, pare de reclamar. Você tem isso tão fácil comparado a mim."

Lucian fez uma careta.

— Idiota.

— Sim, ele é. — Meu sorriso diminuiu. — Acho que não percebi completamente até agora o quanto isso bagunçou minha cabeça.

Ele acenou com a cabeça, mordendo o lábio inferior em contemplação. E por um minuto nenhum de nós falou. Tínhamos tantas paredes, algumas escondidas e outras que nós nos escoramos, como se estivéssemos sob cerco. Ele me avisou que estava em um colapso emocional, mas talvez eu devesse tê-lo avisado também.

— Eu imagino ir para aquele evento, e tudo que posso ver é eu parado lá como um conto de advertência triste — disse ele com franqueza repentina, seus olhos sombrios. — Olhe para o pobre Oz, não pode jogar, cortado no auge. Apertem a mão dele, crianças; dê-lhe um grande abraço de apoio.

— Oh, Lucian.

Ele ergueu as mãos, me afastando, enquanto seus olhos brilharam.

— Ficar lá com as pessoas com quem eu costumava jogar, competir contra. Caras que ainda podem jogar. E aí estou eu, aquele que tem que ir embora quando acabar.

— Então não vá. Se isso te machuca tanto...

— Dói de qualquer maneira. — Ele passou a mão pelo rosto, grunhindo com um som áspero. — Eu sou patético se eu for. Eu sou

patético se eu ficar em casa.

— Você *não* é patético.

Seu sorriso era amargo e distorcido.

— Fico dizendo isso a mim mesmo, mas não adianta.

Eu sofria por ele, mas ele sabia disso. Ficou claro pela maneira rígida como ele se mantinha, olhando para mim com uma mistura de cautela e advertência. Pressionei minha mão contra a suavidade fria do balcão.

— Eu não queria ir ao casamento de Macon e Delilah. Pensei em todos os meus amigos e ex-colegas de trabalho olhando para mim com pena e... — Eu estremeci. — O orgulho é uma coisa feroz, né?

Um movimento rígido de seu queixo foi seu único reconhecimento. Seu olhar mudou, para longe de mim, e eu sabia que ele estava tentando se recompor.

— Mas ir tirou todos os “e se”. Eu fiz isso. Acabou. A vida muda, mas eles não tiveram pena de mim da maneira que pensei que teriam.

Lucian me lançou um olhar sob a franja grossa de seus cílios.

— Há uma diferença fundamental, querida.

— Qual é? — Eu sabia o que era, mas queria que ele dissesse. Porque eu não seria a mulher que tornaria tudo mais fácil para ele.

— Você ainda quer atuar.

— Você não quer...

— Não em alguma exposição. Não... — Ele respirou fundo, então soltou o ar rapidamente. — Inferno, Em. Não acho que vou conseguir entrar no gelo de novo, sabendo que não posso voltar ao esporte.

O gelo. Ele o amava com toda a sua alma. Eu sabia. Você só precisava vê-lo jogar para saber disso. O gelo era uma parte dele e fora cortado sem aviso. Eu segurei seu olhar, deixando-o ver que eu entendia.

— Se eu te dissesse que não sei patinar, você me ensinaria?

Ele piscou, mas um sorriso genuíno de choque puxou sua boca.

— O quê?

— Você me ensinaria? — Eu repeti. — Por diversão? Você estaria disposto a fazer isso se eu dissesse que sou medíocre para uma patinadora?

O sorriso se inclinou e cresceu.

— Inferno, você é boa.

— Boa?

— Não me venha com esses olhos azuis grandes e inocentes, Snoopy. — Ele tocou a borda da minha mandíbula. — Você sabe exatamente o que está fazendo, me tentando assim.

— Está funcionando? — Peguei sua grande mão áspera na minha. — Você vai patinar comigo, Lucian?

— Droga — ele murmurou, mas ele não parecia chateado. Seus olhos verdes brilharam com alguma emoção sem nome. — Tudo bem, querida. Vou levar você para patinar. Vou tentar muito. Por você.

CAPÍTULO TRINTA

Lucian

O gelo tinha um aroma, nitidamente metálico e puro. Meu amor por aquele aroma estava tão arraigado que sempre que eu sentia o cheiro, minha frequência cardíaca aumentava imediatamente e o sangue corria em minhas veias com um propósito maior. Mas uma pista de gelo? Aquela mistura de gelo e borracha úmida, com um leve resquício de cloro embaixo de tudo? Esse era o cheiro de casa. Minha religião.

Ou tinha sido.

Eu peguei uma golfada disso enquanto levava Emma para a entrada principal da pista de gelo, e pela primeira vez na minha vida, minhas entranhas balançaram doentiamente, suor brotando em minha pele com o cheiro do gelo. Minha frequência cardíaca disparou, sim, mas este não era o pulso constante de excitação. Isso ameaçou arrancar aquele órgão dolorido do meu peito.

Meus passos desaceleraram até uma parada dolorosa, o espaço ao meu redor parecendo se fechar e se expandir para fora em um balanço doentio. A mão de Emma encontrou a minha e a segurou. Nada mais do que isso. Apenas ficou ao meu lado e segurou firme. Eu fiz uma careta, tremendo e ofegante, minha pele gelada e quente como febre.

Eu só poderia ser grato por termos reservado o lugar após o expediente, então estávamos sozinhos. O pensamento de outra pessoa me vendo assim encheu minha boca com um gosto amargo, e eu engoli convulsivamente.

— Vamos nos sentar por um minuto — Emma disse, gentilmente me levando junto.

Minha mão úmida agarrou-a como uma âncora, mesmo com a vergonha inundando meu sistema. Eu também não queria que ela me visse assim. Mas não havia como evitar.

— Eu ficarei... bem.

— Eu sei que você vai. — Ela me acomodou em um longo banco de madeira antes de se sentar ao meu lado, sua mão nunca soltando a minha.

Fechando meus olhos, me concentrei em respirar. Inspira. Expira. Inspira. Expira. Eu poderia fazer isso. Isso era fácil. Mamão com açúcar. O que diabos *mamão com açúcar* significa mesmo?

O pensamento agarrou-se às bordas da minha mente como creme de manteiga, e me concentrei nisso ao invés. Em bolos e cremes, *gâteaux* e *tartes au citron*. E lentamente meu coração acelerado diminuiu para um ritmo aceitável. Depois de minutos agonizantes, eu conseguia respirar sem dificuldade.

— Isso me irrita — eu grunhi.

O polegar de Emma acariciou os nós dos meus dedos.

— O quê?

Eu olhei por cima. Ela segurou meu olhar com seus olhos azuis firmes, um mar calmo no centro da minha tempestade. Obriguei-me a relaxar meu aperto nela.

— Entrando em pânico com a simples visão de um ringue. Lugares como este costumavam ser minha casa. A personificação de tudo que estava certo no mundo.

Tudo o que eu perdi. Eu sabia disso. Ela sabia disso.

— Quando você aprendeu a patinar?

Sua pergunta suavemente dita me assustou; eu esperava que ela tentasse me confortar com banalidades. Eu me virei em direção ao conjunto de portas que conduziam ao gelo.

— Aos sete. Eu queria voar. — Saudade e tristeza me perfuraram. — Foi o mais perto que pude chegar disso.

Merda. Eu *não* ia chorar. Eu não ia fazer isso. Pisquei rapidamente e respirei. *Apenas respire, Oz.*

Emma pressionou sua bochecha no meu ombro.

— Vamos voar, Lucian. Só você e eu.

Voar. Com ela.

Com o coração apertado, abaixei minha cabeça e beijei o topo da dela.

— Tudo bem, abelhinha. Vou te levar para voar.

Normalmente, eu poderia amarrar meus patins com os olhos fechados. Hoje, porém, meus dedos tremiam e se atrapalhavam com as cordas enquanto eu pensava em ir lá. Mas eu poderia lidar. Emma queria patinar.

Ao terminar, ajoelhei-me aos pés dela, onde ela calçava os patins. Ao contrário de mim, ela pediu um par de patins artísticos.

— Deixe-me ver — eu disse, verificando seus laços para ter certeza de que estavam apertados o suficiente.

Refiz um, lançando-lhe um olhar de reprovação, mas moderando-o com um pequeno sorriso. Porque ela era muito fofa com seus patins brancos e um gorro de lã vermelho na cabeça.

— Melhor, Brick? — ela perguntou, inclinando-se para assistir.

Eu peguei sua boca doce com um beijo, demorando-me lá porque ela tinha gosto de céu e uma sensação ainda melhor.

— Perfeito, Snoopy.

Minhas mãos alisaram suas coxas. Ela usava jeans em deferência ao rinkie frio. Senti falta de suas saias esvoaçantes e disse isso a ela.

Seus olhos enrugaram em diversão.

— Você só quer enfiar as mãos embaixo delas.

— Culpado. — Inclinei-me para acariciar entre seus seios, minhas mãos serpenteando sob seu suéter leve para encontrar a pele sedosa de sua barriga. — Tenho certeza que estou viciado.

Ela cantarolou de prazer enquanto eu beijava levemente meu caminho ao redor dos seus seios. Seus dedos pentearam meu cabelo, então gentilmente interromperam meu progresso. Quando olhei para cima, ela encontrou meu olhar com olhos solenes que me disseram que toda a enrolação não a estava enganando.

— Você está pronto agora?

Não.

— Sim.

Levantei-me, sentindo instantaneamente a mudança em meu corpo, a altura adicional dos patins, a maneira como a memória

muscular se ajustava para acomodar o equilíbrio nas lâminas finas. Tudo em mim acordou. Meu foco se estreitou em Emma.

Eu estendi minha mão e ela a pegou, me deixando puxá-la para cima.

Sorrindo, ela me examinou.

— Você é uma verdadeira árvore nesses patins.

— Você deveria ter me visto com todo o equipamento.

Seus lábios se contraíram.

— Homem montanha, hein?

— Quase isso. — Segurei sua mão com firmeza e olhei para seus pés. Patinadores novatos costumam deixar seus tornozelos inclinados, desequilibrando-os e preparando-os para uma lesão. Mas ela manteve os dela retos e fortes. Um bom sinal. — Vamos fazer isso.

O primeiro sopro de ar frio me fez prender a respiração enquanto chegávamos ao gelo. Eu pretendia esperar por Emma, ir devagar, mas pisei no gelo como um homem solto da prisão. O branco puro e imaculado estendeu-se diante de mim, um deslizamento perfeito.

E eu voei, o vento beijando meu rosto, o ar enchendo meus pulmões. Correndo, fiz um circuito ao redor da pista, girando para executar um antigo exercício dos tempos do ensino médio. Minhas mãos flexionaram com a necessidade de sentir meu taco. Eu ansiava por isso. Ansiava para largar um disco e jogar.

Um assobio de lobo perfurou o ar, e avistei Emma batendo palmas e torcendo por mim. Ela parecia tão impressionada com uma patinação simples que me vi exibindo para ela, indo mais rápido, passando por defensores imaginários. Circulando de volta, eu me dirigi ao seu caminho, mas parei devagar e com calma, porque eu poderia ter sido um exibicionista, mas eu não seria o idiota que pulverizou gelo em uma garota.

Bochechas rosadas, olhos cor índigo brilhando, ela sorriu largamente.

— Você é lindo.

— Essa é a minha fala. — Eu estendi minha mão. — Vamos lá, então. Vamos fazer você patinar.

Ao longo dos anos, estive envolvido com diferentes instituições de caridade e atividades para ensinar hóquei e noções básicas de

patinação às crianças. Eu gostava imensamente. Ver os olhos de uma criança brilharem quando ela finalmente pega o jeito, observar seus corpinhos indo para o gelo, alimentou a criança em mim que se lembrava de como era encontrar algo maravilhoso, algo que eu pudesse moldar e controlar. Eu tinha esquecido disso.

Os dentes de Emma agarraram seu lábio inferior e ela me olhou com clara hesitação. Eu também conhecia aquele olhar. Ela estava nervosa. O calor se espalhou pelo meu peito e eu dei a ela um sorriso encorajador.

— Vamos devagar... — Minhas palavras foram interrompidas abruptamente quando Emma atirou-se no gelo e decolou. Simplesmente passou voando por mim, toda graça e beleza fluente.

Com a boca aberta, fiquei atordoado enquanto ela corria, fazendo figuras de oitos. Por um longo momento, não processei. Ela não disse que não sabia patinar? Mas lá estava ela, deslizando como se tivesse nascido para estar no gelo. Quando ela deu um desenvolto *camel spin*, que são várias espirais, comecei a rir. A pequena sorradeira tinha me enganado. Ela me enganou direitinho.

Eu a observei se mover, o cabelo dourado arrastando-se atrás dela como uma bandeira, e isso me atingiu com força, rápido e com perfeição absoluta: eu adorava essa mulher. Eu estava louco por ela.

Saí para encontrá-la, mantendo espaço suficiente para que não colidíssemos acidentalmente. Ela me avistou e corou, deslizando para chegar perto. Não paramos, mas patinamos com facilidade.

— Ensinar você a patinar, hein? — Eu bufei uma risada leve.

Ela fez uma cara de culpada.

— Tecnicamente, eu disse: “Se eu não soubesse patinar, você me ensinaria?”

— Hum... — Eu arrastei o som para fora, deixando-a se contorcer um pouco. Principalmente porque eu adorava provocá-la. Ela respondia tão bem a isso.

— Você está bravo? — ela perguntou, ligeiramente sem fôlego.

— Eu pareço bravo, Snoopy?

Seu nariz enrugou de forma fofa quando ela olhou para mim.

— Não... você parece... estranhamente presunçoso.

Foi isso que ela viu?

Com um sorriso largo, dei a ela a chance de patinar um pouco para longe; então eu corri para ela, pegando-a em meus braços enquanto ela gritava em estado de choque. Suas coxas envolveram meus quadris e ela se agarrou a mim.

— Lucian!

Eu beijei sua testa.

— Peguei você.

— Você me pegou; quem pegou você? — ela brincou, relaxando um pouco.

— Você acabou de citar o super-extravagante Superman dos anos setenta para mim? — Eu perguntei, rindo.

— Você começou isso. — Ela segurou um pouco mais forte. — Com seu corpo de super-herói e tudo mais.

— Tudo mais? — Eu acariciei sua bochecha, beijando meu caminho ao longo de sua pele macia enquanto dava uma volta preguiçosa ao redor da pista.

— Patinar comigo em seus braços como se não fosse grande coisa — ela resmungou enquanto inclinava a cabeça o suficiente para me deixar morder a borda de sua mandíbula.

— Você é leve como uma pena — eu disse. Ela bufou e eu a beijei novamente. — No entanto, conte-me mais sobre essa coisa de corpo de super-herói.

— Ponha-me no chão e mostrarei todos os meus destaques favoritos.

— Segure — eu instruí, então a girei enquanto ela ria e gritava. Eu a coloquei no chão, mas mantive meus braços em volta dela. — Onde você aprendeu a patinar assim?

Cumprindo sua palavra, suas mãos alisaram meu peito, acariciando com apreciação.

— Havia uma pista a cerca de duas quadras da minha casa. Eu ia lá depois da escola e tinha aulas.

Minhas mãos encontraram o caminho para a curva rechonchuda de sua bunda.

— Você não tem ideia do quanto me excita saber que você pode patinar.

— Eu tenho uma ideia. — Seus quadris pressionaram contra os meus. — Uma pista muito proeminente aí, Lucian.

— Você vai conseguir um pouco quando chegarmos em casa, Em.

Ela começou a rir, seus olhos brilhando com humor.

— Eu não tinha ideia de que você era tão fácil.

— Sim, você tinha. — Eu abaixei minha cabeça e peguei sua boca com a minha, beijando-a lenta e profundamente, deleitando-me com o calor de sua boca contra o ar relativamente frio. Me dei conta que eu estava no gelo, me divertindo. Feliz. Eu estava feliz.

— Obrigado — eu disse quando nos separamos.

Seus lábios estavam ligeiramente inchados e entreabertos.

— Pelo quê?

— Trazendo-me aqui, colocando-me no gelo. — Toquei sua bochecha, afastando uma mecha errante de seu cabelo. — Achei que nunca mais voltaria a gostar de qualquer aspecto da patinação. Mas isso é bom. Necessário.

Assim como ela. Ela havia entrado em minha vida em um dos piores momentos possíveis, mas agora que ela estava aqui, a ideia de deixá-la ir era inimaginável. Gratidão me inundou e eu descansei minha testa contra a dela. Como se soubesse que eu estava desfeito, ela envolveu minha cintura com os braços e me abraçou.

Antes de Emma, eu não dava muita importância em abraçar namoradas. Eu não via sentido em abraçar, a menos que fosse um membro da família. Eu não tinha vergonha de admitir que ansiava pelos de Emma. A pressão de suas curvas menores contra o meu corpo maior me fez querer embalá-la com cuidado. Mas a maneira como ela me segurou forte *me* fez sentir protegido. E isso não era de foder a mente?

Eu a envolvi em meus braços e grunhi, querendo dizer-lhe o quanto ela significava para mim, mas incapaz de formar qualquer palavra real.

— Vou fazer o evento beneficente — foi o que acabei dizendo.

Ela beijou o centro do meu peito.

— Você é um bom homem, Lucian. E estou orgulhosa de você.

Eu não conseguia entender por que ela estaria; tudo o que eu fiz na minha vida foi jogar hóquei com o melhor da minha capacidade, mas eu aceitaria seu elogio e seguraria perto. Eu não sei quanto tempo

ficamos ali; era tão bom que não tive vontade de me mover. Mas, eventualmente, ela se afastou.

— Vamos lá, então; deixe-me ver o quão rápido você pode ir.

— Você quer que eu me exhiba para você, Em?

— Quero.

— Bem, então. — Eu empurrei e fiz exatamente isso.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Emma

A arrecadação de fundos de Raston aconteceu em Los Angeles, com uma patinação diurna, uma recepção para as crianças, e um jantar para todos os doadores. Lucian ficou em silêncio e tenso durante o caminho, mas de vez em quando ele estendia a mão e colocava-a no meu joelho, como se dissesse que ele ainda estava lá comigo.

Eu o deixei em sua solidão, sabendo que às vezes você tinha que resolver algumas coisas sozinho. Se ele precisasse de mim, eu estaria aqui. No momento que chegamos ao Staples Center, sua perna balançou em um ritmo agitado enquanto ele olhava carrancudo para o estádio iminente.

— Ei — eu disse antes de pararmos no serviço de manobrista, que estava estacionando carros para outros jogadores.

Olhos gaultéria sombreados sob sobrelanceiras severas olharam na minha direção. Eu me perguntei se ele realmente me viu em sua inquietação. Em deferência às regras do seu amado esporte, ele usava um terno cinza claro e gravata azul-gelo, o que o tornava devastadoramente bonito e fechado.

— Você consegue. — Toquei seu joelho balançando. — Eles amam você.

Pálido e com a boca comprimida, ele me encarou e piscou uma vez. Como se estivesse saindo de um transe, ele respirou fundo e me deu um sorriso tenso.

— Estou bem, Snoopy.

Não achei que enganou nenhum de nós, mas ele ficaria bem. Eu acreditei muito nisso. Eu precisava.

Uma vez dentro, nós seguimos nossos caminhos separados, Lucian instantaneamente saudado e rodeado por seus ex-companheiros de time e outros colegas jogadores de hóquei enquanto eu era conduzida a uma área VIP isolada para os convidados dos jogadores.

— Você está aqui por quem? — perguntou uma mulher da minha idade com lindos cabelos negros que caíam em uma camada brilhante por suas costas esguias. Ela parecia familiar, mas eu não conseguia identificá-la.

— Lucian — eu disse, e ela franziu a testa, claramente não reconhecendo o nome dele. — Luc Osmond.

Sua expressão clareou e ela sorriu largamente.

— Oz está aqui? Sério?

— Sim.

— Oh meu Deus, estou tão feliz em ouvir isso. Sentimos muita falta dele, sabe?

O orgulho cresceu dentro de mim e me vi sorrindo de volta. Radiante, na verdade. Porque ela estava obviamente animada, e Lucian era meu homem.

A mulher estendeu a mão.

— Sou May Chan. Drexel Harris é meu marido.

Apertamos as mãos, quando o nome dela finalmente penetrou.

— Não és a May Chan, dona da Daisy Chain?

— A mesma.

Eu fiz compras em uma de suas lojas de roupas vintage algumas vezes, mas só a tinha visto de longe.

— Eu amo a sua loja. Você tem as melhores roupas.

May olhou meu vestido vintage de 1940 em linho azul escuro com pequenas borboletas marrons bordadas no corpete e sorriu.

— Isto é da Daisy Chain, não é?

— Isto é.

— Outra cliente satisfeita. Exatamente o que adoro ver.

Nossas risadas foram interrompidas quando o programa começou. As luzes diminuíram e sobre o gelo vieram os jogadores de hóquei, cada um deles escoltado por uma criança de patins. Parecia tão fofo que me vi batendo palmas e sorrindo amplamente. Os jogadores foram

anunciados em ordem alfabética. Enquanto eles se aproximavam do nome de Lucian, minhas entranhas se apertaram em antecipação.

No momento em que Lucian deslizou sobre o gelo, segurando a mão de uma garotinha com um rabo de cavalo escuro e um sorriso radiante, o estádio explodiu em uma algazarra de vivas. Arrepios pinicaram minha pele.

Ele realmente parecia um homem da montanha em equipamento completo, enorme e eterno. Seu sorriso era o mesmo tenso que ele me deu antes de nos separarmos, mas enquanto ele continuava a acenar, e a multidão continuava a gritar e aplaudir, um sorriso verdadeiro se abriu – fugaz e tímido – e meus olhos queimaram com lágrimas não derramadas.

— Ele parece bem — observou May.

Claro que sim. Mas me ocorreu que as pessoas poderiam ter presumido que Lucian estava diminuído e doente após a aposentadoria. É isso que ele temia que eles vissem quando ele viesse aqui? De qualquer forma, ele estava certo ao supor que muita atenção seria direcionada para ele.

Mas ele não mostrou nenhuma tensão ao tomar seu lugar com os outros, e eles logo começaram um jogo simulado, os caras trabalhando com as crianças. Avistei Brommy e Anton no gelo, cada um ajudando sua própria criança. Mas meus olhos permaneceram principalmente em Lucian. Deus, ele era tão bom com a garotinha com quem ele tinha feito par. Bom com todos eles.

Ele se moveu como se tivesse nascido no gelo. E isso partiu meu coração um pouco mais. Eu queria envolvê-lo e segurá-lo perto, este homem grande e forte que tinha passado por tanta coisa em tão pouco tempo.

— Não acredito que ele apareceu — disse uma mulher atrás de mim. Eu não me virei, em vez disso observei Lucian enquanto sua amiga respondia.

— Achei que ele não podia patinar.

Eu não tinha ideia se eles estavam falando sobre Lucian, mas as chances eram boas, e minhas costas ficaram rígidas, meus ouvidos voltando para a conversa delas.

— Bem, ele estava uma bagunça absoluta quando eu deixei. Não queria nem sair da cama.

— Oh, quão triste. Pobrezinha.

Minha sobranceira levantou com isso.

— Eu sei. Mas foi melhor assim. Ele não era o homem que eu pensava que era, e eu precisava seguir em frente.

— Que pena. Ozzy seria uma lenda.

— Não mais. Agora ele é apenas um... — Um suspiro profundo e expansivo agitou meu cabelo. — Um espetáculo à parte.

Com isso, eu me virei. Eu não pude evitar. Meus pelos ficaram arrepiados e a raiva crescia em minha barriga. Ao meu lado, May enrijeceu também. Claramente ela as ouviu também.

Duas mulheres – uma pálida e loira, uma bronzeada e morena – estavam exibindo expressões trágicas. A loira, que só podia ser Cassandra, era linda como uma modelo de catálogo: impecável, mas quase como uma boneca. Não era caridade compará-la a uma Barbie, mas eu não estava me sentindo muito generosa no momento.

Seus grandes olhos castanhos se fixaram em mim e ela me deu um sorriso brilhante.

— Oh meu Deus, você é Emma Maron?

— Eu sou. — As palavras mal saíram pela minha mandíbula travada. Eu queria dar um tapa nessa mulher. O que foi um choque; eu nunca quis levantar a mão para ninguém. Nem mesmo Greg quando o encontrei traindo. Mas minha mão se contraiu ao meu lado.

Cassandra não pareceu sentir o perigo e se aproximou.

— Eu sou uma grande fã da sua série. Cassandra Lavlin. Meu noivo é Adam Cashon. — Ela olhou para mim com expectativa.

— Que legal. — Eu queria virar as costas. Eu queria atacá-la. Eu fiquei paralisada.

Ela piscou, obviamente esperando mais.

— E você está com?

— Lucian Osmond.

Foi bastante gratificante ver a cor sumir de seu rosto.

— Oh. Eu... ah... Eu conheço Luc... Lucian, quero dizer.

— Eu sei.

— Você sabe? — Ela pareceu satisfeita com isso e olhou para o gelo.

Não era necessário nenhum talento especial para saber que ela estava olhando para Lucian.

Você não merece colocar os olhos nele.

— Sim, seu primo Anton disse que Lucian estava noivo de uma mulher chamada Cassandra.

Seu sorriso estava um pouco menos firme agora, e ela me olhou com cautela.

— Que sorte você ter encontrado outro noivo tão cedo.

May fez um ruído estrangulado de diversão, e a amiga de Cassandra olhou furiosa.

— Uh... — O nariz de Cassandra enrugou e eu sabia que ela estava tentando descobrir se eu a tinha insultado. — Obrigada.

Meu sorriso de resposta foi glacial.

— Eu realmente deveria *te* agradecer.

— Me agradecer? — Olhos castanhos confusos piscaram rapidamente.

— Sim. Se você não tivesse abandonado Lucian, talvez eu não o tivesse conhecido. Ele é o melhor homem que já conheci. Então, obrigada.

Com isso, eu virei minhas costas para ela. Eu poderia ter falado mais, dito pior, mas ela não valia a pena. Movi-me para sentar, mas a mão dela no meu braço me impediu. Ela se afastou de sua amiga e me encarou nas escadas.

— Olha, eu sei que pareceu ruim, o que eu estava dizendo sobre Luc. Mas você deve saber que o hóquei o define. Sem isso, ele não é nada mais do que uma concha.

— Você está errada. Ele é muito mais do que isso.

Seu sorriso era tenso e cauteloso.

— Espero, para o seu bem, que isso seja verdade. Porque o homem que eu conhecia não era capaz de amar nada mais do que o esporte.

Como se sentisse meu olhar, a cabeça de Lucian se ergueu e seu olhar colidiu com o meu. Algo leve e doce brilhou em seus olhos e ele sorriu, acenando para mim. Seu sorriso esmaeceu quando ele

claramente viu Cassandra comigo. Eu forcei um largo sorriso, mas ele não o devolveu.

Ao meu lado, Cassandra absorveu tudo.

— Boa sorte com Luc.

Então, ela saiu, indo para as placas. O programa acabou e os jogadores estavam encontrando e cumprimentando mais fãs e pais. Meus saltos clicaram na escada de concreto enquanto eu descia, combinando com as batidas do meu coração. Eu queria tocá-lo, ouvir sua voz, estar perto dele. Eu precisava disso.

Lucian patinou até me encontrar, lindo homem da montanha que era. Ele olhou para mim de sua grande altura com ternura e afeto, mas sua mandíbula estava rígida.

— Ela te incomoda?

Ele souou como se fosse fazer disso um grande problema se eu dissesse que sim. Lucian se importava. Ele se importava tanto que raramente deixava alguém ver. Mas eu o via. Inclinei-me, apoiando minha barriga na borda da pista.

— Não, ela não me incomoda. Ela te incomoda?

— Não. — Seu sorriso era tenso, preocupado. — Não mais.

Eu procurei seu rosto, querendo tranquilizá-lo, querendo-o.

— Aquela mulher não merecia você.

A luz encheu seus olhos com uma felicidade tranquila.

— Éramos inadequados. Eu fui feito para você.

— Me beija.

A boca de Lucian se contraiu, mas a tensão o deixou.

— Há muita imprensa ao redor, Snoopy. Você está bem em ser vista como minha?

— Depende. Você está bem em ser visto como *meu*?

Sua mão enluvada deslizou por trás do meu pescoço para segurar minha nuca.

— Vou usar um crachá declarando isso se você quiser, querida. — Ele me beijou, suave, profundo e longo.

Eu senti isso na minha barriga, no aperto do meu peito que se encheu de desejo e satisfação. Minhas mãos encontraram os protetores volumosos de seus ombros, e eu agarrei sua camisa enquanto o beijava

de volta. Não foi até que ouvi um assobio de lobo e a voz familiar de Brommy nos chamando que recuei.

Lucian sorriu para mim, um olhar privado que prometia mais depois.

— Você foi incrível — eu disse um pouco sem fôlego, não querendo me afastar dele.

Os cantos de sua boca se curvaram.

— Foi divertido. — Ele apertou minha nuca. — Vamos lá, vou apresentá-la a todos.

Um longo tapete foi colocado no gelo para as pessoas andarem e dizerem olá. Lucian me levou a um grupo de caras, todos eles se elevando sobre mim em seus patins. Eu conheci os amigos de Lucian, as pessoas que foram uma grande parte de sua vida.

Estava claro que os caras o amavam e respeitavam muito. Eles pareciam sentir falta de Lucian tanto quanto Lucian sentia falta deles, mas estavam resignados com isso. Todos eles teriam que enfrentar o mesmo algum dia.

Um homem robusto, de cabelos grisalhos, na casa dos cinquenta anos, aproximou-se de nós.

— Em, este é Davis Rickman, meu ex-treinador. Rickman, esta é...

— Emma Maron. Eu assisto sua série religiosamente. — Rickman apertou minha mão. — Prazer em conhecê-la.

Visto que todos aqui pareciam assistir a minha série e sentiam necessidade de me contar, estava ficando um pouco mais fácil ouvir os elogios. O que quer que eu tenha feito com o resto da minha vida, eu entretive uma boa parte das pessoas durante minha passagem em *Dark Castle*. Essa foi uma recompensa por si só.

Rickman olhou para Lucian.

— Você está bem com a próxima parte?

Lucian poderia muito bem ser feito de mármore.

— É claro.

A próxima parte foi um espetáculo de exercícios de corrida, tacadas e o que eu considerava ser uma patinação extravagante. Assistir Lucian correr manobrando o disco era sexy como o inferno.

Deus, ele era lindo quando patinava. Alegre, mas também focado, aquela expressão severa e olhos verdes como gelo formando uma

combinação que fez muitos fãs gritarem e assobiarem de pura luxúria. Eu era um deles. Mas então, eu conseguia ir para casa com ele.

Sorte a minha.

— Ele é extraordinário, não é?

Virei-me para encontrar Rickman parado ao meu lado.

— Sim. — Mas eu não estava falando sobre hóquei.

Não gostei da maneira como Rickman olhou para Lucian, como se avaliasse cada movimento que ele fazia. Havia algo cobiçoso que me irritava.

— Ele teve sorte de ter um treinador que soube como deixá-lo ir.

Rickman se virou na minha direção, os olhos meio escondidos sob as sobrelanceiras espessas.

— Foi escolha dele. Não minha.

— Você queria que ele ficasse?

Ele encolheu os ombros.

— Nossas mãos estavam atadas. Mas ele ainda é o melhor jogador que já treinei. Hóquei inteligente como você sonha.

Eu não sabia o que dizer sobre isso e voltei a bater palmas quando Lucian passou zunindo.

— Realmente é uma pena — ponderou Rickman.

— Ele está vivo — eu rebati. — Pena seria se ele morresse.

Olhos azuis sem emoções me espiaram em um rosto marcado por linhas teimosas, senão tristes.

— Alguns jogadores te diriam que seria melhor assim do que ter uma carreira interrompida.

A raiva borbulhava em minhas veias, mas consegui manter meu tom frio.

— Qualquer um que pense isso é um tolo.

Rickman apenas deu de ombros e voltou a observar os jogadores.

— Não sou eu que você precisa convencer.

Lucian

— Então. — Emma sorriu para mim enquanto colocava o braço em volta da minha cintura, e saímos do estádio.

— Então — eu repeti, reprimindo um sorriso. Ela era muito adorável e parecia perfeitamente bem aconchegada contra mim. Emma cutucou minhas costelas, acertando meu ponto sensível, a mulher má.

Eu definitivamente não ri. Eu agarrei sua mão diabólica e dei um beijo em seus dedos.

— Você se divertiu, Snoopy?

— Sim. — Ela encostou a cabeça no meu ombro, cantarolando. — Você foi espetacular. Um jogador verdadeiramente fenomenal.

Disseram-me isso de tantas maneiras diferentes ao longo dos anos que perdera o significado. Mas ouvir as palavras saírem da boca bonita de Emma, seu tom reverencial e cheio de admiração, não tinha nada além de puro orgulho crescendo em meu peito. Eu queria gritar, fazer uma dancinha... pegá-la e girá-la por aí pela alegria de fazê-la sorrir e rir.

Ela teve uma pequena amostra de quem eu tinha sido, eu no meu melhor. Ela testemunhou fãs torcendo por mim e torceu junto com eles, seus olhos brilhando de orgulho. Isso me fez querer colocar aquele olhar em seu rosto todos os dias da minha vida. Eu queria a sua admiração, deixá-la orgulhosa o tempo todo.

Meu peito doeu com uma ferocidade repentina que me fez pressionar minha mão nele. Mas ela não percebeu. Ela continuou conversando sobre toda a minha “habilidade sem esforço”, o que era fofo, mas fazia eu me sentir uma farsa.

Vê-la falar com Cassandra não ajudou. A conversa não parecia amigável, e eu posso ter adivinhado o que Cass havia dito, mas não queria perguntar a Emma. Principalmente porque eu não queria que ela parasse de olhar para mim como se eu fosse seu herói.

Achei que você fosse mais do que hóquei, Oz. Vejo agora que você não era.

Irritado por ter sequer pensado nas últimas palavras de Cassandra para mim, empurrei-a para o fundo da minha mente e peguei a mão de Emma.

Uma multidão esperava nas bordas da área isolada por cordas que levava ao manobrista. Vários jogadores estavam dando autógrafos. À medida que nos aproximávamos, gritos saíram, chamando meu nome. Emma balançou suas sobancelhas douradas.

— Seu público o aguarda.

— Você se importa?

— Por que eu me importaria? Fãs merecem o seu tempo.

Seguimos na direção deles, e eu fui rapidamente inundado com pedidos de autógrafos. Mas quando ouvi o nome dela ser chamado, levantei os olhos.

Emma foi notada. E todos esses fãs obstinados de hóquei se aglomeraram. Havia segurança por perto, e Emma não parecia estar sobrecarregada ou nervosa. Pelo contrário, seu sorriso era gracioso e lindo enquanto ela dava autógrafos e posava para selfies.

— Ela é realmente sua namorada?

O cara cuja camisa com o nome Osmond eu estava autografando olhou para Emma e depois de volta para mim, como se não pudesse acreditar. Alguns dias eu também não conseguia – não por causa de quem ela era para o mundo, mas pelo simples fato de que não havia ninguém de quem eu gostasse mais do que ela.

— Sim. Essa é minha garota.

— Seu filho da puta sortudo. — Ele estava no final da adolescência, acne enchendo as bordas de sua mandíbula, seu corpo ainda não formado. Eu me lembrava daqueles anos. Não me lembrava de ter sido tão direto, mas não pude contestar seu sentimento.

— Mais do que você sabe. — Devolvi-lhe a caneta e a camisa. Eu pretendia ir até Emma. Mas descobri que não conseguia me mover. Deus, ela brilhava.

Eu, agora, reconhecia o quanto sua confiança havia sofrido quando ela chegara a Rosemont. Ela sempre foi bonita, inteligente e teimosa, mas ela não irradiava esse nível de autoconfiança e felicidade no início.

Rosemont a curou.

Eu queria levar algum crédito por sua transformação também. Sem dúvida, ela me trouxe de volta à vida, me fez querer ser um homem melhor. Mas eu tinha feito algo semelhante por ela? Eu sabia que ela gostava de estar comigo. Mas eu conseguia deixá-la orgulhosa? Porque depois de hoje, eu voltaria para Rosemont como um homem sem direção.

Sua estrela estava em ascensão, enquanto a minha havia caído. Um carço cresceu na minha garganta enquanto eu olhava para ela. Talvez

tenha sido profético, ou talvez um desejo concedido, que meu telefone zumbisse com uma mensagem de texto do meu agente, Carlos.

Algo chutou forte e potente no centro do meu peito. Rickman e o gerente geral da minha equipe, Clark, queriam se encontrar.

Carlos: Não estou prometendo nada. Mas eles têm algumas ideias interessantes que acho que devemos ouvir.

Eu olhei para Emma, ainda trabalhando na multidão, e meus dedos se apertaram ao redor do meu telefone, uma onda estranha de medo e esperança girando dentro de mim. Meus dedos estavam firmes quando respondi:

Eu estarei lá.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Emma

— Venha comigo. — Peguei a mão de Lucian e o levei para o pátio privado de nosso bangalô. Tínhamos ficado separados o dia todo – Lucian em reuniões, e eu em reuniões, depois saindo com Tate. Eu tinha muito a dizer a ele; excitação e antecipação borbulhavam em minhas veias como champanhe recém-estourado. Mas isso poderia esperar. Aqui e agora era nossa vez.

O Bangalô Marilyn estava reservado, então Lucian nos reservou o Bangalô 5, que tinha um recurso específico que eu queria usar. Uma piscina.

Ele parou na beirada, e um pequeno sorriso brincou nas bordas de seus lábios.

— Como eu sabia que você acabaria me trazendo até aqui?

Eu tirei minhas sandálias.

— Isso é o que você ganha quando atormenta mulheres inocentes com seu corpo gostoso em um espetáculo noturno de esportes aquáticos.

Ele riu, o som rico e estrondoso. Livre. Lucian pode não ter sido totalmente curado em mente e espírito, mas ele estava lentamente perdendo a tensão que o montava e estava começando a sair de sua concha. Eu amei isso.

— Corpo gostoso, hein? — Os olhos cor de gaultéria brilharam no crepúsculo.

— Você sabe disso, Brick. Você é um incentivo ambulante ao sexo. Tentação com arrogância.

Suas narinas dilataram-se, mas seu tom era suave como creme.

— Você diz as coisas mais legais, Snoopy.

— Mmm... agora tire as roupas, torta de mel.

A sobancelha de Lucian se ergueu, mas ele estava muito distraído comigo puxando o meu vestido para cima para responder por um bom momento. Quando o fez, sua voz ficou rouca.

— Você está se despindo.

Eu sorri largamente.

— Observador esta noite, não é?

Seus lábios se contraíram.

— Você realmente quer fazer isso?

Eu sabia o que ele queria dizer. Muros altos e vegetação cercavam a piscina por todos os lados, mas não era uma casa privada. Havia uma chance de sermos vistos por algum paparazzi empreendedor que escala paredes. Uma chance infinitesimal admitida. Mas Lucian e eu estávamos super conscientes de nossa fama. O problema era que eu não me importava mais. Se alguém quisesse ir tão longe para tentar me envergonhar, não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Eu queria viver. Eu queria me alegrar com a vida e apenas ser.

Alcansei atrás de mim e desabotoei meu sutiã.

Lucian deixou escapar um gemido baixo quando o joguei de lado.

— Inferno, Em. Acho que nunca vou deixar de te querer.

A intensidade de seu olhar parecia uma luva de veludo ao longo da minha pele.

— Ótimo, porque você vai me ter. Bastante.

Ele grunhiu, o som satisfeito e ligeiramente predatório. Um novo pulso de calor subiu pelas minhas coxas e apertou meu sexo.

Meus dedos engancharam na minha calcinha, mas eu parei.

— Você não está se despindo.

Lucian piscou, como se estivesse saindo de uma névoa, então me lançou um olhar irônico enquanto tirava sua camisa. Senhor, ele era lindamente construído, forte, mas gracioso, definido e firme. O tom oliva de sua pele assumiu tons de azul claro e cinza na penumbra da noite. Ele segurou meu olhar enquanto seus dedos se atrapalharam com o botão de sua calça jeans. Eu sorri e tirei minha calcinha.

— Porra... — Ele soltou um forte suspiro, protelando, observando.

Eu ri e lentamente entrei na água, minha respiração travando um pouco com o frio repentino.

A primeira vez que Lucian se despiu para mim, foi um show. Isso estava claro agora. Desta vez, suas roupas saíram em um piscar, voando para uma espreguiçadeira em sua pressa. Ele me lançou um olhar estreito enquanto caminhou para o lado e se jogou na água. Mas assim que ele nadou para perto, eu me afastei.

— Então é assim, hein? — Ele me lançou um olhar malicioso, riso em seus olhos. Então veio atrás de mim.

Eu gritei, por diversão, e escapei. A piscina não era muito grande ou funda, e eu não estava realmente tentando fugir. Ele me pegou em menos de um minuto, rindo enquanto me puxava contra o comprimento duro e quente de seu corpo. Rindo, eu me agarrei em seus ombros molhados e tirei uma mecha de cabelo molhado de sua testa.

— Você me pegou. Agora o que você vai fazer comigo?

Cantarolando, Lucian nos conduziu em volta.

— Estou criando uma lista mental. — Suas grandes mãos deslizaram pelas minhas costas e agarraram minha bunda, segurando-me contra uma ereção impressionante.

Ele riu novamente quando eu me contorci contra ele, mordendo meu lábio com luxúria e impaciência. Sua boca pegou a minha e ele sugou suavemente meu lábio inferior abusado. Mas ele não fez mais nenhum movimento. Ele não precisava. Nós dois nos deleitamos no simples ato de nos abraçar, beijando devagar, completamente.

— Eu deveria ter feito isso na primeira vez que estivemos em uma piscina juntos — ele disse contra meus lábios, os seus quentes e preguiçosos.

Eu acariciei sua boca.

— Bem, eu tentei seduzir você.

— Tentou? — Lucian soltou uma risada que acabou sendo um gemido autodepreciativo. — Acabei fodendo minha mão a noite toda e desejando que fosse você.

Envolvi minhas pernas em volta de sua cintura fina e rebolei, apenas o suficiente para ele sentir meu sexo escorregadio contra sua dureza. Ele gemeu novamente, seu aperto na minha bunda se intensificando. Mordi seu lábio inferior.

— Eu também.

— Porra, Em...

Por longos momentos, nós flutuamos e nos beijamos, murmurando palavras de necessidade e encorajamento. Os ombros de Lucian bateram na borda da piscina e ele me segurou perto. A água fez seus longos cílios espetarem, irradiando-os de olhos verdes claros que não eram frios, mas cheios de afeto.

— Eu não deveria ter resistido a você. Foi um exercício fracassado.

— Resistência é inútil.

Lucian riu, lenta e profundamente, mas sua expressão permaneceu pensativa.

— Em pensar que poderíamos ter feito isso o tempo todo.

Eu salpiquei beijos por sua bochecha, sua mandíbula, então parei e sorri abertamente.

— Bem, há algo a ser dito por antecipação.

Ele tocou minha testa, enxugando uma gota d'água, enquanto seu olhar procurava meu rosto.

— Deus, Em, você parece...

— O quê? — Eu murmurei, meu coração batendo forte contra a frágil parede do meu peito.

— Feliz — ele disse, seu próprio sorriso florescendo. — Você parece tão feliz.

— Porque eu estou. — Eu olhei de volta para ele. — Por sua causa.

Lucian engoliu em seco, sua garganta trabalhando.

— Eu te faço feliz?

— Claro que você faz. — Eu segurei sua bochecha úmida. — Como você pode não saber disso?

Ele me encarou por um momento, então abaixou a cabeça e me beijou ferozmente. Isso acendeu meu corpo, mergulhando em minha barriga, vibrando em meu coração.

— Em... — Sua boca perseguia e acariciava. — Você não sabe... como você poderia saber... — Ele interrompeu, beijando meu pescoço, minha bochecha, minha boca mais uma vez. — Tudo estava escuro e vazio até você chegar. Sem sabor. Sem alegria.

Ele estremeceu, descansando sua testa contra a minha.

— Estou muito feliz por te fazer feliz.

Eu o segurei perto, nossas respirações se misturando.

— Eu vivo em um mundo de egos e faz de conta. Achei que a fama era o que eu precisava, que estaria segura se a tivesse. — A água bateu em nossos peitos enquanto eu tomei seu rosto. — Você não é seguro, Lucian. Mas você é real. Quando estou com você, me sinto viva. Eu sou apenas eu. E foi preciso conhecer você para entender que é a melhor coisa que qualquer um de nós pode ser.

A noite caiu em torno de nós, a água tilintando enquanto nos encaramos. O peito de Lucian subia e descia enquanto ele me segurava, absorvendo minhas palavras. Quando ele falou, sua voz parecia vir da parte mais profunda dele.

— Eu não sei o que fiz para merecer você, Em. Mas eu juro que farei o meu melhor para garantir que eu conquiste o direito de manter você.

Antes que eu pudesse dizer que ele já conquistou esse direito, ele me beijou novamente e, em seguida, prontamente nos tirou da água, indo para a cama.

Lucian

— Deus, você é tão boa. — Deitados cara a cara, nossos corpos emaranhados o mais perto que podíamos chegar, eu bombeei no calor escorregadio de Emma e gemi. Tremendo, segurei sua bochecha corada e beijei sua boca macia. Eu a amei por horas, devagar e com calma, cada centímetro de mim ansiando pela liberação, mas prolongando-a pelo tempo que pude. Tínhamos passado a noite inteira nisso e, agora, sob o sol quente da manhã.

— Lucian. — Ela balançou comigo, as pontas de seus seios roçando meu peito.

Grunhindo, alcancei entre nós; encontrei seu mamilo doce e inchado; e o torci. As paredes de seu sexo se apertaram em resposta, e ela circulou seus quadris em um gemido. Tão bom para caralho.

Tão bom que me senti como se estivesse voando.

Emma estava em meus braços, e tudo estava bem no mundo. Não consegui identificar o momento exato em que isso se tornou a minha

verdade; talvez tenha sido desde o momento em que nos conhecemos. Desde o início, ela me fez sorrir, jogou raio de sol e ar no meu mundo escuro e fechado.

Eu precisava dela como eu precisava do gelo, como eu precisava de comida e água. Beijei-a de novo, lambi a curva rechonchuda de seu lábio inferior.

— Em. Nunca foi desse jeito — eu sussurrei. — Nunca desse jeito.

Nossos olhares colidiram assim que eu atingi um ponto que a fez gozar em volta do meu pau, apertando-o com tanta força que vi estrelas. Eu a segui com um gemido longo e áspero, derramando-me nela com golpes firmes e fortes.

Vazio e repleto, puxei-a impossivelmente mais perto com um suspiro. Por um longo momento, deitamos em perfeito silêncio, contentes em apenas abraçar um ao outro. Então, ela inclinou a cabeça para olhar para mim.

Um sorriso sonolento, mas contente, iluminou seus olhos.

— Você me reduziu a uma poça sem ossos.

Eu alisei minha mão sobre a curva sedosa de sua bochecha.

— Deixe-me fazer de novo.

Eu estava, na maior parte, falando sério. Eu não pensava que seria capaz de me mover por um tempo. Ela me destruiu também.

Com um gemido dramático, ela caiu para trás, então se aconchegou na curva do meu braço.

— Eu preciso de um longo banho quente primeiro. E café. — Ela piscou para mim. — Deus, eu mataria por um dos seus croissants agora.

Eu segurei um sorriso. Como ainda estávamos no hotel, isso teria que esperar.

— É gratificante saber que você me quer pelos meus produtos de panificação.

— E pelo seu pau também.

Eu engasguei com uma risada, então abaixei minha cabeça para afagar seu pescoço.

— Atrevida, Snoopy.

— Mmm. — Seu dedo traçou as espirais de cabelo em meu peito.

— Tive uma boa conversa com meu agente ontem.

Depois da arrecadação de fundos, Emma teve uma reunião com seu agente enquanto eu conversava com Rickman e Clark. Nenhum de nós teve a chance de discutir isso com o outro, já que basicamente agimos como adolescentes excitados no segundo em que ficamos sozinhos em nosso quarto de hotel novamente. Eu não poderia dizer que estava com pressa para contar a ela sobre minhas novidades; eu sabia que não iria correr muito bem. Em vez disso, concentrei-me na dela.

— O que o seu agente disse?

— Há um papel. O diretor e os produtores me querem. É um drama baseado em um grande suspense *best-seller*.

Ela me disse o título e eu assobieei baixinho.

— Quem eles querem que você interprete?

— Beatrice.

Eu conhecia o livro. Beatrice era a protagonista principal, que estava lentamente se dissolvendo na loucura ou realmente sendo perseguida por um assassino; o público não saberia até o final. Se Emma conseguisse, ela seria uma grande estrela.

— Você pode fazer isso — eu disse com convicção.

Ela agarrou meu braço, segurando.

— Eu sei. Eu posso sentir isso. Esse é o meu papel.

Eu a beijei rápido e suavemente.

— Onde vai ser filmado?

— Aqui em LA em sua maior parte. Eu acho que há algumas cenas em Nevada também. — Seu sorriso suavizou. — Eu não irei longe.

A promessa me fez parar; a realidade de nossa situação, de como eu logo mudaria isso, rastejou-se para cutucar minhas entranhas. Eu não tinha contado a ela minhas novidades. Eu não poderia agora. Não em face de sua felicidade.

Afastei o pensamento e me concentrei em beijar seus lábios, beijos leves que não precisavam levar a lugar nenhum, mas que enviavam pulsos de prazer pela minha espinha cada vez que eu a tocava.

Ela fez um barulho de contentamento, seus dedos penteando meu cabelo.

— Ah, e tem mais uma coisa.

— Algo maior do que um papel do caralho em um potencial sucesso de bilheteria?

— Bem, não é assim tão bom, mas acho que é muito bom.

— Diga-me, doce Em.

Ela se aninhou em mim.

— Eu quero te levar a algum lugar. Você vem comigo?

— Não vai me dizer onde?

— É uma surpresa.

— Misteriosa. Eu gosto disso. Eu irei. — Eu puxei o edredom para longe, expondo-a ao meu olhar. — Mas primeiro você.

Depois de uma longa e profunda troca, nós dois fomos.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Lucian

A casa ficava em Los Feliz, onde a estrada subia pelas colinas em direção ao Observatório Griffith. Escondida atrás de um portão de estuque privado, era uma propriedade no estilo revival espanhol da década de 1920. Em muitos aspectos, era uma versão menor de Rosemont, com seu telhado terracota, paredes de gesso branco, portas em arco escuro e tetos com vigas. Rosas se agarravam às paredes e pontilhavam o pátio.

Nossos passos eram silenciosos enquanto ela me conduzia por uma grande sala de estar com uma lareira de pedra esculpida, passando por uma biblioteca com painéis de carvalho e por uma cozinha cheia de luz com amplas janelas com vista para um oásis de piscina. Balcões de mármore gastos se estendiam frios e lisos sob minha palma. Eu examinei os fornos duplos de embutir e o fogão de oito bocas. Esta era a cozinha de um chef. E claramente o coração de uma casa muito amada.

— É privada — Emma estava dizendo, caminhando para as portas duplas em arco que se abriam para o exterior. — E quieta.

— Tem uma boa luz. — Meu olhar vagou pela cozinha, observando a enorme despensa e a área de café da manhã. Eu tinha a velha mesa de fazenda de Jean Philipe guardada. Ela se encaixaria perfeitamente bem aqui, brilhando à luz do sol.

Armários de vidro e prateleiras alinhavam-se na parede oposta. Espaço mais do que suficiente para conter travessas, pratos, panelas, louças. Eu olhei para Emma, sentindo seu olhar.

Ela sorriu timidamente para mim.

— Você gostou.

— Gostei. — Não explicou a maneira como meu coração ameaçou bater no meu peito.

— Estou comprando.

Lá estava. Eu esperava por isso; por que mais ela me traria para ver uma casa à venda? Mas a confirmação ainda acertou com a força de um chute bem colocado.

— Quantos quartos?

— Cinco. — Ela não se moveu de seu lugar ao sol.

— Meio grande para uma pessoa.

— Sim. Mas é bom aqui. Como um lar. — Seu olhar não vacilou do meu.

Lar. Dela. Longe do meu. Mas eu realmente tinha um lar? Rosemont era de Amalie. Sim, eu sempre seria bem-vindo e ele tinha sido meu refúgio. Mas era um lar ou um espaço seguro para me esconder do mundo?

Corri minha mão ao longo do balcão mais uma vez. Ao contrário de tantos balcões em casas sofisticadas da Califórnia, este era antigo. Tinha uma história, sua história contada através de manchas fracas e a suavidade sedosa do mármore. Seria excelente para temperar chocolate, abrir massa.

Lar. A tentação de criar um com Emma queimou em meu intestino como açúcar fervente, doce, mas doloroso. Porque eu não poderia fazer isso. Não agora, pelo menos.

— Quando você irá se mudar?

As tábuas do assoalho rangeram quando ela se aproximou um pouco mais.

— Assim que eu puder. Talvez em duas semanas.

Eu absorvi isso. Sempre soube que ela teria que ir. E não era muito longe de Rosemont. Por que isso me cortou? Por que senti frio na pele, como se ela já tivesse partido?

Porra. Isso dói. Ela disse que eu a fazia feliz. Eu queria fazê-la feliz e orgulhosa.

— Lucian?

— Sim? — Tentei fazer soar leve, mas a palavra saiu concisa.

Sua expressão era de dor, mas acolhedora, como se ela estivesse tentando me dizer algo que eu continuava perdendo.

— Onde você realmente mora?

— Como assim *onde*? Eu moro em Rosemont.

Uma pequena ruga se formou entre suas sobrancelhas.

— Você sempre morou lá?

— Claro que não. — Passei a mão pela nuca. — Eu tinha um apartamento em DC. Um bom lugar em Georgetown, com vista para o Potomac. Eu vendi porque não precisava mais dele.

Ela achava que eu estava tão mal? Cristo, eu tinha sido uma estrela. Ganhei mais de oitenta milhões em meus anos de jogo, com mais vindo de patrocínios. Eu era um homem rico. Francamente, provavelmente fiz mais do que ela. Mesmo sem jogar. Instantaneamente, me senti um idiota por pensar isso.

Talvez minha carranca projetasse mais meus pensamentos do que eu percebi, porque ela balançou a cabeça, como se estivesse se desculpando.

— É que... nunca falamos sobre isso. Sua vida. Você fica em Rosemont como se estivesse se escondendo...

— Eu não estou me escondendo. Eu estou lá porque... — Minha garganta se apertou e eu fiz um barulho ofendido para limpá-la. — Mamie precisa de companhia.

Merda. Parecia totalmente ridículo. E nós dois sabíamos disso.

— É isso? — ela perguntou suavemente, gentilmente. — Você está dedicando o resto da sua vida a fazer companhia a Amalie?

Meu intestino se retorceu e eu grunhi, deslizando meus olhos dos dela, então ficando chateado com isso e olhando-a de volta desafiadoramente.

— Ela é minha avó.

— Eu sei. Mas e quanto à sua vida? — Ela estava mais perto agora, de frente para mim do outro lado da longa ilha da cozinha. — Você é tão jovem. Você tem tantas opções...

— Isso mesmo — eu interrompi, sentindo aquele velho ressentimento, aquela velha frustração contrariada crescendo. — Eu tenho.

Ela fez uma pausa, franzindo a testa novamente.

— Você tem — ela repetiu, insegura.

Eu soltei um suspiro.

— Eu não queria discutir isso agora. Mas conversei com Rickman.

— Seu antigo treinador?

Eu concordei.

— Rickman, sim. E com Clark, o gerente geral de minha equipe, bem como Jack Morison, o proprietário. — Minhas mãos se espalharam sobre o balcão, pressionando para me ancorar. — Se meus médicos me derem sinal verde e se eu me sentir bem para jogar, eles me aceitarão de volta.

Foi como se todo o ar saísse da sala. A boca de Emma caiu, e ela ficou boquiaberta para mim em horror.

— Eles vão aceitar você de volta? — Ela empalideceu. — Mas você se aposentou.

— Todos nós estamos cientes disso, Em.

— Você se aposentou — ela disse com mais força —, porque corria o risco de danificar seu cérebro. Permanentemente.

— Eu sei — eu rebati. Então respirei fundo. — Mas ainda estou na minha melhor forma. Estar no gelo novamente... Foi bom. Eu ainda posso fazer isso. Eu poderia apenas...

— Apenas o quê? Morrer, porra? — Ela disse estridentemente, então mordeu o lábio como se estivesse lutando para se acalmar.

— Terei cuidado — eu disse, também lutando, quando tudo o que queria fazer era gritar. — Terei muito cuidado.

— Jogando hóquei. Um esporte de contato total. — Ela bufou, fazendo uma careta. — O mesmo esporte que o colocou nesta posição para começar.

— Emma...

— Não me venha com Emma. — Ela acenou com a mão, como se pudesse afastar sua irritação. — Não... me acalme!

— Tudo bem. Eu não vou. — Eu agarrei as laterais do balcão. — Então não me dê sermões como se eu fosse uma criança ignorante.

— Então não aja como uma criança ignorante — ela respondeu com veemência. — Use esse seu cérebro muito grande e precioso. Isso é irracional...

— Oh, pelo amor de Deus...

— Você usou esse cérebro brilhante quando se aposentou. Use-o de novo, droga.

Meus dentes bateram juntos e eu os cerrei, incapaz de responder sem gritar.

Energia crepitou ao redor de Emma, iluminando seus olhos, desenhando as linhas de seu corpo em nítido relevo. Ela estava linda, assustadora.

— E a oferta de Delilah? Você adora cozinhar, criar sobremesas. Você é um artista...

— Eu sou um jogador de hóquei! — Meu grito ecoou no espaço e ricocheteou em mim. — É tudo o que sempre fui ou quis ser! — O som que saiu de mim foi como o de um animal ferido, envergonhando-me, enfurecendo-me. Eu bati o punho no balcão. — Não me diga o que eu sou quando tenho a chance... para... Porra.

Eu me virei para longe, minha garganta travando. Ofegante, coloquei minhas mãos em meus quadris e pisquei rapidamente para limpar o formigamento ardente atrás de minhas pálpebras.

O silêncio tinha um peso e uma frieza. Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Estou na melhor forma da minha vida, Em. Eu posso fazer isso. Terei cuidado agora. Eu sei o que está em jogo.

As palavras eram tão frágeis quanto açúcar refinado. Mas ela não esmagou através delas como eu esperava. Ela não discutiu comigo. Seu suspiro foi suave, uma lufada de ar. Eu nem teria ouvido se não estivesse tão atento à sua resposta, esperando pela discussão que eu queria ter.

— Você nunca será feliz com outra coisa, não é? — ela disse.

Uma onda de *algo* passou por mim, e tudo que eu pude fazer foi balançar minha cabeça em negação. Fechado e desligado, a última coisa que eu esperava era que seus braços me envolvessem por trás, que ela se pressionasse contra mim e me segurasse com força.

Eu não esperava por isso. Mas no segundo que ela fez isso, meu corpo reagiu com um estremecimento completo, meu coração batendo forte contra as minhas costelas. Eu segurei seus antebraços magros, esfregando sua pele sedosa, precisando daquele contato.

— Eu não quero discutir — ela disse.

Então, eu me virei, puxando-a para perto.

— Eu também não quero.

Ficamos parados em silêncio, abraçados na cozinha que logo seria dela. Eu descansei minha bochecha em sua cabeça, respirando o cheiro de seu cabelo, absorvendo o calor de seu corpo. Mas cedo demais, Emma se afastou e inclinou a cabeça para trás. Seu olhar cor índigo moveu-se sobre meu rosto.

— Se você jogar pelo seu antigo time, isso significa que você vai voltar para DC.

A verdade ondulou como uma pedra jogada em um lago. Novamente, ela expressou algo que eu não queria. Mas estava fora agora. Eu deixei meus braços deslizarem dos dela, quando tudo que eu queria fazer era segurá-la com mais força.

— Nada está definido. Este é apenas um teste provisório, mas sim, se eu jogar... DC é onde eu ficaria, mas viajarei por toda parte.

— Eu sei como funciona. — Seu sorriso era irônico e forçado. — Eu estarei ocupada também. A produção começará em breve. Na verdade, tenho minha primeira reunião na próxima semana. Você sabe, repassar algumas ideias, conhecer o elenco, esse tipo de coisa.

Ela se afastou, vagando pela cozinha.

— Este lugar precisa de uma boa mesa de fazenda. Algo como a que Amalie tem na dela. Talvez uma prateleira suspensa para panelas e frigideiras de cobre sobre a ilha.

A tagarelice de Emma não era um bom sinal. Um caroço se formou em meu peito, crescendo enquanto ela falava sobre o que queria fazer com este lugar.

— O quarto principal tem uma varanda parcialmente fechada com vista para a piscina... — Sua voz sumiu quando ela franziu a testa. E eu sabia que ela estava pensando na varanda de sua casinha em Rosemont e na noite em que ela me viu nadar nu.

A tristeza me inundou. Isso parecia como uma morte. O nosso fim. Eu queria parar com isso. Eu *poderia*. Tudo que eu precisava fazer era dizer as palavras certas. Mas elas seriam uma mentira. Eu precisava tentar, ou ficaria para sempre me perguntando se havia tomado a decisão certa. Eu nunca sairia da perda. E não aguentava mais perdas na minha vida. Não agora.

— Eu não quero perder você — eu deixei escapar.

Emma olhou para mim, uma expressão desconfortável desenhando as linhas apertadas de seu rosto.

Eu a encarei de volta, implorando que ela entendesse.

— Eu acabei de encontrar você. Mas não posso fugir desta última chance. Eu quero me sentir eu mesmo de novo, Em.

Seus ombros caíram em um suspiro.

— Eu sei que você quer. — Ela engoliu visivelmente. — Eu não vou a lugar nenhum, Lucian.

Mas eu iria. E nós dois sabíamos que isso iria me afastar dela do mesmo jeito.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Emma

Eu não estava entorpecida. *Entorpecimento* implicava uma falta de sentimento e eu sentia em toda parte. Uma sensação de cólica horrível. Eu não sabia que era possível ter tanto medo por alguém que estava determinado a ignorar o perigo que enfrentava.

Eu olhei para o perfil duro de Lucian enquanto ele se concentrava nos toques finais do almoço de salmão grelhado que ele estava preparando. A luz do sol amarelo-limão brilhava através da janela da cozinha e refletia em seu cabelo escuro. Ele parecia calmo, mas não contente.

Não pôde ser evitado. A viagem de volta a Rosemont foi tensa, cada um de nós quieto e em seus próprios cantos. Eu odiei cada segundo disso. De alguma forma, Lucian tinha se tornado a característica central do meu mundo, e ele simplesmente não era um lugar feliz quando estávamos às avessas.

Não que qualquer um de nós aparentemente quisesse admitir que estávamos em uma luta prolongada. Eu era muito boa em fingir que não sentia dor, e ele também.

Uma solução terrível, visto que minha ansiedade e dor aumentavam a cada momento em que mantive minha boca fechada. Agora, um dia depois, estávamos preparando o almoço para sua família. Melhor, Lucian estava fazendo, e eu fiz companhia a ele em meu poleiro habitual na bancada da cozinha.

Um suspiro silencioso percorreu meu corpo. Eu tive esperança que ele adorasse a cozinha da casa que eu queria comprar. Eu tive esperança que ele visse a possibilidade de transformar aquela casa em

um lar para nós dois. O que foi simplesmente estupidez da minha parte. Era muito cedo para esperar que ele morasse comigo. Não que eu tivesse reunido coragem para sequer perguntar. Nunca falamos de amor nem para sempre. Por que eu deveria esperar alguma coisa?

Mas eu esperei. Eu havia construído castelos mais uma vez, nos imaginando naquela versão menor de Rosemont. Um lugar só nosso. E ele o esmagou de uma só vez. Ele estava indo embora.

Poderia ter sido mais fácil de aceitar se não fosse por uma carreira que muito provavelmente poderia matá-lo.

Fazendo uma careta, eu desviei o olhar.

— Está pronto. — Sua voz profunda cortou o silêncio.

— Vou pegar o pão.

Forçado e nem um pouco genuíno. Era assim que conversávamos agora.

Engolindo em seco convulsivamente, agarrei a grande cesta de pão enquanto ele me observava com aqueles olhos verdes frios. Eu sabia que o chateava por não ter concordado instantaneamente com seu plano. Assim como eu sabia que ele não queria me machucar. Estávamos simplesmente em um impasse.

Lucian carregou o prato principal e fomos recebidos por Tina, que voltou correndo para pegar o chá gelado.

— Bem, então — disse Amalie com uma batida de palmas de suas mãos adornadas com jóias. — Isso está adorável.

Sal afastou uma travessa de tomates fatiados e maduros de cor rubi para dar espaço ao peixe.

— Estou morrendo de fome.

— Você está sempre faminto — Lucian disse secamente, ganhando um estalar dos dedos pintados de verde neon de Sal.

— Agora, onde está Anton? — Amalie murmurou, olhando em volta do terraço, como se ele fosse saltar de um arbusto. Mas ele entrou pela porta da cozinha, ajudando Tina com as bebidas, carregando duas garrafas de vinho.

Recostei-me e observei a maneira como os Osmonds se moviam juntos, deixando tudo perfeito, várias expressões de paz e expectativa enfeitando seus rostos atraentes. E em seu centro, o severo e vigilante Lucian orientando a todos.

A tristeza guerreou com afeto absoluto. Por todos eles. Eram pessoas que amavam a vida, amavam boa comida e boa conversa. E eles compartilhavam com quem quer que precisasse desses confortos.

Depois que Sal serviu um copo de chardonnay para ela, Amalie ergueu a taça com um brilho nos olhos cor de jade enquanto olhava para cada um de nós. Lucian pode ter sido o capitão, mas ela era a rainha.

— *On trinque?*¹⁶

Seus netos responderam imediatamente como um só.

— *À votre santé.*¹⁷

Sal e eu repetimos e seguimos o ritual de tilintar de taças com todos. Quando Lucian se virou para tocar minha taça, ele segurou meu olhar e murmurou:

— *À ta santé.*¹⁸

Minhas pálpebras baixaram, a emoção me enchendo muito forte e rápido. E ele sabia disso. Seus lábios roçaram minha têmpora enquanto ele sussurrava meu nome.

— Em.

Eu amava esse homem. E isso estava me matando.

Quando nos separamos, encontrei Amalie sorrindo, feliz da vida. Pisquei para conter as lágrimas e aceitei o prato de tomate que Tina passou na minha direção.

— Então — Amalie disse. — Agora que tenho todos os meus bebês aqui, eu tenho um anúncio.

Uma onda percorreu a mesa e todos, menos eu, pareciam se preparar.

— Decidi que sinto falta da França. Então — ela acenou com uma mão elegante —, estou voltando para Paris.

— Você vai a Paris toda primavera — Lucian disse, sua expressão sempre inexpressiva.

— Shhh, você. — Ela fungou, como se estivesse ofendida, mas todos nós sabíamos que ela não estava. — Vou morar em Paris permanentemente. Meu tempo aqui acabou. Novas memórias devem ser feitas.

A mulher tinha setenta e cinco anos e ainda assim pegava a vida pelas rédeas e a guiava para onde bem entendia. Era isso que eu queria: ter a coragem de Amalie, seu desejo pela vida.

— Você vai vender Rosemont? — Lucian não conseguiu esconder o medo em sua voz. Eu não o culpava. Este era seu refúgio e sua infância, tudo em um.

— Claro que ela não vai — Tina disse, com um olhar um pouco irritado para ele. — Ela vai dar a você.

— A mim?

Anton bufou.

— Você parece surpreso.

O olhar de Lucian se estreitou e congelou.

— Porque eu estou. Não tenho mais direito sobre este lugar do que qualquer um de vocês.

— Oh, por favor. Você é o favorito dela.

— Se você não é, Ant, é só porque você é um idi...

Amalie bateu palmas uma vez.

— Silêncio. Todos vocês. — Ela olhou para cada um deles. — Claro que não estou vendendo, Lucian. Que ridículo. E vocês dois. Como vocês ousam sugerir que eu mostre esse tipo de favoritismo?

Tina estremeceu.

— Desculpas, Mamie. É que Lucian morou aqui com você quando era criança e está consertando-a.

Anton simplesmente grunhiu.

Amalie tomou um gole lento de seu vinho antes de continuar.

— Eu irei, é claro, visitar Rosemont de vez em quando, mas estou deixando a propriedade para vocês quatro em parceria igual.

— Quatro? — Anton piscou em confusão.

Amalie ergueu uma sobrancelha.

— Você, Lucian, Tina e Salvador.

Sal fez um som sufocado, sua pele acobreada ficando bronze escuro.

— Amalie... você... eu...

— Você é como um neto para mim, meu querido — disse ela com aço em sua voz e bondade em seus olhos. — E não aceitarei não como resposta.

A ameaça de que ela lutaria com qualquer um de seus netos verdadeiros que se opusessem também era clara como um sino.

Sal recostou-se com um suspiro estrangulado, agora pastoso e suando.

Lucian lançou-lhe um sorriso largo e divertido.

— Encare isso, Sallie... você é oficialmente um de nós agora.

— Puta...

Tina se aproximou para dar um tapinha em suas mãos.

— Mamie está certa. Nós te amamos, Sal.

Anton apenas encolheu os ombros.

— Você é tão parte de Rosemont quanto Mamie. — Ele se virou para sua avó. — O problema é, Mamie, eu não posso estar aqui para cuidar deste lugar. Você pode muito bem...

Ela o reprimiu com um olhar.

— Agora, então. Não espero que nenhum de vocês viva aqui o ano todo, embora, se essa for a escolha de vocês, vocês certamente podem. De qualquer forma, existe uma poupança para cuidar da manutenção e dos impostos.

Lucian e Anton trocaram um olhar. Eu conhecia Lucian bem o suficiente para entender que nenhum dos dois utilizaria esses fundos para pagar por Rosemont. Ambos eram ricos o suficiente para cuidar do lugar sozinhos. Quanto a Tina, não tinha ideia do que ela faria. Mas ela imediatamente se iluminou.

— Eu gostaria de morar aqui. — Ela se virou para Lucian e Sal. — Se estiver tudo bem para vocês dois.

Os olhos de Lucian se enrugaram nos cantos.

— Querida, você ouviu Mamie; é tanto sua casa quanto minha.

— Sim, mas vocês estão morando aqui há um tempo. Eu não quero pisar em seus pés.

— Você está me perguntando? — Sal riu levemente. — Ainda estou tentando me beliscar.

— Aqui, deixe-me ajudar. — Lucian fez menção de beliscar Sal e foi prontamente empurrado para longe. Lucian deu uma risada, mas ela morreu rapidamente e ele se mexeu na cadeira. — O problema é que não vou ficar na Rosemont por um tempo.

— Oh? — Amalie lançou um olhar de cumplicidade na minha direção, como se estivesse esperando por isso. Eu queria rastejar para debaixo da mesa. Ela estava tão errada. — Diga, Titou.

Lucian pigarreou, tomou um gole de chá gelado e tornou a pigarrear.

— Os Caps pediram que eu voltasse e tentasse jogar por eles novamente.

Foi como se uma bomba tivesse disparado e a mesa explodido.

— Você está louco, porra?

— Luc, não!

— *Madre de Dios.*

— *Não! Não, não, não!* — Amalie enfatizou cada *não* com um tapa na mesa. Lágrimas invadiram seus olhos. — Você não pode, Titou. Você não pode.

Lucian empurrou o queixo para cima e para fora daquela maneira obstinada e determinada dele.

— Mamie, eu posso.

Seus olhos brilharam.

— Só porque você *pode*, não significa que você deveria.

— Nada é gravado em pedra. Eles querem ver como eu me saio e eu verei como me sinto de volta ao gelo.

— Você me prometeu, Lucian. — A voz dela falhou ao ouvir o nome dele e ela desviou o olhar.

— Eu sei. — A mandíbula de Lucian se contraiu. — Mas eu tenho que fazer isso por mim mesmo. Não para você ou qualquer outra pessoa.

Eu me encolhi quando eles voltaram seus olhares indignados para mim.

— Não olhem para Emma assim — Lucian disse em um tom duro. — Ela não tem nada a ver com isso.

Isso doeu mais do que eu esperava, e eu abaixei a cabeça, meus dedos torcendo o guardanapo de linho no meu colo.

— Não farei parte disso — disse Amalie, levantando-se. Sua voz tremeu quando ela olhou para seu neto teimoso e orgulhoso. — Eu te amo com todo o meu coração, mas não vou assistir você se destruir.

Ela se afastou e vi algo rachar nos olhos de Lucian. Mas ele não tentou impedi-la. Compreendi, então, que Lucian nunca imploraria por afeto ou compreensão. Ele não sabia como.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Lucian

Minhas notícias saíram tão bem quanto eu esperava, ou seja, de uma maneira espetacularmente ruim. Mesmo esperando a reação que tive, doeu. Meu peito parecia que estava desabando; meu estômago se revirou e queimou.

Um por um, eles me deixaram à mesa, sua decepção amarga clara e cortante. Todos eles, exceto Emma. Ela se sentou em silêncio ao meu lado, até agora, seus ombros magros caídos.

— Bem — eu disse. — Isso foi uma merda.

Ela não disse nada por tanto tempo que pensei que ela poderia estar me ignorando, mas então ela engoliu em seco e ergueu a cabeça. Seus olhos índigo estavam cheios de tristeza.

— O que você esperava?

Eu estremeci, odiando sua decepção acima de tudo.

— Sobre o que eu tenho.

Ela bufou eloquentemente, mas não disse mais nada.

Eu me mexi na cadeira para encará-la.

— Apenas diga.

Um pouco de cor encontrou seu caminho para suas bochechas. Bom. Eu queria uma discussão.

— O que você quer que eu diga, Lucian?

— Qualquer coisa. A verdade.

— Você não quer a verdade.

Eu me afastei da mesa.

— Eu sei que vocês estão todos preocupados...

— Não — ela interrompeu bruscamente. — Estamos apavorados.

Levei o golpe e respirei fundo. Ela não entendia. Nenhum deles fez.

— Eu quero que você tenha orgulho de mim.

— Eu tenho. De muitas maneiras. Você é inteligente, multitalentoso, com humor seco e muito forte. Você é um lutador, Lucian. Eu admiro muito isso em você.

— Então como você não consegue ver que isso sou eu lutando? Estou subindo de volta ao topo.

Sua mão agarrou a borda da mesa quando ela se inclinou.

— Você está se agarrando a um ideal. Isso não é lutar. Isso é desespero.

Ela tinha pena de mim. Isso foi pior que qualquer raiva que ela pudesse ter jogado na minha direção. Se agarrou à minha pele, me sufocando.

— Puta que pariu — eu grunhi. — E você afirma que me conhece? O que você sabe sobre perda? Você veio aqui para se esconder depois de um pequeno contratempo. Você ainda tem sua carreira.

Emma se levantou com a dignidade de uma rainha e se afastou da mesa.

— Bom. Vejo que estamos no segmento de ataque da nossa discussão.

— O que você espera que eu faça? — Eu atirei de volta, desespero e raiva tornando minhas palavras afiadas e rápidas. — Quando você me pinta como um covarde?

— Não sei. — Ela acenou com a mão exasperada. — Talvez dar um passo atrás e realmente dar uma olhada no que você está fazendo. Você foi tão corajoso em se aposentar. Corajoso e forte...

— Não foi coragem. Foi medo.

— Coragem é ter medo e ainda assim fazer o que precisa ser feito.

— Banalidades. Ótimo.

Emma olhou ferozmente, seu rosto corando. Mas eu continuei.

— Como você pode não ver? Estou fazendo isso por nós. Estou tentando ser alguém que consegue manter a cabeça erguida e estar apto para ficar ao seu lado.

Foi como se eu a tivesse esbofeteado. Ela literalmente balançou sobre os calcanhares antes de se endireitar. Ela demorou um momento para responder e, quando o fez, sua voz era lenta e firme.

— Você parece pensar que um relacionamento tem tudo a ver com quanta fama e reconhecimento você pode trazer para a mesa. Não é isso que eu quero. Essa era Cassandra. E sinto muito por ela ter feito você pensar que era só isso.

— Isso não é... — Eu parei porque não sabia se o que ela disse era verdade. E isso me frustrou muito. Eu precisava dela. Somente ela. Nem Cassandra, nem mais ninguém. Achava que Emma me entendia no nível da alma. Como ela poderia não ver o quanto eu precisava dessa chance?

— Na alegria ou na tristeza — disse ela, interrompendo meus pensamentos. — Na saúde ou na doença. Não é assim que deveria ser?

Eu não conseguia encontrar seus olhos tristes. Eu queria gritar. Por dentro eu estava quebrando, desmoronando junto com suas palavras.

— Uma vez você me disse que eu brilhava — disse ela. — E que nada poderia mudar isso. Nem a perda de um papel, nem um contratempo. Por que você não consegue ver o mesmo em você? Porque você faz, Lucian. Você brilha tanto...

— Isso é o que estou tentando fazer, droga! Você me disse que eu estava me escondendo em Rosemont. Você estava certa. Estou tentando mudar isso.

O pânico percorreu as extremidades da minha alma.

— Lucian... Deus. Por que você não consegue ver? Eu... — Ela ergueu as mãos e depois as abaixou, como se estivesse derrotada. — Não sei mais o que dizer.

A finalidade de seu tom me gelou profundamente.

— Então é isso? Você está me largando?

Todos eles me deixaram. Mas ela tinha ficado. Eu esperava...

— Não, Lucian. Eu não vou deixar *você*. Estou dizendo como me sinto. Que a ideia de você fazer isso me apavora e parte meu coração. — Ela apertou o punho contra o peito. — Esta é sua escolha. Você decide para onde vamos a partir daqui.

— Parece muito com um ultimato para mim, Em.

Logicamente, eu sabia que ela estava certa. Sobre tudo isso. Mas meu coração? Meu coração dizia que eu precisava tentar. Eu deveria seguir minha paixão. Jean Philipe sabia. Ele me avisou que eu não ficaria contente a menos que fizesse o meu melhor para manter o que

eu amava por perto. Ele estava certo; eu estava quebrado quando saí do hóquei. *Se eu pudesse ter isso e Emma, estaria completo.*

A voz suave de Emma flutuou sobre a fenda entre nós.

— Não estou dizendo para fazer isso ou aquilo. Estou dizendo para escolher. Escolha a vida que você deseja, mas não se surpreenda se as pessoas que cuidam de você não possam ficar e assistir.

Emma

Assim que estava na segurança da casa de hóspedes, encostei-me à porta e chorei. Grandes soluços violentos que sacudiram meu corpo e me fizeram arfar. Eu tropecei na direção do quarto, encontrei uma caixa de lenços de papel e me enrolei na cama para chorar mais um pouco.

As comportas haviam descido e não havia como pará-las. Minha alma doeu; meu coração se abriu. Caiu em fragmentos afiados que cortaram profundamente. Eu podia me sentir sangrando por dentro, rios gelados de dor e arrependimento.

Ele estava voltando para o esporte que poderia matá-lo. Que pode destruir sua mente.

Eu queria me agarrar a ele e implorar para que ficasse fora disso, ficasse seguro. E eu queria gritar e chutá-lo por sua teimosia estúpida, sua arrogância obstinada. Só que eu vi o desespero em seus olhos, a dor. Ele estava desmoronando também, e nada do que eu dissesse ou fizesse alteraria seu curso. Ele só iria cavar mais fundo e se ressentir de mim ainda mais por isso.

Ele disse que não queria me perder. Mas ele já matou uma parte significativa do que éramos. Ele não precisava me escolher em vez da vida – eu nunca pediria isso a ele. Mas ele escolheu jogar roleta russa com a sua vida. Como eu iria assistir isso?

E essa foi a primeira mentira que eu disse a ele. Que eu não estava deixando-o. Porque eu não poderia ficar e assistir a isso. Eu não poderia.

Eu o amava. Cada centímetro dele. Foi a sensação mais pura, a melhor que já experimentei. E foi a pior. Uma aterrorizante queda livre sem paraquedas.

O chão estava se aproximando de mim agora, o inevitável se estabelecendo com uma certeza de entorpecer os ossos. Alguém uma vez me disse que assim que sua vida se tornar perfeita, o destino encontrará uma maneira de bagunçar tudo. O destino veio chamando, uma e outra vez; essa cadela tinha me dado uma rasteira.

Outro soluço gutural saiu de mim, e eu me dobrei, envolvendo meus braços em volta da minha cintura em uma tentativa de conter a dor.

Uma mão quente agarrou meu ombro e eu me assustei, piscando para encontrar Lucian pairando sobre mim.

— Em... — Sua voz se quebrou em meu nome enquanto ele me examinava. — Baby.

Eu me afastei dele, horrorizada por ele ter me encontrado assim, não querendo que ele visse. Mas era tarde demais. Ele se arrastou para a cama e me puxou para perto.

— Em... não...

Cobri meu rosto com as mãos.

Gentilmente, ele baixou meus pulsos.

— Emma. Querida...

— Não. — Eu não sabia o que estava dizendo. Só que eu queria esconder.

— Sim. Olhe para mim, Emma.

Ele abaixou a cabeça, encontrou meu olhar com seu olhar triste.

Meu lábio tremeu.

— Eu só... Eu só... — Eu desviei o olhar, as lágrimas me cegando.

Mas ele sabia. Claro que ele sabia. Lucian me conhecia em um nível que ninguém mais havia conseguido chegar.

Segurando minhas mãos nas suas, ele se abaixou e me beijou. Eu resisti por um momento, então cedi, surgindo para encontrá-lo. Seus lábios se moveram sobre os meus, dando e reconfortando. Ele me beijou novamente. E de novo. Como penitência. Como absolvição.

Uma mão encontrou o caminho para minha nuca, me segurando lá. Me acalmando. Eu o deixei assumir, me levar, lentamente tirando as roupas do meu corpo dolorido, acariciando minha pele crua com toques fáceis, como se ele estivesse mapeando cada curva para armazenar em sua memória.

Ele me beijou como se fosse seu último gosto e o primeiro. E quando ele finalmente empurrou dentro de mim, nós dois suspiramos, meus cílios tremulando para que eu pudesse sentir.

Ele fez amor comigo na sala fria e escura, adorando-me com seu corpo, suas mãos, sua boca, me dando tudo. E quando eu não aguentei mais, quando implorei pela liberação, ele me aliviou com beijos silenciosos, estocadas lentas.

E ele quebrou meu coração novamente. Porque eu nunca fui amada assim. Nunca fui tocada como se fosse absolutamente preciosa e completamente necessária.

Eu o abracei enquanto ele gozava com estremecimentos profundos que o percorreram. Lucian me abraçou forte, sua respiração instável e quente na minha pele. Por um longo momento, nenhum de nós falou, mas quando ele finalmente fez, saiu em um sussurro áspero contra minha bochecha.

— Sinto muito, Em. Eu sinto muito.

Ele sentia muito. Mas ele não mudaria seu curso. E agora, nem eu poderia.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Lucian

Todo mundo estava chateado comigo.

Mamie não me olhou nos olhos. Poucos dias depois que eu disse a ela que voltaria ao hóquei, ela levou Tina e Sal e foi a Paris para “descansar” e fazer compras.

Anton, de todas as pessoas, balançou a cabeça e murmurou sobre idiotas. Não nos falávamos há semanas.

E agora Brommy. Ele patinou ao meu lado, sua mandíbula apertando, olhos duros e focados. Normalmente, ele estaria contando piadas, deslizando em círculos até que Rickman dissesse a ele para se recompor.

Quando me juntei à equipe para uma sessão de treinos iniciais durante o campo de treinamento, você poderia ter ouvido um alfinete cair com todo o choque na sala. Mas a maioria dos caras se recompôs rapidamente, me dando as boas-vindas de braços abertos. Eu sabia que estava lá apenas de forma experimental. Nós deixaríamos rolar enquanto meu agente discutia as coisas com a gerência.

Tecnicamente, eu tinha um ano faltando no meu contrato. Houve um monte de divagações legais, mas a conclusão disso era que eles poderiam me pegar ou me deixar. Eu não pensava sobre isso. Eu estava no gelo novamente, vestido e me sentindo bem. Fisicamente, pelo menos.

Eu olhei para um Brommy amuado.

— Apenas diga o que você vai dizer e acabe com isso.

Brommy olhou para mim.

— Tudo bem. Isso é estúpido. Idiota de merda. Droga, Oz, pensei que você fosse mais esperto.

Um calor formigante subiu pela minha garganta.

— Eu sei o que estou fazendo.

— O caralho que você sabe. — Ele disparou à frente, trocou alguns passes habilidosos com Linz e depois encontrou Hap no gol para falar besteira com ele. Esperamos que Dilly, nosso técnico ofensivo, e seus assistentes convocassem os exercícios.

Severamente, pedi por um disco e um assistente o jogou. Ignorando o resto da área, fiz minhas próprias coisas, trabalhando em vários esquemas. Mas muito em breve, Brommy estava ao meu lado novamente.

— O que Emma diz sobre tudo isso?

Emma. Apenas o nome dela tinha o poder de me quebrar.

Ela não me deixou; eu a deixei.

Por duas semanas, fingimos que nada havia mudado. Mal mantivemos nossas mãos longe um do outro. Havia algo quase frenético nisso, um desespero para chegar o mais perto e o mais fundo possível durante o tempo que tínhamos deixado para nós mesmos. Ela me excitava e me provocava, me fazia rir todos os dias. Alimentei ela com doces e *gâteaux*, amando a maneira como ela gemia e os devorava como sempre me devorava, com total abandono e alegria luxuriosa.

Mas era uma ilusão, e nós dois sabíamos disso. Uma que quebrou quando ela me levou ao aeroporto.

— Eu tenho que fazer isso — eu disse a ela. — Não quero passar o resto da minha vida pensando "E se?"

— Eu sei. — Mas seus olhos estavam mortos, seu espírito já escapando de mim.

— Isso não é um adeus, Em.

Então, seus lábios tremeram. Mas ela não chorou. Ela não chorou desde a noite em que a encontrei enrolada em sua cama. Seu sorriso era frágil, estranho.

— Vamos apenas chamar isso de *“até nos encontrarmos novamente”*.

Parecia a morte.

Ainda conversamos. Mas nossas ligações estavam se tornando menos frequentes. Eu estava em DC, praticando e sendo examinado, cutucado e picado todos os dias. Ela estava em LA, mudando-se para sua nova casa – aquela casa perfeita com uma cozinha que eu ansiava por fazer um teste – e ocupada com suas próprias reuniões e se preparando para seu próximo papel.

Irritado com Brommy, eu fiz uma careta.

— Não traga Emma para isso.

— Por que não? Ela é sua garota, não é?

Meu punho se apertou.

— Foda-se, Brom.

Ele fez um som de aborrecimento, mas não me importei.

Eu sentia a falta dela. Sentia sua falta com um desejo tenso que me fazia olhar pelos cantos, na esperança de ter um vislumbre de seu sorriso largo. Eu sentia a falta da sensação de seu calor, o cheiro doce e fresco de sua pele, o som de sua voz.

Eu ansiava por Emma.

Esta é a vida do hóquei; você está frequentemente longe de quem ama. Todos na equipe lidam com isso.

Eu não quero lidar. Estou cansado. Fodidamente exausto.

Sem aviso, a imagem de uma cozinha passou pela minha mente. A luz do sol brilhando nas bancadas de mármore, o cheiro de pão assando no ar e delicadas rosas vermelhas dançando ao longo das bordas das janelas abertas.

Não era a cozinha de Mamie, percebi com um sobressalto. Era a de Emma.

A cozinha que poderia ser minha também. Estava lá em seus olhos, aquela promessa, a pergunta que ela não havia feito. Porque eu joguei um disco no vidro e quebrei tudo.

Grunhindo, eu balancei minha cabeça e foquei no agora. Meu sonho. Minha paixão.

— Estou fazendo isso — disse a Brommy. — Você pode fazer parte ou não, mas estou de volta.

Ele mostrou os dentes, quase rosnando para mim.

— Você consertou sua janela — eu disse.

Isso o deixou perplexo e ele olhou para mim, como se eu fosse totalmente ignorante.

— Sim, Ozzy. Consertei minha janela. Você sabe porquê? Porque meu dentista disse que a lacuna começaria a afetar o resto dos meus dentes. Então eu fiz a coisa inteligente e consertei.

— Sutil, Brom.

— Eu gosto de pensar assim. — Ele olhou para a pista, então suspirou. — Porra. Faça o que quiser, Luc. Por mais estúpido que seja. — Ele olhou para mim com um sorriso enviesado que continha pouco humor. — Eu te amo como um irmão. Então, vou me preocupar com você como um. Você entendeu?

— Sim, entendi. — Eu agarrei meu taco. — Eu também te amo, seu grande urso de merda.

Assobios soaram e começamos a trabalhar.

E foi horrível.

— Oz, tire sua cabeça da sua bunda — gritou Dilly, com o rosto vermelho e provavelmente forçando algo importante.

Eu errei três passes, atrapelei uma tacada. Meu jogo estava longe. Muito longe. Eu me peguei pensando em combinações de sabores em vez de esquemas de contra-ataques. Cada vez que me aproximava das bordas, um suor frio brotava em minha pele. Eu patinava tenso, esperando por um golpe que nunca veio. Porque os caras estavam pegando leve comigo.

Ficaria melhor, disse a mim mesmo. Mas eu estava tendo dificuldade em acreditar nisso.

No dia seguinte foi pior.

A imprensa ficou sabendo do meu “interesse” em voltar. Eles enxamearam como moscas para a fruta. Eu sentia falta disso? Eu não conseguia entender porquê, enquanto evitava perguntas intermináveis bombardeadas em meu caminho e o flash incessante das câmeras. Não pela primeira vez, senti falta do zumbido quente da cozinha, a sensação de um batedor em minhas mãos e o conhecimento de que estava no controle total.

Na privacidade de um banheiro, perdi meu café da manhã, minhas mãos tremendo como folhas de outono. No gelo, eu me segurei quando deveria ter atacado. Minha mente continuava vagando, pensando em Emma, me preocupando se ela estava comendo bem, querendo estar com ela.

Isso não parecia como amor ou liberdade. Parecia trabalho. Pior. Parecia uma farsa. O final do dia foi um alívio.

— Ei, Drexel — chamei o atacante enquanto ele saía do chuveiro e se dirigia para seu armário do outro lado. — Você vai sair hoje à noite?

Brommy estava ficando uma mulher que passava a semana inteira assistindo aos treinos. Eu tinha ofertas semelhantes, mas eu ainda era de Emma. Eu sempre seria dela. Mas isso não significava que eu tinha que ficar dentro do meu quarto de hotel o tempo todo. Drexel e eu costumávamos sair muito depois do treino. Íamos a um bar, assistíamos a alguns esportes e conversávamos besteira.

Ele balançou a cabeça úmida, espalhando gotas de água.

— Não posso. Tenho que ir para casa, para Sarah e meu filhinho.

— Está certo. Você teve um filho.

Isso foi o que bastou para Drexel me mostrar várias fotos de seu filho de cinco meses, um bebê gordinho com pele avermelhada e enormes olhos castanhos. Eu fingi interesse, mas por dentro, doía.

Drexel saiu e o vestiário ficou em silêncio. Todos os outros já haviam ido para casa. Minha *casa* estava na Califórnia, provavelmente nadando em uma piscina que se estendia diante de uma janela da cozinha, onde eu poderia ficar de olho nela enquanto amassava massa ou chocolate temperado.

Não. *Não*. Minha casa era aqui. Eu fiz a escolha. Esta era minha vida agora. Tudo que eu precisava era de tempo para voltar a sincronizar com todos os outros.

Tive vontade de vomitar de novo. Eu não conseguia mais segurar muito. Era como se minhas entranhas estivessem cheias de lama. Fechando meus olhos, eu senti as várias dores e sofrimentos que vinham com a prática de um esporte de alto nível. Minhas coxas queimavam em protesto e gritavam para caralho sempre que eu as flexionava. Minhas costas me mataram quando tentei me endireitar. Mas esse tipo de dor era esperado. Fazia parte da vida.

Você não tem que machucar.

Mas quem eu seria?

Você seria dela. Você seria livre. Você seria feliz.

Piscando para o chão, quase não ouvi a mensagem quando ela veio. Distraidamente, tirei meu telefone da mochila e li.

EmmaMinha: Eu pensei em você agora há pouco. O sol está brilhando pelas janelas da cozinha e iluminando a bancada. Lembrei-me daquela vez em Rosemont, quando você estava montando aqueles macarons Earl Grey com creme de limão, e a luz atingiu seu rosto com força. Aquele seu rosto feroz e severo, tão envolvido no momento de fazer aquela mordida delicada e perfeita de prazer que você mal piscou.

Eu engoli convulsivamente quando a próxima mensagem veio.

EmmaMinha: Era arte. Era amor. Você nunca admitiu, mas eu soube naquele momento que você adorava fazer as pessoas felizes com sua comida. E eu nunca te disse o quanto me sentia cuidada ao comer as tuas criações. Como me senti viva. Você me acordou, Lucian. Me fez ver que a vida estava no momento, não em um sonho distante.

A tela oscilou na minha frente e eu pisquei com força, meu peito doendo tanto que eu não conseguia respirar. Ela estava certa; era amor. Mas não só pela comida. Era um trabalho de amor. Para ela.

EmmaMinha: Talvez eu não devesse te contar isso em uma mensagem. Talvez eu esteja apenas me sentindo melancólica. Os dias são longos aqui, e o trabalho é... trabalho.

Suas mensagens pararam e meu coração disparou, meus dedos coçando para responder. Eu não conseguia me mover. Por dentro, eu estava me dividindo em dois. Eu precisava...

Outra mensagem chegou.

EmmaMinha: Eu só queria dizer, aconteça o que acontecer, conhecê-lo, da forma como você estava em Rosemont, foi a melhor coisa que já me aconteceu. Você é um bom homem, Lucian. Você sempre foi.

Meu corpo ficou gelado, depois ruborizou queimando.

Quando pensei em Emma agora, não era no visual, mas no sentimento. A maciez acetinada de sua pele, como eu gostava de acariciá-la, tocá-la apenas para que eu pudesse ter certeza de que ela era real. Pensei em como ela beijaria o ponto na curva do meu pescoço e me inspiraria como se estivesse memorizando meu cheiro. Eu ouvi o

som rouco de sua risada em meus ouvidos e a maneira como isso sempre me faz sorrir e envia uma onda de luxúria quente que lambe minha pele. Pensei em como poderíamos conversar por horas e nunca ficar sem o que dizer. De como era a sensação dela enrolada contra mim nas madrugadas, descansando a mão sobre meu coração como se ela o protegesse até em seus sonhos. E eu a puxaria para mais perto, ansiando por ternura, sabendo que tinha recebido um presente.

Emma Minha. Mas ela não era mais.

Tentei segurar, mas não consegui. Minhas pernas cederam e eu desabei. Aconchegado contra a borda dura dos armários, eu chorei como não fazia desde que era criança. Cada sensação horrível e assustadora saiu de mim em soluços sufocados, deixando-me vazio e sozinho no chão úmido.

Brommy me encontrou um pouco depois.

— Aw, inferno, Luc.

— Por favor, não diga "eu avisei". — Eu descansei minha cabeça em minhas mãos quando ele se sentou ao meu lado.

— Eu não vou dizer isso. — Seu ombro pressionado contra o meu.
— Tudo bem, Oz?

— Vai se foder.

— Então... não?

Uma risada fraca escapou, e eu enterrei as palmas das minhas mãos nas órbitas dos olhos. Minha cabeça latejava, uma pulsação de baixo nível que eu sabia que iria aumentar em uma crise em breve.

— Eu sou tão estúpido.

— Eu disse isso semanas atrás.

Eu olhei para ele com um olhar maligno.

— Achei que você não fosse dizer "eu avisei"?

— Acredito que não usei essas palavras. — Ele sorriu, mas seu olhar era simpático. — Fale comigo, Oz.

— Todo esse tempo, eu pensei que se eu simplesmente jogasse hóquei de novo... — Eu parei com um leve aceno de cabeça.

Brommy acenou, mas não disse nada. Ele não precisava.

— Achei que isso me definia.

— Peço a Deus que a razão da minha existência não dependa do hóquei — disse Brommy sombriamente, mas com um toque de humor

que me fez sorrir firmemente.

Uma onda de solidão e saudade percorreu meu corpo.

— Emma tentou me fazer perceber isso. Ela me disse que eu era digno sem o hóquei. Mas eu me agarrei com tanta força a essa porra de ilusão... — Eu abaixei minha cabeça. — Porra, Brom. Eu a machuquei. Eu matei algo bom entre nós. E ela...

— Ela ama você.

A palavra atingiu meu coração e me fez estremecer.

Nunca dissemos que nos amávamos. Houve momentos em que pensei que ela talvez me amasse do jeito que eu a amava – abrangente, com toda a minha alma. Mas ela nunca pronunciou as palavras. Então, novamente, eu também não, teria sido muito cru, na hora errada, dado que eu a estava deixando.

Eu a deixei. E ela me deixou ir, me deixou escapar. Porque essa foi a escolha que fiz. Sem perceber que sem ela a vida não passava de dias chatos e noites vazias. Eu deveria tê-la valorizado mais do que um sonho que não era nada mais do que orgulho e medo. Eu precisava responder ao seu texto. Mas o que eu tinha a dizer precisava ser feito cara a cara.

Levantei-me e endireitei os ombros para aliviar a forte dor neles. Estranhamente, meu corpo parecia mais leve e mais fácil do que há semanas. Brommy exibia um sorriso presunçoso ao me observar.

— Você vai sentir minha falta, Brom?

Ele riu.

— Não. Você não está fora da minha vida. Você está indo para casa. Casa.

Era exatamente para onde eu estava indo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Emma

A vida era... boa. Era boa.

Tinha um papel marcante para minha carreira, substancial e intenso. Um elenco e uma equipe que trabalhavam bem juntos. Tinha uma linda casa que era toda minha. Era perfeita. Cheia de luz, mas aconchegante e segura.

Tecnicamente, eu tinha um namorado que amava. Mesmo que esse namorado estivesse em outra cidade, em um trabalho que poderia... Eu respirei fundo e me enrolei na minha cama.

Não queria pensar em Lucian. Eu só iria acabar chorando. E eu tinha feito isso o suficiente.

Era a minha intenção terminar com ele. Mas eu não pude fazer isso. O hóquei estava tão intimamente entrelaçado ao seu senso de identidade que ele estava perdido sem ele. Eu teria feito diferente se tivesse a chance de recuperar uma parte intrínseca de mim mesma? Como eu poderia usar isso contra ele?

Eu o amava. E se isso significasse deixá-lo seguir seu sonho, mesmo que isso me deixasse para trás, então era o que eu faria. Então eu o deixei ir, contendo qualquer apelo para fazê-lo ficar. Sempre que eu estava com ele, valorizava os momentos que tínhamos. Mas por dentro, eu estava desmoronando.

Pior, ele não pareceu notar que estávamos nos separando. Ele não respondeu às minhas mensagens. Deus, isso dói. Eu provavelmente o assustei. Ou talvez até o irrittei.

Bem, que pena. Era demais esperar uma resposta? Mesmo que fosse algo tão simples como um agradecimento? Eu teria me

conformado com isso. Merda. Eu não queria me conformar. Por qualquer coisa. *Eu não deveria ter que fazer.* A dolorosa verdade estava me encarando; eu tinha que terminar com ele. Eu não poderia continuar assim.

Com um suspiro, bebi meu vinho e olhei fixamente para o teto em estilo mourisco que se estendia acima. Era realmente muito bonito. E eu não conseguia aproveitar nada – nem a casa, nem o papel, nem a minha vida.

A noite tinha caído, o tempo estava fresco, mas não frio demais para me impedir de deixar as portas duplas que conduziam à minha varanda abertas. À distância, a luz refletida em minha piscina criava sombras azuis ondulantes nas paredes.

Fechei os olhos e tentei não pensar nele. Não ajudou o fato de Édith Piaf começar a cantar sobre nenhum arrependimento. Porque eu tinha oceanos de arrependimento quando se tratava de Lucian. A música cresceu e apertou minha garganta com uma doçura amarga. Trombetas soando em uma carga insistente, cordas voando com esperança.

Meus olhos abriram. Eu estava ouvindo a música, não imaginando. Cambaleando para cima, eu tropecei para fora da cama e voei para a varanda.

Ele estava parado na outra extremidade da piscina, as mãos baixas na cintura em sua postura arrogante, olhando para mim em desafio. Tanta presunção.

Eu deveria ter ficado chateada. Gritado com ele por sua ausência, sua teimosia insistente, seu silêncio.

Em vez disso, um sorriso explodiu em mim, puxando meus lábios, iluminando meu interior. Para o bem ou para o mal, esse homem sempre me iluminaria, me faria sentir viva.

— Você vai ficar aí a noite toda, Brick, ou vai se despir para mim?
Seu sorriso de resposta foi puro e livre.

— Eu esperava que você se juntasse a mim, Snoopy.

Afastei-me da varanda e desci as escadas correndo, correndo para ele. Mas assim que cheguei a poucos metros dele, me vi parando, minha saia balançando em torno dos meus joelhos.

Olhamos um para o outro em silêncio enquanto Édith começou a cantar um alegre “Milord”.

A expressão de Lucian ficou tensa, uma mistura de arrependimento e ternura dolorida. Isso perfurou meu coração maltratado.

— Você está aqui — eu resmunguei. Por que agora e por quanto tempo?

Como se tivesse ouvido minhas perguntas não ditas, ele me deu um pequeno sorriso hesitante.

— Recebi sua mensagem.

— Engraçado, não recebi resposta.

— Algumas coisas precisam ser respondidas pessoalmente.

Meus lábios tremeram perigosamente. Com medo de chorar, me contentei em assentir uma vez.

O olhar de Lucian se suavizou.

— Eu percebi uma coisa, Em.

— Sim?

— Sim. — Ele deu um passo à frente. — Eu percebi que nunca te disse...

— O quê? — Eu sussurrei, minha respiração ficando curta.

— Eu amo você.

Essas palavras fluíram sobre mim, doces e calorosas. Meu coração deu um salto e começou a bater forte. Era minha vez de responder. Eu sabia que deveria. Mas minha boca não conseguia se mover.

Destemido pelo meu estado congelado, ele continuou a falar, suave, mas insistente.

— Por muito tempo, o hóquei foi o meu amor. Em algum lugar ao longo do caminho, esse amor se distorceu e se tornou mais sobre o meu ego. Sobre status e fama. Você estava certa; pensava que isso era o que todos valorizavam em mim. Mesmo quando me disseram que não era.

Ele esfregou a nuca como se doesse.

— Eu te amei, Em. Quase desde o início. Mas eu não me amava.

— Lucian...

— Eu não me arrependo de voltar. — Os cantos de seus olhos gaultéria se enrugaram em uma expressão de dor. — Eu encontrei clareza lá. Mas eu me arrependo de ter deixado você.

O chão parecia instável sob meus pés. Eu não sabia se ele estava aqui para ficar ou simplesmente para me assegurar de que eu era amada. Mesmo que fosse o fim, ele precisava entender algumas coisas também.

— Eu também te amo, Lucian. Tanto.

Ele cambaleou, como se estivesse absorvendo as palavras, e seu sorriso cresceu.

— Eu esperava por isso.

— Como você pode duvidar? — Mesmo que eu também tivesse duvidado dele.

Ele deu mais um passo.

— Porque eu fui um idiota esse tempo todo.

— Oh, eu não diria isso...

— Eu diria. — Lucian parou bem na minha frente. — Em, eu estava perdido. Eu pensava que tudo o que me fazia ser quem eu sou tinha sido tirado de mim.

— Eu sei. — Eu queria abraçá-lo, protegê-lo, este meu grande homem forte e magoado.

Mas ele não parecia magoado ou perdido agora. Ele olhava para mim com uma nova luz em seus olhos.

— Eu estava errado. Sim, eu perdi o hóquei. Sim, doeu para caralho. Mas eu não sou mais aquele homem.

— Quem é você, então?

Lucian segurou minha bochecha com sua mão quente e ergueu meu rosto para ele.

— Eu sou Lucian; Brick; torta de mel; o homem que ama Emma, Snoopy, abelhinha com todo o coração. E eu não vou voltar. Eu vou ficar bem aqui.

Um soluço saiu de mim. Ele me puxou para perto e me abraçou com força, seus lábios pressionando meu cabelo.

— Sempre vou amar o hóquei, mas não é mais o que eu quero.

Lágrimas turvaram meus olhos e minha garganta estava espessa, distorcendo minhas palavras.

— O que você quer?

— Você. — Ele abaixou a cabeça e encontrou meu olhar. — Eu quero ir para a cama com você e acordar com você. Conversar com você

todos os dias sobre tudo e nada. Eu quero assar naquela cozinha, fazer guloseimas tentadoras e ver seu rosto bonito se iluminar quando você prová-las.

Ele tremia agora, suas mãos penteando meu cabelo.

— Eu quero ser o chef confeitoiro do restaurante de Delilah ou ter um lugar próprio. Viajar pelo mundo com você. Dizer-te o quanto eu te amo todos os malditos dias da minha vida. Eu quero... Eu quero voltar para casa, Em.

Rindo e chorando, fiquei na ponta dos pés e o beijei. E ele me beijou de volta, devorando minha boca com golpes lentos. Eu me derreti contra ele, absorvendo seu calor, o cheiro de açúcar e farinha de sua pele.

— Eu te deixei, Emma, sem dizer que você é tudo para mim. E eu vou lamentar por isso até o dia da minha morte...

— Não sinta. Você voltou.

— Eu precisei. Você é meu coração e minha alma. — Seus lábios tocaram minha bochecha. — Não estou mais perdido, Em. Você me encontrou e eu nunca vou deixá-la.

A felicidade borbulhava e fluía entre nós, meu coração moldando-se novamente e crescendo com uma sensação de paz. A vida era boa. Não, a vida estava finalmente começando. Enfiando meus dedos em seu cabelo sedoso, inclinei-me para trás e encontrei seus olhos sorridentes.

— Bem-vindo ao lar, Lucian.

EPÍLOGO

Lucian

— Fique quieta.

Emma se contorceu novamente, seus lábios exuberantes se curvando em um sorriso enquanto ela olhava para mim timidamente.

— Mas faz cócegas.

Meu pau pulsou, pura luxúria torcendo minhas entranhas em nós. Mas mantive minhas mãos firmes.

— Quase lá.

Eu decorei outra série de rosetas ao longo da curva de seu seio, indo para o lindo mamilo pequeno e carnudo, agora rosa escuro e rígido. Sua respiração engatou e eu dei a ela um sorriso malicioso.

— Seja boazinha ou não vou lamber isso.

— Mentiroso. Você mal pode esperar. — Ela estava deitada na minha cama, vestindo nada além de flores e redemoinhos de pasta americana de limão com que eu decorava seu corpo adorável.

— Culpado da acusação. — Minha boca realmente encheu de água com a necessidade de prová-la, misturar seus sabores com meu creme. Foder no aperto, quente como a seda de seu corpo, onde me sentia em casa e o melhor prazer que eu já tive na minha vida.

Minha mão tremia um pouco enquanto circulava seu mamilo ereto, escolhendo destacá-lo ao invés de cobri-lo. Emma mordeu o lábio inferior, baixando as pálpebras enquanto ela sutilmente se arqueava na ponta do saco de confeitaria. O calor percorreu meu corpo e joguei o creme de manteiga de lado.

— Agora, por onde começar? — Eu queria tudo de uma vez. Cada centímetro deleitável dela. Sempre. O tempo todo.

Impaciente e dolorido, eu acariciei meu eixo, mantendo o aperto leve para não explodir agora. Porque nada parecia mais delicioso do que Emma Maron espalhada diante de mim, sorrindo daquele jeito que dizia que ela era toda minha.

A felicidade guerreou com a luxúria, fazendo um coquetel inebriante em minhas veias. Eu tinha Emma exatamente onde eu a queria – comigo. Todo o resto ficou em segundo plano por ela e a maneira como ela me viu espalmar meu pau, toda a necessidade e antecipação gananciosas. Isso alimentou o meu próprio.

— Lucian...

— Sim, abelhinha.

Seu olhar se estreitou.

— Eu vou me mexer.

— Você não ousaria.

— Então é melhor você vir e me comer.

Eu rosnei baixo em minha garganta e me inclinei sobre ela. A ponta da minha língua tocou seu joelho. Sua pele cremosa arrepiou enquanto eu lentamente lambia um caminho ao longo de sua coxa.

Ela choramingou tão docemente.

Eu encontrei seu umbigo e chupei.

— Merda — ela disse com um silvo de prazer, sua pele ruborizando. Eu sorri por todo o comprimento de seu corpo, em seguida, beijei sua barriga antes de traçar a flor-de-lis em seu quadril.

— Lucian...

— Sim? — Eu belisquei sua cintura.

Ela se mexeu.

— Você sabe o *quê*.

Seu tom sombrio me fez rir. Sua boceta deliciosa, toda inchada e molhada, esperava, meio escondida pela rosa elaborada que eu havia decorado logo acima dela. Eu sabia que ela me queria lá. Ela teria que esperar.

— Eu vou te pegar por isso — ela prometeu logo acima de uma voz áspera.

— Estou contando com isso. Agora fique quieta e deixe-me fazer isso, mulher.

Seu rosnado em resposta me fez sorrir novamente. Rastejei sobre seu corpo, segurando-me sobre ela em minhas mãos e joelhos. Ela ofegou levemente, olhando para mim. Mas havia apenas um calor impaciente naqueles lindos olhos.

— Olá — eu disse, suprimindo outra risada.

— Idiota.

— Agora há um lugar que eu não cobri. Talvez eu deva.

— Talvez você deva... oh! — Ela engasgou e resistiu quando me inclinei e lambi seu seio, sacudindo seu mamilo. Deus, ela tinha um gosto bom, mulher doce e limão cremoso. Eu a chupei profundamente em minha boca, amando a maneira como ela gemia e se contorcia.

Sem soltar, eu me afastei, puxando seu seio até que seu mamilo se libertou com um estalo decadente. Em seguida, segui para o outro seio, sem pressa, acariciando e lambendo até que meus lábios estivessem cobertos de creme, e ela implorou e choramingou por mais.

Um bocado de confeito de limão deslizou pela curva rechonchuda de seu lindo peito, e eu o persegui com minha língua, sugando-o, lambendo seu mamilo mais uma vez porque eu podia. E então eu fiz de novo.

Seu braço envolveu meu pescoço, me empurrando mais para baixo.

— Fique bagunçado comigo, Lucian.

Ela era linda, corada e febril com sua necessidade.

— Sim, senhora. — Eu relaxei sobre ela, meu pau encontrando seu sexo esperando, e empurrei para aquele local perfeito. Nós dois gememos, nossos corpos deslizando no creme de manteiga escorregadio. Minha boca encontrou a dela, e ela me devorou, suas coxas apertando meus quadris, o corpo trabalhando com o meu.

Eu empurrei fundo e firme, deleitando-me com a sensação dela. Era tão bom que meu corpo ficou quente, frio e quente novamente.

— Eu fodidamente amo te foder.

Mas essa não era a única verdade. Eu a amava.

Eu a amava tanto que doía.

Lábios rosados se separaram, a expressão quase dolorida, mas terna, ela segurou minha bochecha enquanto nos movíamos juntos.

— Lucian.

Apenas meu nome. Apenas ela. Tudo que eu sempre precisei.

Fiz amor com Emma a noite toda, caindo e rolando na cama, lambendo, chupando e rindo com ela. Ficamos tão bagunçados que levamos dois banhos só para ficarmos limpos. Então fizemos tudo de novo.

Quando o sol nasceu, estávamos no chão, enrolados em um edredom. O cabelo de Emma se destacou em ângulos estranhos, tão adoravelmente bagunçado que meu coração deu um salto com a visão. Havia dias em que eu não conseguia acreditar que ela era minha. Mas eu nunca deixaria de lhe dar o devido valor.

Emma abriu os olhos e imediatamente focou em mim. Um sorriso se espalhou por seu rosto, transformando-o de lindo em deslumbrante. Por que esse olhar de amor? Era todo meu também.

— Ei, você.

— Eu te amo — eu disse em retorno. — Eu já te disse isso ultimamente?

— Todos os dias. — Ela tocou minha têmpora. — E com cada guloseima que você coloca na minha frente.

Eu estive cozinhando e criando sem parar ultimamente – assim que nos mudamos para nossa nova casa, que batizamos de La Vie en Rose. O que realmente não combinava com uma casa, mas Emma havia declarado que sempre pensaria em mim quando ouvisse essa música. E já que pensei nela quando ouvi essa música – lembrando-me do momento exato em que tirei a roupa para ela enquanto tocava, uma parte de mim sabendo, mesmo naquela época, que ela viria a ser meu tudo – a decisão foi tomada.

Eu estava testando pratos para o Black Delilah, onde logo seria o chef de pâtissier para uma Delilah animada. Acontece que trabalhamos bem juntos. Como éramos teimosos e obstinados, poderia ter sido um desastre. Mas eu adorei sua visão criativa e, fiel à sua palavra, ela me deu liberdade para me expressar.

Emma estava frequentemente no set agora, interpretando Beatrice em um papel que, sem dúvida, a tornaria uma superestrela. Ela voltava para casa exausta todas as noites. Eu alimentaria minha garota e então a colocaria na cama e a amaria enquanto ela me deixasse.

Agora, porém, corríamos o risco de nos atrasar. Com um grunhido, levantei-me e estremei.

— Da próxima vez, vamos ficar na cama.

— Ei, foi você que saiu de lá. — Ela também se levantou e fez uma careta. — Ok, você está certo. Essa foi uma ideia extremamente ruim.

— Vamos tomar um banho quente, mas depois temos que nos apressar.

Hoje era o septuagésimo sexto aniversário de Mamie. Depois de meses em Paris, ela voltou para Rosemont ontem. Tínhamos planejado uma festa de família para ela no terraço, e Emma e eu precisávamos embalar o *gâteau Saint-Honoré* que fiz para ela.

Quando chegamos a Rosemont, Tina e Sal estavam no terraço dando os toques finais na mesa. Acabou que eles decidiram fazer de Rosemont uma pousada, mas para pessoas que precisavam de refúgio e cura. Iria funcionar de setembro até pouco antes do Natal.

— Deixe-me ver — disse Tina, alcançando a caixa de doce. Com cuidado, ela a levou para a cozinha e a abriu. — Ah, aí está. Olá, adorável. Eu irei apresentá-lo à minha barriga em breve.

Era um *gâteau* simples com uma base de *pâte feuilletée* coberto com uma faixa de *crème pâtissière* de baunilha e rodeado por massa folhada de caramelo recheados com *crème chiboust* de avelã. Emma chamou de minha sobremesa mais cremosa das cremosas.

Sal deu um tapa na mão de Tina para longe da caixa.

— Pare de falar sacanagem com ele. Você terá sua chance mais tarde.

— Ninguém quer ouvir isso mais tarde também. — Anton entrou e deu a sua irmã um olhar de reprovação. — Se você me afastar do *Saint-Honoré*, deixarei um sapo na sua cama mais tarde.

O nariz de Tina enrugou.

— Quantos anos nós temos, doze?

— Vocês dois podem muito bem ter. — Peguei o *gâteau* e coloquei na adega refrigerada para manter gelado.

— Como se não soubéssemos sobre o estranho fetiche por creme que você e Emma estão tendo — disse Tina.

Olhei para Emma e ela ergueu as mãos.

— Ei, eu nunca disse uma palavra. Você sabe, sobre o nosso fetiche.

Rindo, eu balancei minha cabeça.

— Você não precisava dizer nada, amor — disse Sal. Quando eu o cortei com um olhar sufocante, ele ergueu uma sobrancelha. — O quê? Vocês dois foram barulhentos naqueles primeiros dias.

— Ainda somos. — Com isso, voltei para fora e encontrei Amalie esperando.

— *Ah, mon ange.* — Ela beijou minhas duas bochechas. — Eu senti sua falta.

— Senti sua falta também, Mamie. Você parece bem.

Ela me dispensou com uma graça casual e agarrou meu braço.

— Você perguntou a ela?

— Ainda não. — Amalie me mandou o anel de noivado que Jean Philipe deu à sua noiva. O anel de diamante com lapidação almofada era simplesmente o estilo de Emma e significava algo para mim. Eu queria que ela tivesse um pedaço da história da minha família.

— Logo, hein? — Amalie persuadiu. Seu sorriso era presunçoso. — Eu sabia que vocês dois pertenciam um ao outro. Eu simplesmente sabia.

Revirei os olhos, mas balancei a cabeça com um sorriso.

— Sim, sim, você é muito inteligente.

Emma saiu bem na hora, parando na porta quando ela pegou meu olhar e sorriu largamente. As rosas trepadeiras que cobriam a parede momentaneamente emolduraram-na com um tom carmesim. Uma sensação de paz fluiu sobre mim. Não pela primeira vez e certamente não pela última. Finalmente, eu me encontrei. Com ela.

E a vida era boa.

Notas

[←1]

Macaron: um sanduíche de confeitaria à base de merengue recheado com ganache de vários sabores, cremes ou geleias.

[←2]

Paris Breast: é um doce clássico da confeitaria francesa, feito com massa choux e recheado com creme de praliné. Criado em 1910 pelo chef Louis Durand para comemorar a Paris-Brest, uma corrida de bicicleta.

[←3]

Em inglês, seios é breast, semelhante e com a mesma fonética de brest.

[←4]

Pâte à choux: uma massa folhada leve e amanteigada.

[←5]

Éclair: sobremesa oblonga feita de massa de choux recheada com creme e coberta com cobertura (geralmente chocolate).

[←6]

Tarte au citron: Torta de limão.

[←7]

Mon ange: meu anjo em francês

[←8]

Coq au vin: s preparação de um prato com uso do vinho tinto.

[←9]

Édith Piaf foi uma consagrada cantora, compositora e atriz francesa.

[←10]

Pain aux raisins: uma massa folhada recheada com passas e creme.

[←11]

Endora: é a principal antagonista da série A Feiticeira.

[←12]

Chaussons aux pommes: tortas de maçã francesa.

[←13]

Brick, além de ser um nome, pode significar tijolo. A personagem faz um trocadilho para chamá-lo de “cabeça dura”

[←14]

Trocadilho com o nome do personagem, em inglês formiga é “ant”

[←15]

Croquembouche: uma torre de confeitaria em forma de cone criada com bolinhos de massa recheados com creme e mergulhados em caramelo e envolta em fios de açúcar fiado, muitas vezes servida em casamentos franceses ou em ocasiões especiais.

[←16]

Vamos brindar?

[←17]

A vossa saúde.

[←18]

A tua saúde.